



PAULA MERKEL

O BAILE

FOGO ALTO
volume III

A aguardada conclusão da trilogia



O Baile

Fogo Alto III

Paula Merkel

Índice

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Ficha Técnica](#)

Capítulo 01

A comissária de bordo se curvou num gesto ao mesmo tempo servil e ligeiramente empolado. O expresso que ela depositou sobre a mesinha revestida de madeira vinha numa xícara de cristal e prata. Ao lado, no pires, também de prata ricamente trabalhada, repousava um delicado biscoitinho de Amaretto.

Aquele não era, de forma alguma, um simples café de avião. Isso ficava claro não apenas pela apresentação refinada mas principalmente pelo aroma que se desprendia dali. Um perfume amargo, mas reconfortante. Torrado, mas fresco. Rebuscado, mas sóbrio. Um aroma... bem... um aroma de Itália.

A mulher, alta e linda, metida num impecável *tailleur* verde-escuro sorriu ao se erguer novamente. Ainda tentando espantar a nuvem de sono que pairava sobre sua cabeça, Manuela Carmona fez de tudo para retribuir o sorriso. A comissária, com os cabelos loiros presos num coque escultural, fez outra mesura, girou sobre os saltos altos e se afastou, desfilando suas longas pernas embaladas na saia justa.

Ah, a primeira classe!

Manu havia feito de tudo para impedir que Massimo gastasse uma pequena fortuna com a sua passagem, mas não fora capaz fazê-lo mudar de ideia. Agora, depois de oito horas de um sono profundo, na horizontal, embalada por taças e mais taças de prosecco, ela tinha de dar o braço a torcer e abençoava a teimosia de seu benfeitor.

Quando a comissária se afastou, Manu fechou os olhos e devotou alguns segundos à sensação que aquele aroma provocava nela. Saudade de algo indefinido. Momentos felizes, viagens, dias frios, longas caminhadas por cidades desconhecidas, vitrines europeias adornadas com letras douradas, o doce de uma *pastiera de grano* se contrapondo ao amargor aveludado do café...

Manu tocou de leve os lábios na espuma densa para sentir a temperatura e deu um gole curto. O gosto oferecia tudo o que o cheiro prenunciava. E enquanto os aromas iam se espalhando pela língua, pelo céu da boca, ela sentiu de novo aquela felicidade.

A mesma felicidade que lhe invadira na noite anterior, enquanto sentia o Boeing 747 rolando pela pista do Aeroporto Internacional de Guarulhos, o corpo involuntariamente pressionado contra poltrona e então, de repente, a liberdade de voar, de deixar tudo pra trás, de mergulhar no desconhecido e de recomeçar. De destruir tudo e, aos trinta e um anos de idade, criar uma Manuela Carmona novinha em folha.

Claro que essa felicidade, essa espécie de euforia interna, não tinha a ver só com a

liberdade de jogar tudo para o alto. Tinha a ver, claro, com a expectativa de reencontrar o senhor Massimo Pastore, gatíssimo mor do universo...

Manu olhou o mapa na tela encravada na poltrona da frente. Faltavam quarenta minutos para posarem em Roma. Contando com as filas na imigração, a segurança, a espera das bagagens, em duas horas, no máximo, estaria nos braços dele. E ele a envolveria daquele jeito único e irresistível, a beijaria profundamente e ela se colaria no corpo másculo e firme, sentindo a vontade dele crescendo e pressionando a virilha dela...

Manu sentiu o batimento cardíaco acelerar. Sentiu vontade de levantar e correr pelo corredor, só para dissipar um pouco daquele energia contida. Depois respirou fundo e tomou mais um gole do expresso. Era incrível que aquilo tudo estivesse realmente acontecendo. Tão incrível que às vezes ela até duvidava de que fosse real, ou de que tudo daria certo, de que, em questão de horas estaria novamente ao lado do homem da sua vida.

Era bom demais para ser verdade e, em algum lugar profundo e sombrio de seu ser, uma voz irritante sussurrava que algo estava errado. Que ela não merecia tamanha felicidade.

Em parte esse sentimento se devia à montanha-russa de acontecimentos dos últimos meses. Havia sido um período de altos e baixos como ela nunca experimentara antes. Primeiro, o incrível e maravilhoso surgimento de Massimo, a paixão à primeira vista, a conquista, o sexo, a superação das barreiras, o prazer extremo, o topo da existência.

Depois, num momento de desespero, a ideia infeliz de roubar a receita e servi-la a uma crítica gastronômica. O rompimento com Massimo e o mais escuro e árido fundo do poço. Por fim, a confissão em praça pública, o perdão e novamente o topo, cume dos cumes, Everest da existência: ser perdoada, possuída e amada pelo homem mais incrível do universo.

Talvez fosse essa a origem do sussurro subliminar, que pedia prudência. Nos últimos tempos, os momentos de felicidade haviam sempre sido seguidos por vales de dor e de tristeza. Então talvez fosse uma espécie de defesa, um campo de força de desconfiança que a preparava, que a mantinha sempre alerta para lidar com a próxima decepção.

Mas talvez, afinal, fosse assim a vida: uma vertiginosa sequência de dor e prazer intercalados. Ou ao menos a vida intensa e emocionante que passara a viver após a chegada do senhor Pastore.

Ah, Massimo, Massimo, Massimo... Os pensamentos fugiram da bruma sombria... Manu lembrou das últimas semanas. De como, no dia seguinte à premiação do *Top Cuisine* em que ela renunciara ao comando do Carmona, em que ela confessara ter sido premiada por uma receita roubada, Massimo saíra publicamente em sua defesa.

Numa longa entrevista ao programa de mais audiência do domingo à noite, vestindo um

impecável terno azul-marinho, o homem mais importante da gastronomia mundial relativizara o incidente.

Mais do que isso, falando em rede nacional, com seu delicioso sotaque italiano, Massimo Pastore mentira para defendê-la. Dissera que não havia identificação no caderno, que Manuela Carmona tinha simplesmente reproduzido uma receita como tantos cozinheiros fazem.

Que só havia descoberto a autoria após servir o prato de ravióli à crítica gastronômica e que ele, Massimo, considerava o fato de ela ter batizado o prato em sua homenagem, uma contrapartida mais do que justa. Por fim, afirmara que a execução da jovem *chef* havia sido perfeita, a ponto de superar a sua própria.

Ali, terminando o café, enquanto o avião se aproximava de Roma, Manu lembrou do que sentira ao assistir à entrevista de Massimo, intercalada por trechos de seu próprio discurso na premiação do *Top Cuisine*.

De como se desmanchara em lágrimas diante da TV mal sintonizada da cozinha de seu apartamento. De como chorara e chorara, enquanto por dentro era inundada por uma euforia parecida com a que sentia no avião. Mas que vinha misturada a um sentimento enorme de culpa, a uma vontade imensa de se entregar, de cuidar daquele homem do jeito que ele cuidava dela, de fazer tudo por ele, de viver apenas para estar ao lado dele.

No fim, após toda a confusão, o resultado havia sido bem diferente do esperado por Manu. Massimo voltara para a Itália na segunda-feira seguinte ao prêmio, escavando um vazio de ausência no peito da jovem *chef*.

A vinha Pastore e os restaurantes estavam há tempos sofrendo pelo descaso do patrão, que se iniciara no momento em que ele colocara os pés no pequeno restaurante da Vila Madalena. Ou, talvez, um pouco depois, quando se apaixonou perdidamente pela “bela e impetuosa” *chef* do lugar. Agora não havia mais como. Ou ele voltava e colocava os negócios em dia, ou seu império milimetricamente construído se veria seriamente ameaçado.

Manu fez de tudo para tentar ir junto, mas não havia como. A exposição excessiva acabara tornando o Carmona ainda mais famoso. Não havia dia da semana ou do fim de semana que a calçada não fosse tomada por longas filas de curiosos, ávidos por experimentar a comida da *chef*-personalidade-garota-problema-pegadora-de-italianos.

Diante dessa efervescência toda, nem mesmo o Elfo, com seus poderes misteriosos, havia sido capaz de trazer trufas brancas que suprissem a demanda crescente pelos *ravioli Massimo Pastore*. A solução foi estabelecer uma cota de cinquenta pratos de *ravioli* por noite, o que aumentou ainda mais a aura de mistério da receita e do restaurante.

Manu se recusara a dar entrevistas. Achava que tudo havia sido dito na noite da premiação.

Mesmo assim, durante semanas, foi tema de programas de culinária que tentavam reproduzir suas receitas, de revistas de fofocas que exibiam as fotos dela beijando Massimo ao lado das de Massimo se pegando com a piriguite Cindi Nalba. Além disso, todos, absolutamente todos os jornais ou revistas que tivessem uma seção dedicada à gastronomia haviam publicado textos (a maioria elogiosos) sobre o Carmona e o drama público do casal.

A fama havia respingado no restante da equipe. Cherry Paula vinha sistematicamente recusando pedidos para ser capa de Playboy. Dizia que já recebia cantada de bêbado o bastante, e não queria colocar gasolina na fogueira. Já o tímido e recatado Marco, para a surpresa geral da nação, topara posar para um ensaio picante numa revista feminina modernete. Passara toda uma segunda-feira na cozinha vazia do Carmona, posando entre facas, panelas e legumes *in natura*. Depois voltara ao trabalho, concentrado, eficiente e silencioso, como se nada fosse.

Por tudo isso, o pequeno restaurante fazia sucesso como nunca antes. E apesar de haver anunciado, em alto e bom som, sua saída do comando e da cozinha, Manu demorara três semanas para conseguir deixar tudo funcionando, arrumar as malas e partir. Partir sem planos e sem amarras, para encontrar seu amor numa pequena cidade italiana.

Bem, primeiro numa grande cidade italiana. Roma, talvez a mais bela de todas as cidades jamais erguidas pelo homem... Manu olhou pela janelinha enquanto o avião fazia uma curva sobre os telhados cor de barro dos prédios milenares.

– Senhores passageiros, nosso pouso no aeroporto internacional Leonardo da Vinci foi autorizado – disse em italiano a voz eletrônica do comandante.

Manu respirou fundo tentando controlar a excitação. Não adiantou coisa alguma. Enquanto o trem de pouso tocava o asfalto levantando uma nuvem de borracha queimada, ela se sentia daquele jeito, como se seu coração fosse pular pra fora do peito e sair saltitando pelo corredor da primeira classe.

Capítulo 02

O coração de Manuela Carmona continuava a batucar feito um bongô descontrolado quando ela parou diante do oficial da imigração. Um homem gordo, com um bigode muito preto que sorriu enquanto Manu revirava a bolsa atrás do passaporte. Há um minuto ele estava ali, ela havia conferido antes de desembarcar, e agora sumira misteriosa e inexplicavelmente.

– Signorina – o homem exclamou do outro lado do vidro.

– *Aspetta, un momento per favore* – ela respondeu com seu italiano de novela das nove, e continuou a revirar a bolsa.

– *Signorina* – o homem repetiu com a voz um pouco mais elevada.

Manu não respondeu dessa vez. Mergulhou numa busca frenética, segurando a bolsa com uma mão e revirando com a outra, querendo mesmo mergulhar lá dentro porque sentia que todos na fila estavam olhando pra ela, sentia o rosto ruborizar de vergonha porque só ela mesmo era capaz dessas coisas, e *meu Deus, esse homem vai achar que eu sou uma imigrante ilegal, terrorista ou contrabandista e vai me mandar de volta pro Brasil e sabe-se lá quando vou conseguir encontrar o Massimo de novo e...*

– Senhorina! – o funcionário da imigração repetiu agora quase gritando.

Manu finalmente ergueu o rosto, encarando-o com os olhos azuis arregalados de susto.

O homem não disse nada. Com um leve ar de enfado no rosto, apenas apontou para a mão esquerda que segurava a bolsa aberta. Manu baixou os olhos e lá estava, preso entre o a superfície de couro da bolsa e o seu próprio polegar. Ela havia passado o tempo inteiro segurando o passaporte junto com a bolsa, feito uma tonta completa.

– *Ai, scusa-me signore* – ela exclamou sentido o rosto queimar de vergonha.

O homem sorriu e observou o passaporte com jeito de pai que examina o boletim do filho.

– *Si, si, Manuela Carmona! La brasiliana seducente...*

Manu sorriu, tentando entender. Ou seu conhecimento de italiano era pior ainda do que ela imaginava, ou o policial havia se referido a ela como a “a brasileira sedutora”. Será que...

– *Un abbraccio per Signore Pastore* – o homem exclamou depois de carimbar o passaporte e devolver pela abertura no vidro. Era isso mesmo? O oficial da imigração estava agora mandando um abraço para Massimo?

Quer dizer, ou a Itália havia diminuído, ou, puta-que-pariu, ela era famosa por lá também. Havia ainda a possibilidade, cada vez mais plausível, de que estivesse sonhando. Na verdade, pensando bem, se acordasse agora, e descobrisse que tudo, desde o começo, não passara de um longo

e intrincado sonho erótico, não haveria de achar muito estranho.

Manu ficou um tempo parada, atônita, enquanto o bigodudo esperava, agora com o sorriso levemente burocrático, típico dos que exercem sua função. Não, aparentemente não estava sonhando. Ou, se estivesse, continuaria um pouco mais. Manu pegou o passaporte e seguiu atordoada rumo às esteiras de bagagem.

Deu uma longa volta ao redor do congestionamento de carrinhos, parou num canto mais vazio e se apoiou numa pilastra forrada de mármore falso. Será possível? Será que os jornais italianos tinham noticiado a história dela e de Massimo? Ou será que o sujeito da imigração era um aficionado pelo mundo gastronômico?

Manu olhou ao redor. A esteira deu um longo apito, um estalo e começou a girar. Uma primeira mala vermelha, toda suja e arranhada, foi pesadamente cuspidada pelas bocarra de metal da máquina. A maioria dos passageiros ergueu a cabeça por um instante, e logo voltou a se enterrar nas telas brilhantes de seus respectivos *smartphones*. Manu continuou passeando com os olhos pelos rostos desconhecidos até que, do outro lado da esteira, topou com um homem que a encarava.

Um homem negro, alto, bonito e atlético. Ela baixou automaticamente os olhos e se concentrou nas malas que giravam em seu carrossel burocrático. Será que ele também a havia reconhecido? Será que vários daqueles passageiros a tinham reconhecido, mas estavam disfarçando? Manu sentiu o sangue subir pelo pescoço.

Havia outra possibilidade, também. Talvez, bem... talvez ele estivesse apenas admirando-a. Talvez houvesse sido atraído pelo charme de mistério e timidez do qual Manu, cada vez mais, se tornava consciente. Um charme que provavelmente era aumentado pela nuvem de feromônios que, por sua vez, era alimentada pelo fogo brando que queimava dentro dela. Pelo desejo úmido e intenso que latejava o tempo inteiro em suas entranhas, recheadas de vazio desde que Massimo partira para resolver seus negócios em terras distantes. Manu sentiu o rosto esquentar mais.

Ficou assim por um tempo, ruminando a possibilidade de ter se tornado uma celebridade de revista adolescente em nível internacional, até que a mala roxa de alumínio deslizou até ela. Manu se abaixou para apanhar, mas, antes que alçasse, um par de braços musculosos metidos num suéter de cachemira cinza se adiantaram.

O homem que a observava havia atravessado o salão e agora estava ali, colocando a mala de rodinhas de pé diante dela e erguendo o puxador de metal. *Que cara folgado! Quem pediu ajuda? Quem deu autorização para colocar as mãos na minha bagagem?*

Os dois se ergueram juntos e ele sorriu pra ela. Tinha os lábios grossos, cor de açaí, e os dentes muito brancos.

— Você...

Ai meu Deus, será possível?

– ... é aquela *chef*... Manuela Carmona, não?

Manu sorriu sem jeito, prendendo um cacho rebelde atrás da orelha, sem saber exatamente o que responder.

– Eu sou... sou uma espécie de fã – o homem exclamou ampliando o sorriso.

Manu sentiu o coração acelerar. Era isso mesmo. Ia ser abordada na rua a todo instante. Nunca mais poderia sair de pijama pra ir na farmácia sem correr o risco de acabar em algum site de subcelebridades: “Manuela Carmona compra absorventes em Pinheiros”.

– Hum... obrigada – ela respondeu fazendo menção de dar o fora dali. O desconhecido, contudo, a impediu.

– Quer dizer... eu ainda não tive oportunidade de ir ao seu restaurante. Mas sou seu fã.

Manu sentiu a irritação subir do estômago para o peito.

– Se você nunca foi ao meu restaurante, como é que pode ser meu fã? – perguntou com a voz ligeiramente irritada, encarando fundo os olhos escuros de seu admirador.

– Bem – ele disse ampliando o sorriso com jeitão de menino travesso. – Você é uma mulher de atitude. Isso é suficiente para que eu seja seu fã.

Ok, ok, ponto pro desconhecido, Manu pensou consigo mesma e ainda que se esforçasse ao máximo, não conseguiu conter um princípio de sorriso.

– E também porque você é incrivelmente linda! – o estranho exclamou aproximando-se ainda mais.

Ok, as duas alternativas estavam corretas. A: ele a havia reconhecido. B: tinha sido vítima do recém-descoberto charme irresistível de Manuela Carmona.

Ela tentou parar de sorrir, mas não conseguiu. Não porque tivesse algum interesse no sujeito, mas porque, no fundo, sentia algum orgulho naquilo tudo. De qualquer forma, já havia tido sua cota de galanteios do dia e estava de bom tamanho. Agora, seu único objetivo era correr o mais depressa possível para os braços de Massimo Pastore.

– Obrigada – ela repetiu enquanto começava a andar puxando a mala atrás de si e finalmente conseguindo voltar a exibir um semblante sério. – Agora, se você é meu fã, deve saber que há alguém me esperando, não?

Foi a vez de o desconhecido sorrir, ligeiramente desconcertado.

– Claro, claro. Massimo Pastore! A personalidade gastronômica do ano! – exclamou erguendo os braços, como o jogador de futebol que se exime de culpa após derrubar o atacante que corria para o gol.

Manu baixou a cabeça e caminhou para o desembarque. E enquanto caminhava, agora sem a

distração do desconhecido, ia, aos poucos, percebendo. E uau, ela estava realmente ali!

Havia quebrado o molde que, anos atrás, a prendera na caixinha de sua vida de jovem paulistana, cozinheira, *workaholic*, avessa ao sexo. Agora estava na Itália, leve e solta, sem se importar com o dia da semana. Sem ter de pensar em compras, em cardápios, sem dar atenção a contas a pagar e a limites bancários. Estava reprogramando o rumo de sua vida com uma única mala. E se sentia livre. Livre como nunca antes na vida.

E, ainda por cima, havia Massimo. E enquanto pesava nisso, ela caminhava mais depressa, desviava de velhinhos, e agora já quase corria, sentindo o coração bater, sentindo a vida fluir pelas artérias, sentindo o desejo aflorar em cada célula, em cada átomo de seu corpo. Então, de repente, ela estava realmente correndo. Teve de parar duas vezes para mostrar o canhoto da bagagem, mas logo voltou a correr. E foi assim, esbaforida e descabelada que ela saiu no saguão apinhado de gente do desembarque.

Parou por um tempo diante da multidão de desconhecidos, mas foi por um instante apenas. Alguns segundo até que ela o avistou. Os olhos castanhos brilhando de felicidade, um sorriso italiano número onze e, sim, Massimo Pastore estava mesmo ali. E, sim, também ansiava por ela, e também corria em sua direção, ameaçando derrubar crianças e senhorinhas de idade.

Capítulo 03

Massimo avançou correndo pelo saguão enquanto Manuela permaneceu parada ainda com aquela sensação de que, a qualquer momento, poderia acordar para sua vida antiga que agora, diante da maravilha dos novos horizontes, soava como um tédio sem fim.

Ele avançou, mas, ao contrário do que ela esperava, não a tomou nos braços, nem a beijou apaixonadamente. Ele avançou até bem perto dela e parou, e apenas observou-a por algum tempo. Depois ergueu o braço bem devagar e fez um carinho muito de leve no lado do rosto de Manu.

Era como se, assim como ela, Massimo também quisesse se certificar de que aquilo tudo estava mesmo acontecendo. Manu sorriu, encarando os olhos castanhos que faiscavam de felicidade. Depois colocou a própria mão sobre a dele e pressionou os dedos fortes contra seu rosto. Massimo Pastore estava mesmo ali. Eles estavam mesmo ali. E, naqueles breves instantes que soaram como uma eternidade, era como se não houvesse mais nada ao redor.

Era como se o burburinho de famílias se reencontrando, de mamãs italianas chorando alto ao rever filhos e netos, de taxistas gritando na briga por clientes, de turistas perdidos em busca de informação, era como se tudo aquilo houvesse deixado de existir. E eles ficaram ali, observando-se em silêncio, até que Manu não aguentou mais, deu um passo à frente, envolveu o pescoço musculoso de Massimo e colocou a boca na dele.

Ela abriu os lábios para passar a língua escaldante sobre a dele, enquanto Massimo a envolvia pelas costas e a erguia como se ela fosse muito leve. Ah, que saudade! O aroma de relva úmida, o corpo grande e rijo, o calor e a dureza sempre ali, pronta para satisfazê-la.

Eles se beijaram mais. Massimo a envolveu com o outro braço, subiu a mão pelas costas pela nuca, mergulhou os dedos entre os cabelos e pressionou mais o corpo no dela. Era como se ele quisesse acabar com qualquer espacinho que ainda pudesse ter sobrado entre eles.

Manu sentiu o coração acelerar a um nível inimaginável, o que, junto ao beijo, tornava a tarefa de respirar ainda mais difícil, mas ela não queria parar. Não, não, não, pelo contrário! Queria continuar. Queria ser sufocada.

Sentia o fogo aumentando até explodir dentro dela, sentia a lava úmida de excitação fluindo pelo meio de suas pernas e sentia que podia ser tomada ali mesmo. Que se Massimo arrancasse sua calça jeans e sua calcinha ela se abriria para recebê-lo sem se importar com a multidão de estranhos que os cercava.

Ele, ao que parece, tinha um pouco mais de autocontrole e foi lentamente diminuindo a intensidade do beijo até torna-lo singelo e delicado, apenas os lábios se tocando de leve. Quando

finalmente se afastou, Manu permaneceu um tempo de olhos fechados, tentando retomar o controle do redemoinho de desejos e emoções que se formara dentro dela.

Massimo se afastou um pouco, mas permaneceu perto e continuou a envolvê-la com os braços. O que foi uma boa ideia porque, quando respirou fundo para tentar se acalmar, Manu sentiu tudo em volta girar e suas pernas amoleceram e ela desfaleceu por um instante. Quando finalmente abriu os olhos, duas gordas lágrimas de felicidade escorreram por suas bochechas vermelhas de calor e desejo.

– Está tudo bem, Senhorita Carmona? – Massimo perguntou ainda amparando-a com o braço direito.

Manu suspirou e conseguiu retomar parte do controle, ao menos o suficiente para responder.

– Está tudo bem. Na verdade, está tudo ótimo, senhor Pastore – respondeu sorrindo.

– Então, se a senhorita quiser me acompanhar, temos uma longa viagem até Modena – ele exclamou puxando a mala de rodinhas e envolvendo-a pela cintura com o outro braço.

Manu sorriu sem dizer nada. Queria sentir apenas. Sentir a felicidade de estar novamente junto de seu amor, de ter uma vida nova pela frente, de estar prestes a desbravar um país semidesconhecido (cinco anos antes, ela havia passado quinze dias na Itália, internada num curso de gastronomia, mas sem sair da região da Toscana).

Eles caminharam lado a lado, e, quando saíram na rua, Manu não pode deixar de notar um carro esporte antigo, parado bem diante da saída. Não que ela fosse uma entusiasta de automóveis, mas aquele, em si, chamava atenção. Estava impecavelmente limpo e polido, e suas curvas perfeitas brilhavam como se houvesse acabado de ter saído de um museu.

Provável que estivessem filmando um comercial ou coisa do tipo, Manu pensou, mas logo viu que estava enganada. Massimo se adiantou e abriu a porta vermelha do conversível, estendendo o braço para ela entrar. Claro, fazia todo sentido. Afinal, Massimo Pastore não seria Massimo Pastore sem aprontar alguma de suas surpresas encantadoras.

Manu não disse nada, sorriu e se sentou no banco de couro cor de caramelo. Massimo colocou a bagagem dela no porta-malas, deu a volta e se sentou atrás do grande volante de madeira. Girou a chave e o motor pegou no ato, revelando um ronco grave e sensual.

Ele colocou um par de óculos escuros de lentes verdes quadradas que combinavam perfeitamente com o retrô do conversível e acelerou duas vezes. Depois engatou a primeira e ia saindo quando alguém cruzou na frente e ele foi obrigado a parar novamente. Manu olhou e não acreditou. O estranho da esteira de bagagem, ali, parado e encarando-a com seu sorriso fosforescente.

– Ora, se não é a *chef* Manuela Carmona – ele disparou sorrindo mais. – Belo carro! –

exclamou enquanto atravessava a rua. – Bem-vinda à Itália – gritou, já do outro lado da calçada.

Massimo voltou a colocar o carro em ponto morto, tirou os óculos escuros e voltou-se para Manu. Estava completamente sério e claramente irritado, mas não disse nada, apenas encarou-a em silêncio. Ela sorriu sem jeito e sentiu o rosto ruborizar, mas continuou olhando para frente, como se nada daquilo a dissesse respeito. Massimo a encarou por mais algum tempo até que não se aguentou mais:

– Posso saber quem era o sujeito, Manuela Carmona?

– Ele... bem... eu – Manu balbuciou desnecessariamente, sabendo que isso só faria piorar sua situação.

– Manuela? – Massimo exclamou ainda sério.

– Ai, Massimo, eu não sei! O sujeito me reconheceu na esteira de bagagem. E resolveu me passar uma cantada.

– E?

– E nada, uai! – ela exclamou erguendo os ombros. Depois voltou os olhos azuis para ele e sorriu: – disse que só tenho olhos para você, meu amor.

– Disse mesmo? – Massimo perguntou com um ar de menino de escola que não combinava nada com sua figura incrivelmente máscula e deslumbrante. Uma figura que, somada àquele carro, lembrava a de um ator italiano dos meados do século passado.

– Claro que disse. E é a verdade. Quem tem um homem como você, Massimo Pastore, nunca vai querer sequer olhar para o lado! – ela exclamou passando de leve a mão ao lado do rosto anguloso dele.

Massimo finalmente pareceu satisfeito. Voltou a colocar os óculos, engatou a primeira e arrancou com o carro esporte. Ainda se fingia um pouco irritado, mas, mesmo observando-o apenas de perfil, Manu podia perceber que ele se esforçava para esconder um sorriso de satisfação. Ela, por sua vez, voltou-se para o outro lado, e também sorriu, também feliz e satisfeita. Afinal, não era qualquer mulher que tinha o privilégio de provocar ciúmes em Massimo Pastore.

– Bonito carro – Manu exclamou enquanto Massimo acelerava na autoestrada, o vento nos cabelos curtos o deixando ainda mais sexy e irresistível.

– Obrigado – ele respondeu acelerando mais e agora já incapaz de conter o sorriso de satisfação.

Ele podia ter dito que aquele não era um carro comum. Que, na verdade, chamar uma Ferrari 250 GT Spyder Califórnia de carro era quase uma ofensa. Com motor V12 de três mil cilindradas, o modelo era um dos mais cobiçados do mundo. Apenas cem deles haviam sido produzidos e o último a ser comercializado tinha sido arrematado num leilão por quase dez milhões de dólares.

– É uma... É uma Ferrari? – Manu perguntou notando o cavalinho no centro do volante.

– Sim, senhorita Carmona, é uma Ferrari – Massimo exclamou com um sorriso italiano
numero seis e meio.

– Hum... – fez Manu passando a mão sobre o estofado de couro. Depois se voltou novamente para Massimo e prosseguiu no interrogatório.

– Mas você...

– Não, eu não mudei de ideia. Ainda ando tentando ter o mínimo possível de coisas – Massimo respondeu provando que sua capacidade semimediúnica de ler os pensamentos de Manu seguia intacta.

– Bom, essa parece ser uma coisa e tanto para se ter – ela exclamou agora alisando o painel com os dedos delicados.

– É... Mas nesse caso é um pouco mais complicado – Massimo exclamou tornando-se subitamente mais sério.

– Complicado, do tipo, é um carro bonito demais para alguém ter coragem de vender? – Manu perguntou sem perceber que pisava em terreno delicado.

Massimo suspirou, como se tomasse coragem de ir adiante.

– Na verdade, trata-se de uma relíquia de família. Meu pai era amigo de Enzo Ferrari, o fundador da marca, que é de Modena. E, quando os primeiros carros desse modelo começaram a ser produzidos, teve prioridade na compra. Foi numa época em que o Vecchio Pastore acabara de ser eleito como o melhor vinho do mundo, nós estávamos numa boa fase. Meu pai comprou o carro, mas...

Uma sombra tomou conta do rosto de Massimo. Manu apoiou a mão sobre a perna dele e fez um carinho de leve, querendo ter o poder de desfazer a piada.

– Ele fez uma única viagem – Massimo exclamou ainda tomado pela sombra. – Da montadora para nossa casa na cidade. Depois teve o acidente.

– Eu... Eu sinto muito, Massimo – Manu exclamou com os olhos cheios de lágrima.

– Não tem problema, minha linda. Está mais do que na hora de espantar os fantasmas do passado.

Os dois ficaram um tempo em silêncio, até que Massimo foi adiante:

– Depois... Depois que meus pais morreram, o carro ficou parado, sem uso, por vários anos.

– Quantos... Quantos anos?

– Bem... uns vinte e sete? – Massimo exclamou sorrindo com alguma tristeza.

– Mas... como... quando? – Manu gaguejou tentando entender.

– Pois é. Ele ficou na nossa garagem esse tempo todo. Nós fizemos manutenções mensais,

para mantê-lo funcionando.

– Mas você... Durante esse tempo todo você nunca teve vontade de sair com ele?

– Eu... acho que eu nunca me senti no direito de dirigir-lo. Não sei exatamente por quê.

Talvez estivesse esperando uma boa desculpa...

– Até... até quando? – Manu perguntou estendendo a outra mão por trás do banco do motorista e fazendo um carinho suave na nuca de Massimo.

– Bem... Quando você confirmou que estava vindo eu achei que... Eu achei que você merecia uma recepção à altura, Manu – Massimo respondeu com a voz um pouco tremida de emoção.

Manu não disse nada. Apenas apoiou a cabeça no ombro forte dele, fechou os olhos e sentiu o vento quente do começo do outono bagunçando os seus cabelos castanhos.

Capítulo 04

Massimo dirigiu rápido, mas de um jeito tão eficiente e confiante que em nenhum momento Manu chegou a sentir medo. No começo da viagem, após a conversa sobre o carro, eles passaram um bom tempo em silêncio, ambos sentindo o prazer de estarem ali. Ambos sentindo o prazer que vinha daquela ligação tão forte: uma cola de amor que os mantinha juntos, conectados e íntimos, mesmo que não dissessem nada.

Depois Manu contou das novidades. Falou sobre a repercussão da história deles, que tornara o Carmona ainda mais famoso. Falou da estranheza de ser reconhecida na rua, do aperto no coração ao abandonar a cozinha que construía ao longo dos anos, e de como ele havia sido logo substituído por um sentimento intenso de euforia e liberdade.

Massimo não disse mais nada sobre o passado. Como se antevisse e ansiasse pela vida que se abria diante deles, falou apenas sobre o futuro. Contou de cada detalhe do que esperava Manu, da vinha Pastore, dos passeios que fariam e de como queria que ela provasse a nova safra antes que fosse engarrafada. Falou de como Giuseppe estava ansioso para conhecê-la, de como eles cavalgariam com Tornado, acompanhados pelo fiel escudeiro, o labrador negro Felini.

Manu escutava aquilo tudo e, ao mesmo tempo, observava Massimo. O cabelo ao vento, o nariz reto, o queixo másculo e proeminente, o colarinho da camisa branca de linho com dois botões abertos, o ombro largo, o braço musculoso, os dedos grossos e bronzeados segurando o volante ou a alavanca de câmbio. E enquanto o admirava, enquanto escutava os planos deliciosos que aquele homem fantástico tinha feito para dividir com ela, ia entrando numa espécie de transe.

Era como se aquela aura de encanto e conto de fada fosse misteriosamente desligando a parte racional de seu cérebro. Uma parte que, apesar de ter perdido um bom tanto de espaço e importância nos últimos tempos, ainda exercia funções vitais para um convívio salutar em sociedade.

Que, em condições normais de pressão e temperatura, acenderia a luz amarela no momento exato em que Manu desafivelou o cinto de segurança para poder acariciar com mais liberdade o peito definido de Massimo Pastore.

Mas, naquela tarde ensolarada, enquanto eles serpenteavam por uma charmosa estradinha montanhosa, a bordo de um conversível de dez milhões de dólares, luz nenhuma se acendeu. O transe de encanto aparentemente havia dado conta de desligar todos os sistemas.

Manu abriu mais um botão da camisa de linho e deslizou a mão para dentro, por sobre o tórax musculoso, por sobre a pele quente, macia e quase sem pelos. Massimo continuou dirigindo como se nada fosse. Ela tirou os tênis Nike pretos empurrando o calcanhar de cada um com a ponta

do pé (afinal, não ia ser uma boa ideia arranhar o couro clássico da Ferrari de valor inestimável).

Depois se debruçou sobre ele e beijou de leve a bochecha, depois o pescoço. Como nenhuma das luzinhas de aviso do superego se acenderem lá dentro, ela foi adiante. Desceu a mão por baixo da camisa e cravou de leve as unhas nos músculos trançados do abdômen mais sexy do universo.

Ele deu um suspiro leve, ela sorriu e continuou. E enquanto acariciava o torso dele com uma mão, a outrora tímida Manuela Carmona avançou com a outra. Subiu pela coxa, por sobre a calça de um jeans fino e maleável, que permitia sentir tudo o que a esperava do outro lado. Que permitia sentir e ver o volume poderoso do sexo se avolumando rápida e indecentemente.

Aquilo, o corpo dele respondendo daquela forma tão intensa e rápida, fez com que Manu se entregasse completamente ao transe de volúpia que a dominava. Ela continuou subindo a mão pela perna direita dele, por sobre o tecido azul-escuro, continuou deslizando com uma intensidade lenta até chegar à virilha. Até envolvê-lo por cima da calça... O volume cilíndrico já duro como uma rocha, depois para baixo, o volume quente, grande e macio de seu homem, de seu macho, de seu amor.

Manu sentiu que ele suspirou profundamente enquanto ela o acariciava com força, talvez um força um pouco maior do que a recomendável, talvez uma força que o machucasse um pouco. Mas não havia como voltar atrás e não havia como sair daquele hipnose de volúpia. Não havia como não ir adiante. E ela foi. Abriu o botão, e depois, com mais cuidado, o zíper. Enfiou a mão por dentro, acariciando e acariciando, agora separada de seu brinquedo predileto apenas pelo algodão da cueca boxer preta.

Massimo teve de mudar de marcha, talvez para diminuir um pouco a velocidade, e a porção castradora do cérebro de Manu tratou de ver aquilo como uma oportunidade de gritar. Gritar que aquela não era a melhor das ideias, avançar assim sobre um homem enquanto ele pilotava um conversível raro e incrivelmente potente pelas estradinhas sinuosas do norte da Itália.

Não, não era. Mas, bem, até que provem o contrário, só se vive uma vez. E ele estava ali e estava deslocando o quadril um pouco para frente para facilitar o acesso. Foi o suficiente para a porção devassa tomar conta novamente.

Manu abriu mais a braguilha e subiu um pouco a camisa de linho. Sentiu a supernova explodindo dentro dela, a excitação tomando conta, encharcando sua calcinha de uma vez por todas. Sentiu a boca encher de água por antecipação do que viria, e sentiu, do fundo do seu ser, que não havia tempo a perder. Não, não havia. Ela precisava dele urgentemente. Precisava dele agora...

Mas calma, calma, calma, devagar para experimentar o momento, ela pensou, e colocou o dedão entre o elástico da boxer e a pele bronzeada de Massimo, e foi baixando lentamente, revelando

a seda rosada do sexo, a glânde já caprichosamente confeitada com uma gotinha transparente de excitação. *Ai, Massimo, Massimo, Massimo!*

Ela sentiu que se desmanchava por dentro e baixou a cueca apenas um pouco, de forma a revelar a metade do pau que há alguns meses havia lhe aberto as portas de um novo mundo de luxúria a prazer. Depois se ergueu, se afastou e observou um pouco mais. Observou para tirar uma fotografia mental daquela cena incrivelmente bela e sensual.

Era isso mesmo.

O homem mais lindo que ela já vira na vida estava ali, sob o sol do início de outono, pilotando uma Ferrari antiga por uma estradinha estreita da Europa. Seus cabelos esvoaçavam junto da camisa de linho e ele sorria, cheio de desejo, antevendo o prazer que viria pela frente.

A camisa, impecavelmente branca, contrastava com a pele bronzeada de seu abdômen reto e ali, apoiado sobre a virilha plana, estava o sexo, magnético e sedutor, latejando de tesão como se prestes a explodir num gozo intenso e incontrolável.

Manu admirou o tempo que pode, antes de ser novamente dominada pela hipnose do desejo. Então, de uma hora pra outra, o entorno deixou de existir. Não havia mais Itália, não havia mais estrada, não havia mais carro esporte. Havia Massimo apenas.

Ou, melhor dizendo, havia o pau de Massimo apenas. Naquele momento, o mundo inteiro se resumia àquilo e nada além daquilo tinha importância. Ela foi se aproximando devagar, parou o mais perto possível e, com toda a delicadeza do mundo, passou a língua sobre a glânde, recolhendo a gotinha salgada de excitação.

Massimo soltou um suspiro profundo de prazer enquanto, num movimento quase único, ela erguia o sexo dele com a mão e o abocanhava lentamente. E nossa, como era bom!... E nossa, que saudade, que saudade, que saudade!

Ela desceu até a metade pressionando os lábios em torno do cilindro grosso e rijo. Passou a língua por baixo, pela pele de seda, para sentir o gosto salgado dele se espalhando pela boca. *Ai, Massimo, Massimo!*, a excitação de Manu havia se transformando numa ausência, quase como uma dor interna que só deixaria de latejar quando ele a penetrasse fundo e com força.

Ela precisava, precisava demais, mesmo que fosse na boca apenas, e avançou. Avançou sobre a virilha até sentir a glânde tocando sua garganta. Foi até esse limite e parou, e ficou ali por um tempo, apenas sentindo. Quando começou a fazer uns movimentos suaves de sucção, o pau de Massimo pulsou em resposta, como se ele estivesse prestes a gozar. Manu esperou. Ele devia estar há várias semanas sem sexo e fazia sentindo ele gozar assim, logo no começo.

Fazia sentindo e seria delicioso. E ela estava pronta. Pronta para receber deliciosos jatos cremosos na garganta. Depois ela continuaria ali, continuaria ali até ele ficar duro de novo e eles

seguiriam assim, por horas e horas, até finalmente chegarem ao destino final, numa longa *road trip* de prazer e orgasmos em sequência....

O gozo, contudo, não veio, e a dureza continuou intacta. *Nossa, Manuela Carmona, hora de respirar*, e ela foi se erguendo lentamente, deslizando os lábios pela pele molhada e escaldante do sexo de seu amor. Abriu a boca para respirar e se afastou um pouco para olhar outra vez. Para admirar o pau de seu homem, brilhando da saliva dela, da saliva que ela havia espalhado enquanto o chupava feito uma vadia completa, feito uma devassa louca.

Ela se ergueu assim, ofegante e descabelada, completamente tomada, os lábios pingando do desejo dos dois, o rosto avermelhado de calor e volúpia e então, de repente, percebeu que não estavam mais na estrada.

Massimo não estava mais dirigindo. Havia estacionado no alto de uma colina, sob a sombra frondosa de um pinheiro centenário. Havia tirado os óculos escuros e a encarava com a boca entreaberta e os olhos faiscando de desejo. Era isso. Massimo Pastore estava prestes a possuí-la ferozmente e nada no mundo poderia mudar essa deliciosa realidade.

Capítulo 05

Massimo percebeu que ela o observava, percebeu o prazer que isso causava nela, e entrou na brincadeira. Levantou mais a camisa com a mão esquerda enquanto foi descendo pelo próprio abdômen com a direita, até chegar à base de sexo. Manu assistia à cena completamente hipnotizada, completamente tomada de vontade e ele continuou. Envolveu o próprio pau e apartou com força, fazendo as veias saltarem e a glândula se intumescer ainda mais, com seu brilho de seda vermelha.

Eles ficaram um tempo assim. Ele tocando o próprio sexo, que parecia duro como nunca, ela ali do lado, a boca entreaberta, a respiração ofegante de desejo. Um desejo que foi crescendo ainda mais, até que Manu não se aguentou mais e o atacou novamente.

Meteu o pau fundo na boca, até tocar com os lábios na mão dele, que ainda envolvia a base. Massimo jogou o corpo pra trás, as costas contra o banco de couro marrom, e fechou os olhos para sentir. Para se deixar dominar pela sensação única de ser engolido pela boca vermelha, quente, macia e molhada de Manuela Carmona. De ser envolto pela boca devassa e indecente da mulher que amava como jamais amara nenhuma outra.

Enquanto sentia os movimentos suaves de vaivém, a seda da língua e dos lábios acariciando a pele de seu sexo, enquanto sentia a entrega daquela mulher, o desejo com que ela o abocanhava, enquanto sentia a intimidade máxima que aquele ato significava, Massimo não tinha dúvida: aquela era, de longe, a melhor sensação do mundo.

Manu continuou, chupando e chupando, indo e vindo debruçada sobre ele, saindo um pouco para fazer carinhos com a língua ao redor da glândula, depois voltando e mergulhar, voltando a envolvê-lo no mundo de prazer que seus lábios haviam se tornado capazes de criar.

Ela continuou e foi aumentando o ritmo, subindo e descendo, melecando-o de saliva e excitação, e ele foi jogando o quadril para frente, para poder entrar mais fundo nela. Manu avançava e avançava, sentindo o pau grosso penetrar sua boca, sua garganta, entrando e saindo de dentro dela...

Eles ficaram assim por longos instantes até que Massimo não se aguentou mais, enroscou os dedos nos cabelos de Manu, debruçou-se para frente e sussurrou com a voz grave tomada de excitação:

– Para um pouquinho, minha gostosa?

Ela ainda continuou um pouco, chupando e chupando, completamente tomada pela vontade.

– Para, Manuela, que eu não quero que termine. Ainda não... – ele disse ainda sussurrando.

Ela obedeceu. Liberou o sexo reluzente de saliva, limpou os próprios lábios e o encarou com os olhos azuis fervendo, a face vermelha, a respiração ofegante. Massimo também tinha a

respiração tomada de desejo. Também a encarava com aquele olhar de fera, de animal selvagem, tomado pelo instinto primitivo de dominar sua fêmea.

Ele a observou por um tempo, depois avançou sobre ela e a beijou profundamente, passando a língua com força sobre a dela. Sua boca estava quente, transbordando de saliva. E, enquanto a beijava, enquanto a sorvia em movimentos combinados dos lábios e da língua, ele a acariciava. Subia com a mão direita pela nuca, se perdendo nos cabelos revoltos enquanto, com a outra, apertava os peitos ainda contidos pelo sutiã e ocultos pela blusa leve de seda.

Massimo ficou um tempo ali, alisando-a com uma força contida que a mantinha no limite entre a dor e o prazer e que deixava claro como ele precisava dela. Como precisava apalpá-la e apertá-la para sentir que estavam os dois realmente ali. Ele acariciou com força um seio, depois o outro, desceu pela barriga e saltou para a virilha, metendo-se entre as pernas. E, ai!, Manu escorregou o corpo pelo banco se abrindo, sentindo a mão dele pressionando seu sexo por sobre a calça. Era bom. Era bom e ela precisava de mais, precisava se livrar da...

E Massimo fez aquela coisa de ler os pensamentos dela. Abriu o botão, o zíper e lentamente meteu a mão por baixo da calça e da calcinha. Manu ergueu o quadril para facilitar e ele foi forçando de leve os dedos, foi deslizando sobre os pelos púbicos dela até chegar lá, na delicadeza única e secreta da pele de pêssego.

Manu cravou as unhas nas costas dele e o puxou para si. Ele obedeceu e entregou o que ela queria. Avançou um pouco mais para dentro da calça dela e, num movimento único e preciso, abriu-a e ai!, a penetrou. Primeiro com o dedo do meio, depois também com o indicador. Penetrou-a e puxou-a para si com força. Depois, ainda com força, mas muito lentamente, começou a acariciar aquele ponto específico dentro dela que só ele sabia encontrar.

– Você está... está encharcada – sussurrou no ouvido dela.

– Eu... – Manu começou a responder, mas Massimo moveu os dedos com um pouco mais de força e a resposta foi substituída por um longo gemido:

– Aaaaiiii!...

Ele passou os lábios pelo pescoço, coberto por uma camada acetinada de suor. Manu ergueu a perna apoiando o joelho no painel enquanto ele metia mais os dedos, as costas da mão pressionadas contra o zíper aberto da calça...

– Mais! – ela pediu num suspiro de prazer.

Ele continuou, indo e vindo lá dentro, com movimentos curtos e precisos e ela foi se abrindo cada vez mais. Se abrindo e sentido que cada movimento dele, cada ida e vinda dos dedos grossos e molhados da excitação dela, era recebido com uma resposta. Com uma resposta íntima, que foi crescendo.

Que foi crescendo e crescendo, como se alguém a empurrasse num balanço... A empurrasse cada vez mais alto, com cada vez mais energia... E de repente ela estava como que suspensa no ar, flutuando em meio a uma nuvem colorida de eletricidade, o corpo inteiro vibrando num orgasmo poderoso e incontrolável.

Ela ficou ali, alheia ao mundo, perdida no próprio prazer, até sentir que caía de volta, rumo à realidade... Mas foi uma queda curta, que durou um instante apenas, porque, lá embaixo, os dedos continuaram... O balanço mandando-a para cima, mantendo-a em suspenso e – aaaaaiiiii – ela gritou tomada pelo gozo que continuava, num daqueles orgasmos múltiplos que... bem... que tinham se tornado comuns na era pós-Massimo.

Manu gritou. Gritou de tédio e de felicidade e se abriu. E gritou mais, e implorou para que ele continuasse, depois implorou para que ele parasse. Porque ao mesmo tempo em que queria, com todas as fibras de seu corpo, continuar sentindo o frenesi do gozo intenso percorrendo-a de cima abaixo, também precisava retomar o controle. Precisava voltar para o mundo, voltar a dominar o próprio corpo e era isso e – chega! Chega, chega, chega, meu amor – ela implorou.

Massimo obedeceu. Tirou lentamente a mão liberando-a da prisão do gozo. Manu jogou a cabeça para trás e como que desfaleceu por alguns instantes, o corpo exausto, ainda sendo percorrido por impulsos elétrico-orgásticos. Continuou assim, entorpecida de prazer, até que sentiu a boca de Massimo novamente sobre a sua.

A boca e a mão, primeiro acariciando delicadamente seu rosto, depois novamente o seio, mas algo estava... algo estava trocado, invertido... Sim, Massimo estava do outro lado. Havia dado a volta, aberto a porta e se debruçava sobre Manu, beijando-a e se precipitando sobre ela.

Ela despertou logo do torpor. Envolveu as costas largas de Massimo e o puxou para si, enquanto recuava até o banco do motorista para abrir espaço. Ele a beijou mais um pouco, depois se ergueu e tirou a blusa de seda dela.

O cockpit de uma Ferrari antiga não é, nem de longe, o melhor lugar para dois amantes tirarem o atraso de semanas de abstinência, e Manu teve de se contorcer um bocado para conseguir abrir o fecho do sutiã. Valeu à pena. Massimo retribuiu o esforço oferecendo um italiano número onze, diante da visão dos seios pequenos, empinados e delicadamente esculpidos, como provocantes esculturas da mais rara porcelana oriental.

– Ah, Manuela Carmona, que saudade! – exclamou antes de beijar suavemente cada um dos mamilos cor-de-rosa.

Manu suspirou e sorriu de prazer, enquanto observava os lábios carnudos de Massimo tocando seus seios de leve.

– Me fode, senhor Pastore? – ela sussurrou com a voz cheia de desejo – não aguento mais de

vontade!...

Ele não respondeu. Apenas se ergueu e tirou a camisa branca de linho. *Ah, Massimo Pastore sem camisa... Por que fiquei tanto tempo longe dessa oitava maravilha do mundo?*, Manu pensou enquanto observava os músculos trançados do abdômen, as placas planas do peitoral, os gomos definidos dos ombros e dos braços... *Ah, Massimo, Massimo, vai literalmente me fazer derreter inteira em cima desse banco de couro de um zilhão de dólares....*

Ele agarrou a cintura da calça dela com ambas as mãos e, num movimento único e preciso, arrancou o jeans e a calcinha. Assim, de uma hora pra outra, a tímida Manuela Carmona estava completamente nua em plena luz do dia, protegida apenas pela sombra do grande pinheiro. Sim, sim, estava! E não se importava. E se um ônibus da CVC carregados de velhinhos com câmeras fotográficas parasse ali ao lado, ela continuaria sem se importar.

Continuaria ali, com sua pele alva e delicada brilhando ao sol. Continuaria ali, pingando de vontade sobre o banco de um dos carros mais caros do mundo. E, quando Massimo afastou delicadamente seus joelhos com as mãos, ela se abriu. Abriu as pernas para ele, abriu a buceta rosa, quente e encharcada.

Quando ela fez isso, quando abriu bem as pernas, encostando o joelho esquerdo no painel e o direito no banco de couro, Massimo exalou um suspiro profundo, que saiu tremido de excitação. Depois abriu a própria braguilha, que havia fechado em algum momento de distração de Manu, e baixou as calças junto com as boxers pretas. Manu conseguiu apenas vislumbrar o brilho magnético do sexo de Massimo, apenas por um momento antes do ataque final.

Ele avançou e ela se abriu mais. Se abriu, fechou os olhos e esperou. Esperou e sentiu. Ahhh, sentiu! Primeiro o toque do lado de fora. A delicadeza da pele contrastando com a dureza rude e incandescente. Depois um movimento preciso, firme e suave e uau!, ele estava dentro dela. E uau!, que saudade! Que saudade, que saudade, que saudade!...

Ele entrou até o fim, o pau grosso pulsando, preenchendo-a por completo, levando-a imediatamente à beira do orgasmo. Ela respirou fundo e segurou o plástico fino do volante com a mão esquerda enquanto, com a direita envolveu as costas musculosas, recobertas por uma camada quente de suor. Envolheu para sentir aquele corpo tão poderoso, tão desejado, para sentir o movimento. O ritmo intenso, preciso e irresistível, cujo andamento apenas Massimo dominava.

E como dominava! Começou devagar. Penetrando-a fundo, numa urgência contida. Depois foi aumentando, enquanto Manu se agarrava mais ao volante e aquela mão, que antes apenas o acariciava de leve, agora agarrava com força os músculos escorregadios de suor.

– Mais! – ela pediu jogando o quadril pra frente.

Ele obedeceu. Aumentou o ritmo e a força, o pau duro como rocha arremetendo

violentamente contra ela, entrando e saindo de seu universo úmido, entrando e saindo, entrando e saindo, e em cada nova investida Manu sentia uma onda leve de gozo que se transformava em gemidos manhosos de prazer.

Massimo continuou, cada vez mais rápido, metendo e metendo, fundo dentro dela, abocanhando o pescoço suado, envolvendo as costas alvas com as mãos fortes, puxando-a para si como se precisasse estar ainda mais junto, ainda mais colado e misturado.

– Mais! – ela implorou completamente fora de si.

Ele obedeceu. Aumentou ainda mais o ritmo e quando Manu pensou que não poderia haver intensidade maior do que aquilo ele agarrou as duas pernas dela, ergueu-as e as apoiou sobre os ombros musculosos e suados. Respirou fundo como se tomasse coragem e entrou de novo.

– Aaaaiiiii! – Manu gritou sentindo o pau de Massimo penetrar mais fundo. Sentindo as ondas poderosas do orgasmo tomando conta dela, mergulhando-a naquela tempestade elétrica que estremecia cada pedacinho de seu ser.

Uma tempestade que continuou por um tempo indefinido. Pelo tempo que o sexo delicioso de Massimo Pastore seguiu entrando e saindo, com aquela intensidade toda, a dureza masculina contra maciez úmida e receptiva da bucetinha inchada de Manu.

Quando ele começou a diminuir o ritmo, a tempestade diminuiu junto. Mas continuou ali. Impulsos elétricos disparando para todos os lados, enquanto ele a admirava arfando de cansaço e sorrindo de prazer.

– Deixa eu ver? – Manu pediu completamente dominada pela porção devassa de seu cérebro inundado de endorfinas.

Massimo entendeu o que ela queria, claro que entendeu. Saiu lentamente de dentro dela e se ajoelhou no banco, entre as pernas alvas que ainda tremiam de gozo. Ela devotou alguns instantes a observá-lo. Os músculos ainda mais definidos pelo esforço e pelo suor que escorria farto e sensual.

Depois esticou a mão e envolveu o pau maravilhosamente grande, duro e melecado de seu gozo. Apertou com força por um tempo, depois começou um vaivém muito suave, naquele ritmo crescente que ele tanto dominava.

Massimo sorriu primeiro, depois se colocou sério, o rosto dominado pelo prazer que se materializou num suspiro entrecortado, acompanhado de um espasmo que fez os músculos do tórax e do abdômen se moverem numa dança sensual.

Manu continuou, por um lado querendo que seus lábios estivessem ali para receber o que viria, por outro feliz que pudesse assistir. Que pudesse registrar com o olhar aquela cena que ficaria para sempre gravada em sua mente, como um filme em câmera lenta.

O pau enorme e brilhante de Massimo pulsando em sua mão, que parecia mais delicada

diante de tanta potência. Depois o gozo, cremoso e perolado... Foi discreto, no começo. Uma gota apenas, que emergiu da glândula vermelha para pingar sobre a virilha branca de Manu.

Ela sorriu de vontade, a respiração em suspenso para não perder nada, e continuou a segurá-lo com força, sentindo aquela deliciosa pulsação interna aumentar.

A segunda onda veio mais forte, como um jato que se derramou sobre o mamilo esquerdo de Manu. Isso a deixou com mais vontade de abocanhá-lo, vontade de sentir o gosto dele, uma vontade que a fez abrir a boca como se previsse, como se adivinhasse que a terceira onda de gozo seria forte o suficiente para que ela sentisse o sabor salgado de mar sobre sua língua.

Depois veio outra e novamente ela sentiu a pulsação poderosa do sexo, depois o creme escaldante do orgasmo de seu amor sobre sua língua, sobre seus peitos, sobre sua barriga...

Massimo gozou e gozou, com uma força e uma intensidade que ela nunca tinha visto antes. Depois desfaleceu sobre ela, os dois corpos molhados de suor e sumos de prazer, unidos e ofegantes como se pertencessem a uma só pessoa.

– Bem-vinda à Itália – ele sussurrou ainda arfando de cansaço e excitação.

Manu sorriu e beijou o pescoço suado e bronzeado daquele homem que, apesar de todas as suspeitas, parecia, sim, bastante real.

Capítulo 06

Eles ficaram algo como trinta minutos ali, desfalecidos, nus e entorpecidos de prazer. Durante esse tempo, a mente de Manu flutuou preguiçosa pelas imagens das últimas horas, com um destaque especial para a última parte. Quando cansou de lembrar apenas, Manu se ergueu um pouco, de forma que pudesse admirar as costas musculosas e, mais adiante, a curva suave da bunda dura de Massimo, que seguia deitado sobre ela.

Que coisa mais incrível aquilo. Aquele homem tão lindo, tão poderoso, ali, totalmente entregue... Uma entrega que ia além deles. Afinal, ele estava nu, talvez adormecido, completamente à mercê do mundo que os cercava. O local onde havia estacionado, sob o velho cedro, era um tanto afastado da estrada. Mas, ainda assim, estavam completamente expostos. E Massimo não se importava.

No fundo, Manu também não se importava. Não sentia vergonha ou timidez e, mais do que isso, não sentia medo. Ali, totalmente saciada, com o amor de sua vida desfalecido em seus braços, Manuela Carmona se sentia forte. Incrivelmente forte, poderosa e destemida.

Mesmo porque, se o pior acontecesse, se viesse a morrer naquele instante, se um meteoro em chamas caísse dos céus sobre eles, Manu morreria feliz e realizada. Morreria com a certeza de, ainda que por um período curto de tempo, ter experimentado todo o prazer e toda a alegria que a vida pode oferecer.

Ela passou os dedos por entre os cabelos macios com uns poucos fios grisalhos e foi o suficiente para tirá-lo do torpor. Massimo gemeu de leve e começou a se mover. Manu não acreditou quando sentiu o fogo brando se acender dentro dela, diante da visão dos músculos das costas oscilando de leve. *Calma, calma, Manuela Carmona, temos vários dias na Itália, não precisamos gastar tudo nas primeiras horas...*

Quando ele se ergueu, o tórax e o abdômen molhados brilhando no sol, o sexo semirrijo ali, ao alcance da mão, o fogo subiu de brando para alto. Podia agarrá-lo outra vez naquele exato instante. Podia recomeçar tudo, gozar loucamente de novo, como se não o visse havia semanas. Massimo percebeu as segundas intenções e sorriu, um italiano número quatro e meio.

– Você é impossível, senhorita Carmona.

– Eu... – ela, pela primeira vez desde que avançara sobre ele, sentiu uma ponta de vergonha ruborizar seu rosto. – É você que me deixa assim, senhor Pastore. Você... você me transforma em outra pessoa...

– Quer dizer que a culpa é minha? – ele perguntou com ar brincalhão.

– Sua! Toda sua! – ela respondeu baixando os olhos azuis, sorrindo tímida e envergonhada e escondendo o rosto por entre os cabelos suados e bagunçados.

– Sei – ele retrucou apanhando a camisa de linho que havia se enganchado no para-brisa.

– É verdade! – ela exclamou fechando as pernas para sentir o próprio inchaço de excitação.

– Eu sou outra pessoa com você! – concluiu arriscando-se a encará-lo com um olhar enviesado de vergonha e tesão.

Ele se debruçou sobre ela e a beijou profundamente. Depois se ergueu e vestiu a cueca e a calça.

– Eu também sou outra pessoa com você, Manuela Carmona. E, daqui pra frente, quero ser essa pessoa apenas.

Ela sorriu, sentindo que os olhos se enchiam de lágrimas. Ele se debruçou sobre ela outra vez e, muito delicadamente, como se fizesse um carinho, limpou a barriga e os seios de Manu com a camisa de linho. Ela fechou os olhos e sentiu o fogo aumentar de novo. Ele voltou a se erguer e se colocou de pé, ao lado do carro.

– Mas, por mais diferente que eu seja, continuo precisando me alimentar.

– Siiiiiiiiimmm! – ela respondeu animada, erguendo-se sem se importar em exhibir os seios nus e prepotentes em plena luz do dia.

– Ótimo! – Massimo exclamou apanhando a calcinha pendurada no retrovisor interno e entregando a Manu, que continuava sentada atrás do volante. Fez o mesmo com a calça, que jazia no chão aos seus pés e com a blusa de seda, largada sobre a lataria vermelha brilhante do porta-malas. Por fim, apanhou o sutiã, que havia caído no assoalho diante do banco do passageiro, mas, ao contrário do restante, não devolveu à dona.

– Massimo! – ela protestou enquanto ele dava a volta e abria o porta-malas. Ficou ali um tempo e ressurgiu com outra camisa, também de linho, mas azul-escura.

– Meu sutiã, senhor Pastore?

– Estamos na Itália, minha cara Manuela Carmona.

– E?

– Ora, as mulheres aqui não usam sutiã – exclamou com ar de galanteador barato.

– Massimo! – Manu respondeu fingindo nervosismo.

– Bom, algumas usam. As que têm a sorte de possuir seios tão lindos como os seus, nunca!

Ela fuzilou-o com o olhar, sentindo uma ponta de ciúmes por todas as mulheres sem sutiã com as quais ele já havia desfilado pela região. Massimo se defendeu lançando sorriso italiano número seis e ela se derreteu.

Vestiu a blusa de seda, deu a volta, sentou-se no banco do passageiro e baixou o para-sol

para se olhar no espelhinho. Estava descabelada, com as faces ainda queimando de prazer... Depois baixou um pouco o espelho para ver como ficavam seus peitos livres de sutiã, sob a blusa de seda. Ficavam... bem... ficavam indecentes. Empinados, prepotentes, sensuais e indecentes.

Massimo se aboletou atrás do volante, beijou-a no lado do rosto enquanto envolvia um dos seios com mão esquerda, num carinho suave e sensual. *Ok, mais do que convencida, sem sutiã será*, ela concordou em silêncio, para desespero da porção castradora de seu cérebro, que se sentou num cantinho completamente emburrada, sem saber mais o que fazer para retomar ao menos um pouco de controle.

– Então, você conhece algum bom lugar para comermos por aqui? – ela perguntou brincalhona.

– Posso tentar lembrar. Mas sempre podemos perguntar em um posto de gasolina – ele respondeu sorrindo. Depois colocou os óculos escuros, e acelerou o esportivo que rugiu qual um felino selvagem.

Capítulo 07

Massimo dirigiu daquele jeito rápido e preciso, a Ferrari reluzente serpenteando pela estradinha de asfalto por pouco mais de meia hora. Alguns quilômetros antes de Modena, ele dobrou à esquerda, numa ruela de paralelepípedos que terminou num pátio amplo, diante de uma gigantesca casa de pedra. Assim que o casal desembarcou do conversível, uma senhora gordota emergiu da enorme porta de duas folhas.

– Massimo! – ela berrou do alto dos três degraus, abrindo os braços como se quisesse adiantar a hora do abraço.

– Dona Enrica! – ele respondeu sorrindo, também abrindo os braços e caminhando na direção da velha senhora, que desabalou numa velocidade surpreendente para suas perninhas curtas, e o abraçou longamente.

– Massimo, Massimo, Massimo! Quanto tempo, meu filho! – exclamou em italiano enquanto se afastava e o conferia de alto a baixo – continua lindo como sempre! Um pouco magro, mas lindo mesmo assim!

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa ela se virou e encarou Manu, com os olhinhos faiscando de felicidade.

– E você?!... Manuela Carmona!

Manu sorriu um pouco sem jeito enquanto Dona Enrica se aproximava examinando-a como se tirasse suas medidas para costurar um vestido.

– Manuela Carmona – ela repetiu – a famosa *chef* brasileira! E como é bela!

Manu ergueu os ombros, sem saber se devia responder, mas a anfitriã foi longo adiante, mostrando que não, não esperava resposta alguma:

– Finalmente eu conheço a jovem sedutora que roubou o coração de nosso Massimo! Ah, as mulheres brasileiras. Famosas em todo o mundo! Belas e sensuais!

Manu continuou a sorrir, sentindo o rosto ruborizar de vergonha, sem saber muito o que fazer, até que a senhorinha avançou sobre ela e a envolveu com os braços, enterrando o rosto gorducho... bem... enterrando o rosto gorducho entre seus seios *sedutoramente* livres de sutiã.

Manu levou um susto e demorou alguns segundos para se recuperar. Quando finalmente se refez, retribuiu o abraço apertado, tentando não pensar que a bochecha daquela velhinha fofa estava colada bem onde pouco mais de meia hora antes Massimo havia... havia... enfim... melhor deixar pra lá...

– Vamos, vamos, vamos sair desse sol! – ela disse puxando ambos pelo braço. – Mas como

é bela a brasileira, Massimo!... – Dona Enrica repetiu voltando-se para ele, enquanto os três subiam os degraus e entravam na sala ampla e fresca.

– A mais bela do mundo, dona Enrica – Massimo respondeu cheio daquele charme italiano incontrolável, piscando para Manu, que continuava completamente vermelha de vergonha.

Dona Enrica caminhou daquele seu jeito quase correndo até uma bandeja sobre a grande mesa redonda, que jazia imponente no centro do salão. Sem perguntar nada, serviu dois grandes copos de limonada gelada e entregou ao casal.

– Como foi a viagem, muito cansativa?

Manu tentou não lembrar de Massimo ofegante sobre ela, pingando gotas ferventes de suor.

– Não foi nada cansativa. Na verdade, diria que foi... Bem, digamos que foi um tanto prazerosa, Dona Enrica – Massimo exclamou como sorrindo um italiano três e meio.

– Massimo, Massimo... – a gordota exclamou retribuindo o sorriso. Depois se voltou para Manu, como se tivesse entendido exatamente ao que ele se referia: – ele é impossível desde pequeno – disse com uma piscadela.

Manu tomou mais um gole de limonada, querendo mergulhar dentro do copo, esperando que o gelo pudesse aplacar um pouco o calor de vergonha que lhe corava as bochechas.

– Você quer ver como estão os nossos bebês, Massimo? – Dona Enrica exclamou em voz baixa, como se tomasse cuidado para não acordar alguém adormecido no primeiro andar.

– Adoraria, dona Enrica, adoraria! – ele respondeu dando um gole na limonada e olhando ao redor, como se as paredes despertassem uma porção de lembranças adormecidas no fundo de sua mente. – E acho que Manu também vai se interessar – ele respondeu depositando o copo vazio na bandeja de prata.

– Mas é claro que vai. Ela é uma cozinheira, afinal! – a anfitriã exclamou e saiu andando na frente, cheia de jovialidade e energia.

Massimo e Manu foram atrás. Atravessaram a sala e saíram por uma porta do outro lado, que dava para um bem cuidado jardim de hortênsias. Eles deram a volta na casa e a velhota tirou uma grande chave do bolso da mistura de vestido e avental florido que usava. Meteu na fechadura enferrujada de uma porta baixa, coberta de tinta azul desbotada.

Girou a chave que estalou em ruídos medievais e puxou a maçaneta com força. As dobradiças rangeram quando a porta se abriu e a velhota desabalou lá pra dentro, por uma escada estreita que levava a uma espécie de porão.

Quando desceu os primeiros degraus, seguindo Massimo pela escadinha velha de madeira, Manu finalmente percebeu onde estava. Sentiu o coração bater mais forte de emoção e alegria.

A escada terminava num cômodo que era dividido em dois. Uma parte estava embaixo da

fundação da casa, e funcionava mesmo como um portão. A outra avançava como um fosso, escavado no jardim, e tinha o teto aberto, de forma a deixar a luz do sol entrar. No chão, ocupando praticamente todo o espaço, repousavam vários barris de madeira, aparentando as mais diversas idades.

– É isso mesmo que eu estou pensando? – Manu perguntou cheia de excitação na voz.

– É. É isso mesmo – Massimo respondeu sorrindo orgulhoso.

– A lendária produção de aceto balsâmico de Modena da família Pastore! – Manu exclamou maravilhada.

Depois caminhou um pouco por entre os barris enquanto Dona Enrica explicava que o aceto era produzido a partir do mosto fermentado das mesmas uvas do Vecchio Pastore. Era uma parceria da família dela, os Chiavetto, com a família Pastore.

O líquido envelhecia nos barris por décadas, às vezes ao sol, às vezes à sombra. Dessa forma ia evaporando e se tornando denso, espesso qual um molho apurado no fogo. Ao mesmo tempo, ia se impregnando da madeira dos diferentes barris em que descansava.

Manu caminhou até uma parte mais escura, sob a escada, onde estavam os barris aparentemente mais antigos, completamente cobertos de poeira.

– Esses são?.... – ela perguntou emocionada.

– As edições limitadas – Massimo exclamou sorrindo satisfeito.

Manu sabia bem o que havia naqueles barris, mas Dona Enrica explicou mesmo assim. O conteúdo de cada um dos tonéis correspondia a uma menina nascida na família. Eram produzidos quando o bebê nascia e comercializados apenas quando completava doze anos. As mulheres da família eram as responsáveis por zelar pela produção, e, claro, gerar mais filhos, de preferência meninas.

Dona Enrica tinha quatro filhas, e catorze netos. Havia, portanto, dezoito barris. Manu acompanhou com os olhos aquelas raridades, mentalmente contando e...

– Massimo?! – ela perguntou encarando-o surpresa, ainda sem entender.

Ele sorriu com um ar de menino travesso.

– Eu contei dezenove!

Ele sorriu mais, caminhou até o barril que jazia na base da pilha, bem perto da escada.

– Esse é um dos maiores segredos da família Pastore – Massimo exclamou ajoelhando-se para limpar a poeira da face do barril. Ali, engravado em baixo relevo, estava o nome que Manuela tanto repetira nos últimos meses: “Massimo Pastore”.

– Nããããooooo! – Manu exclamou atônita.

– Sim – ele respondeu se divertindo com a surpresa estampada no rosto dela. – Como sou

filho único, sem primos, ou primas, no caso, meus pais resolveram ir contra a tradição.

– O amor está além de qualquer tradição – Dona Enrica completou com os olhos cheios de lágrima. – E nós resolvemos produzir um aceto em homenagem ao nosso único herdeiro homem.

Manu se ajoelhou ao lado de Massimo e colocou o dedo indicador sob a torneirinha de madeira. Ele abriu apenas o suficiente para liberar uma pequena gota marrom-escura, quase negra. Por alguns instantes, Manu admirou aquele concentrado de uvas, que havia esperado trinta e nove anos por aquele momento. O momento em que atingiria o propósito de sua existência: maravilhar o paladar de um ser humano.

Foi exatamente isso que aconteceu. Uma maravilha de sabor explodindo na boca, uma acidez suave e complexa, cercada por aromas de madeira e castanhas... Manu já havia provado Massimo Pastore de várias formas. Adorava todas elas. Mas essa, definitivamente, estava no topo da lista.

– É incrível, Massimo! – ela exclamou apanhando outra gotinha e levando à boca.

– Diga isso à Dona Enrica. Na ausência de minha mãe, foi ela quem tomou conta deste barril ao longo dos anos.

Manu não disse nada. Ergueu-se, caminhou até a velha senhora e sapecou um beijo caprichado na bochecha gorducha da velhota. Dona Enrica sorriu cheia de orgulho e alegria.

– Massimo, você... você já serviu isso para seus clientes? – ela perguntou depois.

– Claro que não – ele sorriu, um pouco sem jeito. – Na verdade, você foi a primeira pessoa fora da família a provar a reserva especial Massimo Pastore –exclamou limpando o pó dos joelhos para disfarçar a importância do que havia dito.

Manu se desvencilhou de Dona Enrica que a enlaçava pela cintura e deu um longo abraço em Massimo. Quando se separaram, eles não disseram nada a princípio, ambos ensaiando uma forma de ir adiante sem parecerem rude.

– Dona Enrica... eu não sei bem como dizer isso sem parecer rude... – Massimo exclamou finalmente – Mas estamos famintos.

– Ai, meu Deus! – gritou a velhota. – Mas nem precisava ter dito nada. Vamos, vamos! Vão se lavar que a mesa já está posta!

O almoço, que tinha algo de jantar, uma vez que passava um pouco das quatro da tarde, foi servido na grande mesa da sala. Com direito a porcelana com detalhes dourados, copos de cristal e talheres de prata. Como Manu esperava, era deliciosamente italiano.

De entrada, salada de figos frescos com rúcula e *parmigiano reggiano* regada, claro, com aceto balsâmico. O primeiro prato, ravioli com um levíssimo e supreendentemente saboroso recheio de batata, puxado na manteiga com sálvia. O segundo, uma perna de cordeiro cozida no vinho,

acompanhada de cogumelos frescos. Pra arrematar, uma torta de ricota com textura de nuvem e sabor de paraíso. *Ah, a Itália*, Manu pensou respirando fundo antes de dar a última garfada no doce...

Capítulo 08

Manu voltou a observar Massimo dirigindo, seu passatempo predileto durante toda a viagem. Estava tudo diferente agora. Não apenas pela luz amarelada e oblíqua do fim do dia mas também porque o transporte havia mudado. A delicada Ferrari antiga ficara estacionada numa garagem perto da Trattoria Massimo Pastore. Agora eles viajam à bordo do Land Rover Defender azul-escuro, mais adequado às estradas de terra que levavam à vinha.

E enquanto sacolejava no ritmo das pedras e buracos, Manu admirou seu homem. O jeito que dirigia, as mãos firmes no volante grosso, o controle preciso do câmbio manual... Era tudo bem diferente de antes.

O charme e a sofisticação haviam sido substituídos por força e masculinidade. Curiosamente, Massimo parecia perfeitamente adequado aos dois veículos. Talvez porque ele fosse realmente assim. Um homem ao mesmo tempo simples e sofisticado, sensível e másculo, intenso e delicado, devasso e amoroso...

Quando percebeu que ela observava, Massimo olhou pra Manu daquele jeito como se pudesse adivinhar em que ela estava pensando. Sorriu um italiano número seis e meio, pousou a mão sobre a coxa dela, e começou um carinho suave e inocente. Durou pouco essa parte.

Ele logo foi subindo até parar bem perto no encontro da virilha. Manu sentiu o fogo aumentar e se abriu num sorriso langoroso. Ele esticou um pouco mais o braço, levando os dedos ao meio das pernas dela. Ela escorregou para frente no banco de couro para abrir caminho e, ainda por cima da calça, ele iniciou um movimento suave de vaivém.

Manu se encharcou de vontade. E fechou os olhos, deixando-se levar, o carinho dos dedos, os solavancos do 4X4 fazendo seus peitos pularem doloridos, o ar quente do fim da tarde entrando pela janela aberta... A liberdade plena enchendo seu peito de uma alegria tranquila e intensa.

– Chegamos, senhorita Carmona! – Massimo disse interrompendo o carinho para puxar freio de mão.

Manu fechou as pernas com força para tentar contar a excitação e abriu preguiçosamente os olhos. Então tudo mudou... Não apenas a noite que os esperava mas o restante dos dias na Itália, os meses que viriam, e a própria essência do relacionamento deles. Nada mais seria como antes. Manu, claro, não sabia disso ainda. Mas, diante da expressão de susto e preocupação que dominara o rosto de Massimo, já dava pra perceber que algo de muito errado tinha acontecido.

Ela o encarou por um tempo, tentando entender, depois se voltou para frente e, pelo para-brisa, avistou o homem parado em pé, do lado de fora, segurando o chapéu de palha na mão. Tinha a

cabeça baixa, os olhos vermelhos e o rosto transtornado de alguém que havia experimentado uma grande desgraça.

Massimo desceu do carro no ato e bateu a porta de alumínio do jipe. Manu o imitou, dando a volta para presenciar o encontro dos dois.

– Giuseppe, meu velho, o que houve? – Massimo perguntou em italiano, pousando a mão sobre o ombro curvado do caseiro que, desde a infância, havia sido como um pai para ele.

O homem não conseguiu responder. Não conseguiu sequer encarar o patrão nos olhos. Apenas se virou e caminhou, cada passo, lento e pesado, mostrando toda a desolação que o acompanhava. Massimo segurou a mão de Manu e a puxou para avançarem ao lado do velho. Ao redor, a luz daquele momento único que separa o dia da noite deixava tudo com um clima de irrealidade. Ela se sentia como se tivessem ido parar no cenário de um filme ou peça de teatro.

Eles avançaram em silêncio até um grande celeiro de madeira, que ficava uns duzentos metros além da casa principal. O portão estava aberto e eles entraram. Havia ferramentas penduradas, celas e outros equipamentos, que Manu reconhecia como ligados ao mundo dos cavalos, sem saber exatamente do que se tratavam. Tudo era iluminado por lâmpadas amareladas nuas, que pendiam do teto alto.

Enquanto caminhava, pisando sobre o feno que forrava o chão, avançando ao lado de Massimo pelas várias baias vazias, Manu sentiu o coração apertar. Ainda não sabia exatamente o que a esperava, o que esperava seu amor, mas tinha certeza de que era algo terrível. O aroma de morte e destruição estava presente no ar e os cercava como uma tempestade de sombras.

Antes de chegar à última baia, que tinha a porta gradeada de madeira aberta, Manu parou de andar. Previu o que os esperava lá, e, por algum motivo que não sabia precisar, achou que não tinha direito de acompanhar Massimo. Achou que, ao menos num primeiro momento, ele deveria lidar com aquilo sozinho.

Giuseppe aparentemente achava o mesmo e parou ao lado dela. Massimo parecia não enxergar mais nada à volta. Completamente concentrado em se preparar para receber o baque do destino, seguiu avançando, passo a passo. Seguiu firme e decidido, pronto para encarar o que havia sido reservado para ele.

Quando chegou diante da baia ele parou por um tempo e observou o que quer que houvesse ali dentro. O que veio depois foi como uma punhalada no coração de Manu. Mesmo com todos os indícios de desgraça, mesmo diante do rosto transtornado do caseiro, da atmosfera macabra lá de dentro, mesmo assim, ela não havia se preparado para a reação de seu amor.

Primeiro ele ficou um tempo ali, parado, atônito, sem fazer ou dizer coisa alguma. Depois simplesmente desabou. O homem mais forte e poderoso que Manu já tinha conhecido desabou diante

dela. Caiu sobre os joelhos primeiro, depois se curvou para a frente até tocar o chão com a testa, enquanto envolvia a cabeça com as mãos. Era como se quisesse, a todo custo, arrancar aquela realidade de dentro de sua mente.

Manu não pode mais ficar afastada. Correu para junto dele e também se ajoelhou, envolvendo-o com os braços, tentando de alguma forma reconfortá-lo. Ficou assim por um tempo, passando as mãos nas costas musculosas que, para seu total desespero, estremeciam como se... como se Massimo Pastore chorasse copiosamente.

Ela ficou ali, tentando acalmá-lo, tentando reconfortá-lo, tentando mostrar que, mesmo diante da maior das catástrofes, ela estava ali, eles estavam juntos.... Ficou assim um tempo até que tomou coragem, ergueu o rosto e se virou para olhar o que de tão terrível, afinal, havia naquela maldita baía. Era pior do que ela pensava.

Deitado no chão, completamente inerte, estava o corpo do que havia sido um lindo e poderoso purossangue cor de caramelo. *Meu Deus, meu Deus, Tornado!*, ela pensou finalmente entendendo a dor que tomara conta de Massimo. O corpo daquele animal, tão grande, tão imponente, tão vigoroso, deitado ali sem vida, já era suficientemente chocante. Mas era apenas uma parte.

A cena deixava claro que Tornado não havia sofrido uma morte natural. Longe disso. Um pouco abaixo de seu pescoço, encravado no emaranhado de músculos, despontava o cabo preto do que Manu acreditou ser um punhal ou uma faca dessas que se vê em filmes de guerra. O chão ao redor do cavalo estava completamente tomado por uma enorme poça de sangue vermelho-escuro, quase preto. Na parede de madeira do fundo havia uma mensagem, grafada aparentemente com o mesmo sangue:

“VOCÊ DESTRÓI O QUE É MEU, EU DESTRUO O QUE É SEU”

Massimo continuou assim, curvado sobre si mesmo por um longo tempo. Manu seguiu ajoelhada ao seu lado, fazendo um carinho suave nas costas e nos cabelos, até que ele levantou de um salto. Sem dizer nada disparou para a entrada do celeiro, colocou o indicador e o polegar na boca e deu um longo assobio. Nada. A única resposta era um silêncio profundo e desolador.

– Feliiiiini! – ele gritou o mais alto que podia, fazendo saltarem as veias do pescoço e da testa.

Meu Deus, meu Deus, pensava Manu, imaginando a dor de Massimo na hipótese aterradora de que seu cão, o grande labrador negro de quem falava como se fosse um melhor amigo, houvesse tido o mesmo destino de seu cavalo. Massimo assobiou novamente, depois voltou a gritar:

– Feliiiiiniiii!

Nada. Apenas silêncio e noite. Massimo assobiou pela terceira vez e esperou. Manu sentiu

um nó lhe subir pela garganta e logo se materializar em lágrimas gordas. *Meu Deus, meu Deus, mataram esses pobres animais, mataram os animais que ele tanto ama*, Manu pensou ainda sem ter coragem de fazer a ligação. Ainda sem ter a ousadia mental de chegar ao autor do crime, que automaticamente levaria à outras conclusões tão terríveis. A conclusões que chegariam a ela, que a colocariam como... Não, não. Melhor não pensar. Melhor apenas sentir. Apenas partilhar a dor.

Massimo assobiou outra vez, agora caminhando com passos trôpegos na direção da casa principal. Novamente, a resposta foi o silêncio sepulcral da noite. Então, finalmente, algo a mais. No começo, a prudência fez com que os três, Manu, Massimo e Giuseppe, apenas apurassem os ouvidos. Era muito baixo e muito distante para iniciarem a comemoração. Depois, novamente. Dois latidos, agora mais claros, mais próximos.

– Feliiiiini! – Massimo voltou a gritar e se agachou para receber o labrador negro, que subitamente emergiu das trevas com seu característico sorriso de cansaço.

– Felini, Felini, seu cão esperto e corajoso – Massimo murmurou em italiano enquanto passava a mão por todo o corpo do bicho, num carinho que também servia como uma forma de verificar se havia algum ferimento. Aparentemente não havia. Felini abanou o rabo, feliz por ver o dono, mas claramente nervoso, alternando latidos com choramingos caninos.

– Vamos! – Massimo ordenou se erguendo. – Todos para a casa principal. Giuseppe, chame Paola! Não quero ninguém sozinho na vinha hoje à noite – ordenou andando depressa.

Giuseppe se afastou caminhando o mais rápido que sua idade permitia, enquanto Massimo puxava Manuela pelas mãos até a casa principal. Ela teve de correr para acompanhar os passos decididos dele.

Assim que entraram, Massimo apanhou a cartucheira de dois canos de trás da cristaleira, conferiu para ver se estava carregada e a colocou sobre a grande mesa de madeira encerada. Ao redor, a vinha ia se iluminando com lâmpadas e holofotes, que raramente eram todas acesas ao mesmo tempo.

Manu se sentou em silêncio, apreensiva, cheia de vontade de ajudar, mas sem saber o que fazer. Massimo se sentou na cabeceira, diante da espingarda, e passou a meia hora seguinte disparando ligações.

Primeiro para Anita, sua secretária em Modena. Depois para o chefe de polícia, aparentemente um bom amigo. Em seguida para um sem número de pessoas, em toda a província. Do prefeito ao governador, passando por amigos, empresários, fornecedores e qualquer um que pudesse ter notado algo de estranho.

Os telefonemas começavam sempre da mesma forma direta e sem rodeios. Massimo explicava o ocorrido. Depois explicava que estavam em busca de um pau-mandado, um capanga,

provavelmente estrangeiro, com grandes chances de ser do Brasil. Estavam em busca de um paumandado, porque o mandante do crime, o real inimigo de Massimo, nunca se arriscaria. Numa arriscaria sua preciosa fortuna para executar a vingança com as próprias mãos.

Quando Massimo finalmente largou o iPhone sobre a mesa e jogou pesadamente as costas contra a cadeira de madeira, passava das onze da noite. Nesse meio tempo, Manu, com a ajuda de Paola, havia preparado sanduíches de pão de centeio com copa e uma pasta de queijos e ervas frescas.

Apenas ela e Massimo permaneciam despertos. Giuseppe dormia sentado na varanda. Tinha o cachimbo pendendo no canto da boca e a mão sobre a barriga, empunhando um velho revólver trinta e dois cromado, que parecia saído de um filme de faroeste. Paola desabara sobre a mesa da cozinha, depois de lavar toda a louça e guardar os pratos. Até Felini, o fiel cão de guarda, dormitava tranquilo aos pés de seu dono, sobre o pequeno tapete de palha que havia se tornado sua cama habitual.

Depois de finalmente se separar do telefone, Massimo apoiou os cotovelos sobre a mesa e esfregou ambos os olhos com as palmas das mãos, como se quisesse espantar o cansaço ou apagar as memórias. Manu, que o observava da cadeira ao lado, levantou-se sentindo o corpo dolorido de cansaço, deu a volta e o envolveu num abraço terno e reconfortante.

Ele puxou a cadeira pra trás abrindo espaço para que ela sentasse em seu colo. Manu se acomodou e Massimo recostou a cabeça em busca de alento. Ela passou algum tempo fazendo um cafuné delicado, até que ele respirou fundo e se ergueu, voltando-se para ela. Manu o encarou preocupada, sabendo que alguma decisão séria e profunda havia sido tomada.

– Nós precisamos destruí-lo – Massimo exclamou com a voz cheia de gravidade. – Nós precisamos destruí-lo antes que ele nos destrua.

– Massimo... – Manu começou sem saber exatamente o que poderia dizer diante daquela frase. Daquela afirmação que soava como uma verdade inquestionável. Massimo a interrompeu, ainda mais sério e impenetrável:

– Nós precisamos destruir Sean Batista – concluiu.

Manu sentiu o coração disparar. Ele finalmente dava um nome ao causador da desgraça que se abatera sobre eles. Um nome que estava intimamente ligado a ela. Não havia como negar que Sean se tornara um inimigo apenas porque Massimo resolvera defendê-la de uma série de pequenos insultos por parte do bilionário. Mas a apreensão de Manu ia além, claro que ia. Afinal, a tarefa de *destruir* o segundo homem mais rico do Brasil não era assim, das mais fáceis e corriqueiras.

Capítulo 09

A onda de calor que tomara conta da capital paulista fez com que todo mundo quisesse ir pra rua e, pouco antes da uma da manhã, o sábado fervilhava no bairro boêmio da Vila Madalena. No restaurante Carmona a noite havia sido uma correria daquelas, com direito a filas de espera na porta – o que, diga-se de passagem, não era nada fora do comum para os últimos meses.

A fama do pequeno restaurante tinha sido potencializada pela vitória do *Top Cuisine* e pela novela Manuela Carmona vs. Massimo Pastore. E, nenhuma novidade aqui também, o bar de Cherry Paula passara o tempo inteiro cercado por aquele enxame de clientes famintos (não só de comida mas também de bebida, de diversão, de amor).

Agora, uma hora após o fechamento da cozinha, a coisa estava mais calma. Havia duas mesas ocupadas por casais no característico ritual de conquista. A bartender nem precisava erguer a cabeça para saber o que estava acontecendo. Todos ligeiramente bêbados, eles lançando as últimas cartadas para parecerem inteligentes, ricos e seguros; elas se fazendo de sexys e difíceis. Todo mundo curioso para saber como seria o fim da noite, apreensivo e louco de vontade de se arrancar as roupas e se devorar de uma vez.

Ah!, havia sido uma longa semana. E naquele instante a vontade de Paula era de subir no balcão, mandar eles todos deixarem de frescura e se agarrarem de uma vez para que ela finalmente tivesse o luxo de uma boa noite de sono. Mas claro que essa não era uma alternativa. Estava no ambiente refinado de um dos melhores restaurantes do mundo, afinal...

Nessa horas, tinha saudade dos tempos de bar. Uma época em que poderia muito bem falar o que viesse na telha, ou simplesmente mandar todo mundo embora depois de uma dose de qualquer bebida forte, doce e de preferência barata.

A saudade ficou ainda mais forte quando, com o canto do olho, ela percebeu a porta de vidro e madeira se abrindo. Ah, que vontade de dizer simplesmente “estamos fechados”, frase que, nas noites mais tensas, vinha acompanhada do bastão de beisebol sendo delicadamente depositado sobre o balcão.

Ali não. Ali teria de sorrir, de pedir mil desculpas, de fazer milhares de medidas para explicar que a porra da cozinha já tinha fechado havia mais de um caralho de hora! Paulinha manteve a calma. Respirou fundo e ergueu o rosto trajando seu melhor sorriso. Um sorriso que não tinha nada de real, que saiu duro e forçado, mas permaneceu assim por um instante apenas.

Porque no momento exato em que os olhos verdes da bartender toparam com a jovem descabelada, parada ali na frente, com seu jeito tímido de menina do interior, as coisas mudaram

totalmente de figura. Não havia mais cansaço, não havia mais saudade do bar, não havia mais vontade de sair dali para dormir até o fim dos tempos. Havia só a mais genuína felicidade, daquela que só o reencontro com uma pessoa tão amada pode proporcionar.

– Puta que pariu, Manuela Carmona, sua desgraçada sumida! – Paula gritou largando o pano sobre o balcão, dando a volta e correndo para apertar a amiga num longo e caloroso abraço.

– Puta que pariu, que saudade de você! – Paula repetiu se afastando para encarar a amiga nos olhos.

– Ai, Paulinha, foram só duas semanas!

– Duas semanas?! Você sabe o que são duas semanas sem você aqui nesse restaurante?! E quando foi a última vez que a gente passou duas semanas sem se ver?

– Bem... – Manu tentou lembrar, mas não conseguiu.

– Nossa, que surpresa boa, Manuelita! – Paula disse sorrindo com o rosto brilhando de felicidade.

– Eu... – Manu ia dizer alguma coisa, mas Paula interrompeu.

– A gente, eu, eu estava morrendo de saudade, sua ordinária!

– Ai, Paulinha....

– É verdade! Não é só pelo tempo – Paula exclamou encarando-a fundo nos olhos, depois ficando mais séria, um pouco melancólica até... – Sabe... isso aqui não é a mesma coisa sem você...

Manu respirou fundo, sentindo os olhos encherem d'água.

– Eu também... Eu também estava morrendo de saudade, Paulinha – disse em voz baixa, enquanto a amiga caminhava com sua saia de couro justa até o bar.

– Sei – a bartender respondeu cheia de ironia, enquanto posicionava a coqueteleira e as garrafas de gim e de vermute branco. – Imagino mesmo... Deve ter morriiiiido de saudade, lá na Itália, com o gostosão do Massimo Pastore, indo aos melhores restaurantes, andando de conversível.

– Eu... – Manu tentou interromper, mas Paula foi adiante:

– Aposto que teve conversível. Teve um conversível, não teve um conversível?

– Bem...

– O quê? Que modelo? Me diz?

– Ai, Paulinhaaaaa!

– Vai, Manuela Carmona. Estou em pé há dezesseis horas. Me dá alguma coisa pra me divertir, vai?

– Tá bem... Teve um conversível...

– Sabia! Mas eu tinha cer-te-za! Que marca? Que modelo?

Manu sorriu provocando a amiga com um jeito de sapeca que não combinava muito com ela.

– Me conta, sua canalha. Me conta, se não eu jogo seu dry martini pelo ralo!

– Bem... era uma Ferrari – Manu exclamou se dando por vencida – Uma Ferrari conversível antiga, dessas coisas de colecionador, linda de morrer.

– Puta que pariu! – Paula retrucou deslizando o copo sobre o balcão na direção da amiga. – Esse italiano realmente sabe das coisas, vou te contar, viu?

– É... ele sabe... – Manu disse com alguma melancolia, dando um gole no líquido gelado, cheio de perfumes complexos e misteriosos.

– Mas me conta? Me conta mais, me conta tudo? – Paula foi adiante, animada.

Manu respirou fundo, sem saber muito bem como prosseguir. A amiga, ali, à espera de um relato de lua de mel padrão conto de fadas e ela querendo tratar de um assunto totalmente diverso. Um assunto sério, delicado, triste e perigoso...

A solução foi começar oferecendo o que Paula esperava. Ela contou da chegada, da viagem no carro raro da família, do aceto Massimo Pastore. Contou de todas essas amenidades, tentando, da melhor forma possível, parecer minimamente feliz e empolgada.

Mas, enquanto contava, sabia que não estava tendo lá muito sucesso. Conhecia a amiga e sabia que não seria capaz de convencer ninguém com aquele rascunho de “redação das minhas férias” padrão quinta série. Quando contou da transa à beira da estrada e não foi bombardeada com a sequência característica de perguntas indecentes, sabia que sua tentativa havia fracassado por completo. Dito e feito.

A bartender esperou Manu terminar de contar e ficou um tempo em silêncio, apenas encarando a *chef* com um ar sério. Depois, ainda sem dizer nada, preparou mais dois martinis. Colocou um diante da amiga, deu um gole no outro e suspirou profundamente:

– Está bem, Manuelita, agora me conta. O que houve? Por que você está assim? O que aquele italiano desgraçado aprontou com você?!

Manu tentou fugir do olhar inquisidor da amiga. Deu um gole no drinque para ver se algo a distraía, se algo impedia aquelas emoções todas de explodirem feito um vulcão no Pacífico.

– Manuelita, sou eu, sua amiga-irmã, pode me contar o que for – Paula insistiu examinando-a com um olhar de raio-X.

Manu levantou o rosto para encarar a amiga, tragou uma porção caprichada de ar e tentou ir adiante:

– Paulinha, eu.... eu... eu estou morrendo de medo, Paulinha – exclamou por fim, e já não foi mais capaz de controlar as lágrimas que rolaram gordas e descontroladas.

Cherry Paula não esperava por aquilo. Mesmo conhecendo Manu como conhecia, não esperava que a coisa fosse tão grave. Ficou um tempo sem resposta, sem ação, depois deu a volta no

balcão e a abraçou. A envolveu com os braços torneados e deixou que Manu chorasse de soluçar, metida no refúgio de sempre, bem no meio do decote provocante e perfumado de sua melhor amiga.

– Ai, Paulinha, me desculpa, me desculpa... – exclamou se erguendo e fungando o nariz. – É sempre a mesma coisa, né? Eu sempre faço as merdas e acabo aqui, te azucrinando com os meus problemas....

– Para, Manu! Você sabe que eu vou sempre estar aqui por você. E não é verdade que foi sempre assim. Eu nem preciso te lembrar das vezes em que era eu despencada em cima de você, né?

Manu ficou em silêncio. Realmente, não tinham sido poucas as ocasiões em que ela tinha recolhido Cherry Paula da sarjeta. Algumas, literalmente.

– Me conta, o que houve? – Paula perguntou novamente, sentando-se no banco alto ao lado da amiga.

Manuela limpou as lágrimas, deu mais um gole no martini, respirou fundo para tomar coragem e foi adiante. Contou, com precisão de detalhes, sobre a noite da chegada e sobre o assassinato de Tornado. Paula ouviu a tudo sem piscar, tentando entender exatamente o que aquilo significava.

– Vocês acham que foi o... – perguntou sem dizer o nome, como se pudesse atrair azar ou alguma maldição.

– O Massimo... Eu... Sim. Sim, achamos, Paulinha. Na verdade, não existe outra hipótese. O Massimo me escolheu em vez dele como sócia, depois o humilhou publicamente e, de quebra, destruiu um carro de meio milhão de reais...

– É... – Paula exclamou suspirando. – Não me admiro que o homem esteja ligeiramente possesso.

– É, mas vamos lembrar que foi ele que começou essa rixa idiota. Ele que me insultou na casa de praia, depois atacou Massimo que tinha saído em minha defesa. Ele que me mandou as fotos do Massimo com aquela lambisgoia de Hollywood e depois apareceu no *Top Cuisine* pra tentar estragar a festa. É ele que continua obcecado com a gente, tentando a todo custo comprar o Carmona, ameaçando demolir o quarteirão inteiro pra acabar com a gente! Foi ele. Foi o filho da puta do Sean Batista que começou essa guerra infeliz que só faz aumentar! – Manu exclamou com o rosto vermelho de fúria.

– Hei, calma aí, Manuelita eu sou do time aliado, lembra? – Paula exclamou colocando de leve a mão sobre a da amiga.

– Desculpa, Paulinha... É claro que eu lembro... É que eu não sei mais... Eu não... Eu não sei mais aonde isso vai terminar. E... E eu estou com medo...

– Calma – Paula exclamou esfregando a mão da amiga. – Me conta melhor. Vocês passaram

o começo da noite em vigília e aí, o que aconteceu depois?

Manu bufou, tomou o resto do drinque de um gole só e tirou o cabelo do rosto.

– Bom, no dia seguinte eu fiquei dando uma de dona de casa, felizmente com a ajuda da Paola. A Paola é a filha do caseiro, que é meio como um pai para o Massimo. Na verdade, parece que todo mundo em Modena é meio como um pai, ou como uma mãe, ou como uma tia para aquele homem. Mas, enfim... A gente ficou servindo limonadas, licores, sucos e sanduíches. E docinhos e cafezinhos para um sem número de autoridades que vieram prestar as condolências.

– Meu Deus, parece o enterro do Papa! – Paula exclamou dando a volta para preparar o terceiro drinque da noite.

– Nem me fale! Quer dizer, eu adoro os animais, e entendo a comoção, mas nunca vi nada igual àquilo. Claro que tinha a coisa toda da invasão e no fim o próprio Massimo, o filho mais ilustre de Modena, estava sendo ameaçado. Mas aquilo tudo, nossa, foi um certo exagero.

– Mas quem apareceu por lá, afinal? O delegado? Algum vereador?....

– Putz, o delegado com uma equipe inteira de investigação. Uns homens todos paramentados, vestidos com umas roupas brancas que cobriam o corpo inteiro, e que reviraram a vinha de alto abaixo... Depois o prefeito, o governador, uma montanha de políticos, donos de restaurante, fornecedores, fazendeiros... Nossa, uma infinidade de gente mesmo.

– Nossa, que loucura Manuelita!

– Nem me fale... E eu lá, dando uma de senhora Pastore, lançando meu italiano de novela das nove e me desdobrando pra servir limonada e sanduichinhos pra essa montanha de desconhecidos.

Paula riu e colocou mais dois martinis sobre o balcão. Manu olhou para o copo e colocou a mão na testa.

– Ai, Paulinha, não sei se eu devia beber tanto assim, as coisas estão um pouco...

– Para com isso, amiga, gim é o melhor dos remédios. Me conta, e aí? O que aconteceu quando essa gente toda foi embora?

– Bem... Foi... Foi estranho, Paulinha...

– Hum...

– Sabe? Era pra ser... Era pra ser uma espécie de lua de mel, sabe? – Manu exclamou e teve de parar porque seus olhos se encheram de lágrima outra vez, e ela não queria cair no choro de novo.

– Calma, Manuelita, você ainda pode casar e ter uma lua de mel de verdade – Cherry Paula disse com voz suave. Depois emendou, como se murmurasse para si mesmo – se é que você quer mesmo viver um treco desses...

Manu respirou fundo e continuou, sem dar atenção à última parte do comentário.

– Enfim... Era pra gente estar feliz, junto e em paz, como um casal normal. Pela primeira vez no nosso relacionamento-relâmpago não tinha nada no meio, sabe? Não tinha nenhuma mentira, nada pra nos segurar, nada pra impedir minha felicidade e... – Manu teve de fazer outra pausa para segurar o choro antes de ir adiante.

– E eu nunca tinha estado tão feliz, Paulinha. Nunca tinha me sentido tão livre quanto naquelas horas que passaram voando. Naquelas horas que separaram meu desembarque da descoberta do corpo do pobre do Tornado...

– Mas Manu, isso vai passar, dá um tempo pras coisas – Paula disse, sem conseguir evitar que seus olhos verdes também se enchessem de lágrima pela tristeza da amiga.

– Não sei, não, Paulinha...

– Como não sabe? Não sabe por quê?

– Não sei porque a culpa é minha, Paulinha. O problema, no fundo, é que a culpa é minha! Esse é o problema! – Manu retrucou agora com alguma fúria no semblante.

– Para, Manuela Carmona! Não me vem com esse papo furado! O Massimo que estava envolvido com o imbecil do Sean Batista. Foi ele que trouxe esse bandido mau caráter pras nossas vidas! Depois foi ele que quis dar uma de machão e sair no braço com o homem mais rico da porra desse país!

– Segundo.

– O quê?

– Sean Batista é o *segundo* homem mais rico do país – Manu exclamou em voz baixa.

– Enfim, não importa! Você me entendeu. Dessa vez, se alguém tem culpa no cartório, é o senhor fodástico rei do universo Massimo Pastore. E ponto final! E não se fala mais nisso! E não me deixa nervosa! – Cherry Paula concluiu, dando um gole no martini.

– É... – Manu disse sem saber o que dizer. Desde que aquela confusão toda começara, ela sempre se colocara no papel de culpada.

– Espera. Um minutinho! – Paula interrompeu a conversa. Pegou o celular de cima do balcão, digitou algo, apagou a tela e voltou a encarar a amiga.

– Pronto. Sorry. Mas é isso mesmo, Manuela Carmona – exclamou voltando a se colocar mais séria do que o normal. – Para de achar que a culpa é sua, que você faz tudo errado! Para de achar que todos os problemas do universo são obra sua! Meu Deus, que estrago fez aquela jararaca da Aurea Carmona, hein, amiga!?

Manu ficou em silêncio, sem palavras, encarando a amiga com os grandes olhos azuis arregalados diante daquele chacoalhão tão merecido.

– Coloca o seguinte nessa sua cabecinha de vento, Manuelita – Paula continuou. – O cara te

ama. Você ama o cara. Agora vocês são um casal. São como uma rocha, como uma ilha. O mundo pode tentar invadir isso que vocês têm, mas vocês não vão deixar, entendeu?

– En... entendi – Manu balbuciou, atônita e obediente.

– Vocês não vão deixar porque são mais fortes juntos. Porque se amam. E vão continuar se amando, mesmo quando o mundo vier pra cima de vocês feito uma marreta de dez quilos! Você... Vocês têm algo precioso. Algo que a maioria das pessoas nunca vai ter. Então deixa de ser besta e aproveita, sua canalha!

– Está bem – Manu respondeu com aquele jeito de criança que se punha quando levava um puxão de orelhas.

– E se coloca no seu lugar. Que é um lugar de mulher forte, independente. Porque às vezes, provavelmente na maior parte das vezes, ele vai ser a rocha de vocês, vai ser a proteção. Mas outras vezes não. Outras vezes vai ser você, Manuela Carmona!

Manu continuou concordando, encarando a amiga. Ela sempre se surpreendia como, por trás daquelas tatuagens, daquele corpo escultural de modelo-rato-de-academia, havia uma pessoa tão sábia e serena.

– Bom, agora que terminamos a parte do chororô, me conta o resto? O que aconteceu nas duas semanas depois da morte do bicho?

– Bom, basicamente a gente fez tudo o que faria se o Tornado não tivesse sido morto.

– Hum – Cherry Paula fez encarando a amiga com os deslumbrantes olhos verdes brilhando por baixo da franja avermelhada.

– Massimo me mostrou a vinha, me levou pra conhecer alguns produtores da região. O de parmesão, nossa, que incrível, Paulitcha... Uns queijos gigantesco, de uns cinquenta quilos, e ele abriu um na nossa frente e tirava aquelas lascas... Nossa, que delícia!

Paula já havia terminado o terceiro martini e brincava de passar o palito com as azeitonas nos lábios, como nos velhos tempos do Cherry Paula. Manu deu mais um gole e foi adiante.

– Ele cozinhou pra mim, me levou pra jantar na Trattoria Massimo Pastore, me levou pra jantar em vários outros restaurantes, aquelas coisas rústicas, genuínas e deliciosas que só a Itália tem, sabe?...

– Bem, Manuelita, não está me parecendo nada ruim essa sua lua de mel informal...

– É, bem... Eu tô deixando de fora uma parte.

– Tipo?

– Bom, por exemplo, ele não saía mais de casa sem a bendita escopeta de dois canos... E em todos os lugares a que a gente foi, tinha dois capangas armados, nunca a menos de dez metros de distância...

– É... o nível de romance caiu um pouco... – Paula exclamou, finalmente mastigando as azeitonas. – E o sexo?

Capítulo 10

Manu ficou um tempo em silêncio tentando se recuperar. Tentando achar uma resposta satisfatória para a pergunta direta e indecente de Cherry Paula, enquanto seu rosto a denunciava corando de vergonha.

– Quer dizer, além da transa da Ferrari, que deve ter sido quente que só – Paula completou.

– Ai, Cherry Paula, Cherry Paula... – Manu exclamou tentando desconversar.

Tentando fingir que aquilo era uma pergunta descabida da amiga tarada. Tentando fingir que a resposta não tinha importância quando, no fundo, tinha, sim, muita importância.

– Bom, amiga, mataram o garanhão dele, né? – Paula insistiu. – Não tem nada mais freudiano do que isso. Por outro lado, se ele não ficou brocha depois dessa, não fica mais.

– Paulinhaaaaa!!!

– Desculpa. Muito cedo pra piadas, né? – Paula disse e as duas ficaram um tempo em silêncio. Depois, não contente com a indiscrição, ela foi adiante:

– Ele ficou brocha?

– Nããããããoooooooo! Que horror, Paulinha!

– Ufa, ia ser um desperdício... Um homem daqueles...

– Meu Deus, Cherry Paula, quer parar?

– Desculpe, são os martinis falando. Vou me comportar. Prometo.

Manu respirou fundo. O álcool estava fazendo efeito nela também. Uma dormência agradável se espalhava pelo seu corpo. Um formigamento que tinha algo de vontade, que espalhava uma ausência, uma saudade que recobria sua pele...

Então, de uma hora pra outra, ela estava ardendo em fogo alto. Estava precisando de mais, precisando de um carinho, precisando do carinho dele, precisando de Massimo Pastore. Mas do Massimo Pastore de antes...

– Ele... Ele não ficou brocha... – Manu exclamou deixando algo em suspenso.

Paula se aprumou no banco alto, sentindo que a coisa era mais delicada do que ela pensava.

– Mas? – perguntou agora apreensiva e séria.

Manu bebeu o resto do martini, comeu as três azeitonas de uma vez e deu um longo suspiro.

– Mas... Ai, é complicado, amiga...

– Não. Não é, não – Paula retrucou com aquela lógica infernal que ela tinha quando se tratava de assuntos íntimos. – Quantas vezes vocês transaram?

– Hum... umas quatro, cinco?

– Em?

– Dez dias.

– É, não é das melhores marcas, mas...

– Mas não é isso, Paulinha – Manu interrompeu antes de ouvir algum recorde imbatível da *bartender*. – Não é uma questão de quantidade!

– Não, claro que não. Esse era só o começo da minha avaliação – Paula respondeu e quis ir adiante, mas Manu a interrompeu outra vez.

– Foi... Foi estranho, Paulinha...

– Hum, estranho por quê?

– Não sei... Era sempre no fim da noite. Sempre depois de a gente ter bebido muito. E ele... Ele foi intenso, sabe?

– Hummm, a gente gosta de intensidade, não? – Paula respondeu assumindo um ar menos sério e mais sapeca.

– É... mas foi distante.. Um pouco frio, um pouco... quase rude, sabe? Como se ele não estivesse mesmo ali? Ou como se o sexo fosse uma forma de, sei lá, extravasar a raiva?...

– Bem, minha cara, com meus conhecimentos profundos da psicologia masculina posso dizer que faz todo sentido. Ele está compensando o garanhão morto com o pau dele, amiga!

– Mas o Massimo... Ele... Ele é o homem mais incrível do mundo. Ele não precisa compensar nada!

– Vai por mim, Manuelita! Às vezes, mesmo os homens mais incríveis do mundo se esquecem de que são os homens mais incríveis do mundo.

Paula ia continuar sua análise, mas foi interrompida pelo celular que brilhou ao lado do grande balde de metal dourando, usado para gelar os vinhos e espumantes.

– Rá! – exclamou sorrindo com o rosto iluminado pela luz azulada do iPhone.

– O quê?

– O Elfo...

– Ai, Paulinha, não me diz que vocês...

– Shhhhh – Paula fez colocando o indicador sobre os lábios de Manu.

Depois digitou mais alguma coisa e esperou. Sorriu quando viu a resposta e, sem dizer nada, largou o celular sobre o balcão de madeira encerada. E sorriu mais, agora na direção da amiga.

– Quê? O que foi, Paulinha?!

– Amanhã, nove da noite, na casa dele.

– Hein? Como assim? Por quê?

– Ah, leva o Massimo!

– Mas, aí que coisa! Quer me explicar, Paulinhaaaa?

– Bem, enquanto a gente conversava, eu mandei uma mensagem pro Elfo. Uma mensagem, enfim, dizendo que estamos tendo certos problemas com o tal Sean Batista...

– Meu Deus, Paulinha!

– Sorry. Mas o Elfo... Enfim, o Elfo conhece pessoas... conhece caras que conhecem caras, sabe? – Paula continuou tentando organizar os pensamentos embaralhados pelos quatro martinis.

– Mas o quê? O que a gente vai fazer na casa dele? Pra quê? O que ele sabe do Sean “Nojento” Batista?

– Bem, eu... Eu não faço ideia, Manuelita. Ele só disse que pode ajudar. E pra gente passar lá. Enfim, você conhece o Elfo...

– Sim, conheço, sim, Dona Cherry Paula! – Manu respondeu fuzilando a amiga com o olhar.

Paula sorriu com seu sorriso safado característico e, antes que amiga dissesse qualquer coisa, retomou o assunto.

– É simples, Manuelita.

– O quê?

– O sexo.

– Ai, Paulinha!

– Nada de ai Paulinha! Me escuta, que de sexo e de homem em crise eu entendo.

Manu suspirou e, sem mais opções, escutou.

– Ele está abalado. Está sofrendo e está diante de outro homem. Outro homem poderoso, talvez mais poderoso do que ele, entende?

– Hum.

– Ele está, de certa forma, e acho que sem perceber, tentando se autoafirmar no sexo.

– Mas meu Deus! – Manu exclamou erguendo os braços. – O sexo com Massimo é o melhor do mundo!

– Eu sei. E ele deve saber também. Mas as coisas não são assim, tão preto no branco. E a autoafirmação não tem a ver com prazer, amiga. Tem a ver com masculinidade, entende?

– Hum... Talvez?

– Tudo bem, talvez é suficiente. Agora só faça o que eu digo.

– Hum... – Manu apoiou os cotovelos no balcão, o queixo sobre as mãos fechadas e tratou de escutar a amiga.

– Você tem de puxar pro lado oposto.

– Lado oposto?

– É.

– Dá pra explicar um pouquinho melhor, Paulinha? Eu tomei um caminhão de gin...

– Quando ele vier com força, transbordando aquela masculinidade toda, você tem de oferecer o contrário. Na verdade, o melhor seria você tomar a iniciativa. Mas tem de ser uma iniciativa muito delicada. Muito doce e feminina, sabe? Tem de combater a raiva, a insegurança e a bruteza dele com suavidade, com carinho e com amor.

– Bem, eu acho que posso fazer isso.. – Manu respondeu sentindo que se molhava só de pensar na possibilidade.

– Sim, eu acho que você pode – Paula disse se levantando para dar um abraço apertado na amiga.

– Você... – Manu exclamou procurando as palavras.

– Diz, Manuelita?

– Você tá de moto? – ela perguntou sorrindo com jeito de sapeca.

– Yessss! – Paula respondeu sorrindo e abraçando novamente a amiga.

Capítulo 11

Paula montou primeiro na Shadow preta, pintura fosca, com as duas cerejas características no tanque de gasolina. Manu ajustou o capacete, subiu na garupa e enlaçou a cintura, colando bem o corpo no dela.

– Para onde? – Paula perguntou brincando.

– Hotel Fasano, por favor – Manu respondeu entrando na brincadeira.

– Sim, senhora – disse Paula e apertou o botão de ignição.

O ronco ecoou grave. Ela acelerou duas vezes e arrancou devagar, deslizando na noite vazia. Passava das três da manhã e todos dormiam na Vila Madalena. Manu sentiu o vento fresco da noite lhe arrepiando os pelos do braço. Ali, agarrada à sua melhor amiga, a trepidação do motor potente entre as pernas, a noite aberta e oferecida... Aquilo tudo fez com que ela voltasse a sentir, voltasse a experimentar um pouco da liberdade que experimentara no avião, antes de aterrissar em Roma.

Paula virou a esquerda na avenida Rebouças e acelerou mais, o motor estraçalhando o silêncio, o vento mais frio e mais forte, a liberdade crescendo. Em vez de fazer o caminho mais curto, entrando na alameda Santos, ela seguiu adiante, até a avenida Paulista.

A avenida mais famosa de São Paulo estava completamente deserta e iluminada, com seus prédios envidraçados à espera do dia seguinte. Paula acelerou mais, ocupando a pista central, como se estivessem num autódromo de corrida. A liberdade aumentou no coração de Manu, e foi crescendo e crescendo até se materializar num grito de empolgação:

– Uuuuhuuuuuuu! – ela berrou erguendo os braços na garupa.

Paula acelerou ainda mais e gritou também, e as duas atravessaram a Paulista assim, zunindo a cento e vinte por hora, gritando de alegria e felicidade por estarem novamente juntas.

Dez minutos depois, Paula estacionou suavemente diante da fachada de tijolos aparentes do hotel Fasano. E, sem grande surpresa, Manu notou a presença do *valet* de sempre, que parecia estar o tempo inteiro ali, quase como parte da decoração. Apesar de não haver porta a abrir, ele se postou ao lado da moto, estendendo a mão para ajudar Manu a descer. Ela aceitou a ajuda e tirou o capacete, e o rapaz sorriu ao reconhecê-la.

– Ah, senhorita Carmona! Boa noite. Bem-vinda de volta!

– Obrigada, Paulo – Manu respondeu retribuindo o sorriso. Depois se voltou para a amiga.

– Pilota com cuidado, Paulinha.

– Sempre – ela mentiu.

Manu se virou e ia caminhando para a entrada quando a *bartender* a chamou de volta, abriu a viseira do capacete e a encarou no fundo nos olhos:

– Não esquece. O máximo de carinho e delicadeza.

Manu sorriu.

– Não, não vou esquecer.

A bartender acelerou duas vezes e arrancou numa velocidade que deixava bem claro sua disposição em ir contra a ideia de pilotar com cuidado. Manu suspirou e caminhou na direção da porta.

Ao contrário de Cherry Paula, ela pretendia seguir fielmente o conselho recebido. Iria derramar um caminhão de amor e delicadeza sobre Massimo Pastore. E só de pensar nisso sentia o fogo úmido queimando entre suas pernas.

Capítulo 12

Manu colocou o cartão na porta muito suavemente. A luzinha verde se acendeu e ela baixou a maçaneta tentando fazer o mínimo de barulho para não acordar Massimo. Pretendia atacá-lo de surpresa. Esgueirar-se sorrateiramente para debaixo dos lençóis e gastar todo o amor que tinha por ele num infinito de carinhos. Se tudo desse certo, a coisa terminariam com uma onda de gozo tão intensa e poderosa quanto a que ele derramara sobre ela à margem da estradinha italiana.

Mas quando terminou de abrir a porta, com cuidado e devagarinho, quem acabou surpresa foi ela. A suíte estava toda acesa, com suas luzes amareladas e suaves. Massimo não estava adormecido, na cama.

Longe disso. Estava parado, diante da janela, enxugando a nuca com uma toalha branca. O restante de seu corpo, completamente nu, estava ainda um pouco molhado, e os músculos definidos das costas e da bunda brilhavam sob a luz indireta das luminárias.

Mas, quando se recuperou do susto inicial, Manu percebeu que ele não tinha notado que ela estava ali. E aproveitou para avançar, devagar e silenciosa qual uma gata, enquanto Massimo continuava de costas, esfregando a toalha nos cabelos. Faltava pouco agora. Mais uns quatro, talvez cinco passos e ela o surpreenderia...

Um beijo suave nas costas, um abraço delicado... Manu já sentia o toque de seda da pele dele. Sentia o fogo alto chegar àquela temperatura de estrela explodindo, de lava em plena erupção.

Então, quando ela estava quase lá, a dois passos no máximo, ele se virou. Se virou e levou um susto leve, que se revelou apenas num sobressalto discreto da respiração. Manu também se assustou e parou, flagrada em pleno ataque.

Por um instante não soube o que fazer. Não apenas porque havia sido pega no ato, o que acabava com a surpresa, como também pela ligeira desorientação causada pela visão de Massimo ali, completamente nu, mas agora de perfil: os músculos mais definidos do que o normal, como se ele houvesse acabado de se exercitar, o sexo em descanso, mas ainda assim grande, imponente e sedutor...

– Massimo! Oi! – ela exclamou sorrindo um pouco sem graça.

– Oi – ele respondeu também sorrindo, mas em um italiano que não passou de um e meio.

– Achei que... Achei que você estaria dormindo...

– Bem. Eu deveria. Mas não estava conseguindo pegar no sono de jeito nenhum. Aí resolvi dar um pulo na academia – ele respondeu jogando a toalha sobre a cama.

Uau, ele jogou a toalha sobre a cama. Podia ter enrolado na cintura, como qualquer ser

humano normal. Mas não, jogou sobre a cama e uau!, continua nu, pensou a porção devassa do cérebro de Manu, doidinha pra assumir novamente o controle.

– Eu... Eu passei no Carmona – Manu respondeu se aproximando mais, tentando se controlar para não agarrá-lo de uma vez, para não abocanhar aquele pau delicioso cravando os dedos na bunda dura dele.

– Hum. Encontrou a Paula? – ele perguntou ainda parado, ainda nu, a dois passos de distância.

– Sim, encontrei, sim – Manu respondeu avançando lentamente, com a voz que agora já não tinha o tom normal, mas saía quase como um sussurro, recheada de doçura e de vontade.

– E... e como ela está? – Massimo perguntou tentando entender as intenções de Manu e sem saber exatamente como agir.

– Ela está... Está ótima. – Manu respondeu dando mais um passo, chegando muito perto até colar o corpo no dele. – Está ótima e linda como sempre – sussurrou ao pé do ouvido de Massimo.

Ele não respondeu. Permaneceu parado, imóvel. Ela deu um beijinho muito de leve ali, no pescoço, sob a orelha, e ele continuou sem se mover. Ela colou mais o corpo no dele, naquela massa rija e deliciosa de homem e, muito lentamente, foi erguendo os braços e o envolvendo, enquanto continuava a distribuir beijinhos pelo pescoço e pelo peito.

Massimo permaneceu um tempo assim, estático, até que finalmente resolveu retribuir o gesto de Manu, envolvendo-a num abraço que, a exemplo do dela, vinha recheado de ternura.

– Eu te amo, Massimo Pastore – ela sussurrou no ouvido dele.

Ele fez menção de responder, mas ela se adiantou. A iniciativa seria dela, o carinho aquela noite viria todo dela. – Eu te amo e senti sua falta, Massimo Pastore.

Novamente ele quis dizer algo, mas ela o impediu, colando os lábios no dele muito de leve, sentindo um começo de ereção pressionar sua virilha. Manu ficou um tempo ali, sentindo apenas, depois delicadamente o conduziu até a cama.

Massimo obedeceu. Sentou-se na borda do colchão e Manu deu um passo atrás para admirá-lo. Ele a observava com um sorriso que misturava surpresa e curiosidade e talvez uma ponta de desejo. Ainda não era o suficiente.

Manu recuou mais um passo, se abaixou e tirou as botas e as meias. Com a coragem vitaminada pelos quatro martinis de Cherry Paula, ela foi adiante. Tirou a calça jeans, depois, sem pressa, desabotoou a camisa social branca, deixando-a escorregar pelas costas.

Massimo a encarava nos olhos, numa expressão misteriosa, que ela não conseguia decifrar completamente. A solução era ir adiante. Ela abriu o fecho do sutiã e, sem qualquer resquício de timidez, liberou os seios empinados, os mamilos rosados duros de desejo.

Pela primeira vez, Massimo se desprendeu de seu olhar para admirá-la. Manu sentiu o coração acelerar. Não de vergonha ou de nervosismo, mas de excitação. Do prazer que vinha de sentir seus próprios peitos ali, suspensos na noite, exibidos e prepotentes.

Agora faltava apenas a calcinha de renda preta, e por algum tempo as porções devassa e castradora do cérebro de Manu se digladiaram. A primeira querendo arrancar tudo de uma vez para que Massimo pudesse enfiar a língua fundo dentro dela. A segunda achando que a sensualidade já estava de bom tamanho, uma vez que o objetivo da noite era usar a ternura (e não devassidão) para derrubar os muros do luto.

No fim, a calcinha ficou ali, como um laço final no presente de fim de noite, e Manu avançou devagar. Avançou sobre Massimo e colocou novamente os lábios nos dele, daquele jeito muito suave, quase sem encostar. Massimo fechou os olhos e se deixou beijar, abrindo a boca de leve, jogando o pescoço um pouco pra trás.

Manu colocou um pouco a língua, apenas para sentir a dele, que aguardava do outro lado, quente e molhada, mas ainda um pouco tímida. Depois se afastou, foi passando os lábios, o nariz, o lado do rosto, deslizando sobre ele muito de leve, alternando beijinhos com toques suaves que às vezes não eram da pele, mas da respiração apenas.

Começou pelo pescoço, desceu para um lado até o ombro e pelo braço direito, sobre o bíceps grande e definido, riscado por veias grossas. Depois voltou, subiu novamente até o pescoço e desceu outra vez, agora pelo tórax, com uma parada estratégica para tocar, muito de leve, a ponta da língua em cada um dos mamilos pequenos e duros, cercado por uma delicada auréola de pelos negros.

Massimo deu um suspiro suave nessa hora e, quando Manu continuou, pela barriga, ele se deitou um pouco mais sobre o colchão, apoiando-se sobre os cotovelos. Quando chegou ao abdômen, deliciosamente definido numa escadinha de músculos, Manu não resistiu e passou a língua com força. A pele sedosa tinha um perfume distante de sabonete. Ela se controlou e voltou à delicadeza, descolando a boca do corpo bronzeado dele para ajoelhar no tapete diante da cama.

Ficou ali um pouco mais, ao redor do umbigo, resistindo ao máximo, até que desceu mais, sobre os pelos curtos da virilha. E continuou. Muito devagar rumo ao prêmio, salivando diante do que viria, antecipando a sensação de tê-lo duro na boca, cheia de desejo e ansiedade. Uma ansiedade que faria a decepção ficar ainda maior, causando estragos profundos na autoconfiança de Manu.

Capítulo 13

Manu estava sem ação e mal podia acreditar no que via. Sob o balde de água gelada de rejeição que havia sido derramado sobre ela, permaneceu estática e desorientada. Era isso mesmo. Pela primeira vez desde que, seis meses antes, a possuía no salão vazio do Carmona, Massimo Pastore não respondia a suas investidas com uma ereção.

Seu sexo seguia em descanso, levemente cabisbaixo e *nossa, o que eu faço agora? Ponho a roupa e vou embora? Volto lá pra cima e começo tudo de novo? E ele não me ama mais? O desejo se foi junto com Tornado, Meu Deus, Massimo Pastore não me ama mais! Não sente mais atração por mim, eu nunca mais vou senti-lo duro na minha garganta, na minha buceta...*

A porção racional do cérebro de Manu mergulhou num turbilhão de desespero e indecisão. Enquanto isso, a porção devassa concluía que mesmo naquele estado, candidamente adormecido, o pau de Massimo tinha algum encanto. Na verdade, tinha um encanto que não era nada pequeno e, ainda confusa e desnorteada, ainda um pouco indecisa, Manu se viu passando lentamente a língua, numa carícia ao mesmo tempo delicada e sensual. Nada mudou no quadro geral. Massimo continuou deitado e nada se movimentou por ali.

Não havia qualquer indício de que ela estava no caminho certo. Por outro lado, também não havia nada que sugerisse que ela poderia piorar as coisas. Ele não havia se encolhido, não havia levantado para colocar uma de suas boxers pretas, não havia dado desculpas de dor de cabeça nem nada disso. Continuava ali, oferecido e ao alcance e continuava... bem... continuava delicioso.

Mesmo sem a dureza, sem a virilidade transbordante, Manu sentiu a boca encher d'água e avançou novamente. Mas agora, em vez de simplesmente lambe o comprimento, ela colocou a língua gentilmente sob a glândula e o ergueu. Num movimento surpreendentemente hábil para alguém que não estava exatamente acostumada com aquele tipo de situação, colocou-o inteiro na boca.

Foi um pouco estranho no começo. Estranho, mas bom. Na verdade, surpreendentemente bom. Bom porque ela estava com o sexo dele na boca como tantas outras vezes, mas agora era diferente. A ausência de dureza, daquela masculinidade rija e poderosa, dava espaço para uma suavidade e uma ternura diferentes.

E ao se entregar assim, Massimo se abria como nenhum homem nunca chegara nem perto de fazer com ela. Massimo, no fundo, se doava a Manu. Permitia que ela o sorvesse daquele jeito. Permitia que ela tivesse contato com suas porções mais íntimas num momento que podia ser visto como uma fraqueza, como uma falha em sua masculinidade.

Enquanto percebia tudo isso, Manu ia sentindo a própria excitação crescer junto com uma

certeza. Uma certeza de que, em pouco tempo, algo mudaria naquela situação. Pensando nisso, ela continuou com ele na boca.

Enquanto isso, num toque muito suave, foi subindo uma mão por cada perna dele, pelos joelhos, pelas coxas poderosas, até chegar bem ao lado da virilha. Ficou ali, apenas o envolvendo, sentindo aquele corpo tão sólido e poderoso, que agora à pertencia completamente.

Então, muito devagar, ela começou um vaivém, um movimento de cabeça, acompanhado da língua e dos lábios que o envolviam. Às vezes com mais força, às vezes com menos. Massimo seguiu entregue, e ela seguiu se entregando. Mas aquilo durou alguns instantes apenas. Alguns segundos para que o efeito desejado se manifestasse. A resposta começou lenta. Uma mudança quase imperceptível na consistência e no tamanho.

Manu continuou, com a mesma suavidade, a mesma delicadeza, envolvendo-o com os lábios, com a boca cada vez mais cheia d'água e nossa, ele foi aumentando rápido. Ela continuou ajoelhada, rebolando de leve, apertando a própria bucetinha com as pernas, e ele continuava a crescer e a crescer dentro de sua boca. Hum, aquilo era muito bom. Era a materialização do desejo, a realização do amor deles, o efeito que ela provocava nele experimentado *in loco*.

Ela seguiu assim, chupando e chupando, rebolando e sentindo, e sentindo que nossa, sentindo que se molhava mais. E logo aquela onda, e nossa, era isso mesmo. Estava mesmo acontecendo, e no momento em que se deu conta ela veio. A onda de um orgasmo intenso e delicioso, que a fez abrir a boca para respirar fundo e lançar um longo gemido de prazer e de surpresa por ter respondido assim tão rápido, sem que Massimo sequer a tocasse.

Manu ficou parada por um tempo, dominada pelo gozo, depois se afastou para admirá-lo. Para admirar o efeito que causara no pau de seu homem. Ah, era um efeito e tanto! Lá estava ele de volta! Duro, grande, brilhando de saliva e excitação, pronto para penetrá-la fundo e com força.

Delicadeza, carinho e delicadeza, Manu repetiu mentalmente para si mesma, tentando se controlar para não sentar naquele pau delicioso e rebolar loucamente até ambos gozarem feito dois animais selvagem no cio. *Delicadeza! Carinho e delicadeza*, mentalizou outra vez e deslizou a mão por todo o comprimento do sexo de Massimo enquanto dava beijinhos suaves na glândula de seda vermelha. Ele suspirou de prazer, e ela o abocanhou novamente, mas ainda devagar, ainda com uma suavidade urgente. Carinhosa, mas cheia de vontade.

Ela continuou mais um tempo assim, chupando e chupando, sorvendo seu amor, radiante de felicidade por poder dar todo o prazer do mundo àquele homem tão incrível. Continuou e continuou até não aguentar mais de vontade. Precisava ser penetrada. Precisava ser fodida. Precisava de Massimo metendo fundo em sua buceta que transbordava de vontade.

Ela se ergueu e Massimo se posicionou melhor na cama, subindo e deitando com as costas

contra cabeceira, mas apoiado nos travesseiros de forma a poder admirar o corpo perfeito de Manu. A pele branca, os seios pequenos e empinados, a barriga plana, as coxas ao mesmo tempo definidas e esguias. Ela também o observou. O corpo bronzeado, o fractal de feixes de músculos e o sexo enorme, rijo, molhado e indecente.

Os dois continuaram assim, devorando-se com os olhos, cheios de desejo e urgência enquanto Manu, tentando controlar os joelhos amolecidos de gozo e tesão, se livrava da calcinha de renda. Massimo sorriu ao ver o pequeno triângulo de pelos escuros bem aparados.

Manu avançou devagar, deslizou as mãos sobre os joelhos dele, sobre as coxas, fazendo um mamilo provocantemente relar na glândula intumescida. Massimo olhava tudo cheio de vontade, como se quisesse memorizar cada pedacinho da cena. Manu recuou novamente, passou mais uma vez a língua no pau duro e escaldante e montou sobre ele.

Massimo a envolveu, colocando as mãos grandes e fortes nas costas alvas de Manu. Puxou-a discretamente para si e ela veio. Primeiro para cima, tocando gentilmente os lábios nos dele ao mesmo tempo em que se posicionava, sentindo a glândula roçar seu clitóris.

– Eu te amo, Massimo Pastore – exclamou numa voz sussurrada enquanto ia lentamente baixando o quadril sobre ele, fazendo o sexo volumoso entrar suavemente dentro dela.

Massimo deu um longo suspiro de prazer e quis falar algo. Quis responder, mas ela não deixou, debruçou-se sobre ele e o beijou profundamente, apaixonadamente, enquanto rebojava de leve, fazendo-o entrar e sair, sabendo que estava usando só uma porção de tudo o que Massimo Pastore tinha a oferecer.

Quando ele escorregou a mão pelas suas costas alvas e cobertas por uma fina camada de suor, Manu sentiu que estava prestes a gozar pela segunda vez, mas se segurou. Parou um pouco os movimentos de quadril e apenas sentiu. Sentiu enquanto ele envolvia sua bundinha redonda, enquanto avançava até seu cuzinho, iniciando um carinho por fora, um carinho delicado e enlouquecedor.

Um carinho que a fazia querer mais, querer tudo dentro dela. Certo, não havia mais como resistir. Manu se ergueu e se sentou com mais força, jogando o quadril pra frente, e ai!, ele entrou até o fim! Até o limite, preenchendo-a totalmente. Ela apoiou as duas mãos sobre o abdômen musculoso e recomeçou a rebolar de leve, agora com ele todo lá dentro.

Massimo continuou a carícia com o dedo do meio por um tempo, apenas sentindo o terreno, apenas fazendo com que ela se abrisse, até que, ui! Entrou! Só um pouco, só a pontinha do dedo médio em seu cuzinho, enquanto a mão inteira, grande, forte e bronzeada, envolvia a bundinha alva e redonda.

– Aiiiii – fez Manu sentindo que não ia aguentar muito mais. – Massimo eu... Eu vou...

– Vem, minha gostosa – ele respondeu sussurrando, encarando-a com os olhos cheios de

amor e de tesão – vem que eu vou junto!

Ela jogou o quadril novamente pra frente e uau, ele estava ainda mais duro, ainda maior, ainda mais fundo. Ela foi de novo, e de novo, e de novo, num movimento lento e urgente, suave e intenso. Ele continuou, metendo de leve o dedo em seu cuzinho, penetrando-a duplamente, e não dava mais, não havia mais como segurar e:

– Aaaaaaiiiii – Manu gritou enquanto seu corpo era percorrido pelo segundo orgasmo da noite.

Esse veio mais forte e mais intenso e ela gozou e gozou, as pernas tremendo descontroladas, o quadril oscilando sobre Massimo, que continuou. Continuou arremetendo contra Manu que rebojava e rebojava, a buceta encharcada, escorrendo tesão sobre o pau duro e grosso, mergulhada naquele estado em que não sabia se ainda estava gozando ou se já terminara.

– Goza pra mim, meu amor? – ela implorou passando a mão sobre a barriga, sobre o peito musculoso molhado do suor dos dois – Me enche de você!?

Massimo fez que sim com a cabeça, seu rosto foi imediatamente tomado por uma onda de prazer e seu corpo todo vibrou, os músculos contraídos pela eletricidade do orgasmo.

Manu rebolou mais devagar e, quando sentiu que ele se desmanchava dentro dela, quando sentiu o calor cremoso vertendo dentro de sua buceta, o sexo duro pulsando lá dentro, não foi capaz de resistir. Também mergulhou num orgasmo, o terceiro da noite. Veio intenso e delicioso e continuou a ecoar mesmo depois de ela ter desabado exausta sobre Massimo.

Eles ficaram assim um tempo, ofegantes, desfalecidos e entorpecidos de prazer. Até que Massimo carinhosamente tirou os cabelos de Manu de cima do rosto dela e, numa voz muito baixa, cheia de ternura e suavidade, sussurrou no ouvido dela:

– Eu também te amo, Manuela Carmona.

Capítulo 14

Manu estava prestes a tocar a campainha pela terceira vez quando a grande e pesada porta de metal se abriu. Não foi grande surpresa para ela topar com sua *ex-bartender*, eterna melhor amiga, do outro lado. Também não foi grande surpresa notar que Cherry Paula estava descabelada e um pouco suada, com as bochechas acobreadas de um jeito sensual, que a deixava ainda mais deslumbrante.

– Manu, Massimo, oi! – ela exclamou ligeiramente ofegante. – Entrem... O Elfo está... O Elfo está... Está no banheiro. Acho.

Quando eles entraram, ela deu um abraço apertado e meio sem jeito em Manu, depois parou diante de Massimo, sem saber exatamente como proceder. Era um tanto curiosa a relação dos dois. Tinham se encontrado só duas ou três vezes por curtos períodos de tempo, mas sabiam tudo um do outro. O impasse durou alguns instantes até que Massimo estendeu a mão:

– Oi, Paula – exclamou num tom um pouco formal demais.

Ela segurou a mão dele, mas não parou por aí:

– Massimo, oi, bem-vindo de volta ao Brasil – exclamou, puxando-o para si, dando um beijo no rosto e abraçando-o longamente, como havia feito com Manu.

Eles ainda estavam assim quando o Elfo saiu do banheiro, aparentemente tendo alguns problemas para afivelar o cinto. Vestia coturnos pesados de couro, uma calça preta justa com alguns rasgos, e uma camiseta verde-musgo sem mangas, que deixava à mostra seus braços alvos e musculosos. Seus cabelos loiros estavam completamente despenteados, espetados para cima.

– Massimo, Elfo. Elfo, Massimo – Paula exclamou apresentando os dois.

Quando eles se cumprimentaram, olhando-se nos olhos, ambos sérios e compenetrados, Manu sentiu o coração acelerar. Não sabia dizer exatamente por quê. Afinal, não havia nada de mais naquele encontro e os dois estavam ali para se ajudar. Ainda assim, uma estranha eletricidade fluía entre os dois. Uma tensão de lutadores que se cumprimentam antes de subirem ao ringue, de rivais que cruzam espadas antes do duelo...

– Elfo, muito prazer. Ouvi falar muito de você – Massimo exclamou finalmente quebrando o silêncio.

– O prazer é meu – o Elfo respondeu laconicamente, ainda apertando a mão de Massimo, os músculos do braço retesados, como se aplicasse toda a força possível naquele cumprimento.

Massimo vestia um paletó azul-marinho sobre uma camisa social branca. Mas mesmo por cima da roupa era possível ver que ele também aplicava um bom tanto de energia no aperto de mão.

– Vamos... Vamos nos sentar um pouco? – Paula exclamou, fazendo com que os dois se largassem para caminhar até o grande sofá cinza-escuro.

Paula se sentou primeiro, cruzando as longas pernas, mal ocultas pela minissaia vermelha. Elas se ajeitaram e sorriram entre si, mas, entre os dois, entre Massimo e o Elfo, a tal eletricidade persistia, em suspenso. Eles seguiam em pé, um de frente pro outro, qual machos alfa disputando território.

He-hei, temos fêmeas alfa para todo mundo, Manu teve vontade de gritar para colocar fim naquele impasse. Mas o Elfo tomou a iniciativa, na língua internacional dos machos alfa:

– Cerveja?

Massimo ergueu os ombros e sorriu pela primeira vez, um italiano um e meio.

– Claro, por que não?

– Trouxe uma *stout* de um produtor artesanal de Bruges. Fazem apenas duzentos litros por ano.

– Parece bom – Massimo exclamou ampliando o sorriso para um italiano dois e setenta e cinco.

– Senhoritas? – o Elfo perguntou voltando-se para Manu e Paula que assistiam a tudo boquiabertas, como se estivessem na primeira fila de algum espetáculo. Talvez uma tragédia grega onde dois deuses se encontram para dividir algum antigo reino do prazer e da luxúria...

– Bem, as senhoritas adoram cerveja belga – Paula exclamou sorrindo e alternado o olhar entre os dois deuses gregos.

O Elfo meneou a cabeça e caminhou até a cozinha que, a bem da verdade, era uma continuação sala. Massimo o acompanhou a certa distância, como se quisesse observar ou como se receasse deixar o rival fora do alcance da visão.

O Elfo serviu quatro grandes taças de cerveja, pegou duas e, num movimento de cabeça, indicou que Massimo apanhasse as outras duas. Massimo esperou alguns segundos, como se quisesse apenas mostrar que não estava ali para acatar ordens nem servir a ninguém. Depois finalmente pegou os copos e seguiu o dono da casa até o sofá.

Como se continuasse a testar os limites, o Elfo entregou a segunda taça a Manu (não a Paula) e se sentou, cruzando as pernas e dando um gole no líquido escuro. Massimo sorriu, um dois e meio cheio de formalidade, entregou a taça a Cherry Paula e sentou-se ao lado de Manu, passando o braço em volta dos ombros dela.

Os quatro ficaram calados por algum tempo, sorvendo o líquido gelado, com um delicioso amargor de malte torrado.

– A cerveja é realmente ótima – Massimo exclamou, finalmente quebrando o silêncio tenso e

desconfortável.

– Obrigado – o Elfo respondeu, aparentemente sem fazer muita questão de ser simpático, ou de dar algum incentivo extra à conversa.

Mas, antes que a tensão voltasse a se estabelecer, Paula foi adiante.

– Bem... O Elfo... – ela começou a dizer, mas Massimo a interrompeu subitamente:

– A sua cozinha – disse, depois parou, esfregando o queixo pensativo: – A sua cozinha parece muito bem equipada – exclamou, voltando-se para trás para admirar a ampla bancada de madeira central, cercada por eletrodomésticos modernos, de aço escovado.

– Sim, ela é – o Elfo respondeu com um meio sorriso. – Uma pena que eu use tão pouco.

– Mesmo? – Massimo perguntou genuinamente intrigado.

– Yep – Elfo respondeu balançando a cabeça.

– Bem... nós ainda não almoçamos... – Massimo disse olhando para Manu que assistia a tudo sem entender.

– Bem, eu posso... – o Elfo começou a dizer, mas Massimo foi adiante antes.

– Não, não, nada disso... Eu... Bem, pode parecer indelicado da minha parte. Um pouco prepotente talvez. Mas eu poderia cozinhar algo – exclamou por fim.

Manu e Paula olhavam os dois e se olhavam entre si sem saber o que falar...

– À vontade! – Elfo respondeu abrindo os braços musculosos.

– Mesmo? – Massimo perguntou ampliando o nível do sorriso para um italiano quatro e meio.

– Claro – Elfo assentiu dando mais um gole na cerveja preta.

– Ótimo! – Massimo exclamou se levantando para tirar o blazer e arregaçar as mangas da camisa branca. – Com os acontecimentos todos dos últimos tempos, e hospedado em um hotel, ando afastado da cozinha. E sinto falta, sabe como é?

– Hum... na verdade não. Não sei – Elfo respondeu e os dois riram.

Os dois machos alfa, que instantes antes pareciam prestes a se dar cabeçadas feito búfalos selvagens disputando a mesma fêmea, realmente riram juntos. Manu e Paula se entreolharam por algum tempo, tentando entender a estranheza daquele encontro.

Depois tiveram a mesma ideia. Se levantaram juntas, pararam no limite entre a sala e a cozinha. Havia uma divisão clara no piso, que passava da madeira (na sala) ao cimento queimado azul-escuro (na cozinha). Pararam ali, apoiaram o obro cada uma em uma parede lateral, e ficaram observando aqueles dois homens deslumbrantes de lindos, movimentando-se juntos na cozinha.

Elfo abriu e fechou cada um dos vários armários de laca preta, mostrando os equipamentos e ingredientes que tinha à disposição. Depois fez o mesmo com a geladeira e com o freezer. Quando

terminou, Massimo cruzou os braços musculoso e sorriu.

– Ok, meu caro, agora me mostre, o que você guardou para o final?

Elfo retribuiu o sorriso, mas não disse nada. Apenas abriu a portinha do armário mais alto, na parede oposta à sala, e tirou uma caixa de madeira. Lá de dentro sacou uma trouxinha de linho e abriu sobre a mesa central, exibindo os cogumelos dourados mais cobiçados do mundo.

Massimo se debruçou sobre a bancada e aspirou o perfume fechando um pouco os olhos. Depois se ergueu e bateu as mãos esfregando uma na outra. As trufas que tanto problema tinham causado na relação dele e de Manu, mas que, afinal, continuavam a ser uma das melhores e mais raras iguarias do mundo.

– Eu sei exatamente o que fazer com isso! – ele exclamou apoiando a mão no ombro de Elfo como se fossem velhos amigos.

– Que tal... uma rodada de Negronis? – Paula disse avançando na direção dos dois.

– Claro – Elfo exclamou erguendo a mão para impedir que ela entrasse na cozinha, aparentemente declarada território masculino. – Pode deixar isso comigo.

– Mas... – Paula quis falar alguma coisa, mas Elfo se aproximou e assim, sem mais nem menos, colou os lábios nos dela, acabando de vez com qualquer possibilidade de uma frase sobre quem deveria ou não preparar os drinques.

Quando ele se afastou para começar o preparo, Paula respirou fundo, tomou coragem e se voltou para a amiga. Manu continuava na mesma posição, ombro apoiado na parede, braços cruzados. Seu rosto, contudo, estava tomado de surpresa e ela encarava a amiga com os grandes olhos azuis arregalados e o queixo completamente caído.

– Ai, Manuela, não me olha assim. Nunca viu... Nunca viu dois amigos se beijarem?!

– Eu... Claro. Claro que vi, vi inclusive mais do que deveria... – Manu exclamou voltando a olhar os dois alfa na cozinha, tentando conter o riso.

– É, eu lembro bem. Agora segura esse sorriso – Paula exclamou cruzando os braços daquele jeito que fazia seus peitos lustrosos e redondos saltarem no decote.

Capítulo 15

Massimo preferiu abrir a massa à mão, usando um rolo de madeira em vez da máquina de Elfo. A cozinha estava tomada por um aroma delicioso de ervas, das batatas ao murro que assavam no forno. Quando terminou de abrir a massa, fina, elástica e de um amarelo vivo, Massimo cortou oito quadrados com lados de quinze centímetros.

Elfo observava cada movimento do cozinheiro à curta distância, com os braços musculosos cruzados diante do corpo. Também o ajudava provendo utensílios e tratando de manter os copos sempre cheios da saborosa e rara cerveja belga.

As duas amigas seguiam observando, alternando olhares entre o que estava sendo feito e os corpos e os rostos dos dois novos e incrivelmente deslumbrantes amigos. As mãos sujas de farinha de Massimo, os músculos dos braços ao abrir a massa, a presença forte e felina de Elfo, com seus ombros de lutador, seu rosto anguloso e liso, seus olhos azuis angelicais... E os dois ali, trabalhando para alimentá-las, para satisfazê-las, sempre para satisfazê-las....

Após preparar os negronis, doses precisas de Campari, gim e vermute tinto seco com uma rodela de laranja, Elfo providenciara dois bancos altos. As duas se sentaram ali, no limite entre a sala e a cozinha, e se ocuparam em admirar em silêncio, maravilhadas e felizes diante do espetáculo.

Massimo separou quatro pedaços de massa e, sobre elas, espalhou uma quantidade razoável de uma pasta de ricota, mascarpone, espinafre e pinos. Amassando com os dedos ainda sujos de farinha, fez uma pequena cavidade em cada porção. Depois, muito delicadamente, depositou uma gema de ovo caipira sobre os vulcãozinhos de ricota. Por fim pincelou as laterais com água e cobriu com o outro quadrado de massa, apertando as bordas com um garfo.

Alguns minutos na água fervente, uma rápida passeada por uma frigideira com manteiga e daí para os pratos que Elfo ia passando. Depois a finalização, a alma da receita, que justificava todo o restante: finíssimas fatias de trufa branca, gentilmente depositadas sobre cada raviolone.

– Senhoritas, aos seus lugares! – Massimo exclamou com um prato em cada mão. Elfo terminou de servir o vinho enquanto Manu e Paula se aboletavam na mesa alta, radiantes, satisfeitas e famintas (em todos os sentidos).

A massa se revelou uma pequena obra-prima. Ao ser cortada com o garfo, a gema se espalhava e se misturava aos demais ingredientes. Na boca, era uma festa de sabores: o cremoso aveludado do ovo contrapondo-se ao granuloso da ricota, um toque de amargor do espinafre e, no fim, a explosão aromática da trufa branca.

Manu estava sentada diante de Massimo, do outro lado da mesa, mas, assim que terminou o

primeiro pedaço, não resistiu de alegria e de amor. Levantou, deu a volta e agarrou seu homem, num beijo longo, sensual e ligeiramente trufado.

Cherry Paula se controlou. Por mais que tivesse vontade de esfregar aquele recheio no peito de Elfo para lamber depois, se controlou e ficou quietinha, lançando apenas um olhar de esguelha ao seu homem. Um olhar de desejo e de cobiça que prenunciava uma noite longa e prazerosa.

O segundo prato foi um carrè de cordeiro selado e finalizado ao forno, com batatas ao murro e tomatinhos assados. Estavam deliciosos também, ainda que perdessem em brilho para a massa trufada.

Quando todos estavam devidamente alimentados e ligeiramente embriagados após três garrafas de um excelente Barolo, além dos drinques iniciais, eles se mudaram para o sofá. Elfo abriu uma garrafa de calvados, “recém-importada” da Normandia, e serviu pequenas tacinhas do destilado de maçã. Só então Manuela Carmona criou coragem para entrar no assunto que os levava até ali.

– Bem, Elfo – disse erguendo a coluna para assumir um ar mais sério. – E, afinal, qual é o motivo para nos ter chamado aqui hoje? Quer dizer, além de explorar os dotes culinários do meu amor?

Elfo sorriu. Mais por educação do que por ter achado alguma graça no comentário de Manu. Deu mais um gole no calvados e apoiou de leve a mão na perna nua de Paula.

– A Paula me pediu uma informação ontem.

Massimo respirou fundo como se pretendesse falar alguma coisa, mas Manu pousou a mão na perna dele também, impedindo que ele fosse adiante, louca para ouvir o que mais viria dali. Como todos ficaram assim, em silêncio e em suspenso, Elfo, sem escolha, foi adiante.

– E eu consegui a informação. – exclamou jogando as costas sobre o sofá, dando mais um gole no destilado, aparentemente achando que falara o suficiente.

Por algum tempo, Manu, Paula e Massimo permaneceram com as respirações em suspenso, esperando que ele fosse adiante. Como não foi, os três resolveram perguntar. Mas o fizeram na mesma hora, um pouco indignados e ligeiramente acima do tom, o que transformou a conversa numa feira livre. Ninguém foi capaz de entender nada e os três se reagruparam. Voltaram ao silêncio e Massimo, apenas ele, foi adiante:

– Que informação? Que informação a Paula te pediu? E o que você descobriu?

– A Paula me pediu informações sobre o Senhor Sean Batista. Informações... Informações pouco abonadoras, se é que vocês me entendem. E eu consegui o que ela queria. Bem, ao menos uma parte.

Foi o bastante para que os três comessem outra vez a falar juntos, numa enxurrada de perguntas. Novamente eles perceberam a inutilidade do método e novamente se calaram para que

Massimo fosse adiante:

– O que você conseguiu, Elfo?

– Eu basicamente descobri que essa informação existe. E descobri onde ela está. Mas nós precisaremos de ajuda para ter acesso a ela. Também descobri que esse cara é perigoso. E que não vai ser nada fácil.

Massimo respirou fundo, recostou-se no sofá, deu um gole pequeno no calvados e lentamente seus lábios foram se movendo, formando um sorriso discreto, porém recheado de prazer, com uma pontinha de crueldade no final. Ficou um tempo assim, mergulhado em seus próprios pensamentos, depois tragou uma grande porção de ar e ergueu as costas, inclinando um pouco para frente, na direção do Elfo:

– Você sabe que informação é essa?

– Não – Elfo respondeu com seu tom econômico.

– Mas meu Deus, Elfo, você deve saber de alguma coisa! Quer falar logo que eu não aguento mais essa tensão toda? – Cherry Paula ordenou, levantando-se para alcançar a garrafa de calvados.

Elfo sorriu, como se provocar a fúria da *bartender* o agradasse. Depois falou tudo o que sabia de uma vez.

– Sei que há um conjunto de informações que podem destruí-lo. Mas por isso mesmo são muito bem guardadas. Há uma única cópia, em um notebook sem acesso à internet, que fica na casa dele. Provavelmente no segundo andar, talvez no quarto ou no escritório. É tudo o que pude descobrir até agora.

– Posso perguntar como você conseguiu essas informações? – disse Massimo voltando a se recostar.

– Pode perguntar, mas eu não vou responder – Elfo retrucou sorrindo.

– Parece justo...

– Digamos que eu já tenha atuado em outros setores, antes de entrar no mundo das importações.

– Entendo... – Massimo disse pensativo.

Depois voltou a se inclinar para a frente e foi adiante:

– Então a solução é entrarmos na casa de Sean Batista de alguma forma, copiarmos o conteúdo do computador e...

– Não, não, não! – Manu interrompeu cheia de aflição na voz. – Massimo, pelo amor de Deus! Você já viu do que esse homem é capaz!

– Sim, Manu, eu já vi. Mas é por isso mesmo. Nós temos de dar um jeito de fazer ele parar.

– Mas Massimo! Paulinha, por favor! Vamos cair na real! Nós não somos uma equipe de

espiões! Não estamos num filme de Hollywood!

– Bem, eu... – Paula tentou falar algo, mas Manu foi adiante, o rosto corado de nervosismo, os olhos azuis muito abertos de aflição.

– Gente, por favor. Dois cozinheiros, uma *bartender* e um contrabandista de comida vão invadir a casa do segundo homem mais rico do Brasil para roubar informações? Isso é loucura! Loucura completa! Nós vamos acabar na cadeia. E isso na melhor das hipóteses! Massimo, meu amor, me escuta, por favor!? – ela exclamou passando a mão sobre o tórax dele.

– Estou te escutando, Manu – ele respondeu envolvendo-a com um braço e fazendo um carinho em suas costas para acalmá-la. – Mas talvez simplesmente não exista outra alternativa...

– Como não? A alternativa é não fazer nada. Vamos seguir com as nossas vidas, deixar isso pra trás e pronto, ponto final!

– Ele não vai parar, Manu. Está fora de controle. Está tomando medidas cada vez mais radicais. Não posso... – Massimo parou um pouco de falar, respirou fundo e continuou: – Não posso nem pensar na possibilidade de ele fazer alguma coisa contra você, Manu. Simplesmente não posso – exclamou com o semblante mais sério do que nunca.

Manu cruzou os braços e se afastou, enterrando-se no sofá, completamente furiosa.

–Bem... – disse Elfo que, desde que havia sido classificado de contrabandista por Manu permanecera calado, com os braços cruzados e a cara fechada. – Nós não precisamos fazer isso pessoalmente.

– Mas você disse que o computador não tinha conexão com a internet...

– Não, não tem. Mas o ideal seria encontrarmos alguém para entrar lá. Alguém que consiga se aproximar do Sean Batista sem despertar suspeitas.

Quando ouviu isso, Massimo tirou o iPhone do bolso da calça e clicou no ícone verde do WhatsApp. Rolou algumas conversas para baixo e parou em uma mensagem de três dias antes, que ainda esperava por uma resposta.

– Eu talvez tenha a pessoa perfeita para esse trabalho – exclamou sorrindo. – Mas você talvez não ache a melhor das ideias, Manu – completou, voltando-se para Manuela Carmona que seguia furiosa e emburrada, e não estava nem um pouco aberta a novas más ideias.

Capítulo 16

– Não, Massimo! Não, não e não. Não existe a menor possibilidade! Na verdade, você não devia nem pensar em me propor uma coisa dessas. Você devia ter vergonha! Prefiro eu arriscar a minha vida do que concordar com essa sua ideia absurda!

Manu estava com a voz alterada, caminhando de um lado para o outro na suíte do hotel Fasano. Ela havia literalmente arrastado Massimo para fora do apartamento do Elfo no exato momento em que escutara o nome da agente improvável que ele pretendia infiltrar na mansão Batista.

– Não, Massimo! – ela repetiu. – Você não vai chegar nem perto daquela piriguete siliconada!

– Na verdade ela não... – Massimo começou a falar, mas teve de parar para se abaixar e escapar do copo que Manu lançara do outro lado do quarto, e que espatifou na parede atrás dele.

O cristal explodiu, os cacos choveram no chão, e os dois ficaram um tempo em silêncio, ambos assustados com a fúria que se apossara da outrora tímida *chef* de cozinha.

Massimo se ergueu, olhou para a parede, para o assoalho de tábuas corridas, para Manu que permanecia estática, as duas mãos sobre a boca, os olhos azuis arregalados de susto diante da própria reação. Ele olhou a cena por alguns instantes, depois abriu os braços e não foi capaz de conter um sorriso diante da loucura daquilo tudo.

Manu também sorriu. Depois correu na direção dele e colocou as mãos em volta do pescoço de Massimo. E logo os dois não estavam mais sorrindo, mas gargalhando.

Nas últimas semanas, a tensão vinha num crescendo, esticando uma corda invisível que, naquele momento, diante do absurdo a que ambos haviam chegado, tinha se rompido. O trágico de repente se transformara em cômico. O perigo em aventura. A raiva em carinho.

Massimo puxou para si o corpo pequeno e delicado de Manu e ela obedeceu. Colou-se nele o máximo que podia e se abriu para o beijo que começou delicado e terno, mas logo se tornou cheio de desejo e paixão. O ciúme que a fizeram jogar o copo de cristal no homem que amava também havia se transformado, e agora se derramava dentro dela como uma inundação de volúpia.

Massimo a beijou mais, forçando-a contra a parede, passando a língua com força sobre a dela, colando-se a ela. Depois se afastou e se ajoelhou diante de Manu sem se importar com os cacos de vidro que estavam por ali. Se ajoelhou, abriu o botão, o zíper e, num movimento único e afobado, abaixou o jeans e a calcinha. Manu suspirou, sentindo a excitação se derramar dentro dela.

Massimo continuou ajoelhado, mas fez com que ela se virasse, de costas, a bundinha redonda, lisa e perfeita bem diante do rosto dele. Ela se virou, espalmou as mãos contra a parede e

arrebitou o quadril. Estava pronta.

Pronta pra tê-lo dentro dela, fundo, fundo e com força, e queria se abrir, abrir as pernas o máximo possível para que ele entrasse. Até tentou, mas a calça presa nos tornozelos não permitia. Ela quis se virar para terminar de se despir, mas ele a impediu, mantendo-a naquela posição, presa numa armadilha de desejo e tesão. A bunda o mais arrebitada possível para abrir caminho, o rosto colado no papel de parede, os sentidos aguçados para perceber o que ele fazia.

E ela sentiu. Ah, sentiu. Não conseguia ver, então não saberia dizer exatamente como, mas, mesmo sem que Manu fosse capaz de abrir as pernas, Massimo chegou aonde queria. Entrando com o rosto por trás passou a língua na bucinha molhada, primeiro por fora, depois entrando um pouco, então novamente por fora.

Quando ele se ergueu, ela quis se virar para retribuir, para chupar aquele pau duro e gostoso, no gesto que já se tornara quase um vício, mas Massimo não deixou. Agarrou os dois braços dela e juntou no alto da cabeça. Segurou-os com uma só mão prendendo-a na parede, enquanto, com a outra, desfivelava a própria calça. Manu continuou colada à parede.

Ouviu o barulho da fivela do cinto e esperou, ainda mais molhada. E sentiu. A brasa encarnada do sexo dele contra a sua bunda, raspando no seu cuzinho aberto e receptivo. Depois embaixo, aí, no clitóris, a cabeça inchada do pau de Massimo acariciando ali e então dentro. Num movimento único e preciso, ele entrou na umidade escaldante da buceta de Manu.

Entrou fundo, de uma só vez, e ficou ali parado, sentindo. Manu contraiu um pouco os músculos lá dentro e sentiu o contorno preciso do pau grande, sólido e quente que a penetrava. Ele ficou mais um tempo parado, depois recuou e meteu de novo, com força.

– Isso! – Manu exclamou ficando na ponta do pé para se abrir ao máximo. – Me fode, meu amor. Me prende e me fode!

Ele continuou, entrando e saindo, o pau escorregando deliciosamente, encharcado pelo tesão dela. Enquanto seguia segurando os braços dela no alto com a mão esquerda, usou a direita para apertar com força a bunda de Manu. Ela pressentiu o que ele pretendia.

– Você quer? – exclamou voltando o pescoço para trás para encarar o rosto deslumbrante de seu homem tomado de desejo. – Quer comer minha bundinha, meu amor?

Massimo não respondeu. Apenas balançou a cabeça concordado.

– Então come. Mete fundo por trás, acaba comigo hoje – disse com a voz rouca de tesão.

Massimo saiu de dentro dela e se abaixou novamente. Passou de novo a língua pelo sexo de Manu, começando do clitóris, depois subindo. Espalhando todo creme de excitação, até chegar ao pequeno botão rosado que latejava de vontade.

– Aaaiiii – Manu suspirou enquanto ele passava a língua por fora, em movimentos

circulares, preparando o terreno.

– Me fode, Massimo Pastore – Manu exclamou com a voz manhosa de desejo.

Ele não obedeceu. Continuou o carinho com a língua por um tempo, depois parou. Manu fechou os olhos, esperando o próximo passo. O dedão. Primeiro por fora, de leve, depois dentro dela, só um pouquinho, só pra sentir como ela estava aberta.

– Me fode, Massimo Pastore – Manu implorou novamente, agora com mais urgência na voz, encarando-o por cima dos ombros, encarando o olhar de vontade que a devorava, enquanto o dedão grosso e molhado de saliva a estimulava em movimentos lentos e delicados.

– Me fode agora! – ela repetiu.

Quando Massimo finalmente se levantou atrás dela, Manu encostou a bochecha na parede e voltou a fechar os olhos para sentir. Primeiro o toque suave da glândula, uma pressão no ponto específico e, ui, foi rápido. Já estava dentro dela, mas não inteiro. Primeiro só a cabeça, vermelha inchada.

Massimo esperou, concentrando-se para não gozar, depois foi pressionando devagar, penetrando o cuzinho apertado de Manu.

– Ai – ela gritou e ele parou, ainda sem entrar até o fim.

– Doeu? – ele perguntou sussurrando.

– Doeu – ela respondeu ofegante, ainda sem abrir os olhos.

– Quer que eu saia?

– Não. É que faz tempo. Continua – ela implorou prendendo a respiração e se preparando.

Ele obedeceu. Recuou um pouco e avançou novamente, muito devagar, olhando para baixo. Admirando a imagem incrivelmente linda e erótica que era seu próprio sexo, grosso e coberto de veias, penetrando a bundinha perfeita de Manu, a pele branca e perfeita que brilhava à meia luz, os tons rosados da pele esticada. As partes mais íntimas e secretas às quais somente ele tinha acesso.

– Mais! – ela gritou, já completamente tomada por aquela deliciosa mistura de dor e prazer.

Ele fez um carinho suave pelo lado das pernas, das coxas, e avançou mais. Avançou penetrando-a lentamente, até o abdômen musculoso dele encostar na nas carnes macias e lisas dela.

– Aaaaaaiiiii – Manu gritou manhosa quando sentiu que Massimo estava inteiro dentro dela.

– Tá gostoso? – ele perguntou sussurrando.

– Siiiiiiiiimmm! – ela respondeu com a voz chorosa de prazer.

– Continuo?

– Continua, Massimo! Continua, meu gostoso. Me fode fundo. Fode meu cu com esse seu pau maravilhoso. Acaba comigo hoje! – ela exclamou ofegante e chorosa, arrebitando mais a bunda, abrindo-se completamente.

Massimo obedeceu. Recuou um pouco, saindo até a metade, depois entrou de novo, com força. Ela já estava aberta, relaxada e molhada e ele entrou. Fundo. Depois de novo, e de novo, e Mano se abriu mais, e sentiu Massimo duro feito aço dentro dela, dentro de seu cu, e sentiu a mão, a mão dele passando para a frente, esfregando a barriga, depois descendo, e uau, o dedo médio direto ali, no ponto exato, acariciando seu clitóris inchado.

E nossa! Nessa hora, tudo mudou. Ele parou de meter com força para penetrá-la devagar, em movimentos circulares, que combinavam com os movimentos do dedo, e ela foi sentindo, foi rebolando junto, e ele continuou, o pau grande e duro por trás, o dedo pela frente, no clitóris, depois um pouco mais pra frente, mergulhando na umidade de sua buceta. E novamente lá em cima, numa cadência intensa, mas não demais, num ritmo perfeito que foi fazendo ela sentir cada vez mais prazer, cada vez mais, cada vez mais, mais, mais até explodir num orgasmo intenso e delicioso.

Ela sentiu os joelhos fraquejando, sentiu que ia cair ali, sobre os cacos de vidro, mas Massimo a segurou pela cintura com as duas mãos e a puxou para si, metendo mais fundo e aaaaiiii, ela continuou gozando e ele não parou. Pelo contrário, aumentou o ritmo das estocadas, entrando, saindo e entrando, e ela estava aberta e relaxada.

Ele continuou, metendo fundo até que foi diminuindo, diminuindo, o gozo dela ainda ecoando em suspenso. Então veio. Um suspiro profundo, e Mano sentiu o sumo cremoso de seu homem jorrando, quente e caudaloso dentro dela. Sentiu as contrações do próprio orgasmo que faziam seu ânus se fechar em torno do sexo ainda duro dele. Sentiu o coração batendo forte e forte e, apesar de todos os problemas, sentiu-se feliz, plena e realizada.

Capítulo 17

Manu e Massimo tomaram um longo banho, usando apenas uma das duas duchas do amplo banheiro revestido de mármore branco. Massimo entrou primeiro e deixou a água escaldante correr pelo corpo dourado e musculoso. Manu o observou por um tempo, até que ele a puxou e a abraçou embaixo do jato quente. Ela se deixou abraçar por um tempo depois apanhou o sabonete, fez um pouco de espuma nas mãos e esfregou no tórax largo de Massimo.

Ele saiu debaixo do chuveiro para facilitar o trabalho e ela o ensaboou inteiro. Começou pelos ombros, os braços pesados e musculosos, a barriga plana, o sexo em descanso, as pernas feitas de carvalho. Era curioso para Manu estar naquela situação. Ter um corpo masculino assim, à disposição para tocar, olhar, esfregar cada centímetro sem que nem ele nem ela mostrassem qualquer trava ou timidez.

Ela já havia estado no chuveiro com outros homens. Mas com Massimo era tudo diferente. Primeiro havia o corpo, claro. Nenhum dos poucos amantes anteriores de Manu, nem mesmo Marco com seu sexo monumental, chegava sequer perto da beleza masculina de Massimo. Mas não era a beleza a maior diferença. A maior diferença era a intimidade total que a permitia tocar aquele corpo quase como se estivesse, na verdade, tocando o seu próprio.

Ela o ensaboou e o enxaguou, depois deixou que ele fizesse o mesmo com ela. Deixou que ele a observasse, a tocasse em cada milímetro de pele molhada. Deixou que os dedos dele brincassem em seus mamilos, que penetrassem de leve os lugares onde havia pouco estava sua língua, seu sexo.

Deixou que ele a enxugasse, que ele a levasse para a grande cama *king size*. Deixou que ele ajeitasse as cobertas e se deitasse primeiro para que depois ela pudesse recostar a cabeça, os cabelos ainda úmidos, sobre os músculos quentes de seu tórax.

– São de verdade? – Manu perguntou depois de um tempo, acariciando de leve a pele sedosa e bronzeada do torso de seu amor.

– O quê? – Massimo respondeu erguendo um pouco a cabeça do travesseiro.

– Os peitos da Cindi Nalba?

Massimo deu um longo suspiro.

– Manu, eu... Eu realmente não acho que esse seja um bom assunto para tratarmos. Ainda mais na cama – ele respondeu contrariado.

– Eu... Eu só estou curiosa. Pensando em como deve ser transar com uma estrela de cinema... – ela exclamou com a voz um pouco triste.

– Manu... – Massimo começou a responder, mas ela o interrompeu.

– Quer dizer, deve ser muito bom pro ego levar pra cama uma mulher que todos os homens do planeta desejam. E, bem, ela é realmente linda. E deve cuidar do corpo o tempo inteiro, deve ter os peitos realmente muito duros e empinados. E aposto que não tem uma celulite porque deve passar umas dez horas por dia na academia. E fazendo dietas, acompanhamentos ortomoleculares, drenagens linfáticas, bronzamentos, clareamentos, depilações a laser...

– Manuela – Massimo disse se sentando na cama, fazendo com que Manu tivesse de tirar a cabeça de seu colo.

Ela se sentou com as pernas cruzadas sobre o colchão, se cobriu um pouco com o lençol branco de algodão egípcio e o encarou com o rosto um pouco triste. Ele tinha os olhos castanhos cravados nela e, quando continuou, seu rosto assumiu uma expressão séria e grave:

– A Cindi é uma mulher realmente incrível. É linda, tem um corpo deslumbrante, tem os peitos naturais, grandes e empinados. Eu já estive com muitas mulheres assim, Manuela. Mulheres lindas e deslumbrantes de todos os tipos, de vários lugares do mundo...

– Ah, que ótimo, Massimo! Está ajudando muito, me deixando muito feliz mesmo – Manu exclamou furiosa, fazendo menção de se levantar.

Massimo a impediu, segurando delicadamente o pulso branco com sua mão grande e bronzeada.

– Acontece, Manuela – continuou com o tom de voz um pouco mais alto – que nem Cindi Nalba nem nenhuma dessas outras mulheres jamais significou pra mim sequer um décimo do que você significa.

– Sei – Manu respondeu ainda furiosa, novamente tentando levantar para ser mais uma vez gentilmente impedida por Massimo.

– É verdade, Manu – ele disse ainda completamente sério. – E é verdade por um motivo muito simples. É verdade porque dentre todas as mulheres que eu já tive na vida, você é a única que eu realmente amei.

Manu não esperava por aquilo. Uma declaraçãozinha sim, tudo bem, era o mínimo. Mas aquilo, a única de todas, era uma afirmação e tanto. Ela sentiu o coração bater mais rápido e uma vontade enorme de estar sempre perto dele. De preferência encostada, grudada, misturada.

Massimo puxou seu pulso delicadamente e ela avançou sobre ele para ser envolvida num abraço terno e carinhoso.

– E tem mais – Massimo sussurrou no ouvido dela. – O seu corpo é o corpo mais perfeito, mais deslumbrantemente lindo e mais gostoso que eu já vi.

– Para, Massimo – ela exclamou envergonhada enquanto a parte devassa de seu cérebro

pulava de felicidade, gritando *continua, continua!*

Ele continuou.

– Eu adoro seu cheiro. Adoro seu gosto. Adoro o jeito que você me pega, que você põe a boca em mim. Adoro... Adoro tudo em você, Manuela Carmona.

Continua! Continua!

– E, como se tudo isso não fosse o bastante, você me dá o melhor sexo que eu já tive.

Uau, por essa ela também não esperava. Mas não achou nada ruim de escutar. Na verdade, achou bem bom. Bom como uma carícia que a acendeu e a deixou novamente molhada e cheia de vontade.

Ela escapou do abraço e sorriu pra ele, um pouco ruborizada de timidez e de desejo. E assim, sorrindo e encarando-o com os grandes olhos azuis, deslizou de leve a mão por baixo da toalha branca que envolvia a cintura de Massimo. Foi subindo devagar até que, nossa!, ele já estava lá, pronto, duro e no ponto.

– Está vendo? – ele perguntou com um sorriso safado. – Você acha que é qualquer mulher que faz isso, que me deixa o tempo inteiro assim?

Manu sorriu mais, desfazendo o nó da toalha como quem abre um presente de natal muito desejado. O sexo rosado se ergueu imponente e ela sentiu a boca encher de água.

– Eu te quero o tempo inteiro, Manuela Carmona – ele disse, agora com a voz ligeiramente sussurrada, com aquele sotaque italiano discreto que o tornava ainda mais sexy e irresistível.

Manu se debruçou para frente deixando cair a própria toalha, ficando completamente nua. Olhou mais um pouquinho, e se colocou de quatro sobre o colchão. Abaixou mais, e, qual uma gata que lambe um pires de leite, passou a língua por baixo, nas bolas grandes de seu homem, subindo pela pele sedosa. Massimo sorriu, fechou os olhos e deixou o corpo escorregar, completamente entregue.

Ela agarrou o sexo intumescido com a mão, apertou a base com força, fazendo-o ficar ainda maior, mais inchado e mais vermelho, recoberto de veias grossas. Depois apenas observou por algum tempo, não apenas o pau, mas todo o conjunto, aquele homem enorme, viril, musculoso, deitado ali, à sua total disposição.

Tudo o que ele havia dito estava lá, materializado naquele corpo, no desejo tão explícito e evidente. E, naquele momento, ela tinha certeza de poder fazer o que quisesse com ele. Era seu homem, era seu pau. E ela fez exatamente o que queria. Num movimento lento, mas preciso, envolveu-o com a boca pressionando os lábios e a língua ao redor da pele de seda.

Massimo suspirou e Manu avançou mais. Sentiu a glândula na garganta, prendeu a respiração e foi adiante, engolindo seu homem até não poder mais, até ter de sair para recuperar o fôlego.

Ela saiu, se ergueu e olhou novamente, o sexo duro como antes, agora coberto de saliva. Olhou por um tempo, depois o abocanhou novamente, iniciando o movimento suave de vaivém com a cabeça que já havia se tornado um gesto corriqueiro. Ela chupou e chupou, apertando e relaxando os lábios, acariciando-o com a língua, e com as mãos, que passeavam pelas pernas e pelos músculos do abdômen.

Quando Manu parou pela segunda vez para respirar, para segurar e admirar o pau molhado de tesão, Massimo se ergueu também. Ela o encarou com os olhos azuis brilhando de vontade, encarou o rosto dele que também transbordava felicidade e prazer.

– Você... Você é fantástica, Manuela Carmona – ele exclamou sussurrando.

Ela sorriu de felicidade e voltou ao trabalho, ao melhor trabalho do mundo. Voltou a abocanhar o pau quente e quente e pulsante, fazendo seu amor suspirar de prazer. Ficou ali, indo e voltando, sentindo o gosto, o cheiro, lambuzando-o de saliva, se encharcando por dentro, esfregando os mamilos duros nos joelhos e nas coxas de Massimo.

Ele tentou algumas vezes puxá-la para si, tentou mudar a posição para que pudesse retribuir o prazer, mas ela não deixou. *Não, não, hoje você é meu, hoje eu estou no comando, no comando desse pau maravilhoso*, ela pensou e continuou.

Continuou sorvendo seu amor, seu homem, com uma vontade e uma avidez que há alguns meses seriam impensáveis para ela. Não que o sexo oral fosse novidade. Isso ela também já tinha feito. Mas, antes de Massimo, fazer um boquete era apenas uma parte necessária da coisa toda, um preço a se pagar. Uma chaticezinha necessária para agradar os homens. Pelo menos os que se davam ao trabalho de agradá-la da mesma forma.

Massimo havia mudado tudo isso. Chupar aquele pau não tinha nada de chato, nada de incômodo. Muito pelo contrário. Era tão prazeroso quanto ser penetrada. Às vezes até mais.

Porque era bom estar no comando. Era bom perceber cada estremecimento do corpo dele. Porque perceber o prazer que estava dando, sentir isso, sentir o efeito que sua língua úmida sobre a glândula intumescida provocava, refletia dentro dela. Ecoava em ondas pré-orgásticas que a deixavam deliciosamente encharcada.

Ela continuou. Não saberia dizer por quanto tempo. Talvez dez minutos, talvez duas horas. Continuou de quatro sobre a cama, completamente nua, a bunda redonda arrebitada rebolando no ritmo das chupadas, as buceta inchada, pingando de tesão, os seios pequenos e redondos raspando de leve sobre o corpo musculoso que ela acariciava. Que ela percorria com ambas as mãos. Das coxas, passando pelo abdômen e pelos músculos do tórax e dos braços. E lambendo ali embaixo. As bolas inchadas e molhadas da saliva que escorria pelo sexo, rijo como uma tora de mogno.

Ela continuou e continuou, e Massimo deixou. E a cada chupada mais intensa ele respondia.

Às vezes com um suspiro ou um gemido baixo, às vezes erguendo o quadril para entrar mais fundo na boca de Manu, na garganta. Às vezes em espasmos de tesão, que contraíam seus músculos recobertos por uma fina e brilhante camada de suor.

Quando esses espasmos foram crescendo, Manu antecipou o que viria e teve vontade de engoli-lo ainda mais. Mas também teve vontade de ver. E o tirou da boca e o apertou com força. Fez isso no tempo exato de testemunhar a primeira golfada cremosa aflorando na glândula e escorrendo pelo comprimento. Escorreu farta e quente, melecando seus dedos.

Ela diminuiu um pouco a firmeza com que o agarrava e sentiu a contração da segunda onda de gozo. Veio com mais força do que a primeira, num chafariz escaldante de prazer que lhe molhou os lábios e os seios.

Certo, certo, lindo, lindo, mas está visto, ela pensou e o abocanhou para sentir o resto, mais um, dois, três, quatro jatos de gozo quente jorrando de dentro do amor de sua vida direto para sua boca, cobrindo sua língua, invadindo sua garganta.

Massimo gozou muito. Manu lembrou do espetáculo à beira da estradinha de Modena. Da quantidade de gozo que cobrira seu corpo. Imaginou que estava engolindo aquilo tudo e isso a excitou mais. *Goza, meu amor, me enche de você, goza até me afogar!*, ela pensava enquanto engolia cada gota de Massimo e rebojava a bunda empinada, contorcendo-se do prazer úmido que a possuía.

O gozo de Massimo estava, com em algumas outras vezes, doce, com um sabor cítrico suave. *Se eu servisse isso no Carmona, a mulherada ia fazer fila na porta*, ela pensou antes de finalmente tirá-lo da boca.

Deu mais uma lambidinha suave, depois se ergueu, respirando fundo para recuperar o fôlego. Estava molhada, os peitos empinados e arfantes brilhavam de suor e do gozo de Massimo. O rosto estava avermelhado de excitação, os cabelos despenteados, os lábios úmidos entreabertos.

Ela se ergueu, ajoelhada sobre a cama, e observou Massimo. Ele estava deitado de barriga pra cima, de olhos fechados, a cabeça largada para trás, as duas mãos agarrando os lençóis impecavelmente brancos. Seu sexo, ainda ereto, se contraía em resquícios de orgasmo que refletiam no corpo inteiro. Tremores de prazer que faziam seus músculos reluzentes se retesarem num balé belo e sensual.

Manu o observou por um tempo, passando de leve a mão sobre as coxas musculosas. Estava adorando cada segundo daquilo, querendo que aquele orgasmo, aquele presente apaixonado que ela havia entregue com tanta paixão, ecoasse para sempre. Massimo ficou mais um tempo daquele jeito, olhos fechados, corpo percorrido por tremores que foram diminuindo, diminuindo, até finalmente pararem.

Manu teve vontade de colocá-lo de novo na boca, de voltar a chupá-lo até que ficasse

completamente duro de novo. Até que gozasse mais uma vez e eles ficariam assim, eternamente ligados. Ele gozando e gozando, ela apenas o sorvendo, vivendo do prazer que era capaz de provocar.

Mas, em vez disso, ficou apenas admirando. Admirando seu homem. O homem mais lindo e mais incrível do mundo, agora desfalecido de prazer. Definitivamente vencido pelo poder sedutor de seus lábios, de sua língua...

Massimo ficou um tempo assim, apenas respirando ofegante. Depois finalmente entreabriu os olhos, alcançou o pulso de Manu e a puxou para si. Fez com que ela deitasse o corpo pequeno e alvo sobre os músculos dourados dele. Envolveu-a com os braços, beijou sua boca, sua bochecha e sussurrou em seu ouvido.

– Você é a mulher mais incrível e mais gostosa do mundo, Manuela Carmona.

Capítulo 18

Aura Carmona deu um longo suspiro antes de bater a porta de seu BMW azul-claro. Manu e Cherry Paula desceram em seguida e esperaram pacientemente enquanto a distinta senhora tirava as luvas de couro sem as pontas dos dedos, que usava para dirigir. Ela guardou as luvas na bolsa Louis Vuitton, deu mais um suspiro e ergueu a face na direção da fachada imponente, com grandes colunas neoclássicas.

– Bem, minhas caras amalucadas, aqui estamos. Mas ainda há tempo de voltarmos atrás – exclamou, agora voltando-se para a sua filha única, que tinha os olhos fixos na mansão, com suas luzes dignas de palácio de Versailles.

– É verdade, Manuelita – Paula concordou apoiando de leve a mão no ombro da amiga. – Podemos voltar atrás. Podemos arranjar outra maneira, pensar com mais calma...

– Nada de voltar atrás – Manu exclamou com a voz um pouco tremida de nervoso. – Nada de voltar atrás – repetiu mais baixo, como que para se convencer.

Depois respirou fundo e foi adiante. Caminhou pelo pátio de pedriscos brancos onde haviam estacionado, subiu os cinco degraus de mármore e apertou o botão dourado da campainha. Um ding-dong de antigamente soou lá dentro. Manu sentiu o coração bater mais forte, daquele jeito que até deixava difícil o ato de respirar.

Percebendo o estado de nervos da amiga e tentando controlar a própria raiva, Paula voltou a apoiar a mão sobre o ombro direito de Manu.

– Vai dar tudo certo, Manuelita – sussurrou aproximando os lábios vermelhos do ouvido da *chef*.

– Vai. Vai, sim – Manu concordou com um sorriso amarelo.

Depois as três ficaram em silêncio. Ficaram ali paradas por longos instantes, que pareciam ainda maiores por conta da ansiedade e do nervosismo. Quando a grande porta de mogno com detalhes dourados finalmente se abriu, tanto Manu quanto Paula sentiram o rosto corar de fúria.

Lá estava ele. O homem que vinha fazendo de tudo para arruinar o restaurante que elas haviam criado com tanto suor, carinho e dedicação. O homem que tentara destruir o amor de Manuela e Massimo. O homem que havia assassinado, a sangue frio, o dócil e imponente Tornado. Lá estava o bilionário corrupto, machista, o porco nojento de pescoço avermelhado. Lá estava Sean Batista.

– Ora, ora, ora, mas quanta honra receber três mulheres tão deslumbrantes nesta noite de calor! – ele disse abrindo os braços curtos e fortes, metidos numa camisa branca de linho.

Diante daquela recepção, tão falsa e dissimulada, Manu e Paula seguiram estáticas, mudas,

completamente tomadas pela raiva. Pela primeira vez na vida, Manu achou que seria realmente capaz de matar um homem. E por alguns instantes se deu ao prazer de imaginar a cena.

Cherry Paula daria o primeiro golpe. Acertaria o bico fino da bota de couro preto bem no meio das bolas murchas e caídas do bilionário. Quando ele se curvasse de dor, a *bartender* daria a volta e agarraria o pescoço atarracado num vigoroso mata-leão. Com mão livre, sacaria o punhal que trazia escondido no cano alto da bota e entregaria a Manu.

Ela empunharia a faca diante dos olhos arregalados de Sean. Ficaria ali por alguns minutos. Ficaria apenas saboreando o momento, antes de, num golpe certo, cravar a lâmina brilhante bem fundo no estômago do segundo homem mais rico do país.

– A honra é toda nossa! – Aura respondeu tirando Manu de seu sonho sanguinolento. – Não é sempre que somos recebidas pelo homem mais rico do país – continuou enquanto entrava na sala ampla e imponente.

O lugar era nababescamente decorado. Tapeçarias ricamente trabalhadas, cristais reluzentes e móveis que lembravam um museu da nobreza europeia. O único item que destoava do conjunto era uma Lamborghini Gallardo branca, estacionada em cima de um tapete persa, ao lado do piano de calda, também branco.

– O segundo, minha cara Aura – Sean Batista respondeu sorrindo, ainda mantendo a porta aberta à espera de que Paula e Manu decidissem entrar. – Sou apenas o segundo homem mais rico do país.

– Por enquanto, não é mesmo? – Aura retrucou lançando chispas com os olhos na direção da filha. Manu finalmente conseguiu retomar o controle dos joelhos amolecidos de raiva e entrou, junto de Paula.

– Esperemos que sim, esperemos que sim – o bilionário exclamou conduzindo as três até os amplos sofás de veludo bege-claro, que ficavam no lado oposto do carro esporte e do piano.

Assim que todos se sentaram, um mordomo surgiu de uma porta lateral. Aproximou-se num andar sorrateiro e elegante e ofereceu taças de espumante que trazia numa bandeja de prata, curvando-se levemente diante de cada uma das três convidadas.

Manu agradeceu e negou a bebida. Aura e Paula pegaram uma taça cada uma. E, enquanto a mãe de Manu sorvia o líquido refinado em golezinhos curtos, a *bartender* bebeu tudo de um gole só. Depois bateu com a taça vazia sobre a mesa de centro e chamou o mordomo de volta, usando apenas o dedo indicador e o olhar injetado de fúria.

O homem obedeceu. Aproximou novamente a bandeja da ruiva que fez o mesmo movimento de antes. Pegou uma taça, bebeu tudo de um gole só e bateu o copo vazio sobre a mesa. Dessa vez o gesto foi mais forte e intenso, como se ela estivesse num concurso de bebidas do interior do Texas.

Os três apenas observaram a *bartender* em silêncio. Sean e Aura pareciam ligeiramente espantados, enquanto Manu tentava ocultar o orgulho que sentia da amiga. Quando Cherry Paula pegou a terceira taça, uma ligeira nuvem de suspense baixou sobre a sala da mansão. Por alguns instantes todos a observaram, esperando que ela tomasse tudo de um gole só, certos de que dessa vez a pobre taça seria esmigalhada no mármore da mesa de centro.

Como que só pra provocar, Paula não bebeu tudo de um só golpe. Deu apenas um golezinho curto e apoiou delicadamente a taça sobre a mesa. Quando percebeu que tinha definitivamente atraído a atenção de todos, inclusive do mordomo, concluiu que havia chegado a hora de testar sua arma secreta.

Primeiro aprumou o corpo no sofá, fazendo os peitos se arrebitarem ainda mais na regata justa e decotada. Depois abriu ligeiramente as pernas, totalmente nuas a não ser por uma minúscula minissaia de couro preto. Da cadeira onde estava sentado, Sean acreditou ter visto, apenas por um segundo, ao tecido rendado de uma calcinha minúscula.

Mas foi por um instante apenas. Um lapso. Um flash de volúpia. Um fotograma de erotismo num filme de época, e logo Paula cruzou as pernas musculosas e brilhantes, guardando-se na sensualidade das coxas.

Manu sentiu o coração bater mais rápido. Dessa vez não era raiva nem ansiedade. Era emoção. Um pouco, por orgulho da amiga. Linda, sexy, sedutora, uma perfeita mulher fatal. Uma espiã infiltrada, muito mais competente do que qualquer piriguete de Hollywood.

Mas não era só por isso que o coração de Manuela Carmona havia disparado. Era também porque estava funcionando. Estava acontecendo. Paula havia testado sua isca. Havia testado seu poder. E o resultado havia sido o que elas esperavam: devastador.

O vislumbre da intimidade de Cherry Paula ali, envolta apenas por aquela faixa estreita de couro, a promessa do sexo, oculto apenas pela renda vermelha, desestabilizou completamente o segundo homem mais rico do país. A vermelhidão de papada de peru que normalmente tomava conta do rosto e do pescoço de Sean Batista desapareceu por completo. O homem ficou lívido como se tivesse visto um fantasma.

Quando Paula cruzou as pernas, escondendo o talismã da hipnose, ele continuou parado. Abriu um pouco a boca e continuou ali, os olhos arregalados, encarando o brilho acetinado das coxas bronzeadas.

As três mulheres também permaneceram em silêncio, observando. Não houve qualquer movimento, qualquer reação além de um sorriso discreto e uma troca de olhares entre Manu e Paula. Elas queriam ver até onde ia o estrago da arma secreta que a *bartender* trazia entre as pernas.

Foi longe. Sean continuou longos instantes daquele jeito. Como se alguém tivesse

simplesmente desligado seu cérebro da tomada. Só recobrou parcialmente a consciência quando o mordomo foi em seu auxílio.

Por estar ao lado de Paula, o homem havia sido apanhado de esguelha pelo poder de sedução. Havia sido atingido só pela visão sensual das pernas, e por isso foi capaz de se recobrar com certa rapidez. Percebendo a enrascada em que o patrão se metera, o serviçal caminhou até ele, curvou-se e sussurrou algo no ouvido de Sean.

O bilionário trouxe uma porção grande de ar e aprumou as costas, como se tivesse acordado de repente. Ergueu o rosto, encarou cada uma das três mulheres que o observavam atentamente e tentou falar alguma coisa. Foi a primeira vez, em dez anos de serviços prestados, que o mordomo viu seu patrão gaguejar. E ele gaguejou bastante. Ensaiou umas três ou quatro vezes até que finalmente conseguiu terminar a frase:

– E, afinal, minha cara Aura, a que devo a honra da visita? – perguntou cravando os olhos no rosto empolado de Aura, numa tentativa desesperada de fugir da volúpia que Paula seguia exalando.

– Bem, meu caro Sean, vamos direto ao assunto, não é mesmo?... Ocorre que minha filhinha mencionou que você teria feito uma proposta para comprar o restaurante dela...

– Na verdade – Sean exclamou limpando a garganta – fiz três propostas.

– Sim, claro, foi maneira de dizer. Afinal, o número de propostas não vem ao caso – Aura retrucou dando um gole curto no espumante – o fato é que Manuela me falou dessas propostas. Também falou que as havia recusado.

Aura fez uma pausa dramática, deu mais um microgole no espumante, e prosseguiu, com suas sobrancelhas aristocraticamente erguidas.

– Sabe, meu caro Sean, a verdade é que minha filha é um tanto imatura. E tem um apego inexplicável por aquela espelunca. Uma espécie de paixonite adolescente, creio eu.

Manu sentiu a raiva lhe esquentar o rosto. Aquilo tudo era parte do combinado. Mas, ainda assim, escutar sua mãe falando daquela forma a enfurecia. Não apenas pelo conteúdo em si da frase, mas porque ela sabia que, bem lá no fundo, Aura acreditava no que dizia. Acreditava que sua dedicação ao restaurante era uma besteira de adolescente. Que ela deveria se casar e “cozinhar todas as noites para um único homem”. Acreditava que a proposta de Sean devia ser, de fato, aceita.

Aura foi adiante, sem se atentar para a fúria da filha:

– O fato, meu caro Sean, é que, desde que soube da sua proposta, vim conversando com Manuela. Expliquei a ela que já fizemos negócios antes. Que você é um empresário astuto, porém correto. Confiável acima de tudo, não é mesmo?

– Bondade sua, minha cara, bondade sua... – Sean exclamou recuperando um pouco de sua vermelhidão característica.

Aura continuou:

– Também fiz uma ligeira pesquisa no mercado paulistano de imóveis que, diga-se de passagem, já teve dias melhores. E mostrei a Manuela que, com o que você está disposto a pagar, podemos adquirir outro restaurante. Isso, claro, caso ela queira mesmo insistir nessa ideia infeliz de passar as noites diante de um fogão.

– Bem, mas... – Sean começou a falar, mas Aura o interrompeu, erguendo um pouco a voz.

– Claro que o nome, o cardápio, e toda equipe ficariam no Carmona, sob seu comando.

Incluindo a *bartender* – Aura exclamou passeando os olhos pelas pernas nuas de Cherry Paula.

Paula retribuiu o comentário com um sorriso de desdém, acompanhado de um olhar de fúria na direção do bilionário. Sean continuava com os olhos cravados em Aura. Tinha a impressão de que, se cedesse à tentação de dar mais uma conferida entre as pernas da ruiva estonteante, ficaria preso ali pra sempre.

– Enfim – Aura continuou conforme o ensaio que as três haviam feito na noite anterior. – Foram vários dias de conversa e de convencimento. Mas eu finalmente consegui colocar algum juízo na mente da minha filhota. E, caso você ainda tenha interesse, Manuela está, sim, disposta a vender o Carmona.

Nesse exato momento Manu derrubou a taça de cristal que se estilhaçou no chão. Quando todos se voltaram para ela, a *chef* apertou o nariz entre os olhos e baixou a cabeça, como se acometida por algum mal súbito.

Capítulo 19

– Você está bem, minha querida? – Aura perguntou a Manu enquanto se levantava, fingido preocupação.

Paula continuou sentada no mesmo lugar. Mas, fingindo preocupação com a amiga, descruzou as pernas para se debruçar para frente. Descruzou as pernas, mas não o suficiente para se mostrar. Havia uma promessa apenas, uma isca boiando em meio ao capim da margem. A estratégia deu certo outra vez.

Sean não foi mais capaz de resistir. E seus olhos, junto a toda a sua atenção, se desviaram para aquela possibilidade. Para a hipótese, um tanto plausível, de se deparar novamente com a beleza proibida da intimidade de Cherry Paula.

Com Sean Batista preso na armadilha, restava a Aura e Manu lidarem com o mordomo. Ele se aproximou solícito, perguntando o óbvio: se Manuela estava se sentindo mal. Ela continuou como o ensaiado, fingindo uma queda de pressão ou algo do tipo.

– Está... Está tudo... Está tudo bem – exclamou com a voz cheia de fraqueza.

– Bem, minha querida. Se está tudo bem vou aproveitar a interrupção para usar o toalete – disse Aura com ar de enfado. – Sean? – exclamou voltando-se para o bilionário que continuava embasbacado com a isca erótica de Cherry Paula.

– Hum, ah, sim, temos um lavabo à direita.

Aura se ergueu, alisou a saia e caminhou altiva e elegante, com seu *tailleur* rosa-pastel feito sob medida e seus cabelos prateados, esculpidos numa pós-moderna rosa de laquê. O plano transcorria com perfeição. O banheiro do térreo estava prestes a ser tomado e, mesmo em uma casa daquele tamanho, era pouco provável que houvesse dois lavabos sociais no térreo.

– Posso fazer alguma coisa pela senhorita? – o mordomo perguntou com sua voz grave e subserviente.

– Talvez... Talvez se eu pudesse me refrescar um pouco?... – Manu respondeu com sua voz de donzela desfalecida.

O mordomo titubeou por um instante.

– Senhor Batista, a Senhorita Carmona poderia usar o banheiro do primeiro piso? – o homem perguntou finalmente.

Sean não respondeu. Continuou embasbacado, observando as pernas de Cherry Paula, acariciando os lábios entreabertos com a lateral do dedo indicador. A *bartender* fingia prestar atenção à amiga e se deixava olhar, mantendo-se naquela posição exata, que não chegava a mostrar,

mas mantinha a possibilidade à espreita.

– Senhor? – o mordomo perguntou mais alto.

– Ah, sim, sim, claro! O banheiro do primeiro andar – Sean Batista respondeu sem tirar os olhos da fêmea-alfa da noite.

Ao ouvir a autorização, Manu se levantou devagar, ladeada pelo serviçal. Ele a levou até o pé da imponente escadaria que brotava do meio da sala e quis subir com ela.

– Não, não, aqui está bem, obrigada.

– Mas, senhora, acho melhor...

– Não, não, eu estou bem. E prefiro... Prefiro ir sozinha... Questões de privacidade, sabe?

O mordomo, claro, não sabia que questões de privacidade eram aquelas que impediam mulheres desfalecidas de serem escoltadas escada acima. Mas, treinado que era para servir, achou por bem obedecer. Fez uma mesura e liberou o braço de Manuela, que escalou lentamente os degraus.

– O banheiro fica na primeira porta, bem no alto da escada – o mordomo disse em voz alta.

Ela não se virou. Continuou lentamente até chegar lá em cima, onde o corredor largo, forrado de carpete vermelho, se estendia nas duas direções. Pela disposição da casa, Manu imaginava que o quarto de Sean Batista, a suíte principal, devia ficar em um dos extremos. O banheiro estava ali, a porta entreaberta bem diante dela e não havia como pensar muito. Tinha de apostar em um dos lados. Manu escolheu a direita.

Avançou devagar, a respiração em suspenso, o coração batucando a um zilhão de batimentos por segundo, os joelhos moles, as mãos tremendo de nervoso. Ela sabia perfeitamente o risco que estava correndo.

Sabia que não era nada pequeno. Podia estar no caminho errado. E mesmo se estivesse no caminho certo, podia se deparar com Susie, a esposa perua de Sean, deitada com seu penhoar de seda. Putz, pior! Podia se deparar com Susie nua, a espera do marido. *Certo, certo, melhor pensar em coisas positivas*, Manu pensou enquanto caminhava pé ante pé.

Ela mudou o foco dos pensamentos, mas a coisa não melhorou. Ao contrário. Manu encontrou uma antessala de medo e terror instalada em seu próprio lobo frontal. Tentou não entrar ali. Tentou não pensar no que aconteceria se fosse pega.

Afinal, por muito menos aquele homem havia mandado assassinar um cavalo em outro continente. Não, não, melhor não ser pega. Lembrou do punhal cravado no pescoço musculoso do Tornado. Lembrou da quantidade de sangue que tinha no chão da baia. Da mensagem macabra, escrita na parede. Pensou em sua mãe lá embaixo, pensou em sua amiga, oferecendo-se na toca do leão. *Não, não, melhor não ser pega, Manuela Carmona...*

Assim, sem outra escolha, ela continuou adiante. Tentando pensar positivamente, andando

rápido e em silêncio. O corredor terminava numa porta dupla e imponente, de madeira pintada de branco. Tinha tudo para ser ela. E era agora ou nunca. A hora da verdade. A hora do tudo ou nada.

Manu baixou lentamente a maçaneta dourada e abriu uma fresta apenas. Havia luz do outro lado. Mas era pouca. Uma luz difusa, que podia muito bem vir de uma luminária esquecida acesa ao lado da cama. Também podia ser a luz de leitura da perua da Susie.

Mas não havia mais como voltar atrás. Não havia nada a fazer a não ser apostar todas as fichas, apostar a própria vida, apostar a vida de sua mãe e de sua melhor amiga... Manuela Carmona respirou fundo para controlar o próprio medo e abriu a porta, lentamente, mas de uma só vez, como quem arranca o esparadrapo de uma ferida.

Capítulo 20

Manu respirou fundo, preparando-se para o que fosse, e abriu a porta do quarto que, se a sorte estivesse com ela, pertenceria ao segundo homem mais rico do país. Quando constatou que não, que Susie não estava deitada na gigantesca cama de dossel, suspirou aliviada, e deu um passo adiante. Fechou cuidadosamente a porta atrás de si e permaneceu um tempo parada, esperando que seu coração voltasse ao normal para que pudesse respirar e pensar direito.

Depois de recobrar um pouco da calma, ela olhou ao redor, tratando de reconhecer o ambiente hostil. O quarto era enorme e decorado com os mesmos rococós luxuosos da sala.

A cama de casal, coberta com uma colcha de seda bordada, ficava à direita da entrada. Ao lado dela, uma porta levava ao closet e ao banheiro. Bem diante da entrada, havia uma grande janela emoldurada por cortinas brancas com enfeites dourados. À direita, no lado oposto à cama, havia uma pesada escrivaninha de madeira lustrosa.

Bingo! Se os segredos de Sean Batista estivessem escondidos em algum lugar daquele quarto seria ali. Seria na mesa de trabalho que o bilionário, como um bom *workaholic*, mantinha no quarto de dormir. Manu pensou que a prudência mandava dar uma espiada no banheiro antes de ir adiante com a missão de busca. Ver se Susie não estava lá, num tépido banho de espuma.

Por outro lado, ela queria terminar logo. Queria copiar tudo o que podia, dar o fora dali, entregar o que quer que houvesse no tal computador para Massimo, esperar que algum jornal fizesse o trabalho sujo, e nunca mais ouvir falar em Sean Batista. Assim, dominada pela pressa e pela aflição de estar naquela situação, completamente exposta, Manu resolveu deixar a prudência de lado. Correu direto para a mesa de trabalho.

Era enorme. Sobre ela, havia uma grande pilha de livros de negócios, um exemplar de luxo de *A Arte da Guerra* (típico), um telefone imitando modelos antigos e uma garrafa de cristal cheia pela metade de um líquido dourado, provavelmente uísque. Havia uma pilha de papéis, alguns encadernados, outros avulsos. Outra pilha de cadernetas dos mais diversos tamanhos. Havia um estojo com óculos de leitura *Prada*, um par de canetas Montblanc. Havia, enfim, uma porção de badulaques do segundo homem mais rico do país. Mas, computador que é bom, nada.

É, Manuela Carmona, não vai ter jeito. Você vai ter de ir adiante. Vai ter de abrir as gavetas desse canalha...

Manu respirou fundo e, muito lentamente, puxou a grande gaveta central, que ficava bem abaixo do tampo. Ela deslizou, suave como se houvesse sido lubrificada naquela manhã. E lá estava ele! Um singelo retângulo de alumínio fosco. O Macbook Air que, segundo as informações

privilegiadas de Elfo, continha os maiores segredos de Sean Batista.

Ela tirou o laptop da gaveta, colocou sobre a mesa e abriu a tampa prateada. Com os dedos tremendo de nervoso, apertou a barra de espaço e a tela se acendeu. Havia, claro, uma senha na tela bloqueada. Mas ela estava preparada para aquilo. Ao menos, era isso que Elfo havia garantido.

O *pendrive* que ela trazia no bolso vinha com um programa espião embutido. Bastava plugar na porta USB e ele faria todo o trabalho sujo. Daria um drible na senha e, sem fazer o computador sair da tela bloqueada, copiaria todos os arquivos secretos de Sean Batista. O único problema é que, para isso, tinha de ficar pelo menos sete minutos grudado ali, na lateral do computador.

Como explicaria tanta demora? Questões femininas? Piriri?... Enfim, melhor não pensar, melhor ir adiante, Manu disse para si mesma enquanto seus dedos nervosos se metiam no jeans justo em busca do *pendrive*. Ela estava assim, prestes a sacar a arma tecnológica que levaria seu inimigo à ruína quando escutou um barulho.

Era o banheiro. Susie! Não, não era. Era pior. Era a porta. Puta que pariu a porta! A maçaneta baixando devagar. Depois a porta se abrindo. *E puta quer pariu, estamos mortas!*

Capítulo 21

Aura Carmona foi a primeira a entrar. Trazia as sobrancelhas erguidas como sempre, mas dessa vez não havia restado muita arrogância por ali. Havia apenas um intenso pavor. Cherry Paula veio em seguida. Estava um pouco descabelada, mas se mantinha altiva. Em seu rosto, ligeiramente corado, não havia qualquer sinal de medo. Havia fúria somente.

Depois das duas mulheres, entraram quatro homens corpulentos, de terno preto e cara fechada. Por fim, veio Sean Batista. Ele avançou devagar, num passo gingado, que combinava perfeitamente com o sorriso de vitória estampado em seu rosto.

– Senhorita Manuela Carmona – ele exclamou abrindo os braços. – Sua mãe, Dona Aura, aqui presente, nunca te ensinou que é feio bisbilhotar nas coisas dos outros?

Quando terminou a frase, Sean Batista não exibia mais o sorriso de antes. Seu rosto estava fechado e mais vermelho do que nunca, tomado de uma fúria que parecia quase sobrenatural de tão intensa.

– Vai, pega ela! – ele ordenou ralhando com um dos seguranças.

Manu reconheceu o homenzarrão que avançava na direção dela

– J.... J... Jamanta? – exclamou com a voz cheia de medo, esperando que o simples fato de conhecê-la, de tê-la trazido da praia, de conhecer Massimo, fosse um atenuante para aquela situação toda.

Não era. Jamanta avançou com a cara fechada e agarrou-a pelo pulso, com uma força que fazia os ossinhos finos de Manu estalarem dolorosamente. Aquela brincadeira de destruir o Mercedes aparentemente não tinha dado bons resultados.

– Vamos. Vamos descer com essas putinhas! – Sean Batista exclamou com a voz cheia de ódio.

Manu sentiu o coração acelerar, sentiu as pernas fraquejarem e só não desabou no chão porque Jamanta a segurava. A segurava e a arrastava pelo carpete vermelho, como se fosse um pedaço de trapo velho. No meio da escada, ela tropeçou e realmente caiu. Bateu o joelho, uma pancada dolorida, que a fez ver estrelas. E teria ficado ali. Teria permanecido ali, sem forças, não fosse o braço de aço de Jamanta a erguê-la novamente para seguirem escada abaixo.

– Agora revista a putinha morena – Sean Batista ordenou quando eles chegaram à sala principal, entre o piano e a Lamborghini.

Jamanta começou pelos tornozelos, subiu pelas coxas, até a virilha. Manu fechou os olhos tentando não sentir as mãos enormes que a envolviam. Que tocavam em partes íntimas, mas de um

jeito rude e burocrático, que a fazia sentir-se como se fosse apenas um pedaço de carne. Que a fazia sentir asco e nojo.

Ele passou a mão por trás, na bunda. Passou... Passou a mão por entre as pernas escavando um vazio de pavor dentro de Manu. Depois meteu a mão nos bolsos. Primeiro nos de trás, onde não achou nada. Depois nos da frente, onde a coisa foi ligeiramente diferente. No da esquerda, achou o *pendrive* com o programa espião. No da direita, achou o iPhone, cinza espacial.

Quando o capanga sacou o celular do bolso justo, todos viram que a tela estava acesa. Ele a examinou por um instante. Depois voltou-se para o patrão, com o rosto tomado por uma expressão abobada de dúvida.

– Doutor Batista, acho melhor o senhor dar uma olhada nisso aqui – disse com o vozeirão grave e sério.

O empresário correu na direção de Jamanta pegou o aparelho da mão do capanga e ficou olhando a tela por algum tempo. Seu rosto se tornou ainda mais vermelho e enfurecido. Havia uma ligação em andamento. Na verdade, uma ligação que estava em andamento havia onze minutos e trinta e quatro segundos.

Ele olhou o nome de quem estava do outro lado da linha, estampado em letras claras e brilhantes na tela preta: Massimo Pastore. Observou o nome por algum tempo, tentando organizar os pensamentos.

Quando finalmente entendeu o que estava acontecendo. Que Manuela, como medida de segurança, tinha ligado para Massimo. Que, desde que ela subira as escadas, ele estivera escutando tudo do outro lado da linha. Quando percebeu que o celular tinha funcionado como uma espécie de escuta, Sean respirou fundo, aproximou a boca do aparelho berrou com a voz distorcida de raiva:

– Eu vou acabar com a tua raça, seu italiano de merda!

Depois apertou o dedão sobre o ícone vermelho com toda a força que tinha. Apertou como se acreditasse que, do outro lado da linha, Massimo sentiria a intensidade com que ele tinha interrompido a chamada.

Assim que desligou, Sean Batista se voltou para Manuela, que seguia parada, estática, os grandes olhos azuis arregalados de medo. Ele a encarou por algum tempo, depois fez menção de dizer algo, mas antes que o fizesse, plin!, o celular de Manu apitou.

O bilionário voltou a olhar a tela acesa. Agora era uma mensagem de texto:

“Estou a caminho com o Elfo”

“Polícia também a caminho”

O rosto de Sean Batista ficou ainda mais vermelho, como se todo o sangue do corpo houvesse se concentrado na cabeça. Mais uma vez ele quis dizer algo e mais uma vez plin!, o celular

o impediu.

“Vocês terão de se explicar. Mas ao menos estarão seguras”

Plin!

“O Sean não gosta de polícia”

Plin!

“Liguei para uma amiga, editora da Folha de S.Paulo”

Plin!

“Disse que vai mandar um repórter”

Plin!

“Só pra ter certeza de que a polícia vai tratar vocês de acordo com as leis”

Plin!

“Não se preocupe que vai dar tudo certo”

Plin!

“Te amo e estou orgulhoso de você”

Quando leu a última mensagem, Sean Batista atirou o celular no chão, espatifando a tela do aparelho. Depois pisou duas vezes em cima.

– Vai! – berrou erguendo os braços – Bota essas putas pra fora daqui! Rápido que eu não quero uma porra de um circo no caralho do meu jardim!

Jamanta obedeceu. Abriu a porta para que elas saíssem e Manu estava quase suspirando aliviada quando ouviu outro berro do bilionário.

– Espera! Traz a puta ruiva aqui!

Não, não, não, Manu repetia de si para si. Mas não teve jeito. Dois capangas agarraram os braços torneados de Cherry Paula e a arrastaram até diante de Sean Batista. A tarefa não foi nada fácil. A *bartender* se contorceu e se debateu qual um animal selvagem. Os músculos definidos retesados, os olhos verdes injetados de fúria por entre o vermelho dos cabelos revoltos.

Quando eles finalmente conseguiram fazer com que ela parasse em pé diante do dono da casa, ele se aproximou sorrrateiramente. Os dois seguranças continuavam a segurá-la pelos braços e Sean se aproximou até quase encostar o corpo no dela. Depois, num movimento bruto e rápido meteu a mão por baixo da minissaia de couro preto.

Não, não, não!, Manu repetia em silêncio, a voz emudecida pela aflição. Novamente não teve jeito. Enquanto encarava o rosto de Paula com um olhar nojento, um misto de fúria e excitação, Sean Batista agarrou a calcinha pela lateral. Depois, num puxão único e violento, rasgou o tecido.

Todos na sala ficaram com as respirações em suspenso enquanto o rosto da bartender corava de fúria. Sean Sorriu, depois repetiu a agressão. Meteu a mão outra vez por baixo da saia e rasgou a

alça do outro lado. Por fim, arrancou o delicado tecido de renda e jogou no chão, num gesto cheio de desprezo. A *bartender* estava completamente nua sob a minissaia, completamente à mercê do desgraçado.

– Larga ela, seu verme escroto! – Manu gritou subitamente recuperando a voz. – Larga ela se não a gente vai te matar! A gente vai te matar, seu porco nojento! – continuou, berrando e se contorcendo, tentando em vão se livrar dos dois capangas que a seguravam pelo braço.

Paula ficou imóvel, qual uma fera assustada, as pernas fechadas, defendendo-se dos dedos do bilionário que iam subindo pelas coxas nuas. Ele continuava a encará-la, examinando satisfeito todo o desprezo que era capaz de causar. Enquanto isso, ia avançando com as mãos por entre as pernas, avançando rumo ao sexo desprotegido de Cherry Paula. Essa parte, contudo, durou pouco.

Porque, assim que sentiu um espaço mínimo para se movimentar, a *bartender* agiu. Ergueu a perna direita num movimento rápido e preciso, acertando uma violenta joelhada na virilha de Sean Batista.

Manu sorriu orgulhosa quando ouviu o barulho. E mais ainda quando viu o bilionário se curvar de dor. Mas logo voltou a ficar séria e apreensiva. Afinal, elas continuavam ali. Continuavam à mercê da fúria daquele homem, uma fúria que agora... bem... que agora devia estar um tanto mais furiosa.

Sean Batista ficou curvado por mais de um minuto. Um tempo que, diante da tensão que pairava ao redor, soou como uma eternidade. Depois foi lentamente se erguendo, o rosto contraído, a pele agora assumindo tons arroxeados.

Quando finalmente conseguiu aprumar o corpo, ele voltou a encarar a Cherry Paula que permanecia ativa, o queixo erguido, os lábios cerrados, os olhos verdes exalando ondas poderosas de ódio.

Ele a encarou por um tempo e finalmente fez menção de virar as costas. Foi se afastando muito lentamente, o que espalhou uma onda de alívio entre todos os presentes. Mas, antes de girar completamente o corpo, ele parou. Parou e se voltou novamente para Paula. Se voltou de uma vez só, ao mesmo tempo em que desferia uma violenta bofetada no rosto da *bartender*.

O barulho ecoou na pela sala ampla. Manu deu um grito de horror e se contorceu mais, tentando a todo custo escapar para ajudar a amiga. Paula perdeu a consciência por um instante. Sua cabeça pendeu para frente e seu corpo ficou inerte, desfalecido nos braços dos seguranças.

Foi um instante apenas. Alguns segundos até ela erguer novamente o rosto. Novamente impávida, novamente encarando seu agressor em silêncio, com o mesmo olhar injetado de fúria assassina.

– Agora vai. Pode botar essas putas pra fora daqui antes que me arrumem mais merda pra

cabeça! – Sean Batista exclamou. Depois virou as costas e subiu as escadas.

Elas não puderam ver porque estavam sendo postas pra fora pelos seguranças. Mas o segundo homem mais rico do Brasil mancava, e cada passo lento e esforçado escada acima era acompanhado de uma careta involuntária de dor. Paulinha tinha feito um belo estrago.

Capítulo 22

– Eu vou matar aquele filho da puta! – Massimo exclamou com a voz áspera e o sotaque italiano intensificado pela raiva. – Eu vou agora matar aquele filho da puta! – repetiu.

Ele zanzava de um lado para o outro no apartamento de Elfo, que permanecia encostado na bancada da cozinha, sem dizer nada. Manu e Paula estavam sentadas no grande sofá azul-escuro e a *bartender* segurava uma bolsa de gelo no lado esquerdo do rosto. Aura não estava mais entre eles e dormia em sua cobertura nos Jardins, embalada por um lexotan e dois uísques duplos.

As três mulheres haviam deixado a casa de Sean Batista no carro de Aura. No momento em que arrancaram, tremendo de nervosas, Massimo e o Elfo estavam realmente a caminho, mas Manu ligou para avisar que podiam dar meia-volta. Elas estavam bem, apesar de tudo. Massimo telefonou à polícia cancelando o chamado e explicou a situação à amiga jornalista.

Agora estavam todos ali, no apartamento de Elfo, perdidos e desorientados.

– Eu vou matar. Vou matar – Massimo repetiu. – Posso passar o resto da vida na cadeia, mas vou matar aquele filho da puta!

– Ok, eu vou com você – Elfo exclamou em voz baixa e calma, colocando uma jaqueta preta de couro.

De uma hora pra outra, o que antes soava como uma ameaça vazia, num momento de ira, tornou-se uma possibilidade perigosamente real.

– Ótimo. Você... Você tem uma arma? – Massimo perguntou apanhando o paletó.

– Não – Elfo respondeu com o alguma dúvida no rosto. Depois pareceu achar a solução: – Mas sei onde conseguir.

– Heeeeei! – Manu gritou se levantando de repente. – Ninguém vai matar ninguém. Ninguém vai sair dessa casa hoje, está bem? – exclamou aos berros, o rosto vermelho de raiva.

Massimo e o Elfo pararam por um instante, espantados com a fúria súbita de Manu. Paula se ergueu do sofá e tirou a bolsa de gelo da bochecha avermelhada.

– Gatão. Senta aqui. Vocês não vão matar ninguém. Na melhor das hipóteses vão acabar passando uma noite na cadeia. O homem tem um exército de seguranças, pelo amor de Deus!

Os dois pararam diante da porta. Tinham a mesma pose, como se houvessem combinado: ambos com a mão na cintura e uma ligeira expressão de dúvida no rosto.

– Mas, Manuela, olha... olha o que ele fez com o rosto da Paula – Massimo protestou! Olha como estão os seus braços!

A coisa não era mesmo das melhores. O lado esquerdo do rosto de Cherry Paula estava todo

vermelho, pendendo pro roxo, e o lábio superior estava ligeiramente inchado. A pele branca dos braços de Manu também estava coberta de manchas vermelhas, causadas pelos apertões dos seguranças.

– Olha – Paula respondeu se levantando do sofá e ajeitando a microssaia. – Eu te garanto que as bolas daquele filho da puta estão num estado bem pior do que o meu rosto. E te garanto também que vão demorar bem mais pra parar de doer.

Massimo suspirou, largando os braços ao longo do corpo. Elfo caminhou na direção da *bartender* e a envolveu num abraço carinhoso. Manu observou os dois por algum tempo. Pensou em como eles formavam um casal lindo, em como suas belezas exóticas e exuberantes combinavam.

Depois pensou que nunca tinha visto uma demonstração de carinho como aquela entre eles. Tinha visto outras coisas. Coisas... hum... bem mais quentes. Mas aquilo era diferente. Não tinha a ver com sexo e com paixão. Tinha a ver com carinho e com amor. Por um instante, se deu ao luxo de ficar feliz pela amiga, a despeito do rosto machucado.

– E a verdade – Paula exclamou quando o Elfo a liberou do abraço, dando um beijinho na bochecha ferida – é que eu já me meti em coisas muito piores. E nunca ninguém matou nem morreu por causa disso. Infelizmente – concluiu largando o corpo no sofá.

Elfo finalmente aceitou a realidade de que não matariam ninguém naquela noite e se sentou ao lado de Paula. Massimo ficou mais um tempo em pé, andando de um lado para o outro feito um leão enjaulado. Depois também se deu por vencido e se sentou ao lado de Manu, apoiando a mão de leve sobre a perna dela.

Os dois casais ficaram longos minutos em silêncio, remoendo o ocorrido. Até que Manu se aprumou no sofá, voltou os olhos azuis para Massimo e exclamou numa voz séria e grave:

– Acho que não temos mais opção, Massimo. Acho que vamos ter de apelar pro seu plano.

Massimo suspirou e levou as duas mãos à cabeça.

– Não. Chega. Eu não vou mandar outra mulher pra toca daquele canalha. Não. De forma alguma. Temos de arrumar outro jeito.

Manu suspirou e piscou enquanto pensava e colocava na balança todos os prós e todos os contras. Tudo bem, Cindi Nalba era a piriguete gostosíssima e poderosa que havia tido noites e mais noites de paixão e sexo selvagem com o seu homem. Mas nem por isso Manu queria vê-la passar pelo que Cherry Paula tinha passado naquela noite.

– Não vai ser a mesma coisa – Manu respondeu finalmente. – A... A Cindi é uma atriz profissional. O Sean, no fundo, é um imbecil. Com a gente, ele tinha tudo para desconfiar. Com ela é o contrário. Porque ela tem tudo pra me odiar. Tem tudo pra odiar nós dois. Você mesmo me disse isso, Massimo. Ela vai ser muito mais convincente. E a gente já conhece a casa. Não tem como dar

errado.

Massimo deu um longo suspiro e se virou para encarar Manuela Carmona de frente. Seu rosto, alvo e delicado, estava sério e preocupado como ele nunca vira antes.

Capítulo 23

A mundialmente famosa e desejada atriz Cindi Nalba estava gravando um comercial de protetor solar numa praia do litoral paulista. Assim que chegara ao Brasil, seis dias antes, ela tinha enviado um *WhatsApp* a Massimo, com uma pergunta direta e indiscreta, bem ao seu estilo de mulher que tem tudo o que quer:

“Estou em SP. Quer transar loucamente?”

Massimo gentilmente recusou a oferta. Explicou que agora era um homem comprometido, ao que Cindi respondeu com meia dúzia de palavrões. Depois a atriz escreveu de novo, pedindo desculpas.

Explicou que ia ficar por duas semanas no Brasil e mandou mais dez ou quinze mensagens dizendo que não aguentava mais o tédio das gravações e aqueles publicitários todos querendo dar um jeito de agradá-la. Por fim, disse que provavelmente seu novo namorado viria passar alguns dias com ela. Então, provavelmente não iam poder transar de qualquer maneira.

“A não ser que você tope algo a três”

“O John é gato”

“E bom de cama”

Na hora, Massimo não deu muita atenção à coisa toda e simplesmente parou de responder as mensagens. A presença da ex-amante não o afetava em nada. Apesar de tudo o que tinham vivido juntos, de todo o calor, do tesão que emanavam na cama, Cindi Nalba já não despertava sequer uma pontinha de desejo em Massimo.

Isso não tinha nada a ver com a atriz, uma mulher inegavelmente linda, interessante e engraçada. Uma mulher completa e incrível. Tinha a ver única e exclusivamente com o amor por Manu. Com a paixão intensa e dominante que fazia com que ele simplesmente ignorasse a presença de outras mulheres, por mais deslumbrantes que fossem.

Mas, dois dias depois da mensagem da atriz, no instante em que o Elfo sugeriu que buscassem uma terceira pessoa para furtar os dados secretos de Sean Batista, o nome estrelado de Cindi apareceu piscando luzes de neon na mente de Massimo. Afinal, quem suspeitaria de que a atriz mais bem paga de Hollywood toparia fazer um bico como ladra de documentos secretos nas horas vagas?

Além disso, conhecendo Cindi razoavelmente bem, Massimo achava que ela poderia topar. Não apenas pelo tédio com as gravações mas também pelo fato de que os paparazzi que a flagraram com os peitos de fora na vinha Pastore haviam sido contratados por Sean Batista. Após descobrir

isso, Cindi Nalba tinha desenvolvido um discreto ódio pelo bilionário.

Claro que contratempos como aquele faziam parte da vida de estrela de cinema e ela nunca se daria ao trabalho de arquitetar um plano de vingança. Por outro lado, se esse plano caísse em seu colo decotado, a coisa tinha boas chances de mudar de figura.

Massimo explicara tudo isso a Manu. E depois da ligeira crise de raiva, daquela coisa toda com o copo espatifado na parede, depois de o plano de Manu e de Paula sem a atriz piriguete ter fracassado perigosamente, a *chef* tinha sido obrigada a voltar atrás. Tinha finalmente aceitado que, diante do absurdo da situação, a ideia de usar Cindi realmente não era das piores.

Na verdade, mais do que aceitar, ela tinha se tornado uma entusiasta da ideia. Passara dois dias convencendo Massimo de que sim, o plano daria certo. E de que não, sua piriguete queridinha não sairia de olho roxo da casa do porco nojento avermelhado Sean Batista.

Uma vez convencido, Massimo propôs que eles fizessem um jantar a quatro-mãos para Cindi. A atriz estava hospedada na praia de Paúba, a pouco mais de duas horas da capital, e poderia muito bem passar uma noite em São Paulo. Massimo mandaria um motorista, ou iria pessoalmente apanhá-la.

Manu sentiu um discreto desespero de ciúme ao ouvir a segunda opção. De jeito nenhum que ia deixar a piriguete estrelada por mais de duas horas num carro com Massimo. Ela sabia bem o que ele gostava de aprontar com suas passageiras em viagens de automóvel.

A ideia de que Cindi passasse uma noite em São Paulo também não era das mais agradáveis. Ia ficar hospedada onde? Na suíte ao lado da deles? Numa cama igual àquela em que, meses antes, Massimo quebrara o encantamento presenteando Manu com seu primeiro orgasmo? Não, não, má ideia.

Isso sem falar na ideia de cozinhar pra lambisgoia. Manu pensou que era bem capaz de colocar uma colher de laxante no molho madeira, gotinhas de alvejante no dry martini, pitadas de sapólio no queijo ralado, lascas de sabão de coco misturadas à trufa branca...

Não, nada disso, nada de jantar. E nada de deixar os dois sozinhos. Se Massimo ia trazer uma ex-amante para perto deles, Manu faria questão de estar o tempo inteiro junto. Assim, sem conseguir pensar direito no que aquilo tudo significava, tentando de todas as formas tomar as rédeas da situação, ela se apressou em oferecer uma alternativa ao jantar.

– Por que a gente não vai até a praia? – perguntou em voz baixa.

Massimo a encarou com ar de curiosidade e Manu, sentindo um calor de nervosismo lhe subir pela pescoço, foi adiante:

– Eu sempre quis conhecer um set de filmagem.

Massimo sorriu diante da mentira. Manu nunca tinha sequer pensado na existência de um set

de filmagem. Mas, no fundo, era uma boa ideia. Poderiam viajar um pouco, espairecer, e Cindi, estando ocupada com as filmagens, teria menos tempo para partir para cima dele.

– Claro. Uma viagem à praia parece uma excelente ideia – respondeu sapecando um beijo na bochecha afogueada de Manu e, aparentemente, dando o assunto por encerrado.

Manu também havia se controlado ao máximo para não pensar no assunto. Havia buscado calma e serenidade na fortaleza do amor que emanava dele e que a envolvia numa redoma confortável e protetora.

Mas, no momento em que Massimo desligou o motor do Ford Focus prateado, ela sentiu o coração bater mais forte. Nos momentos em que defendera o plano de Massimo para usar Cindi, Manu tinha, por um momento, esquecido que ambas eram mulheres de carne e osso.

Tinha minimizado o impacto que seria estar realmente cara a cara com a ex-amante de seu amor. Que teria de lidar com o charme e com a beleza da atriz mais bem paga do planeta. Mas agora era tarde para voltar atrás e lá estavam eles, prestes a adentrar o set de filmagem da piriguete.

Capítulo 24

Dessa vez, para evitar contratempos como o ocorrido nas filmagens de *Assalto no Deserto*, em Módena, Massimo tinha avisado a produção que eles visitariam o set. Assim, Manu e ele foram recepcionados no estacionamento por uma equipe de seguranças que os escoltaram até a praia, sob a proteção de grandes guarda-sóis azuis-escuros.

Cavaletes de metal nas ruas de acesso e em locais estratégicos antes da areia mantinham banhistas e curiosos afastados. Naquele dia, a pequena praia era ocupada única e exclusivamente por uma centena de técnicos, produtores, figurinistas, maquiadores e mais um bando de gente que nem Massimo nem Manu saberiam dizer a função. O casal foi conduzido pelos seguranças até a beira do mar e, assim que pararam, a alguns metros da água, Cindi os avistou.

– Massimo! – ela gritou de dentro do mar, erguendo os braços sem ligar para os operadores de câmera que a cercavam.

Depois saiu da água com seu corpo escultural. Puta que pariu! Não havia redoma amorosa nem declaração de amor que impedisse o estômago de Manu de se torcer de raiva, ciúme e arrependimento.

A atriz trajava um biquíni branco, minúsculo e sensual. Seu corpo bronzeado, esculpido em curvas fartas e firmes estava molhado da água do mar e brilhava ao sol, os mamilos duros evidentes sob a lycra molhada. Gotículas de água escorriam pela pele sedosa, deixando-a ainda mais impecavelmente linda e perfeita... Era um fato. Ali, ao vivo, na luz inclemente do meio da tarde, a desgraçada conseguia ser ainda mais deslumbrante do que em qualquer foto que Manu tivesse visto.

Mas, aparentemente, não tinha lá muita consciência do nível de sua beleza, do efeito que ela poderia causar em mulheres rivais. Ou, se tinha, fingia não ter. Porque daquele jeito mesmo, quase nua, molhada e estonteantemente linda, Cindi Nalba se jogou nos braços de seu ex-amante. Nos braços do homem da vida de Manuela Carmona.

– Que saudade! – exclamou em inglês, pendurada no pescoço dele como se não houvesse amanhã, nem, tampouco, outra mulher plantada ali do lado.

Quando conseguiu se livrar do abraço, Massimo sorriu um pouco sem jeito e colocou a mão de leve nas costas de Manu.

– Está é Manuela Carmona, minha namorada – disse perscrutando o rosto da jovem *chef*, preocupado com um possível novo ataque de fúria.

A preocupação tinha razão de ser. Diante daquele abraço de SOS Malibu, ele tinha corrido um risco seríssimo de acabar com uma paulada do guarda-sol bem no meio da testa. Havia se safado

por pouco ao apresentar Manu como “minha namorada”.

Era a primeira vez que ela ouvia aquilo e não tinha soado nada mau. E toda a fúria e todo o ciúme foram sugados pra dentro daquela frase. Daquele pequeno buraco negro de ternura e cumplicidade.

– Ah, sim, a *chef* do momento! – Cindi exclamou ainda em inglês, feliz e empolgada, estendendo a mão a Manu.

Tinha um sorriso de simpatia genuíno no rosto, e a frase não parecia conter qualquer ironia. Ainda assim, Manu sentiu o sangue esquentar. Já não tinha muita simpatia pelo empolado termo “*chef*”. Ser chamada de “*chef* do momento”, então, era quase uma ofensa.

Dava a entender que ela logo mais deixaria o posto, que era apenas uma celebridade instantânea, alçada à fama por revistas de fofoca. Por tabloides fajutos como os que tinham estampado na capa o seu Massimo às voltas com os peitos empinados de Cindi Nalba.

Afff, Manu achou melhor não responder. Apenas apertou a mão da atriz e ficou ali, controlando a raiva, se segurando para não partir pra cima da ordinária. Para não agarrar aquela lindas madeixas loiras e sair rolando pela areia com a atriz mais bem paga do planeta.

Cindi não percebeu a fúria de Manu. Ou, se percebeu, fingiu que não era com ela. Sorriu mais e, ainda apertando firme a mão da rival, voltou-se para Massimo.

– Nossa, ela é realmente muito linda, Massimo. Mais ainda do que nas fotos!

Manu encarou bem o rosto perfeito de Cindi, procurando algum sinal de ironia. Não encontrou. Tudo bem que ela era uma atriz profissional, mas aparentemente era aquilo mesmo. A mulher mais sexy do mundo, a fodástica mor de Hollywood estava elogiando sua beleza. *Hum, até que essa piriguete não é de todo o mal*, Manu pensou sentindo a vontade de arrancar os cachos loiros diminuir um pouquinho.

Nesse momento, um contrarregra se aproximou com um par de sandálias havaianas e uma saída de banho azul-escuro, com a marca do protetor solar estampada no peito. Cindi agradeceu, calçou os chinelos e vestiu o roupão. Era um pouco curto demais e ela fez questão de deixar os seios fartos e perfeitamente redondos saltando no decote. Mas, ainda assim, Manu achou que era melhor do que aquele biquininho minúsculo.

Depois de se vestir, para surpresa geral do casal, Cindi voltou a segurar a mão de Manuela. Depois segurou a de Massimo com a outra e saiu caminhando, puxando o casal que a seguiu atônito e sem entender.

– Vamos, meus queridos. Me tirem daqui que eu não aguento mais esse exército de puxasaco – disse com seu inglês perfeito. – Massimo é especialista em me resgatar de *sets* tediosos – completou ainda puxando os dois pelas mãos.

Manu se deixou levar, enquanto lançava olhares de fúria sobre seu amor. Massimo respondeu com um amarelado sorriso italiano dois e meio, e achou melhor se reservar ao direito de permanecer calado.

Capítulo 25

Massimo dirigiu em silêncio enquanto, do banco de trás, mas debruçada entre os da frente, Cindi Nalba ia indicando o caminho. Eles subiram por uma estradinha estreita que serpenteava pela Mata Atlântica, entraram por um grande portão de pedras e estacionaram diante de uma casa toda de madeira e vidro, erguida na borda de um penhasco.

Ótimo. Uma mansão cinematográfica. Era tudo de que eu precisava, Manu pensou antes de tomar coragem para desembarcar e continuar com seus sorrisos amarelos. Cindi foi na frente, animada, rebolando na saída de banho que mais mostrava do que escondia. Antes que chegasse na entrada, contudo, a porta de madeira rústica se abriu e o queixo de Manuela Carmona foi parar na altura dos joelhos.

Uau! Parado ali na entrada, sem camisa e descabelado, estava ninguém mais ninguém menos do que John Franzen e, uau! Era isso mesmo? Quer dizer, Manu não era extremamente ligada em questões cinematográficas. Na verdade, na última vez que tinha ido ao cinema mal se falava em 3D. Também não era de tietar homens famosos.

Mas até pra ela aquilo era... Bem, era uau! John Franzen! Nada mais nada menos do que o ator mais festejado da última geração. A beleza e o talento de um Brad Pitt somados à masculinidade de um Henry Cavill, tudo temperado com um charme de... bem, um charme de John Franzen mesmo.

Quando o avistou, Cindi saiu correndo e pulou nos braços musculosos, envolveu as costas com as pernas nuas e o beijou longa e demoradamente. Manu assistia a tudo com os olhos azuis arregalados, enquanto Massimo se mantinha sério, os braços cruzados, o rosto ligeiramente preocupado.

Os anfitriões ficaram um tempo ali, se amassando como se protagonizassem a cena final de uma comédia romântica. Quando se largaram, Cindi abaixou a saia que havia subido deixando a bunda firme e redonda completamente à mostra. Depois se virou, e puxou John pela mão até diante dos visitantes.

– John, esse é o Massimo Pastore, o melhor cozinheiro do mundo – Cindi exclamou sorrindo, com seu inglês britânico. – E essa é Manuela Carmona. A cozinheira mais linda do mundo. Massimo, Manu, este é John Franzen, o melhor ator do mundo. E o mais gostoso também.

Não era muito difícil de concordar com a última afirmação. John era realmente de tirar o fôlego. Ele sorriu com os lábios rosados e delicados, que se contrapunham à aspereza da barba malfeita. Tinha os olhos azuis de um tom escuro diferente. E quando apertou a mão de Massimo, Manu não pôde deixar de reparar no corpo, perfeitamente esculpido, com músculos definidos e

proporcionais sem nenhum vestígio de pelos.

– A Cindi é um pouco exagerada – o ator exclamou, também em inglês, quando finalmente conseguiu se livrar do aperto de mão de esmigalhar dedos que Massimo Pastore lhe aplicou. – Quer dizer. Pelo menos quanto à minha parte dos elogios. Porque eu tenho lido muito sobre vocês. Sobre você especialmente, senhorita Carmona.

– Eu... errr... hein? – Manu tentou arrumar alguma frase pra dizer, mas, *uau, nossa, John Franzen tem lido muito sobre mim!?*

– O John é um amante da gastronomia – disse Cindi. – Estava ansioso para conhecer vocês.

Enquanto Manu tentava recuperar a fala, eles entraram, atravessaram a sala de pé direito alto e se sentaram em espreguiçadeiras no deque, que se projetava do penhasco sobre o mar. Para onde quer que se olhasse havia apenas as águas do Atlântico. Apenas o oceano, o céu e o sol, que caía preguiçosamente no horizonte. Um disco incandescente tingindo as águas em tons de vermelho, rosa e laranja.

Assim que eles se sentaram, John desapareceu lá dentro por alguns minutos para voltar trazendo uma bandeja com quatro taças de margarita. Tinha colocado uma camisa de linho branca, mas deixara os botões abertos, exibindo o tórax e o abdômen esculpidos. Ele passou servindo os três, depois se sentou entre Manu e Cindi e deu um gole no próprio drinque, observando os dois convidados.

– Uau – exclamou sorrindo – Manuela Carmona e Massimo Pastore na nossa varanda. Que honra! – disse ampliando o sorriso e dando mais um gole na margarita, que estava bastante boa para ter sido preparada por um ator.

Manu sorriu, ainda sem palavras, e então, de repente, começou a enxergar a cena como se fosse outra pessoa. Uma mosquinha, ou uma gaivota que passasse voando ali em frente.

Lá estava ela. A antes tímida e recatada Manuela Carmona tomando margaritas com os maiores astros de Hollywood na varanda da casa mais linda em que já tinha posto os seus pezinhos. Lá estava ela, segurando carinhosamente a mão grande e forte do homem mais incrível que já havia conhecido. Do homem que, ainda que Manu às vezes custasse a acreditar, era perdidamente apaixonado por ela...

Capítulo 26

Manu tentou a todo custo escapar da tarefa de cozinhar naquela noite. Por um lado, tinha a pressão toda de servir algo para John Franzen. Por outro, teria de lidar com aquela vontadezinha discreta de colocar uma colherada de lustra-móveis nas sobremesa de Cindi. Mas quando o astro a encarou com os olhos azuis e disse que ficaria muito, mas muito feliz mesmo, se pudesse provar sua comida, ela viu que não teria escapatória.

– Está certo – disse sentindo o rosto corar ligeiramente. – Mas tenho uma condição.

– O que você quiser – John respondeu sorrindo.

– O senhor Pastore vai ter de me ajudar nessa empreitada – Manu exclamou se levantando e puxando Massimo pelas mãos.

Um pouco mais relaxado pela tequila que circulava em seu sangue, Massimo ofereceu um italiano quatro e meio. Manu observou aquele sorriso e sentiu acontecer algo que vinha se tornando comum nos últimos meses. Sentiu que o tempo havia feito uma pequena pausa apenas para que ela pudesse admirar seu homem.

Massimo estava claramente preocupado com os acontecimentos, com a proposta que fariam a Cindi, com a segurança de todos eles. Seu sorriso estava incompleto. Mas, ainda assim, era deslumbrante.

Na verdade, muito mais deslumbrante do que qualquer sorriso que o gatíssimo John Franzen pudesse oferecer. Porque a beleza de Massimo era uma beleza complicada. Trazia em si um charme misterioso que tinha a ver com tudo o que ele havia vivido, com toda a dor e todo prazer que já tinham passado por aquele rosto.

Enquanto o observava e o puxava pela mão, Manu sentiu outro fenômeno, que também vinha acontecendo com cada vez mais frequência nos últimos tempos. Sentiu que se molhava. Sentiu seus mamilos enrijecendo, sentiu o fogo alto e úmido por entre as pernas, sentiu vontade de se ajoelhar ali naquela varanda, abrir o zíper de Massimo Pastore, tirar seu pau delicioso para fora e chupar até se afogar com o gozo quente e cremoso do amor de sua vida.

– Você sabe que eu sempre faço todas as suas vontades, senhorita Carmona – Massimo exclamou ampliando o sorriso para um italiano seis e meio.

Manu se molhou mais, encharcando a calcinha de renda cor de rosa que usava embaixo do vestidinho de verão. Quando Massimo finalmente se levantou, ela não resistiu e o envolveu com os braços, colando o corpo no dele. Enquanto o abraçava, tinha a impressão de que, a qualquer

momento, aquela vontade toda transbordaria e escorreria pelo meio das suas pernas.

Massimo sentiu a vontade e o calor que emanavam dela. Espalmou a mão nas costas, puxou-a para si e a beijou, passando a língua em movimentos suaves e circulares sobre a dela. Manu ficou na ponta dos pés para encostar a virilha na dele, sobre a ereção que se insinuava embaixo da calça preta justa.

Ela se deixou beijar e se esfregou, e sentiu e lembrou de como era abrir a calça dele, lembrou da maravilha que era baixar a boxer preta e assistir ao sexo rosado se erguendo no espaço. Lembrou do gosto e da textura, da sensação de ser penetrada com força. E o agarrou mais e se esfregou mais e então, subitamente o empurrou para longe e se afastou, limpando a saliva dos lábios.

Tinha de parar. Tinha de parar porque do jeito que aquele homem a enfeitiçava, do jeito que a parte devassa de seu cérebro vinha tomando conta nos últimos dias, era capaz de fazer aquilo mesmo. De abocanhar o sexo delicioso de Massimo na frente do casal mais famoso do mundo. E o pior. Era provável que ele deixasse.

Mas Manu se afastou a tempo. Massimo ficou mais um tempo de olhos fechados, e foi abrindo devagar. Quando terminou, quando encarou Manuela, seu olhar queimava de vontade. Ela respirou fundo para se acalmar, ele sorriu um italiano número oito e baixou a barra da camisa branca de linho, certificando-se que seu, digamos, volume secreto, não protagonizaria nenhuma indecência.

Quando, já um pouco mais senhora de si, Manu se voltou para os anfitriões para perguntar detalhes sobre a cozinha, Cindi tinha mudado de lugar. Estava sentada no colo de John, que se ocupava em distribuir uma série de beijinhos no pescoço da atriz.

Ela respondia passeando os dedos finos pelo tórax musculoso dele, fazendo carinhos circulares sobre o mamilo rosado. E enquanto fazia isso, alternava o olhar entre Massimo e Manu. Um olhar que misturava curiosidade e desejo e que, apesar de ter durado um instante apenas, causou um inesperado pico de excitação na *chef*.

Isso também durou pouco. Um lapso até que a porção castradora do cérebro de Manu ligou todos os alarmes e alertas vermelhos. *Era só o que me faltava agora, sentir tesão por mulheres. E, pra piorar, sentir tesão pela ex-peguete do meu homem*, Manu pensou e perguntou logo onde era a cozinha, pra mudar o foco dos pensamentos.

Capítulo 27

Massimo abriu a massa com o rolo de madeira e usou uma faca para retalhar tiras irregulares de talharini. Enquanto isso, Manu aferventou um quilo e meio de tomates para tirar a casca, picou-os grosseiramente e juntou ao alho e à cebola que refogavam no azeite. Tinha escolhido o prato mais fácil do mundo. Massa com tomate e frutos do mar. Mesmo assim, não estava sendo fácil manter a concentração.

O fogo alto, aceso na varanda, continuava a queimar dentro dela. Ela continuava a sentir a calcinha mais e mais molhada, numa excitação que parecia se auto-alimentar. Havia, além disso, o vinho branco servido por John Franzen, que continuava a desfilar descalço e descabelado, com o peitoral perfeito à mostra.

E, claro, havia Massimo Pastore. Havia os braços de Massimo Pastore, despontando da manga dobrada da camisa de linho. As mãos másculas cobertas de farinha, apertando a massa com aquela mistura de força e suavidade que tantas vezes levava o corpo de Manuela à loucura. O corpo grande, sólido mas ágil, deslocando-se ao redor dela, roçando de leve apenas para provocá-la, apenas para testar os limites de seu autocontrole.

Quando o molho já havia fervido por uns quarenta minutos, tornado-se mais alarajando e diminuindo de volume pela metade, Manu colocou os frutos do mar frescos: vôngoles, camarões, mexilhões e lulas. Cozinhou por mais alguns minutos, apagou o fogo e adicionou uma aromática mistura de ervas picadas: cheiro verde, manjericão, salvia e tomilho.

Enquanto isso Massimo escorreu a massa e rapidamente distribuiu em quatro pratos fundos dispostos na bancada alta que separava a cozinha da sala. Manu se aproximou com a panela de molho numa mão e uma colher de servir na outra. Entrou bem na frente de Massimo, esfregando as costas e a bunda de leve no corpo dele. Massimo a envolveu com o braço, passando a mão em sua barriga, ameaçando descer para a virilha.

Manu respirou fundo e se concentrou em espalhar fartas porções de molho sobre a massa fresca. Para finalizar, regou com uma porção generosa de azeite extra virgem. Depois pegou dois pratos, esperou Massimo fazer o mesmo, e todos se sentaram na grande mesa que, apesar de ficar no meio da sala, também dava vista para o mar. A diferença é que agora, em vez do alaranjado do sol, as águas do Atlântico refletiam o prateado da lua.

– Hum, está uma delícia, Manu – Cindi disse depois da primeira garfada.

– Uma delícia?! Isso está incrível! Realmente incrível! – John exclamou em inglês, colocando outra porção de massa e molho na boca.

– Ai, imagina, John – Manu respondeu corando e achando muito divertido falar aquilo.

“Imagina John”, como se estivesse conversando com Paulinha. – É o prato mais simples do mundo.

– Exatamente! – o ator retrucou acabando de mastigar. – É extremamente simples e ainda assim está incrível!

– Você está só querendo agradar a gente – Manu respondeu fazendo um carinho na perna de Massimo por baixo da mesa.

– Não! Não estou – John continuou empolgado. – Sabe, eu... Eu entendo um pouco de cozinha...

– A primeira coisa que o John pede, em toda cidade que ele chega, é pra reservarem uma mesa no melhor restaurante – disse Cindi dando um gole no vinho branco gelado.

– Isso – ele continuou. – E, bem, essa é uma das vantagens de ser estupidamente rico e ridiculamente famoso. Eu *sempre* consigo mesa. Posso ligar meia hora antes para qualquer quatro estrelas do mundo que eles vão enxotar algum pobre coitado pra me conseguir um lugar.

– Que horror John! – Cindi exclamou sorrindo e espetando um camarão com o garfo.

– É verdade, o que eu posso fazer?

Ninguém respondeu e ele foi adiante.

– Mas, bom, o fato é que eu tenho jantado nos melhores. Em todo o mundo. E posso dizer que é isso que falta em todos eles. Isso aqui. Simplicidade e sabor.

– Bem, obrigada – Manu sussurrou corando mais. – Mas tenho de dizer que tive alguma ajuda. O Massimo fez a massa.

– Siiiiim! – John exclamou empolgado. – Está incrível também, cara! O sangue italiano faz a diferença. É algo que está no DNA ou algo assim.

– Algo assim... – Massimo exclamou dando um gole no vinho, recostando-se na confortável cadeira de vime e pensando em como faria a proposta mais indecente do mundo à Cindi Nalba.

Ele continuou assim durante todo o jantar. Pensando em como tomar a iniciativa. Até que, enquanto John servia uma rodada de vinho do porto após a sobremesa, Cindi deu a deixa:

– Mas, afinal, meu caro Massimo Pastore. A que devemos a honra da visita de vocês? Tiraram alguns dias de descanso no litoral norte e resolveram visitar velhos amigos?

– Na verdade, não exatamente – Massimo respondeu cheio de dúvida na voz.

– Hum, então temos um motivo secreto? – Cindi retrucou com o olhar cheio de curiosidade. Massimo sorriu com alguma melancolia.

– Sim. Secreto seria o termo adequado.

– Uau! – disse Cindi se debruçando para frente – Adoro segredos!

Ele suspirou, tomando coragem.

– Vamos homem, conta logo e para com esse suspense – disse John dando um tampinha no ombro de Massimo.

– Bem – Massimo exclamou trocando olhares com Manu. – Nós precisamos que você use seus talentos... Seus talentos de atuação na vida real...

– Ah, não me diga que vamos roubar um banco!

– Bem, não é exatamente um banco...

– O que?! – Cindi perguntou com a voz mais aguda por conta da excitação. – Você quer mesmo que eu roube alguma coisa? – completou dando uma sonora gargalhada.

Massimo não respondeu. Permaneceu em silêncio, assim como Manu.

– É sério?! – Cindi perguntou parando de rir. É sério mesmo?! – repetiu inclinando-se para frente.

– Sean Batista – Massimo respondeu finalmente, encarando-a nos olhos.

A atriz não disse nada. Apenas jogou os cabelos pra trás e suspirou, claramente nervosa e ainda mais excitada.

– Nós vamos destruir Sean Batista – Massimo continuou sério. – E você fará o papel principal nesse filme – exclamou, coroando a frase com um italiano seis e meio que fez Cindi lembrar de como era bom ser possuída por aquele homem.

Ele fez uma pausa dramática, sustentou um pouco o sorriso, depois contou toda a história. Desde o início dos problemas na casa de Ilhabela, até a agressão à Cherry Paula, passando pelo assassinato do Tornado.

– O que? – Cindi exclamou posses. – Aquele filho da puta matou o Tornado? Matou o cavalo onde a gente.... – e nessa hora lembrou da presença de Manu e de John e se calou.

Massimo percebeu a quase gafe e logo se adiantou, detalhando o plano de roubar os arquivos confidenciais que Sean Batista guardava na escrivaninha de sua casa. Manu percebeu que havia algo ali, mas achou melhor não saber e se atentou à reação da atriz diante da proposta.

Conforme ele contava, os olhos de Cindi Nalva se tornavam mais brilhantes e seu rosto se iluminava, transbordando uma mistura de raiva, medo e excitação. Quando Massimo terminou, os quatro ficaram em silêncio por alguns instantes. Até que Cindi levantou apoiou na mesa sobre os punhos cerrados e encarou seu ex-amante com toda a seriedade do mundo.

– Nós vamos acabar com esse filho da puta. E, de quebra, vou desempenhar o papel mais importante da minha carreira.

Massimo sorriu e olhou para Manu, que o encarava com os olhos azuis, numa expressão que misturava surpresa, alegria e apreensão. Sentimentos que refletiam fielmente o que se passava dentro do peito dele.

Capítulo 28

Massimo Pastore saiu do banho com uma toalha branca enrolada na cintura. O quarto, no segundo andar da casa de Paúba, estava iluminado apenas pela luz que vazava pela porta do banheiro, por uma luminária ao lado da cama, e pelo luar prateado, que entrava pelo janelão lateral.

Ele não havia se secado completamente e as gotinhas minúsculas de água pareciam refletir os diferentes focos de luz. Isso fazia com que seus músculos dourados brilhassem ressaltados na penumbra. Massimo parou ao lado da porta, cruzou os braços grossos e apoiou na parede para admirar a mulher deitada na cama à sua espera.

Manuela Carmona estava completamente nua sobre o lençol branco e o encarava com os grandes olhos azuis recheados de desejo. Seu corpo, alvo e perfeito, refletia o luar e brilhava com uma luminescência única. Ao contrário de Massimo, ela não havia tomado banho. Sua pele, recoberta de uma fina camada de suor, estava ainda mais sedosa e brilhante.

Naquela noite, Manuela não exalava sabonete e desodorante, como em todas as outras vezes em que se oferecera a Massimo. Exalava um cheiro feminino, um cheiro único, doce e sedutor. Exalava o seu cheiro. Ela sabia disso e sabia que Massimo sentiria. Mais do que isso, sabia que Massimo adoraria aquilo. Que mergulharia nela e a sorveria até que ambos desfalecessem de gozo.

Saber disso a excitava. A excitava e a deixava ainda mais encharcada, ainda mais inchada, aberta e pronta para recebê-lo. Massimo respirou fundo diante da visão. Depois soltou a toalha da cintura e a deixou escorregar de lentamente. Manu passeou os olhos por ele. O sexo estava parcialmente oculto na penumbra, mas ela pode ver o brilho acetinado da glândula intumescida. Cada pedacinho de seu corpo implorava para que ela se levantasse e o colocasse na boca. Manu ignorou a vontade e se controlou.

Continuou deitada, os peitos alvos e empinados oscilando com a respiração que se tornava mais ofegante com a excitação crescente. Continuou ali, à espera e fez apenas um ligeiro movimento. Um movimento suave e provocativo, com as pernas, abrindo-as ligeiramente para se exhibir e ao mesmo tempo sentir o vento fresco da noite sobre a pele úmida e sensível.

Massimo a observou mais um pouco, antes de desencostar da parede e caminhar até o pé da cama. Quando parou ali, bem em frente ao prêmio, ela se ergueu para observá-lo. As pernas poderosas, as coxas como árvores centenárias, o abdômen rasgado, o tórax grande e poderoso, os braços riscados por veias grossas. E ali no meio, o sexo. Ereto e duro, grande e másculo, apontando para ela com seu poder magnético e sedutor.

– Acho que eu fiquei te devendo alguma coisa da última vez, não é mesmo senhorita

Carmona? – ele sussurrou devorando-a com os olhos.

Seu rosto, lindo, lindo, lindo, estava mais anguloso por conta da barba por fazer. Os cabelos úmidos e desarrumados, jogados para trás, aumentavam o ar selvagem que se completava com os olhos castanhos. Olhos de fera prestes a atacar sua presa.

– Hummmm – fez Manu fechando as pernas e apertando as coxas uma contra a outra para sentir o próprio sexo inchado de desejo.

Massimo sorriu, se ajoelhou no chão diante da cama e esperou que Manu voltasse a se abrir, a se oferecer. Quando ela fez isso, abrindo novamente as pernas, ele passou a língua de leve pela buceta encharcada que se abriu qual uma orquídea na primavera.

Manu suspirou de prazer. Suspirou e se abriu mais, e escorregou o corpo para frente, na direção da boca escaldante de Massimo. Ele passou mais uma vez a língua por fora, bem de leve, e a admirou por um tempo. Depois mergulhou nela com a boca, os lábios, a língua penetrando-a de leve.

– Isso – Manu sussurrou e ele continuou mais um pouco, depois subiu e deu várias lambidinhas no clitóris.

Cada vez que ele passava a língua ali, Manu sentia seu corpo todo estremecer involuntariamente, em ondas de prazer. Em min-orgasmos que a faziam arfar, gemer e se contorcer, completamente entregue.

Ele continuou e continuou e ela foi sentindo a onda crescer, foi sentindo que chegaria rápido, rápido, mas ele parou.

– Canalha! – Manu exclamou sorrindo e se erguendo para olhar o rosto de desejo de Massimo.

Ele sorriu também, também tomando pela excitação, louco de vontade de possuí-la de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Depois a puxou mais para perto, e foi descendo com a língua até lá embaixo. Ficou um pouco ali, em movimentos circulares, depois subiu de novo, abrindo-a com a boca ao mesmo tempo em que, num gesto suave e decidido, enfiava o dedo médio por trás, no pequeno botão rosado umedecido de saliva e da excitação que escorria dela.

Manu deu um longo gemido de prazer e jogou o corpo contra a cama, que bateu violentamente na parede do quarto. Que arremeteu contra os quinze centímetros de tijolo e argamassa que separavam a cama deles, da cama onde Jonh Frazen estava deitado à espera de Cindi Nalba.

Capítulo 29

No quarto de Cindi Nalba e John Franzen, as coisas começaram em ordem diferente. Ele havia tomado banho primeiro e agora a esperava deitado na cama. Seu corpo, impecavelmente definido e completamente livre de pelos, refletia a luz da lua com a mesma luminescência do de Manuela Carmona. Mas, diferentemente dela, ele havia se coberto com o lençol azul-escuro até a cintura.

Cindi, quando saiu do banheiro, não usava toalha alguma. Estava completamente nua e molhada, a água tornando os contornos do seu corpo ainda mais brilhantes, perfeitos e sensuais.

– Hei, gato – ela sussurrou jogando o peso de uma perna para a outra para se exhibir. – Você já transou com uma ladra?

– Hum... Só falsas ladras – John sorriu e desceu a mão pelo abdômen musculoso, entrando por baixo do lençol e segurando o próprio sexo.

Cindi se aproximou devagar, rebolando as curvas perfeitas, e se baixou diante da cama. John tirou as mãos da virilha e, por cima do tecido do azul, ela pôde ver que ele estava preparado.

– Então você vai ver que as ladras reais são muito mais gostosas – Cindi exclamou puxando o lençol.

Ela puxou só um pouco no começo, o suficiente para revelar a glândula rosada. Depois mais um pouco. O corpo rijo do sexo ereto. Depois mais, o tecido descendo devagar, revelando-o aos poucos. Quando John estava inteiro ali, oferecido e duro, ela puxou o lençol de uma vez. Sentiu a boca encher de água, maravilhada com o tamanho, com a potência, com a pele tão branca e delicada.

Estava louca de vontade de abocanhá-lo de uma vez, mas esperou um pouco. Esperou para olhar. John não tinha aquela masculinidade rude de Massimo, aquela força da terra que a fazia gozar só de olhar. Mas era lindo e perfeito.

Os pés pequenos e arqueados, as panturrilhas alongadas, as coxas musculosas, as bolas grandes e livres de pelos. E o abdômen, os braços, aquele emaranhado de músculos alvos, cobertos por uma pele de seda... Tudo nele era perfeito, como se alguém houvesse apagado num software qualquer defeito que aquele corpo pudesse ter.

Quando percebeu que estava sendo observado, John passou a mão pelo tórax, pela barriga, e segurou o próprio sexo. Primeiro o ergueu, depois apertou a base deixando-o mais duro, avermelhado, com veias grossas pulsando de desejo.

Cindi não aguentou mais de vontade. Avançou como uma gata selvagem, passou a língua pelas bolas, subiu pelo corpo e abocanhou a glândula, metendo tudo na boca o mais que podia. John

enroscou os dedos nos cabelos loiros dela, jogou o quadril para a frente e se deixou chupar.

Cindi entregou tudo o que ele queria. De quatro sobre a cama, com a bunda redonda arrebitada, os seios grandes raspando nas coxas musculosas dele, ela começou um intenso vaivém com a cabeça. Chupou com força, apertando os lábios, passando a língua, subindo e descendo, espalhando a água de sua boca sobre aquele pau grosso e delicioso.

– Me engole – ele pediu e ela obedeceu.

Avançou com a cabeça para engolir tudo, mas ele era muito grande e ela engasgou e teve de parar. Quando Cindi se ergueu para recuperar o ar, John se sentou para observá-la. Estava descabelada e linda, devassa, devassa, os peitos redondos molhados de saliva e suor. Ela respirou fundo e o agarrou com força, pela base, iniciando um vaivém intenso.

– Fuck – John exclamou jogando as costas contra o colchão.

Ela parou um pouco e tomou fôlego para abocanhá-lo de novo, mas foi interrompida pela pancada da cama de Massimo e Manu. Os dois atores pararam por um instante e ouviram o longo gemido de prazer da convidada.

– Hum – fez Cindi ralentando os movimentos de vaivém da mão em torno do pau. – Parece que nossos hóspedes também estão se divertindo...

– Parece que sim – John respondeu esticando a mão para envolver o seio direito de Cindi.

Ela ficou um tempo assim, acariciando o sexo poderoso dele com a mão, sentindo os dedos dele apertando seus peitos, brincando com os mamilos duros de tesão.

Depois se debruçou novamente sobre ele, segurou a base daquele jeito que o deixava ainda maior e mais inchado e passou de leve a língua sobre a glândula. John suspirou, admirando a cena com os lábios rosados entreabertos, o rosto tomado de prazer.

Quando viu que ele a observava, Cindi girou o corpo, ficando de costas para John, sentada sobre as coxas, um pouco acima dos joelhos. Ele continuou a admirá-la. A bunda redonda perfeita, aberta e oferecida. Depois segurou o próprio pau e deu algumas batidinhas ali no meio, sobre o ânus de Cindi, que se contraiu de prazer.

Ela se ergueu um pouco, ainda com a cabeça voltada para os pés dele, e segurou o sexo grosso. Segurou para erguê-lo e posicioná-lo bem na entrada, na posição exata. Quando sentiu a glândula intumescida ali, na pele rosada, totalmente livre de pelos e inchada de prazer, Cindi desceu o corpo devagar.

John suspirou ao ver a imagem. Seu pau enorme, duro e grosso penetrando lentamente a buceta molhada de Cindi Nalva. Ela fechou os olhos e continuou devagar. Descendo lentamente, sentindo o calor rijo dele penetrar fundo.

No começo, ela ficou um tempo ali, contraindo os músculos internos para sentir toda a

potência do pau que a possuía. Depois saiu um pouco, sentou novamente, devagar, e subiu, quase saindo, e sentiu os dedos de John envolvendo sua bunda.

Ela se abriu, se ergueu e sentou novamente. E foi aumentando o ritmo. Subindo e descendo, rebolando, arrebitando bem a bunda pra ele ver, jogando o cabelo para ao lado e olhando pra trás, por cima do ombro. Olhando o corpo de pele clara que respondia às suas reboladas com estocadas fortes e precisas. Ela continuou acelerando. Continuou cavalgando e estava quase, mas queria olhar, queria que ele a encarasse nos olhos.

– Eu quero te ver – ela disse saindo de dentro dele.

– Volta? – ele pediu passando a mão nos peitos fartos e brilhantes de suor.

Ela fez que sim com a cabeça. Mas, antes de obedecer, se debruçou sobre ele e colocou-o de volta na boca. O sexo de John era como ele todo. Lindo, sem nenhum defeito, nenhuma manchinha, nenhum pelo. Era grande, tinha a pele bem clara no comprimento e a glândula rosada, da mesma cor dos lábios. Quando Cindi o abocanhou, estava todo melecado, recoberto pelo gosto salgado dela.

– Hummmm – ela fez enquanto rebolava a bunda grande e dura com o pau de John enterrado na boca.

– Volta aqui? – ele pediu de novo.

Ela ficou um pouquinho mais com ele na boca, depois obedeceu. Veio sobre ele outra vez e exibiu um pouco a buceta. A exemplo do sexo de John, estava completamente depilada e tinha a pele rosada e inchada.

Ela ficou um tempo assim, se mostrando, depois sentou sobre ele, fazendo-se penetrar. Sentou de uma vez, com vontade, e logo voltou ao ritmo intenso de quando tinha parado, subindo e descendo os quadris. Cavalgando aquele homem delicioso, sentindo a dorzinha gostosa dos peitos pulando no ritmo frenético e incontrolável. Ela continuou e continuou, olhando os músculos definidos de John que brilhavam sob o luar. Continuou sentindo ele entrar fundo, até o limite dela, sentindo que estava vindo. Sentindo que ia ser naquele instante.

– John, eu estou gozando – ela sussurrou num inglês britânico que a deixava ainda mais charmosa – e subiu e sentou de novo. E era isso mesmo, e era forte. Um orgasmo intenso, que a percorreu de alto abaixo.

– Fuuuuuuck – ela gritou se contorcendo em volta do pau ainda mais duro.

Jonh respondeu erguendo o quadril numa estocada forte e ela gritou de prazer. Depois colocou a mão de leve sobre o tórax dele e pediu uma pequena trégua:

– Para, Jonh! Só um pouquinho. Só fica... só fica um pouquinho quietinho aí dentro – ela pediu.

John obedeceu. Ficou imóvel, apenas observado. Cindi seguiu gozando, praticamente parada. O corpo escultural ereto, tremendo de prazer, os músculos internos se contraindo em volta do

pau grande e duro, a respiração dando saltos no ritmo das ondas de prazer.

Quando terminou de gozar, ela ficou ali mais um tempo para sentir tudo o que aquele sexo lhe oferecia e também para recuperar um pouco do fôlego. Depois recomeçou. Rebolando devagar sobre a delícia que era John Frazen. E de novo num crescendo, cavalgando sobre o ele, balançando a bunda, fazendo os peitos redondos chacoalharem na luz esbranquiçada da lua.

Nessa hora, enquanto Cindi se entregava, cavalgando num ritmo cada vez mais intenso rumo ao próximo orgasmo, os gemidos de Manu voltaram a invadir o quarto deles. Gemidos longos de gata manhosa. Gemidos de um tesão intenso e descontrolado.

Cindi fechou os olhos e lembrou. Lembrou da noite na adega. Lembrou da intensidade rude com que Massimo a possuía. Lembrou do gosto diferente que o pau dele tinha, da expressão selvagem que o dominava enquanto ele a cobria com jatos escaldantes de gozo.

Nessa hora, como se pudesse ler os pensamentos dela, John se ergueu, saiu de dentro dela, se ajoelhou na cama e a colocou de quatro. Cindi obedeceu. Adorava ser comida por trás. Adorava se exhibir, arrebitando a bunda, aberta e oferecida.

Quando ela fez isso, se abrindo toda, ele veio. Veio com força. De um jeito que a fez lembrar mais. Da adega, do cheiro de relva úmida. John meteu mais. Fundo e com força, fazendo os peitos fartos de Cindi balançarem sobre o lençol. Ela estava pronta de novo. Estava pronta para se desmanchar outra vez, quando ele subitamente saiu de dentro dela.

Passou a língua pela buceta quente e inchada, completamente livre de pelos, e a fez se virar de barriga para cima. Cindi obedeceu, deitou, abriu as pernas e encarou o homem que a possuía.

– Você tem saudade de transar com ele? – John perguntou num sussurro. – Tem saudade do italiano?

Ele estava completamente descabelado, o rosto lindo corado do esforço, o corpo musculoso e perfeito coberto de suor. O pau enorme ereto, melado da excitação dos dois, pronto para parti-la ao meio numa explosão de gozo.

– Tenho. Tenho, sim – ela respondeu encarando John com um ar provocativo.

– Então vamos acabar com isso – John respondeu com os olhos azuis tomados por um misto de fúria e desejo. – Vamos acabar com isso – repetiu e a penetrou.

Entrou fundo dentro dela, de uma vez, num movimento intenso que fez Cindi gritar de dor e desejo. Ele ficou um tempo ali, recuou, meteu de novo, fundo e com força, depois de novo, e de novo, o pau duro e grosso entrando e saindo, abrindo a carne macia e rosada da buceta cada vez mais molhada, cada vez mais inchada.

Cindi gritou mais e o puxou para si, cravando as unhas cumpridas nas costas de John, mas

ele não obedeceu, não se deitou sobre ela. Ainda metendo fundo, ainda naquele vaivém intenso e ritmado, ergueu-se para encará-la com os olhos azuis.

– Ele te fodia assim? Hein? Te fodia assim? – perguntou metendo mais.

Cindi o encarou com a boca entreaberta, o rosto tomado pelo prazer.

– Me fodia. Me fodia mais. Me fodia com mais força – ela respondeu com um sorriso provocativo.

Como que para confirmar o que ela dizia, uma nova série de gemidos e gritos de Manuela Carmona se fez ouvir ecoando nas paredes, no teto, pela casa inteira.

John sorriu um sorriso macabro. Era como se gostasse daquilo. Como se o desafio o alimentasse. Ele apartou o peito grande e duro de Cindi, beliscou de leve o mamilo duro de tesão e meteu com mais força.

– Não. Ainda não... – ela sussurrou completamente tomada. – Ainda não está tão bom quanto ele! – continuou com a voz chorosa de prazer.

John subiu a mão do peito para o pescoço e apertou com força. Cindi perdeu o ar. Perdeu a voz, mas sorriu mais. Fez que sim com a cabeça e voltou a cravar a unha nas costas de John. Ele seguiu metendo e metendo, esganando-a até o limite, encarando o rosto perfeito de cem milhões de dólares, agora avermelhado pelo tesão e pela falta de ar.

Ela também o encarava. Encarava os olhos azuis cheios de fúria e vontade, os cabelos molhados e despenteados caídos sobre o rosto, os lábios rosados entreabertos. O corpo mais definido do que nunca, os músculos saltando como uma aula de anatomia, a pele molhada do suor escaldante que pingava sobre ela. Ela olhou e olhou, aquele movimento intenso, másculo e sensual, e sentiu a mão que a esganava.

Quando achava que não havia mais intensidade possível, John levantou as pernas dela e as colocou sobre os ombros dele, fazendo com que ela tivesse de erguer o quadril. Ela tomou um pouco de ar enquanto ele se posicionava, mas logo se viu novamente esganada. Ele cravou os olhos azuis nos dela e entrou. Fundo, além do limite.

Cindi abriu a boca para gritar, mas o som não saiu de sua garganta. Ele meteu de novo, fundo, fundo e ela não aguentou e gozou. Gozou assim, em silêncio, a boca aberta, as unhas descendo das costas, passando pelos braços, deixando vergões vermelhos na pele branca e suada de John.

Ele não parou. Completamente tomado, meteu mais e mais. Ela agarrou os lençóis com os dedos e seguiu gozando e gozando, os gritos abafados pelo sufocamento. Se fosse possível, Cindi ficaria assim, num orgasmo interminável que duraria a noite inteira. Mas John também não estava aguentando, prestes a explodir.

Quando finalmente saiu de dentro de Cindi, ele pegou a mão direita dela e levou até o

próprio sexo. Ainda mergulhada num longo e interminável orgasmo, ela agarrou o pau duro, quente e gigantesco. Apertou com força e sentiu. A primeira onda de gozo saiu numa explosão.

Um jato de paixão concentrada que chegou até seus lábios entreabertos. Ela passou a língua sobre o creme salgado e escaldante e recebeu o resto. Uma chuva quente de tesão que jorrou e jorrou sobre seu pescoço, seus peitos, sua barriga, melecando sua pele suada e queimada de sol.

Quando terminou de gozar, John penetrou-a outra vez, mas não continuou o vaivém. Apenas desabou sobre ela, os dois corpos juntos, numa sensual mistura de suor e gozo. Cindi respirou fundo, enroscou os dedos nos cabelos molhados de seu novo amante e fechou os olhos sentindo o restinho de orgasmo que fazia seu corpo inteiro formigar de prazer.

– Você é o melhor... O melhor do mundo. – disse em voz baixa, sem saber se aquilo era verdade ou não.

Capítulo 30

Quando John Franzen desabou extasiado e exausto sobre Cindi Nalba, Manuela Carmona estava de quatro sobre a cama, sendo lentamente penetrada por Massimo Pastore. Ele tinha passado a maior parte do tempo numa longa sessão de sexo oral. Num carinho suave e delicado, uma homenagem amorosa a tudo o que ela significava pra ele, uma mostra suprema do amor que sentia por ela.

E enquanto estava deitada ali, de pernas abertas, os dedos se enroscando nos cabelos sedosos de seu homem, o corpo ondulando no ritmo da língua e dos lábios, Manu pensava em como tudo havia mudado novamente.

Como ele havia voltado a ser o Massimo de antes. O amante ideal, naquela mistura de suavidade e força. *Teria sido apenas a técnica sexual de Cherry Paula a responsável pela mudança?*, ela pensou enquanto gemia completamente aberta e entregue.

Desde que Massimo a abocanhara com os lábios carnudos e almofadados, Manu também tinha escutado os gritos de tesão de Cindi. Nas duas vezes, ele estava passeando a língua pelo seu clitóris inchado, daquele jeito quase sem encostar, que a deixava permanentemente à beira do orgasmo.

Nas duas vezes Manu sentiu ainda mais tesão e se molhou mais. Mas apenas na segunda Massimo respondeu ao desejo dela, entrando na brincadeira, aumentando o ritmo e colocando dois dedos dentro, num vaivém que acompanhava os gemidos de sua ex-amante.

Manu gozou, gritando tão alto quanto Cindi, os gritos das duas gatas no cio se acasalando no ar, numa nuvem avermelhada de orgasmos sonoros. Era a segunda vez que ela gozava na boca de Massimo aquela noite. E precisava de mais.

– Me dá seu pau? – Manu pediu puxando-o para si.

Massimo se ergueu, lindo, másculo e duro. Manu o observou por algum tempo e se virou, e ficou de quatro, arrebitou bem a bundinha perfeitamente redonda. Depois olhou para trás por cima do ombro, e pediu, com jeito de gata manhosa.

– Mete?

Ele colocou a glândula inchada sobre a pele intumescida da buceta e pressionou o quadril pra frente, penetrando-a devagar. Ela fechou os olhos e se abaixou, colando o rosto no travesseiro e arrebitando mais a bunda, num reboado suave.

Ele continuou. Metendo e metendo, num ritmo lento e maravilhoso que a levou ao terceiro orgasmo da noite.

– Goza pra mim? – ela pediu olhando pra trás por sobre os ombros.

Ele se debruçou sobre Manu, fazendo ela se deitar de bruços. Depois continuou, metendo devagar, entrando e saindo por trás da buceta encharcada.

– Onde você quer que eu goze, minha gostosa?

– Aí. Goza aí. Goza na minha bucinha – Manu falou, obedecendo à parte devassa que havia muito estava no controle. – Goza na minha bucinha, meu amor. Me enche de gozo. Me faz transbordar de você – repetiu se abrindo o máximo que podia para receber toda a potência do Senhor Pastore.

Massimo passou a língua pelas costas suadas, beijou o pescoço, a nuca, e foi aumentando o ritmo, a respiração de tesão ao pé do ouvido de Manu. Ela ficou parada no começo. Apenas sentindo o pau grosso e quente entrando e saindo, a dureza do abdômen musculoso arremetendo contra a bunda macia, o peso do corpo, o calor, o suor dele misturado ao dela.

Ficou um tempo assim, sentindo, mas conforme ele aumentava o ritmo ela não resistiu. Começou a acompanhá-lo num movimento suave de quadril, que fazia os dois corpos oscilarem juntos, mais e mais, num crescendo, crescendo, até que Massimo parou.

Ela sentiu o estremecimento de prazer perpassando o corpo dele, depois o pau pulsando lá no fundo, e finalmente o calor do gozo se derramando dentro dela. Ai, como era bom aquilo!

Manu se abriu mais e, enquanto gozava, enquanto se derramava dentro dela, Massimo recomeçou o vaivém. Ela respondeu rebolando também, mexendo os quadris numa intensidade lenta até gozar uma última vez, num orgasmo suave e delicado, que ecoou em ondas esparsas de prazer por longos minutos.

Depois eles ficaram um longo tempo em silêncio, sentindo os resquícios do prazer, recuperando o fôlego, misturando os suores sobre o lençol de algodão. Manu adorava aquilo. Adorava sentir o calor escaldante que seu amor exalava depois de fodê-la gostoso. Adorava sentir o peso dele, os dois corpos juntos, como se fossem um só. Adorava sentir os dois sexos encharcados relaxando aos poucos, mas ainda unidos no caldo da excitação deles.

Mas, apesar do tanto que gostava de estar ali, havia uma pontinha de desconforto no coração de Manu. Havia Cindi Nalba, com seus orgasmos escandalosos ali ao lado. E, por mais que na hora, escutando os gritos manhosos da atriz, Manu estivesse se sentindo estranhamente mais excitada, agora, com as coisas menos quentes, surgia aquela pontinha de estranheza.

Afinal, havia poucos meses era Massimo, era o seu homem, era o seu amor que fazia Cindi Nalba gritar. E conhecendo o homem que tinha, Manu imaginava que ela devia ter gritado bem mais e bem mais alto do que naquela noite...

– Você... Você tem saudade dela, Massimo? – ela perguntou com a voz amolecida de prazer.

Massimo pressionou um pouco o quadril para a frente. Estava menor, menos firme, mas

estava ali ainda, ainda dentro dela. Manu sentiu um restinho de orgasmo percorrer sua espinha.

– Quem tem uma mulher como você, Manuela Carmona, nunca vai sentir saudade de nenhuma outra.

Manu sorriu. O estranhamento tinha se esfumado. Simples assim. Ela entrelaçou os dedinhos finos com os dele e adormeceu, tranquila e protegida pelo homem de sua vida.

Capítulo 31

Manu acordou com o cheiro de café e manteiga que subia do andar de baixo, da cozinha aberta, e penetrava deliciosamente em seu quarto. Quando se virou para o lado, espreguiçando pra espantar o sono, percebeu, com uma ponta de gelo no estômago, que Massimo não estava ali. Ela se sentou rápido, piscando para acostumar os olhos com a luminosidade que entrava pelas persianas de madeira.

Onde Massimo estaria? Por que não a esperara antes de sair do quarto? Tinha acordado mais cedo pra ter um tempo a sós com a piriguete de Hollywood? Manu pensou tudo isso enquanto tateava cheia de sono, em busca do iPhone no criado mudo.

Quando finalmente achou o celular e viu as horas, se acalmou um pouco. Eram onze e meia da manhã. Ela tinha dormido dez horas. Massimo costumava dormir no máximo seis, e devia ter cansado de esperá-la.

Manu esfregou um pouco o rosto, bocejou cheia de preguiça e se levantou. Estava completamente nua e, quando se pôs em pé, sentiu como ainda estava molhada. Uma umidade escaldante que escorreu pelo meio das coxas, e que a fez lembrar da noite anterior.

A fez lembrar da cumplicidade que eles tinham, a fez lembrar que, por mais sexy e deslumbrante que fosse Cindi Nalba, ela nunca poderia se meter entre eles. O amor deles era forte demais. Era sólido e inabalável. Era a rocha da sua existência, como Paulinha havia sabiamente previsto.

Manu tomou um banho quente, colocou um vestido florido curto, calçou as havaianas, respirou fundo tomando coragem, e desceu as escadas de madeira rústica que levavam à sala. Quando chegou lá embaixo, Massimo a esperava, com um sorriso de “bem-vinda, meu amor” no rosto.

– Bom dia, bela adormecida – ele disse beijando-a na boca, depois virando as costas e voltando à cozinha para os preparativos do café.

Vestia uma camisa de linho branca aberta, uma calça clara de algodão e mais nada. A luz do sol, que entrava por todos os lados, o deixava ainda mais lindo. Aliás, lindeza era o que não faltava por ali. Porque enquanto Massimo pilotava duas frigideiras, produzindo panquecas numa velocidade industrial, ao seu lado John Frazen picava morangos, mangas e kiwis.

Vestia uma calça larga bem parecida com a de Massimo. Mas, em vez da camisa de linho, usava uma regata azul-clara, que deixava seus ombros largos e definidos à mostra. Deixava à mostra também os vergões vermelhos que Cindi escavara com as unhas na pele branca. *Uau, essa mulher*

sabe arranhar, verdade seja dita... Manu pensou quando percebeu do que se tratavam os ferimentos do ator.

A atriz não participava do preparação do café. Sentada na grande mesa da sala, vestia apenas biquíni e uma camisa masculina, provavelmente de John. Escondia-se atrás de grandes óculos escuros e apenas observava os homens se movimentando na cozinha.

Manu não achou nada ruim aquela ideia. Ficar ali quietinha, pose de diva, assistindo à cena da cozinha, enquanto esperava o sono ir embora. E assim, como se também fosse uma superestrela de cinema, sentou-se à mesa ao lado de Cindi e ficou admirando os dois, boquiaberta diante dos homens mais lindos que já tinha visto trabalhando juntos para alimentá-las.

Cindi sorriu ao ver o queixo caído de Manu. Depois se aproximou e cochichou num tom de melhor amiga:

– Bela cena, não?

– Errr... Hum, sim. Bela – Manu respondeu um pouco sem jeito.

– Sabe? – Cindi continuou – O pessoal do estúdio queria me dar uma equipe inteira de serviçais. Cozinheira, copeira, arrumadeira... Eu disse que não queria nada disso. Queria a casa só para mim e para o John. E... bem... para os nossos convidados também.

Manu sorriu, sem tirar os olhos de Massimo, que agora arrumava as panquecas sobre o balcão. Como havia se voltado para ela e estava com a camisa aberta, era possível ver os músculos do tórax e do abdômen. Ali embaixo, sob a calça leve de algodão, também dava pra ver o volume generoso que as duas novas amigas conheciam tão bem. Com os olhos passeando pelos mesmos atributos masculinos, Cindi foi adiante:

– Eu queria aproveitar essas filmagens pra ter um pouco de paz, sabe? E agora, olha o meu presente. Quer coisa melhor do que ter dois homens desses cozinhando pra gente?

Manu sentiu uma pontada de ciúme na boca do estômago. Depois a porção devassa de seu cérebro pensou no que poderia ser melhor. Pensou em como seria usar aqueles dois homens de outra forma. Em como seria estar de quatro naquela mesma cama lá de cima. Em como seria chupar o pau de Massimo e, ao mesmo tempo, ser penetrada pelo gato do John Frazen.

A imagem durou um lapso apenas. Foi como uma resposta mental automática à pergunta de Cindi. Porque, no fundo, por mais que admirasse a beleza, o charme e a sensualidade de John, Manu não sentia qualquer desejo real por ele. Na verdade, ela nunca mais sentira qualquer desejo real por homem algum que não o seu, que não Massimo Pastore.

Eles comeram panquecas com frutas, tomaram café expresso com leite cremoso e conversaram sobre amenidades. Era muito cedo para falar nos planos arriscados de destruir Sean

Batista. E mais ainda para... bem... mais ainda para dividir as experiências orgásticas da noite anterior.

Depois do café, os quatro colocaram roupas de banho e foram para a praia, todos a bordo do Ford Focus prateado de Massimo. A areia continuava interditada para a gravação, mas os três convidados da estrela puderam entrar. E enquanto ela repetia exaustivamente a mesma cena, Manu, Massimo e John ocuparam a ponta mais afastada do agito das filmagens. Tomaram sol, refrescaram-se com água de coco e nadaram nas águas cristalinas.

– Manuela, você é famosa há pouco tempo, certo? – John perguntou enquanto os três saíam junto do mar.

Ele usava uma sunga preta que contrastava com sua pele branca. Massimo vestia uma sunga azul clara que acentuava o tom de sua pele bronzeada. Manu vestia um biquíni verde-escuro e, apesar de não ter muita consciência disso, estava tão deslumbrante quanto os dois homens que a cercavam.

Quem olhasse de fora, para os três corpos perfeitos, as peles firmes molhadas, brilhando na luz do sol, poderia muito bem achar que faziam parte do comercial, ao lado de Cindi.

Manu sorriu para John, sem entender exatamente que ele queria dizer com a pergunta.

– Hum... Famosa? – perguntou colocando a mão sobre os olhos para tampar o sol.

– Sim. Pessoas te reconhecem na rua, pedem para tirar fotos, coisas assim...

– Bem... sim. Quer dizer... Mais ou menos. Isso não acontece tanto assim – Manu respondeu apertando os cabelos para tirar o excesso de água.

Massimo a abraçou por trás e ela teve de se concentrar para não perder o rumo da conversa. Para não voltar toda a atenção ao corpo perfeito, praticamente nu, colado no dela. Para aquele volume deliciosamente convidativo tocando suas costas, um pouco acima da bunda...

– Bom, é que eu sou famoso desde os dez anos de idade – John continuou. – Não lembro de como foi esse processo. Também não lembro de como é poder ir a uma praia que não esteja cercada de seguranças.

– Deve ser uma vida difícil – Manu exclamou encarando-o com os olhos azuis apertados por conta da luz do sol.

– Na verdade, não. Na verdade minha vida é excelente. É a melhor vida do mundo – disse sorrindo com os dentes impecavelmente brancos. – Mas, às vezes, um dia ou outro, tenho uma vontade imensa de ser apenas um desconhecido – exclamou voltando a ficar sério. – Logo mais você vai saber o que é isso – concluiu deitando o corpo escultural sobre a toalha azul-escura da marca de protetor solar.

Capítulo 32

Pesadas nuvens de chuva pairavam baixas sobre a capital paulista, tornando o ar carregado de eletricidade. Passava um pouco das oito da noite de um domingo, e a cidade estava calma e silenciosa. O apartamento do Elfo estava inteiro apagado, a não ser pelas luzes sobre a bancada da cozinha que banhavam as duas amigas sentadas nos bancos altos.

Cherry Paula e Manuela Carmona haviam sido as primeiras a chegar à reunião em que traçariam os planos para o ataque final a Sean Batista. Manu havia ficado feliz ao encontrar a amiga e ver que o tapa de Sean não havia deixado marcas. Pelo menos não visíveis.

Naquele começo de noite, Elfo estava com um contato que forneceria um material importante para a derrocada do bilionário. E Massimo tinha ido apanhar Cindi e John no heliporto onde eles chegariam saídos da praia.

Quando pensou na ideia de deixar Massimo e Cindi a sós, a porção paranoica do cérebro de Manu soou o alerta vermelho. A porção sensata, por sua vez, se apressou em dizer que, com John por ali, não haveria nenhum perigo. Aí foi a deixa para a porção devassa entrar na história, imaginando Cindi Nalba nua, sendo penetrada pela frente e por trás. A estrela gemendo de prazer, deitada sobre o corpo dourado de Massimo e abrindo-se inteira para o sexo alvo de John.

Mas, a despeito de todos esses pensamentos impuros, o fato é que Manu estava com saudade da amiga. Queria ficar um pouco a sós como nos fins de noite do Carmona. Queria conversar livre, sem os rapazes por perto. E foi essa saudade, aliada à porção sensata do cérebro, que fez com que ela deixasse Massimo ir sozinho buscar as estrelas. Assim, lá estavam as duas no amplo e impessoal apartamento de Elfo. E lá estava Cherry Paula com o queixo completamente caído de surpresa:

– Nãããooo! – ela exclamou com o copo de martini a meio caminho da boca.

– Sim – Manu respondeu com um meio sorriso nos lábios.

– Você passou a tarde com o John Franzen?!

– Isso aí – Manu confirmou, achando engraçado ver sua amiga durona assumindo aquele jeito de tiete adolescente.

– Você viu o John Frazen de sunga?!

– Vi. Vi, sim – Manu respondeu arregalando os olhos azuis e dando um gole no martini para disfarçar o vermelho de vergonha que lhe tomava as bochechas.

– Uau. Quer dizer, u-a-u! – Paula exclamou com um sorriso de criança no rosto.

– E... Ele é bem dotado?

– Ai, Paulinha!

– Desculpa. É que, bem, você viu ele de sunga, né? Podia dividir a imagem com as amigas, poxa.

– Ele é... Ele é realmente muito gato – Manu falou dando mais um gole no drinque. – E ok, acho que tem um pau bem grande e gostoso também – completou ficando completamente vermelha de vergonha.

– Manuela Carmonaaa! O que aconteceu com você!?

– Ai, Paulinha – Manu suspirou – nem eu sei. Eu... Eu estou virando uma devassa completa, amiga!

Paula deu uma sonora gargalhada.

– Olha, se dar uma conferida no pau do ator mais gato do mundo quando ele aparece na sua frente de sunga é ser devassa, eu sou culpada – exclamou e deu outra gargalhada.

– De ser devassa? Mas é claro que você é culpada.

– É fato – Paula concordou rindo. – Mas, enfim, nada demais dar uma espiadinha, né?

– É, Paulinha, se fosse só isso tava bom...

– O que, Manuelita, tem mais?

Manu ficou mais vermelha só de pensar no que estava prestes a contar para a amiga.

– Ai, não, deixa. Vamos mudar de assunto – disse mergulhando os olhos azuis no drinque, com aquela vontade característica de se enfiar embaixo da mesa.

– Ah, nada disso, Manuela Carmona, agora vai ter de me contar.

– Ai, é que, enfim... A gente passou uma noite lá, né? Os quatro juntos...

– Nãããooo! – Paula arregalou os olhos verdes.

– Ai, Paulinha, espera aí... No que você está pensando?

– Vocês não?...

– Ai, não. Quer dizer, não sei. Do que você está falando, Cherry Paula?

A *bartender* deu um gole no drinque pra disfarçar.

– Bem, não sei, uma troca de casais, uma grande suruba ou coisa assim...

– Ai, Cherry Paula!

– Ok, ok, desculpa! Você estava aí, toda cheia de suspenses, achei que a coisa era quente, né?

– Bom, mas tudo tem limite, não é mesmo?

– Se você está dizendo... – Paula exclamou um pouco decepcionada. – Mas então me conta. O que houve? Vocês dormiram uma noite lá e o quê?

– Bem – Manu foi adiante com a voz vacilante. – Eu... Eu estava com Massimo. A gente estava... eu, bem... Você entendeu, né?

- Entendi. Você estava dando gostoso pro seu italiano mais quente do mundo.
- Errr... bem... isso – Manu concordou sentindo o rosto queimar de vergonha.
- Quer dizer que aqueles problemas de Módena ficaram pra trás.
- Sim, ficaram. Aliás, bom, obrigada, amiga.

– Usou minha técnica?

– Hu-hum – Manu respondeu lançando um olhar de cumplicidade para a amiga. – Carinho e delicadeza...

- Exato. Mas tudo bem, interrompi o que vocês estava me dizendo, onde paramos?
- Na parte em que eu... errr... na parte que eu estava dando gostoso pro meu italiano?
- Iiiiiisso. Mas então, até aí, temos um nível de devassidão bastante aceitável, Dona Manuela.

– É, sim, mas... ai, deixa pra lá, Paulinha! É besteira minha.

– Meu Deus, Manuela Carmona! Me conta logo! Eu já tava pensando que vocês tinham feito uma suruba de outro mundo naquela casa de praia, lembra? Nada vai me assustar.

Manu deu um último gole no martini, respirou fundo e foi adiante.

– Bom, eu estava... O Massimo estava... O Massimo estava me... estava com a boca em mim sabe?

– Sei. O Massimo estava te chupando gostoso.

– Isso – Manu concordou exalando o ar dos pulmões.

– Certo. E onde está a devassidão nisso?

– Bom... Eu escutei, sabe?

– Escutou? Escutou o quê? Desembucha, mulher!

– Escutei a Cindi.

– Espera, agora eu fiquei um pouco confusa – Paula disse também dando um último gole no drinque.

– É que... bem... A gente estava em um quarto e eles estavam em outro. Mas era parede com parede, sabe?

– Uau... Você escutou a Cindi Nalba e o John Franzen transando? Isso é sexy.

– Então, é isso... Quer dizer, na verdade eu escutei só a Cindi.

– Bem, não se pode ter tudo nesse mundo. Mas e daí, qual é o problema?

– O problema é que... bem... eu gostei, sabe?

– Hummm... – Paula exclamou com um sorriso safado no rosto.

– Eu fiquei... fiquei excitada de pensar nela... de pensar no que ela estava fazendo ali do lado. Enfim, é isso. Sua amiga virou uma devassa completa – Manu disse pegando o palito do copo e

abocanhando uma azeitona.

– Ai, Manu, por favor! – Paula se levantou para preparar mais drinks.

– O quê? – Manu perguntou encarando a amiga com os olhos azuis ligeiramente aflitos.

– Manu, minha lindota, você estava ouvindo o casal mais sexy do mundo transar do seu lado.

Automaticamente, estava imaginando a cena toda. Imaginando com detalhes, uma vez que viu os dois quase pelados... Acha estranho ter tesão nisso?!

– Bem... vendo por esse lado...

– Pelo amor, Manuelita! Se fosse eu arrombava aquela porta e me jogava no meio dos dois!

– Paula exclamou dando uma gargalhada de vilã da Disney.

– Ai, Paulinha!

– É verdade, Manu. Você... O Massimo, com aquela história toda da aposta, só fez transformar você em uma mulher saudável. Uma mulher normal, que gosta de sexo como todas nós. Quer dizer, ao menos como a parte feliz de todas nós.

– Ai, mas não sei....

– Bom, seja bem-vinda ao mundo real, amiga – Paula exclamou colocando outro drink sobre a bancada.

Mas antes que elas pudessem beber, a campainha ecoou no apartamento vazio do Elfo. Paula deu a volta, pegou o interfone e observou a tela da câmera de segurança que se acendera automaticamente.

– Puta que pariu, Manuelita! – ela sussurrou para a amiga tampando o fone com a mão. – o John Franzen tá parado lá fora esperando eu abrir a porta! – outra gargalhada de rainha má.

Capítulo 33

– Vocês aceitariam um drinque? – Cherry Paula perguntou em inglês, enquanto Cindi, John e Massimo se acomodavam no sofá cinza-escuro. – Manu e eu estamos tomando dry martinis – completou sorrindo e cruzando os braços sob os peitos que, como sempre, pareciam prestes a saltar do decote.

– Se eu fosse vocês, aceitaria – Massimo exclamou exalando ondas suaves de charme italiano. – Cherry Paula é a melhor *bartender* do Brasil.

– Acho ótimo – disse John percorrendo o corpo escultural de Paula com os olhos azuis. – Mês que vem tenho um teste para encarnar o novo James Bond. Então é bom que eu vou treinando.

Cindi e Massimo também aceitaram o drinque. Paula sorriu e caminhou até a cozinha, rebolando em sua minissaia preta de sempre. Ao contrário do que Manu esperava, ela não revelara nenhum pedacinho de seu lado tiete ao ator.

Tratara John Frazen como um convidado comum. Havia sido charmosa, extremamente sexy e sensual. Mas esse era apenas o modo de ser padrão de Cherry Paula. Não havia qualquer tratamento especial ali. Em suma, uma hostess profissional.

Minutos depois, quando ela voltava com os três drinques numa bandeja, a porta se abriu e o dono da casa entrou com seu andar felino. Paula deixou os martinis sobre a mesa de centro, caminhou toda langorosa até Elfo, envolveu-o com os braços e o beijou longamente, passando a mão pelas costas largas. Por fim, sem que os convidados pudessem ver, apertou com força a bunda dura e musculosa dele.

– Eu... Eu estava preocupada com você, bonitão – disse quando se separaram.

Elfo apenas sorriu com os lábios finos, mantendo seu silêncio usual. Ainda sem dizer nada, passeou os olhos pelos convidados ilustres, tirou a jaqueta preta de couro e cumprimentou cada um deles. Massimo e John com um aperto firme de mão, Cindi e Manu com um beijo no rosto. Depois se afastou, se sentou na bancada alta e ficou mais um tempo olhando o curioso grupo que ocupava a sala de seu apartamento.

– Bem – Cindi exclamou depois de dar um gole no martini e apoiar o copo na mesa de centro. – Cindi Nalba se apresenta para o dever. Agora resta a vocês me dizerem... Qual, exatamente, é o plano?

– Elfo, você conseguiu? – Massimo perguntou com o semblante sério.

O Elfo não disse nada. Apenas colocou a mão no bolso interno da jaqueta largada no banco ao lado e tirou um pequeno frasco de vidro marrom-escuro. Depois caminhou até a mesa, abriu a

tampa e virou o potinho. Dois comprimidos azul-claros, em forma de losango, caíram sobre o tampo de madeira.

– Isso é... Isso é o que eu estou pensando? – John perguntou com a voz ligeiramente irritada, debruçando-se para frente no sofá.

– Não. Quer dizer, não sei exatamente o que você está pensando, mas creio que não – Massimo respondeu passando os dedos no queixo, num gesto que denotava alguma preocupação.

– Então será que alguém pode me explicar alguma coisa? Isso aí está me parecendo... Isso aí está me parecendo dois malditos comprimidos de Viagra! Qual é o plano de vocês? Fazer a Cindi foder com esse cara até a cabeça dele explodir? – John perguntou em inglês, cada vez mais irritado.

– Pois então – Massimo respondeu suspirando. – Como eu suspeitava, não é o que você está pensando.

– Então?... – o ator insistiu levantando-se abrindo os braços.

– Elfo? – Massimo exclamou cruzando os braços e esperando que o anfitrião explicasse.

– São soníferos. Dos mais poderosos que a raça humana jamais inventou – disse Elfo. E voltou a se calar.

John não disse nada. Apenas abriu os braços, furioso com a situação e com a economia de palavras do Elfo.

– Calma, gatão – Cindi exclamou segurando a mão do ator e fazendo-o sentar-se ao seu lado no sofá. – Vai dar tudo certo e eu não vou fazer nenhuma cabeça explodir de tanto foder. Quer dizer... A não ser que você me peça com carinho – ela completou acariciando o tórax musculoso dele.

John bufou, ainda irritado, e Massimo achou por bem completar a explicação de Elfo.

– John, como Elfo disse, esses soníferos são extremamente poderosos. Cinco minutos depois de serem ingeridos, colocam a vítima num estado de sono profundo. Quase em um coma. Nada pode acordar uma pessoa que tomou um desses.

– Ok. Mas por que caralho eles parecem uma porra de um Viagra?

– Bem... – Massimo voltou a passar os dedos no queixo, pensando na melhor forma de explicar. – Há vários formatos, que imitam medicamentos diversos. Elfo... Elfo não foi exatamente em uma farmácia para comprar essas pílulas...

– Nope – Elfo exclamou enquanto abria uma garrafa de sua preciosa cerveja belga.

– Ele comprou... – Massimo foi adiante um pouco sem jeito. – Ele comprou de alguém que costuma fornecer esse medicamento para golpistas.

– Ah, que ótimo, agora estou mais calmo – John resmungou enquanto andava de um lado pro outro.

Massimo foi adiante.

– A ideia aqui é que a vítima tome por si só o sonífero, achando que está tomando outro remédio. Isso permite que a droga seja trocada com antecedência. Dessa forma, Cindy não vai correr o risco de ser pega colocando algo na bebida dele. Ou, pior ainda, de ser obrigada a tomar ela o sonífero, ficando a mercê do canalha.

John pensou um pouco, depois voltou a se levantar.

– Mas Viagra? Como ela vai fazer o filho da puta tomar esse treco achando que é Viagra?

– Bem... – Massimo continuou, cada vez mais contrariado. – Existem rumores de que Sean Batista sofre de disfunção erétil.

– O quê?! – John perguntou abrindo os braços.

– O filho da puta é brocha – Paula completou cruzando as pernas brilhantes.

– Essa parte eu entendi. O que eu quero saber é como a Cindi vai convencer esse puto a tomar Viagra.

– Bem... – Massimo exclamou suspirando sem saber como continuar. Mas Cindi interrompeu antes que ele fosse completamente dominado pela agonia crescente.

– John, por favor. Para com esse teatrinho, vai? Eu vou seduzir o desgraçado, ok? Vou deixar ele de quatro por mim, vou me esfregar nele e, quando ele estiver louco pra me comer, vou subir com ele até o quarto.

– Mas... – John quis dizer alguma coisa, mas ela não deixou.

– Eu sou atriz, gato. Não vai ser a primeira vez que eu me esfrego em algum desconhecido nojento. Nem a última, infelizmente.

John cruzou os braços, bufou e largou o corpo pesadamente no sofá. Não havia mesmo como ir contra o argumento. Ele também era ator, também tinha se esfregado várias vezes em mulheres indesejáveis diante das câmeras. Algumas vezes atrás também.

– O melhor de tudo... – disse Manu se levantando e estendendo a mão para Elfo.

Ele esticou de novo a mão até a jaqueta, tirou um envelope de lá de dentro e entregou à *chef*.

– O melhor de tudo é que temos a ocasião perfeita para voltar à mansão do porco nojento – ela exclamou espalhando seis convites sobre a mesa de centro.

Era mais uma obra de arte do fornecedor de Elfo. Seis convites falsos. Cópias perfeitas, elaboradas a partir de uma mensagem roubada de uma conta de e-mail da empresa de Sean.

Manu, Massimo, Paula e o Elfo haviam ganhado nomes falsos. Cindi e John, usariam sua identidade verdadeira. Assim, quando fosse necessário, poderiam atrair atenção para eles. Usar a fama e a tietagem em favor do plano.

– Ótimo. Uma festa – John exclamou voltando a se irritar. – E posso saber como vocês pretendem voltar lá depois da última vez?

Manu sorriu e novamente se viu como se fosse uma terceira pessoa, observando a cena. Lá estava ela, a antes simples e desprestigiada cozinheira, cujo único objetivo na vida era tocar o pequeno Carmona, servir uma comida saborosa e honesta, agora lá estava ela. Lá estava ela ao lado do homem que a conquistara.

Lá estava ela, passando instruções ao casal mais poderoso do *show business* mundial. Lá estava ela, junto de seu amor e de sua companheira de vida, sua irmã de coração, parceira de jornada. Lá estavam elas, mulheres poderosas, *femme fatales*, tramando para destruir o segundo homem mais rico do país.

Manu sorriu ao pensar tudo isso. Depois, ainda com esse discreto sorriso boiando nos lábios, traduziu o convite para John:

É com grande honra e grande prazer que lhe convidamos para o monumental baile da família Batista. Como manda a tradição, a noite será de gala, e serão aceitos apenas convidados mascarados...

John tragou uma porção de ar como se fosse dizer algo, mas continuou em silêncio. Não havia mais nada a dizer. Eles realmente haviam pensado em tudo. E, o por mais improvável que pudesse soar a ideia, o plano tinha alguma chance de dar certo.

Capítulo 34

Uma semana depois, os dois Mercedes pretos alugados por Massimo Pastore cruzaram os portões iluminados da mansão Batista. Na alameda de cimento branco, que se estendia da rua até o local de desembarque, bem em frente à porta de entrada, havia uma longa fila de automóveis. Eram basicamente dois tipos de veículos.

Os esportivos, baixos e barulhentos, de cores vibrantes; e os grandes sedans, silenciosos e espaçosos, em cores neutras, a maioria prata ou prateada. Todos tinham em comum o fato de ser importados, caríssimos e de estarem impecavelmente polidos e brilhantes, como que recém-saídos das concessionárias.

John Franzen e Cindi Nalba iam no banco de trás do primeiro carro. As chances de eles serem reconhecidos, mesmo de máscaras, eram consideráveis. Melhor, portanto, que estivessem longe de Manu, Paula, Massimo e do Elfo, que iam no segundo carro.

Os três casais estavam estonteantemente lindos e impecavelmente elegantes. Os homens trajavam smokings sob medida. As mulheres envergavam vestidos curtos e decotados, pensados para oferecer o máximo da provocação sem cair na vulgaridade.

A ideia era simples. Com aquela quantidade (e qualidade) de pernas e decotes, homem nenhum ia se preocupar em olhar o rosto delas. Isso diminuía as chances de serem reconhecidas. As máscaras, claro, ajudavam também. Eram bastante parecidas. Cobriam a parte de cima do rosto e parte do nariz, tinham os olhos ligeiramente puxados e combinavam com as cores dos vestidos.

A de Manu tinha um elegante penacho azulado, e ressaltava os olhos grandes e expressivos. A de Paula era preta, com rococós rendados, e a de Cindi era branca, mais simples, para contrastar com a pele bronzeada. As dos homens eram todas brancas, idênticas, e cobriam metade do rosto.

Estava tudo certo, tudo indo bem. Ainda assim, quando Jamanta, metido num smoking branco, com direito a luvas combinando, abriu a porta do Mercedes, Manu sentiu o coração disparar. Lembrou de tudo o que havia acontecido por ali. Lembrou de Cherry Paula sendo golpeada violentamente por Sean Batista. Lembrou do barulho terrível da bofetada. E era isso. Estavam de volta ali. Estavam de volta ao covil do lobo, um lobo que sempre havia sido capaz em revidar com mais violência.

Ela respirou fundo e se levantou, tentando não pensar no que o canalha seria capaz se as apanhasse no pulo novamente. Nessa hora, quando deu o primeiro passo, seu salto ficou preso na junção do asfalto com a calçada, e ela viu tudo. Subitamente transformada na velha Manuela Carmona de sempre, assistiu à cena em câmera lenta.

Assistiu à menina estabanada, à cozinheira iniciante que sempre se queimava e sempre derrubava o prato mais importante da noite, prestes a se esborrachar, colocando o plano inteiro a perder. Enquanto assistia, previu o desfecho da tragédia. Ela logo estaria de cara na sarjeta, a bunda pra cima no vestido azul apertado, a máscara lá longe e bye-bye identidade secreta. Mas ufa, não. Antes que ela aterrissasse em plena recepção, o braço forte de Jamanta a amparou:

– Opa, cuidado! – ele exclamou com seu vozeirão barítono. – Não queremos estragar a festa antes que ela comece, não é mesmo, senhorita?...

– Sofia – Manu respondeu arrumando a saia e evitando olhar no olho do segurança.

Depois ficou ali um tempo, sem saber o que fazer, sem conseguir levantar o rosto para olhar o caminho, completamente desorientada, até que Massimo apoiou de leve as mãos em suas costas.

– Vamos, Sofia, querida – ele sussurrou no ouvido dela e a conduziu pelo tapete vermelho.

Manu respirou fundo tentando se recuperar do susto, tentando fazer com que seu coraçãozinho se acalmasse, o que, claro, não ia acontecer tão cedo. Aquele era apenas o começo de uma noite que prometia ser o teste supremo para os nervos de todos os envolvidos.

Assim, sem escolha, coração acelerado, joelhos um pouquinho moles, ela foi adiante, sentindo a mão de Massimo amparando suas costas. Uma presença reconfortante, oferecendo a certeza de que, dessa vez, ele estava ali com ela para o que fosse.

Antes da entrada, diante de um púlpito de madeira, havia uma pequena fila, de seis ou oito convidados. Os homens usavam black-tie, as mulheres estavam empetecadas em vestidos de paetês. Nenhum, contudo, era tão curto quanto o de Manu ou de Cherry Paula, que vinha logo atrás, de braços dados com o Elfo.

– Massimo, eles estão conferindo os convites – Manu sussurrou nervosa.

– Nenhum problema. Fica calma – ele exclamou colando o corpo no dela. – E meu nome é Tom, querida...

– Ai, sim, Tom... – Manu respondeu sem acreditar no que sentia.

Sem acreditar na centelha de excitação que se acendia lá embaixo. Que mesmo ali, mesmo numa situação tão tensa como aquela, Massimo a deixava daquele jeito. A chama sempre acesa. A umidade de excitação sempre presente. O tempo inteiro ameaçando se tornar uma enxurrada, encharcando a minúscula calcinha de renda azul. A calcinha com que ele a havia presenteado naquela manhã com o vestido.

Mas, por outro lado, era compreensível. Porque ali, além de tudo, havia o smoking perfeitamente ajustado no corpo rijo. Havia a máscara, havia o codinome e aquele mistério todo e *foco! Foco, Manuela Carmona, nós temos uma missão a cumprir!*

A fila caminhava rápido, e quando a vez deles estava chegando, Massimo espiou por cima

do ombro de um senhor. Um alerta amarelo soou em seu lobo frontal. As coisas talvez não fossem assim tão simples.

– Ok, talvez tenhamos um problema – ele sussurrou no ouvido de Manu.

– O quê? Que problema? – ela perguntou também sussurrando.

Mas era tarde demais para Massimo responder.

– Senhora? – uma loira alta, magra, clone da Gisele Bundchen, exclamou sorrindo para ela.

– Ahn, o quê? – Manu perguntou desorientada.

– Seu convite, senhora.

– Ah, aqui... Aqui está – ela exclamou entregando o convite que tremia com as pontas de seus dedos.

A mulher ergueu o papel e apontou um laser vermelho, igual àqueles que os cinemas usam para conferir os ingressos. *Puta que pariu!* Devia haver algum código de barras secreto no convite. Escondido nas letras, miniaturizado ou algo assim. Uma traquitana tecnológica qualquer que certamente passara despercebida para o *hacker* do Elfo.

A loira passou o leitor uma vez, e o treco não apitou como tinha apitado com todos os outros convidados. A clone da Gisele sorriu. Passou de novo o leitor. Nada. Manu sentiu o coração acelerar mais. Puta que pariu, logo de cara, tudo perdido!

– Existe algum código de barras ou coisa assim – Massimo sussurrou para Paula que vinha logo atrás dele. Ela sussurrou para o Elfo, que sussurrou para Cindi, num telefone sem fio, que finalmente chegou a John Frazen.

O ator não hesitou nem por um segundo. Tirou imediatamente a máscara, colocou-se na ponta dos pés e berrou lá de trás, em inglês:

– Com licença? Moça, com licença? Será que essa coisa toda vai demorar muito? Sabe, eu tenho um baile de máscaras para comparecer!

Antes que John Franzen falasse o segundo “com licença”, um fotógrafo já tinha se posicionado bem na frente dele e disparava flashes que dariam para iluminar toda uma cidade do interior. Uma moça que descia de um Audi preto deu um berro agudo e se apoiou no carro para não cair.

Vendo que o circo estava armado, Cindi resolveu entrar na brincadeira. Tirou a máscara também e sorriu. Apenas sorriu, com seu rosto deslumbrante coberto por uma maquiagem discreta e brilhinhos de purpurina ao redor dos olhos.

– Queriiiiido, volta que a moça da novela está aqui na fila! – uma senhora gritou lá pra dentro.

– Mãe, ela não é da novela – outra mulher sussurrou encabulada. – É a Cindi Nalba.

Daquele filme *Assalto no Deserto*, lembra?

– Queriiiiido – a velhota voltou a gritar. – Não é da novela. É a Mindi Nalba.

– Cindi, mãe! Cindi!

– Cindi, querido. Cin-di Nal-ba – a velhota gritou a plenos pulmões para que todos pudessem escutar.

Aí não teve jeito. A festa inteira saiu para a área da recepção. Todos, absolutamente todos os convidados sacaram seus celulares de última geração dos bolsos e passaram a se revezar. Enquanto uns tiravam selfies, outros gravavam tudo para postar nas redes sociais. Aproveitando a confusão, fingindo-se de fãs, Massimo a Manu deram as costas à Giselete e se misturaram à multidão.

A loira ainda ficou um tempo ali sozinha, parada no púlpito, toda empertigada, à espera de que alguém viesse lhe entregar um convite. Mas, como aparentemente demoraria um tempo para isso acontecer, achou que não faria mal dar uma espiadela mais de perto em Jonh Franzen. Quando adolescente, ela tinha um pôster dele sem camisa, e seu primeiro orgasmo solitário, aos treze anos de idade, tinha ocorrido enquanto ela se acariciava encarando o abdômen definido do astro.

A coisa foi assim. Crescendo e crescendo. Os seguranças se olharam desorientados por algum tempo, depois pediram que todos entrassem para que a festa continuasse, mas não teve jeito.

Uma centena de pessoas se aglomerava ao redor dos dois astros, acotovelando-se para chegar mais perto. E ficaram assim por cinco, dez, quinze minutos, até que John resolveu por um fim na confusão.

– Está bem, pessoal. Agora chega. Temos de fazer uma festa acontecer – exclamou envolvendo a cintura de Cindi e entrando na ampla sala de Sean Batista.

Lá dentro, a maioria dos móveis havia sido retirada. No lugar, havia algumas mesas redondas, enfeitadas com flores e velinhas. O piano de calda branco continuava ali, e era magistralmente pilotado por uma morena lindíssima, trajando um vestido longo com as costas à mostra. O Lamborghini também seguia impávido. Mas, ao contrário do dia da primeira visita de Manu, agora tinha as portas abertas para que os convidados pudessem se fotografar sentados ao volante do carro esporte.

Capítulo 35

Manu teve de se concentrar um bocado para que sua mão direita parasse de tremer o suficiente para levar a taça de champanhe até os lábios pintados de vermelho.

– Está tudo bem. Deu tudo certo – Massimo sussurrou enquanto deslizava a mão por suas costas, para depois enlaçá-la pela cintura.

Manu sentiu um arrepio de calor acompanhar o movimento dele. *Meu Deus, como alguém pode ficar tão assustada e tão excitada ao mesmo tempo?*, ela pensou enquanto sua chama interna pulava de modo médio para modo alto.

– Puta que pariu, essa foi por pouco – Cherry Paula exclamou aproximando-se do casal, ladeada pelo Elfo. Depois pegou uma taça de champanhe e, como de costume, bebeu de um gole só.

– Hum, parece francesa. Nosso anfitrião não economizou – disse, colocando a taça vazia e pegando outra, mas agora apenas bebericando golinhos curtos.

Antes que eles pudessem ir adiante no assunto, John e Cindi trataram de arrastar a festa até eles. Os dois haviam colocado as máscaras de volta, mas era tarde. Estavam marcados. As celebridades máximas da festa.

Todos queriam vê-los de perto, trocar uma palavra, colocar a mão no ombro, tocar numa mecha de cabelo, sentir o cheiro, talvez roçar no ombro dele, no seio dela... Enfim, estar perto daquele mundo idealizado de sonho que os dois encarnavam ali. Diante de todo esse burburinho, não demorou para que o anfitrião em pessoa tratasse de se meter lá no meio também.

Ao contrário dos demais convidados, o porco-canalha-avermelhado Sean Batista não usava sua máscara presa no rosto. Segurava-a na mão esquerda, por uma haste cumprida, e isso permitia que ele pudesse cumprimentar todos os convidados, apresentando-se como o promotor daquele luxo todo. Era vaidoso demais para o anonimato.

Portanto foi assim, de cara limpa e com uma medida exagerada, que ele se apresentou à deslumbrante Cindi Nalba.

– Senhorita Nalba, que honra sem tamanho é tê-la aqui, na minha casa – exclamou em um inglês com um forte sotaque. – Eu e minha esposa – continuou puxando Susie pelo braço – somos fãs do seu trabalho.

– E do trabalho do John também – Susie completou se aproximando do ator e, sem a menor cerimônia, passando a mão aberta, enfeitada com dois anéis de safiras e esmeraldas, sobre o tórax rijo do astro.

– Hum – Cindi ronronou como uma gata manhosa, aproximando-se de Sean até seus seios

tocarem o braço musculoso dele. – Eu adorei sua casa. Simplesmente adorei! E aquele carro? Adorei aquele carro!

– É... é o meu predileto – Sean exclamou mergulhando os olhos no decote lustroso da atriz.

– E você deixa ele assim, aberto, para qualquer um?

– Não, senhora – Sean exclamou tomando a liberdade de segurar de leve o cotovelo de Cindi. – Aqui na minha casa não entra qualquer um.

– Mas, por trás das máscaras, como saber? – Cindi perguntou dando um golezinho no champanhe.

Sean sorriu, o rosto mais avermelhado de excitação.

– Não, minha querida. As máscaras não escondem nada. Eu sei exatamente quem é cada um dos meus convidados.

– Hummm – Cindi murmurou novamente, fazendo os seios roçarem uma segunda vez no braço de Sean, agora com uma intensidade ligeiramente maior.

– Sabe, cada convite tem um chip escondido no papel – o bilionário explicou com um sorriso de orgulho no rosto. – Cada um é único. E no momento em que passam pela minha recepcionista, seus dados são lançados no sistema. Assim eu sei todos que estão aqui. Controlo tudo na palma da mão – Sean concluiu exibindo o iPhone dourado.

– Hum, um homem controlador.

– Sim. Sempre! – ele exclamou chegando a boca bem perto do ouvido de Cindi.

Nessa hora, John percebeu o que devia fazer. Um tanto irritado e desanimado, percebeu qual seria seu papel no filme da noite. E tratou de ir logo adiante. Quanto antes começasse, antes terminaria, pensou consigo mesmo. Depois deu um suspiro, reclamou do calor, segurou Susie pelo braço, e perguntou se ela não poderia levá-lo até o jardim ou alguma área externa, onde pudesse tomar um pouco de ar.

– Sabe, ainda não me acostumei com esse clima quente e úmido. Ainda mais com o smoking – ele exclamou encarando a dona da casa fundo nos olhos.

– Claro, querido! – ela exclamou se derretendo e partindo de braços dados com o galã, sem sequer se lembrar da existência do marido.

Cindi observou o movimento de John com o canto dos olhos. E, quando percebeu que o terreno estava livre, foi adiante, colando mais o corpo no do bilionário:

– Conhecimento é poder, não é mesmo? – ela perguntou encarando-o com um olhar que cintilava de excitação. Era falso como uma nota de três reais, mas, ainda assim, cintilava.

– Exato, minha cara.

– E você, adora o poder?

– Mais do que tudo nesse mundo – ele respondeu dando um gole caprichado no copo de uísque.

– Do que tudo? – ela retrucou fingindo-se surpresa.

– Sim.

– Mais do que... As mulheres? – ela perguntou cheia de ironia na voz.

– Sim – ele disse. Depois sorriu, aproximou-se mais dela encostando a virilha na coxa nua e foi adiante: – Ao menos até cinco minutos atrás.

Cindi sorriu. Bingo! O peixe do dia estava fogado.

– E aquele carro te faz se sentir poderoso? – perguntou se afastando, como se a cantada tivesse incomodado e ela quisesse mudar de assunto.

– Sim, bastante.

– Sério? E por quê?

– A potência, o ronco do motor, a promessa de velocidade... O preço...

– Hummm – Cindi ronronou dando mais um gole no champanhe.

– Quer experimentar? – ele perguntou puxando-a pelo braço, colando novamente o corpo atarracado no dela.

– O quê? Aqui?

– Bem. Se você quiser... – ele sorriu. – Afinal, eu sou o dessa merda toda – e sorriu mais.

– Nesse caso eu adoraria – ela disse esvaziando a taça, colocando-a de volta sobre a mesa e sorrindo com os dentes perfeitos.

Ele a enlaçou pela cintura e a conduziu pelo salão até perto do Lamborghini. Quando pararam, diante da porta do motorista, um homem de uns cento e cinquenta quilos estava aboletado atrás do volante, rindo enquanto sua mulher tirava fotos com o celular.

– Ô, Alcântara, sai daí que agora é minha vez – Sean exclamou sem largar a cintura da atriz.

O homenzarrão obedeceu na hora. Ou melhor, tentou obedecer. Por longos instantes ele se debateu movendo os braços, mas não havia jeito de sair do carro baixo e apertado. Estava literalmente entalado.

– Mas será possível? – Sean exclamou, claramente irritado por ter de largar a cintura de Cindi. Depois se aproximou e estendeu a mão para o convidado.

– Vai, sua baleia inútil, segura aqui que eu te desencalho – disse com a voz recheada de desdém.

O homem obedeceu, segurou a mão do dono da casa que, a muito custo, conseguiu puxá-lo para fora do esportivo.

– Errr... Obrigado, Sean. Desculpa. Desculpa, senhorita Nalba – o pobre homem exclamou

arfando, e partindo em busca de uma bandeja de canapés.

– Vai, inútil! – Sean murmurou entredentes. Depois estendeu a mão para Cindi e mudou o tom de voz, agora melado de açúcar: – Senhorita?

A atriz permaneceu um tempo parada, um momento de suspense, para atizar a plateia. Depois sorriu, olhou nos olhos de Sean com um olhar inflamável e sensual, quase erótico. E assim, com a presa capturada, subiu lentamente o vestido branco, dando reboladinhas suaves enquanto puxava o tecido com as pontas dos dedos.

Subiu e subiu o vestido que, por uma bela coincidência, combinava com o carro. Subiu até o limite, um milímetro antes de deixar à mostra a minúscula calcinha de renda. Depois, num gesto ágil e sensual, colocou uma perna para dentro e se sentou no banco de couro bege, quase ao nível do chão.

Nessa hora, todos os convidados, homens e mulheres, que estavam ao redor, pararam de falar, de beber, de comer, de rir, de respirar. Todos pararam e se voltaram para ela. Mais precisamente para as pernas, longas, bronzeadas e brilhantes.

Cindi sorriu, ficou um tempo assim, se exibindo, depois recolheu a segunda perna e agarrou o volante com as duas mãos, como se estivesse prestes a filmar uma cena de Velozes e Furiosos.

Sean fechou a porta asa de gaivota. Olhou ao redor, sorrindo orgulhoso e exibido, deu a volta e se aboletou no banco do passageiro. Sentou, respirou fundo com ar de satisfeito e gastou alguns segundos admirando Cindi Nalba.

Ela parecia feita sob medida para aquela carro. Sean sentia prazer em vê-la ali e ficou admirando um pouco mais, até que, sem dizer nada, colocou a mão sobre o joelho da atriz. Deixou ela ali um tempo, depois foi subindo de leve, até o limite de onde começava o vestido, quase na altura da virilha.

Cindi não reagiu nem disse nada. Apenas apertou o botão de ignição. Sean arregalou os olhos assustado e ela respondeu acelerando duas vezes. O ronco ensurdecedor do esportivo fez todos na festa se voltarem para o carro. Cindi acelerou mais e Sean achou por bem tirar a mão das pernas da moça e tratar de se segurar onde fosse possível.

– Você... Você já dirigiu um desses? – Ele perguntou voltando o rosto vermelho de susto para ela.

– Nope – ela respondeu sorrindo.

Dessa vez não havia atuação. O sorriso, ao contrário dos anteriores, era dos mais genuínos. Um pouco pela felicidade de ver a cara de susto do porco nojento Sean Batista, um pouco pela excitação de sentir a potência do motor. Feroz e obediente ao mesmo tempo.

Cindi observou um pouco os comandos todos, tentando entender onde ficava o quê. Para

uma pessoa comum, aquilo parecia a cabine de comando de um avião. Mas ela estava longe de ser uma pessoa comum.

Apesar de nunca ter dirigido uma Lamborghini, tinha uma bela coleção de carros esporte em Londres. Dentre eles, ao menos três tinham sistemas de troca de marcha parecidos. Então era só... Cindi relou o dedo na borboleta do câmbio e acelerou mais. Os pneus gritaram de fúria, o carro deu um salto para frente, ela se assustou, meteu o pé no freio e o motor morreu.

– Ups – ela disse ampliando o sorriso e apertando novamente o botão de ignição.

– Talvez você não... – Sean quis dizer algo, mas ela arrancou, dessa vez completamente no controle da situação.

A essa altura todos os convidados já tinham notado o perigo iminente e saído do caminho. Jamanta, conhecendo o patrão que tinha, achou que a situação não exigia qualquer medida antissequestro.

Sean Batista, por sua vez, sem lá muita opção, tocou de leve o controle eletrônico que trazia no bolso da caça do smoking e a parede de vidro diante deles se abriu. Cindi acelerou mais, avançando sobre a rampa de asfalto, e eles saíram zunindo na contramão dos convidados que ainda fluíam rumo à festa, numa longa fila de carros importados.

Capítulo 36

Manu e Massimo perderam a cena hollywoodiana de Cindi Nalba sequestrando o anfitrião em seu carro esporte de meio milhão de reais. Nenhum dos dois estava na sala naquele momento. Não porque houvessem escolhido dar as costas ao centro dos acontecimentos num momento tão crucial para os planos da noite. Mas porque não haviam tido escolha...

As coisas tinham começado bem. Depois do susto inicial com a confusão toda dos convites, Manu estava mais calma. Havia tomado meia taça de champanhe e seus batimentos cardíacos tinham voltado a um nível aceitável. E ali, cercada por aquela gente elegante zanzando com suas máscaras e seus copos de espumante, ao lado de seu amor e de sua melhor amiga, até sentiu algum conforto. Mais do que isso. Por alguns instantes sentiu que tudo ia dar certo e que a noite poderia até, vejam só, ser divertida.

A calma, contudo, durou pouco. Durou apenas até o momento em que ele apareceu. Quando o avistou ali, quando viu Sean Batista se aproximar, quando viu aquela cara gorda vermelha a dois metros de distância, o sorriso asqueroso, as mãos grossas que haviam agredido a sua melhor amiga, Manu perdeu o controle.

Durou um instante apenas. Um lapso de fúria que fez seu coração acelerar a um nível impensável de tão alto. A um nível que disparou alguma chave de segurança em seu cérebro e tudo se apagou. Suas pernas fraquejaram e ela desfaleceu nos braços de Massimo. Ele a amparou com cuidado, enquanto Paula e o Elfo se colocavam entre eles e Sean que, naquele momento, se apresentava à Cindi cheio de galanteios baratos. Dessa forma, fizeram uma espécie de barreira humana, evitando que o desmaio chamasse atenção e pusesse o plano a perder.

Cherry Paula teve de usar o máximo de autocontrole para não correr em socorro da amiga, mas sabia que ela estava em boas mãos. Sabia que se o plano tivesse de ser abortado, se tivessem de sair dali para um pronto-socorro ou coisa assim, Massimo seria o primeiro a tomar essa decisão.

– Manu? – ele sussurrou cheio de aflição.

Nada. Ela seguiu desfalecida, a cabeça pendida para trás, sobre o ombro esquerdo dele.

– Manuela? Manuela, fala comigo – ele exclamou girando o corpo. Depois abaixou e se ajoelhou no chão, colocando-a meio deitada meio sentada, a cabeça e as costas dela apoiadas na perna dele.

– Manuela! – repetiu segurando o rosto inerte dela com a mão.

Ainda nada.

– Manuela, meu amor, não faz isso. Não faz isso comigo – ele implorou sussurrando com a

boca perto da dela. Perto dos lábios vermelhos que seguiam entreabertos e inertes.

– Acorda, meu amor – Massimo repetiu, fazendo um carinho no lado do rosto mascarado.

Nessa hora Manu finalmente mexeu os lábios. Depois, muito lentamente, levou a mão à testa pontilhada por gotículas de suor.

– Manu, meu amor, Manu, não me assusta desse jeito – Massimo repetiu, ainda sussurrando, ainda aparando-a no colo.

Ela foi se recuperando, passou o braço em torno do pescoço dele e o puxou para si.

– Eu preciso... Preciso sair um pouco daqui, bonitão.

– Certo, claro, tudo bem – Massimo respondeu levantando-se e a ajudando a se erguer.

Nessa hora, Cindi já havia se afastado com Sean para perto do carro, e Cherry Paula e o Elfo se aproximaram para ver se podiam ajudar.

– Eu vou tirar ela daqui um pouco – Massimo exclamou sério. – Elfo, por favor, não deixa nada de ruim acontecer com a Cindi. Ela é... Bem, ela é um pouco...

– Sem noção? – Paula completou enquanto assistia à atriz levantar o vestido bem no meio da festa antes de entrar na Lamborghini.

– É... Um pouco – Massimo concordou.

– Não se preocupe – o Elfo respondeu cruzando os braços fortes sob o smoking preto e também observando a sensualidade toda que exalava da atriz.

Massimo enlaçou a cintura de Manu e se afastou com ela, tentando ser o mais discreto possível. Apenas um convidado, ajudando seu par que queimou a largada no espumante... Era um bom disfarce. Além disso, Cindi estava dando conta de atrair a atenção de Deus e todo mundo e ninguém reparou enquanto o casal se esgueirava por um corredor lateral.

Massimo tentou a primeira porta que encontrou e ela se abriu. Estava escuro, mas, assim que eles entraram, várias luminárias se acenderam automaticamente ao redor, enchendo o ambiente de uma luz cálida e suave.

Eles caminharam até um sofá de veludo bordô e Manu se sentou, ainda ligeiramente atordoada. Massimo se afastou para fechar a porta, depois olhou em volta. Estavam numa mistura de biblioteca com escritório, que parecia saída de um livro do Harry Potter.

Grandes estantes de madeira, forradas de livros, cobriam todas as paredes e chegavam até o teto. Além do sofá, havia duas poltronas da mesma cor e uma mesa de trabalho clássica, entalhada em madeira escura. Ele se certificou que não havia ninguém por ali, fechou as cortinas dos três grandes janelões, depois se aproximou de Manu, para ver como ela estava.

– Eu... Me desculpa, Massimo, eu... Eu não sei o que me deu – ela exclamou com a voz ainda um pouco fraca, os olhos azuis úmidos por trás da máscara.

Ele se debruçou sobre ela e passou a mão de leve pelo seu rosto, prendendo atrás da orelha uma mecha de cabelo que se soltara.

– Não tem problema nenhum, minha linda. Só não faz isso de novo que você me deu um baita susto, está bem? – ele exclamou tirando a máscara para encará-la com os olhos cheios de amor e preocupação.

– Ai, Massimo – ela disse e o puxou para si e o beijou.

Ele escorregou os dedos por trás da nuca um pouco suada e ela sentiu o coração acelerar novamente. Mas, dessa vez, não era de raiva, não era de nervoso. Era de felicidade. Da felicidade por se sentir tão amparada, por estar nos braços daquele homem tão forte e tão sensível ao mesmo tempo. Uma felicidade que foi crescendo e crescendo e se transformando. Passando do peito para o estômago e descendo num calor de desejo incontrolável.

Ela o puxou mais para si, ele se debruçou e ela o beijou com mais intensidade, passando a língua na dele, sentindo os lábios grossos, a saliva quente e abundante se misturando com a dela.

Manu o beijou por um longo tempo, tentando entender de onde tinha vindo aquilo, tentando entender o que ele fazia com ela. Como ela agora era capaz de passar de um estado de piripaque nervoso para o de tesão louco em questão de segundos...

– Eu preciso de você, Massimo – ela exclamou descolando a boca da dele.

– Eu estou aqui, meu amor – ele respondeu sem entender, colocando-se de pé diante dela.

Manu se sentou mais para a frente no sofá, agarrou as coxas musculosas dele e o puxou para si.

– Não, Massimo. Você não entendeu. Eu preciso de você. Preciso sentir você. Preciso sentir você dentro de mim.

– Mas... Depois de tudo? E aqui, agora? – ele perguntou sem conseguir esconder um ligeiro sorriso de excitação.

Ela não respondeu. Subiu as mãos devagar, sentindo os músculos por baixo do tecido fino e delicado da calça preta. Segurou a bunda dura e volumosa dele com ambas as mãos e o puxou para si. *Ah, a altura ideal*, ela pensou enquanto tocava o rosto mascarado na virilha.

E uau, ela podia até mentir para si mesma que estava surpresa, mas não. Conhecia aquele homem bem demais para se surpreender ao notar que ele já estava totalmente pronto para dar o que ela precisava.

Ah, como era bom! A antecipação do que estava por vir, a visão mental do que estava ali atrás do tecido de lã fria, deliciosamente tomando forma na imaginação. Ela ficou um tempo assim, raspando de leve o lado do rosto mascarado na ereção de seu homem. Depois se afastou e o encarou. Encarou-o devorando-o de alto abaixo, a boca pintada de vermelho vivo entreaberta, salivando de

desejo.

– Põe a mascara? – ela pediu subindo e descendo as mãos num carinho suave que ia da bunda à dobra atrás do joelho.

Massimo sorriu um italiano sete e meio e obedeceu. Manu se afastou para admirá-lo. Estava lindo como nunca. Quer dizer, talvez não como nunca. Ela se lembrava bem de uma ou duas cenas no chuveiro, que ainda seguiam imbatíveis. Mas o smoking preto, a camisa branca, os cabelos ligeiramente desarrumados e todo aquele mistério da máscara que ressaltava os lábios grossos e rosados... Hum, era bom demais.

Ela o admirou por mais alguns instantes e sentiu, cada vez mais excitada, que ele fazia o mesmo. Sentiu que ele também a sorvia com os olhos. Que ele também se maravilhava com seu corpo perfeito, esculpido pelo vestido justo. Com seus olhos azuis que saltavam por detrás da máscara, com sua carne macia, sua pele branca e sua boca umedecida de tesão. Ela olhou e se deixou olhar, se deixou molhar, se deixou dominar pelo desejo intenso e incontrolável.

Depois, muito lentamente, abriu ao zíper dele e colocou a mão pequena e delicada pela abertura. Estava pronta para encontrar o tecido macio das já familiares boxers pretas, mas levou um susto, acompanhado de um arrepio de prazer. Ali, do outro lado, não havia qualquer tecido. Havia apenas a pele escaldante de Massimo Pastore.

Capítulo 37

– Massimo!? – Manu exclamou surpresa, olhando para cima em busca de uma resposta para ausência das boxers de sempre.

– Bem... – ele respondeu olhando pra baixo com um italiano oito e meio recheado de safadeza. – Eu achei que você ia gostar da surpresa.

– Mas, como? Por quê?

– Na verdade, tinha pensado em um presente para o fim da noite, mas você abriu o pacote antes...

Ela sorriu, ainda mais tomada de desejo, colocou a mão novamente lá dentro e desembalou sua prenda. O sexo duro, grande e rosado despontou poderoso. Ah, nada no mundo poderia superar o poder daquela visão. Do primeiro vislumbre do sexo de Massimo Pastore.

Ela o admirou um pouquinho mais, depois, dominada por aquele magnetismo, passou de leve a língua na glândula. Sentiu um arrepio de prazer percorrer o corpo dele. Passou outra vez, mas não o abocanhava como fazia quase sempre.

Não. Dessa vez não. Queria ver melhor. Queria saborear cada segundo, guardar cada detalhe na mente. Então se afastou e olhou. Olhou aquele homem deslumbrante, completamente vestido a rigor, completamente coberto. Coberto até o rosto, temperado com a aura de mistério da máscara branca. E lá no meio, despontando na luz suave e amarelada da biblioteca, a mistura perfeita de masculinidade e delicadeza que só se materializava ali.

Manu sentiu o poder de seu próprio olhar. Sentiu como Massimo reagia a ele. Como se erguia, tornando-se ainda maior e mais duro. Ela passou novamente a língua. Apenas uma lambidinha muito suave e delicada na ponta rosada. Depois respirou fundo, pronta para abocanhá-lo, pronta para envolvê-lo com os lábios até senti-lo no fundo de sua garganta. Mas...

Humm, talvez fosse o caso de provocá-lo um pouquinho mais. Afinal, não é todo dia que se tem um vestido de cetim e uma máscara como figurino... Isso sem falar na biblioteca padrão Harry Potter como cenário...

Manu passou a língua pela terceira vez e sentiu que ele pulsava de vontade, que estava mais duro e brilhante, cravejado de veias grossas e poderosas. *Ai, ai, não vai ser fácil*, ela pensou enquanto o empurrava gentilmente para longe com a ponta dos dedos.

Massimo deu um suspiro profundo, roendo-se de vontade de tomá-la, de sentir a boca escaldante envolta de seu pau. De arrancar aquela roupa para revelar o corpo tenro e delicado, de abrir aquelas pernas e de meter fundo e com força, como se quisesse parti-la ao meio. Ele resistiu um

tempo ali, impávido e rijo, e Manu quase se deixou levar, mas não, não, não. Se controlou e se controlou, e o empurrou com um pouquinho mais de força. Ele deu outro suspiro e obedeceu, recuando dois passos.

Ela se levantou, ajeitou o vestido azul que se abria numa saia de voal deixando-a com jeito de bailarina. Depois virou de costas e, aproveitando os saltos altos que deixavam tudo ainda mais empinado, caminhou até a mesa. Caminhou com passos pensados de passarela, esculpidos num rebolado que não faria feio nem diante de Cherry Paula.

Massimo permaneceu estático, observando a cena, sentindo que poderia gozar só de olhar aquilo. Manu parou um pouco antes da mesa, colocou as mão sob a saia e abaixou a calcinha azul. Abaixou rebolando de leve e se debruçado para frente. Se debruçando e levando o tecido fino de renda pelas pernas brancas, até o chão.

Ficou assim um tempo, dobrada sobre si mesma, roçando os dedos no tapete persa, a bundinha arrebitada. Ela sabia que a saia escondia a melhor parte. Sabia que Massimo estava louco de desejo para levantar o tecido e vê-la daquela jeito, completamente aberta e oferecida.

Ela ficou um tempo assim, alternando o peso de um lado para o outro. Depois desenroscou a calcinha dos sapatos de salto, caminhou até a mesa, passou por entre as duas cadeiras de madeira e veludo vermelho e sentou-se sobre o tampo lustroso. Sentou-se de frente para ele, abriu as pernas, colocou um pé sobre o assento de cada cadeira, e só então levantou os olhos azuis na direção de Massimo Pastore.

Era a deixa para ele avançar. E ele veio. Daquele jeito que sempre vinha sobre ela. Veio com seu andar de rei da selva, duro, grande e poderoso. E em cada passo que ele dava, Manu subia um pouquinho a saia. Um passo, dois dedos a mais da carne branca e lisa das pernas. Outro passo, mais dois dedos. E outro, e outro e ela chegou ao limite.

Quando ele estava a poucos metros, duro, duro, lindo, lindo, ela ergueu tudo. Tudo de uma vez. Ergueu a saia até deixá-la do avesso e abriu um pouco mais as pernas, revelando o veludo rosado e inchado de vontade. Revelando sua parte mais íntima e feminina.

Revelando e se abrindo, sem vergonha, sem timidez, sem medo de ser vadia, de ser puta. Porque para ele, para Massimo, era isso que ela era. Uma vadia. Uma devassa. Uma puta, uma profissional, a mais competente atriz pornô, moldada para exalar erotismo e dar prazer. O prazer de olhar, o prazer de tocar, o prazer de possuir.

Era isso que ela era naquele momento. Um objeto máximo de prazer. Uma mulher moldada para o sexo, moldada por aquele homem, completamente transformada em algo radicalmente diferente do que ela já havia sido. Manu sabia disso. Sentia isso em cada fibra ardente de seu corpo.

E adorava. Adorava a mulher que ele fizera desabrochar. Adorava esse seu novo ego,

aventureiro e devasso. Adorava como o fato de pensar nisso, de perceber essa nova realidade, a deixava ainda mais louca de tesão, numa bola de neve que poderia fazê-la gozar antes mesmo de ser tocada.

Massimo a observou por um instante. Queria guardar aquele momento na mente, como ela havia feito antes. Queria observar aquela mulher deslumbrante que se abria e se entregava para ele. Os sapatos de salto azul vibrante, as pernas brancas e perfeitamente torneadas. O vestido ajustado, que realçava os seios empinados e a cintura fina, depois se abria numa moldura perfeita para a pele tenra e macia do sexo de Manu.

E havia o olhar. O olhar azul de desejo, que parecia se intensificar por trás da máscara, que, junto da boca carnuda e vermelha, parecia pedir por ele, parecia implorar por ser beijada, num prenúncio do gozo profundo e avassalador que viria em pouco tempo.

– Me pega pra você? – ela implorou encarando-o com os olhos cheios de desejo.

Depois escorregou a mão direita pela barriga, desceu pela virilha e, com o dedo indicador e o médio, abriu a bucinha, revelando o brilho acetinado de desejo.

– Me pega? – ela repetiu ainda se abrindo oferecida.

Massimo não conseguiu mais resistir. Qual um animal selvagem, afastou as duas cadeiras, avançou sobre ela, abriu mais as pernas, se abaixou entre elas e meteu a língua dentro dela o mais fundo que pode.

– Aiiii – ela gemeu entrelaçando os dedos por entre os cabelos curtos e charmosamente despenteados.

Ele ficou ali um tempo, depois saiu, passou a língua em volta, desceu pelo lado de dentro das pernas, e subiu novamente. Ela estava aberta, derretendo, a um passo de gozar. Ele se afastou para olhar mais um pouco, o sexo aberto qual a mais rara das orquídeas. Olhou cheio de tesão, depois mergulhou ali de novo. De novo metendo a língua fundo dentro dela.

Manu apoiou as mãos sobre a mesa, jogou o corpo pra trás e o quadril para frente, entregando-se ainda mais. Ele brincou com a língua lá dentro em movimentos circulares enquanto passeava as mãos pelas pernas, pelas costas, pelos seios pequenos.

– Ai, Massimo, você vai... Eu vou explodir aqui – ela murmurou.

– Explode, meu amor. Derrete na minha boca, me deixa sentir o gosto do seu gozo – ele exclamou.

E continuou, agora chupando por fora, usando os lábios junto com a língua, transformando a boca numa máquina suprema de prazer. Chupando e chupando, de cima abaixo, espalhando saliva e excitação pela pele cada vez mais inchada do sexo de Manu.

Enquanto ele a devorava, ela arqueava as costas de prazer, erguendo as pernas e colocando-

as em torno do pescoço dele. Massimo continuou um tempo daquele jeito, chupando-a inteirinha, com força. Depois mudou. Afastou um pouco o rosto, abriu-a com os dois polegares para revelar o clitóris duro e excitado e passou a língua de leve ali. Foi o bastante. No momento exato em que ele tocou a ponta da língua no pequeno botão rosado Manu começou a gozar.

Ele continuou daquele jeito que só ele sabia, passando a língua muito de leve, em movimento circulares. Umas lambidinhas delicadas, que vinham num ritmo que parecia conversar com os batimentos cardíacos de Manu. Com os batimentos cardíacos e com as ondas de orgasmo que continuaram a percorrê-la de alto abaixo, mergulhando-a num estado permanente de gozo.

Ele sabia. Ela tinha certeza de que ele sabia. Sabia exatamente o que estava acontecendo. E brincava com isso. E, ai!, brincava. Deixava ela assim, presa naquele ritmo da língua sobre o clitóris, num orgasmo constante e suave. Aí, quando ela estava assim, arfando, aberta e totalmente entregue, ele descia e metia a língua fundo dentro dela e...

– Aaaaaiiiii – ela gritou num pico avassalador de gozo.

Ele escorregou a boca para cima e voltou ao ritmo, e ela se deixou erguer novamente. Se deixou flutuar naquela nuvem rosada fosforescente de gozo. Ficou ali, sentindo e sentindo, até que puta-que-pariu, ela não podia ficar ali a noite inteira, gozando e gozando, enquanto seus amigos arriscavam a vida. Mas, no fundo, havia sido rápido. Cinco ou dez minutos desde o começo. Talvez mais, talvez menos. E, ai, ela não podia sair dali sem o resto.

Ela imaginou e lembrou como era. Como era sentir Massimo entrando dentro dela, sentir o pau delicioso se expandindo dentro de sua buceta quente e molhada. Ainda estava gozando com os movimentos precisos da língua sobre o clitóris, mas, quando pensou no que viria depois, precisava de mais. Era como se um buraco de ausência tivesse se formado de repente ali embaixo, um buraco que só ele poderia preencher.

– Me fode, Massimo! – ela ordenou se erguendo e afastando um pouco a virilha da boca escaldante de seu homem. – Me fode agora, meu amor!

Ele obedeceu no ato. Se levantou e segurou o pau que continuava ereto, grande e grosso.

– Espera – ela disse tentando recuperar o fôlego. – Antes se exhibe. Exibe esse pau delicioso pra mim. – ela ordenou abrindo mais as pernas, os saltos dos sapatos azuis ameaçando furar o assento aveludado das duas cadeiras.

Ele sorriu e segurou a base do pau que despontava da calça preta. Depois apertou com força, fazendo a glândula ficar ainda mais dura, passando do rosa pro vermelho vivo.

– Bate em mim? Bate esse pau gostoso na minha bucetinha? – ela sussurrou ensandecida de tesão, mordendo o lábio inferior.

Ele deu um passo à frente e obedeceu. Bateu de leve com a glândula sobre o clitóris inchado

de Manu.

– Ai... Isso. De novo! – ela implorou com os olhos azuis mascarados observando a cena de cima.

Ele deu outra batidinha. Depois outra, e outra, e em cada uma Manu tremia inteira e se molhava mais, e se abria mais, até que não conseguiu mais aguentar.

– Agora. Agora mete. Mete esse pau delicioso fundo em mim, meu amor.

Massimo obedeceu. Num movimento único, rápido e intenso entrou dentro dela de uma vez.

– Aaaaaaiiiii! – Manu gritou gozando no ato.

Ele recuou um pouco para olhar. Para admirar a imagem bela e erótica de seu pau, duro e potente, penetrando a bucetinha pequena, depilada, molhada e inchada de Manu. Ela também olhou. Primeiro o sexo poderoso, depois o homem, o seu homem, vestido de gala. O seu homem e aqueles olhos que, mesmo por trás da máscara branca, a devoravam faiscando de tesão.

– Vem. Vem de novo, meu amor. Me mata de prazer!

Ele obedeceu. Meteu fundo até o final dela, fazendo-a gemer mais. Depois começou um movimento ritmado, entrando e saindo, sentindo o sexo quente e molhado dela, sentindo como a mulher que amava se derretia a cada estocada.

Manu continuou a gozar, num orgasmo que não tinha fim. Por ela, ficaria ali pra sempre. Ou ao menos por mais algumas horas, pelo tempo que aguentasse, pelo tempo que ele continuasse duro ali dentro. Mas sabia que não podia. Sabia que eles tinham de sair dali. Que tinham uma missão a cumprir naquela noite. Não tinha jeito. Era preciso terminar aquilo, era a vez de ele se desmanchar para ela.

– Goza, meu amor? – ela implorou – goza na minha buceta, me enche de você.

Ele respondeu aumentando o ritmo. Ela gemeu e passou a mão pelos braços, sentindo os músculos retesados sob o blazer preto.

– Não, espera... – ela pediu com a voz manhosa, fazendo ele diminuir o ritmo. – Ai... goza de... Goza fora.... Goza pra eu ver? – ela sussurrou cheia de desejo.

Ele entrou de novo, o mais fundo possível e ficou lá algum tempo, os dois corpos misturados como um só. Depois saiu completamente de dentro dela.

– Me pega – ordenou com a voz grave e baixa, tomada de tesão.

Ela obedeceu. Envolveu a base do sexo com os dedinhos delicados.

– Aperta!

Ela obedeceu.

– Mais.

Ela apertou mais, sentindo todo o poder que tinha em mãos, sentindo como ele gostava do

efeito que causava nela.

– Mais – ele ordenou devorando-a com os olhos.

Ela apertou mais, com toda a força. Apertou e segurou, louca para envolvê-lo com a boca, para sentir a textura de seda. Mas aquilo também era bom. Ah, como era bom. Sentir e olhar. E ela sentiu. Sentiu que ele pulsava. Sentiu e moveu o quadril um pouco pra frente tocando o clitóris na glândula que agora estava enorme, brilhante e quase roxa de tão vermelha. Então ele veio.

Primeiro um jato forte, que acertou a parte interna da saia. Depois um menor, que se derramou sobre os poucos pelos púbicos que ela ainda cultivava na parte de cima, como um enfeite singelo. Então uma sequência de golfadas que se derramaram sobre o clitóris feito leite condensado quente, escorrendo pelo lado de fora da buceta.

Ela segurou ele ali mais um pouco. Depois se levantou, desceu da mesa, ajoelhou diante dele e o colocou na boca. Estava duro ainda. E ainda restava um pouco dele. Uma ou duas gotinhas quentes e adocicadas, que Manu manteve um pouquinho sobre a língua antes de engolir. Ela ficou um tempo assim, sentido seu homem na boca até que Massimo se afastou lentamente.

– Acho... Acho que é hora de irmos ver como nossos amigos estão, não acha, minha gostosa?

– sussurrou com a voz cheia de carinho.

Manu concordou, dando um longo suspiro. Ele apanhou um pano de seda que cobria parte do sofá e a limpou com movimentos lentos e delicados, numa espécie de carinho bônus. Ela sorriu e segurou a saia para cima, enquanto assistia àquele homem impecavelmente bem vestido examinando milimetricamente a pele de sua virilha, à procura de resquícios do próprio gozo.

– Acho que está impecavelmente seca – ele disse com um italiano quatro e meio.

Manu sorriu consigo mesma. *Que mulher desse mundo é capaz de ficar seca ao lado de um homem desses?*, pensou enquanto colocava a calcinha e ajeitava a saia, tentando não ligar para as ondas de prazer que continuavam a percorrê-la de cima abaixo.

– Pronto, Senhorita Carmona? – ele perguntou estendendo-lhe a mão.

– Pronto, Senhor, Pastore! – ela respondeu tomando a mão dele e enlaçando-o pelo braço.

– Promete que não vai desmaiar outra vez, Senhorita Carmona?

– Prometo, Senhor Pastore. Digamos que eu esteja... Hum... um pouquinho mais calma.

– Ótimo! – ele respondeu e abriu a porta lentamente, para conferir se o inimigo não espreitava do outro lado.

Capítulo 38

Enquanto caminhava de volta para a festa de braço dado com Massimo Pastore, Manuela Carmona tentava controlar o desejo. Tentava pensar em outra coisa e evitar que seu desejo transbordasse. Evitar que o sumo de seu tesão vencesse a calcinha de renda e escorresse pelo meio de suas pernas, ainda bambas por conta dos orgasmos em série de minutos antes.

Por sorte, o inimigo, no caso Sean “Canalha Avermelhado” Batista, estava ocupado. Na verdade, ele também lidava com a bambice das próprias pernas. Tentava a todo custo mantê-las firmes o suficiente para desembarcar da Lamborghini, recém-estacionada no lugar de origem, bem no meio da sala de estar.

Havia sido uma viagem e tanto...

Assim que cruzaram os portões da mansão no Jardim Europa, Cindi se voltou para Sean e, com o rosto tomado de excitação, lançou a pergunta simples e direta:

– Onde eu posso acelerar?

– Escuta... – Sean respondeu enxugando o suor do rosto. – Você não acha melhor a gente dar uma volta no quarteirão e voltar pra festa?

Em resposta, Cindi cravou o pé direito fundo no acelerador, passou a segunda, e fez uma curva fechada, passando a um milímetro da guia.

– Ok, ok, vamos para a marginal – Sean respondeu com a voz rouca de nervoso. – Mas, até lá, você tem de me prometer dirigir com um pouco mais de calma, ok?

Cindi sorriu diante de mais essa vitória e Sean foi indicando o caminho. Quando chegou à via expressa, vazia àquela hora da noite, a atriz não se conteve. Saiu rasgando pela esquerda a cento e noventa, sem ligar para os flashes dos radares que disparavam em sequência.

Sean, por sua vez, não viu alternativa a não ser agarrar-se onde podia e esperar que tudo desse certo. A viagem durou, ao todo, vinte e três minutos. Nesse tempo, eles saíram da marginal, pegaram a rodovia dos Bandeirantes e, na velocidade estonteante que Cindi pilotava, chegaram quase até a cidade de Itu.

Agora, de volta à festa, Sean finalmente conseguiu controlar as próprias pernas para se colocar de pé. Quando terminou de levantar, Cindi estava parada ao seu lado, em meio à roda de convidados curiosos que se formava ao redor. Seu vestido estava impecável, e seu rosto, ligeiramente ruborizado pelo esforço da pilotagem e pela excitação, estava ainda mais deslumbrante.

Sean estava completamente atordoado, encarando-a com ar de cachorro em dia de mudança,

sem saber o que dizer ou o que fazer diante daquela mulher tão impulsiva e poderosa. Cindi, por sua vez, sabia muito bem o que fazer. Era hora do ataque final.

– Agora, eu preciso de um drinque – exclamou apoiando a mão de leve no ombro do bilionário, depois escorregando pelas costas, até parar um pouco acima da cintura.

– Sim, sim, claro, um drinque – ele exclamou ainda ofegante.

– Algo forte e gelado, se possível.

Ele concordou, segurou o cotovelo dela com a mão esquerda e tentou conduzi-la para o bar, mas a atriz o impediu.

– Ai, não! Não me faz ter de lidar com essa gente de novo, meu caro Sean? Por favor. Eu não aguento mais dar autógrafos nem dizer como estou amando o Brasil e como os brasileiros são fofos e gatos!

– Errrr.... – Sean titubeou por alguns instantes.

– Será que não tem algum lugar pra eu ficar... Hum, pra eu ficar quietinha por uns minutos? – ela exclamou como se nada fosse, como se quisesse permanecer a sós.

Era uma isca, claro. Diante da possibilidade de que ela quisesse mesmo ser levada a uma sala qualquer para dispensá-lo, Sean faria o possível para que isso não acontecesse. Faria o possível para levá-la ao lugar mais isolado da casa, um lugar onde nenhum convidado ou funcionário poderia incomodá-los ou interrompê-los.

– Podemos... Podemos ir até o segundo andar... – Sean exclamou sussurrando e colando o corpo no dela.

– Hum, segundo andar? Você está querendo me prender na sua torre, Senhor Sean Batista? – Cindi perguntou usando de todo o seu autocontrole para não afastá-lo a la Cherry Paula, com belo de um chute no meio das bolas.

– Você não pode me culpar. Afinal, que homem no meu lugar não ia querer o mesmo? – ele perguntou chamando o garçom. – Rapazinho, fala pro *barman* preparar dois, hum, cosmopolitans? – exclamou buscando aprovação da atriz.

– Adoro! – ela respondeu com seu melhor sorriso Sarah Jessica Parker.

– Dois cosmopolitans. Pra ontem! E manda ele levar lá em cima.

– Lá-lá... em cima? – o rapaz gaguejou.

– Isso, garoto. Tá surdo? Quer que eu desenhe? – Sean respondeu com o rosto ruborizando de raiva.

– Nã-nã-não, senhor.

– Então tá fazendo o que ainda? Vai logo!

– Está bem. Sim. Desculpa, senhor.

– Ah, a coisa mais difícil é achar alguém que trabalhe direito nesse país – Sean resmungou enquanto o pobre rapaz se afastava.

Cindi sorriu, usando todas as suas qualidades de atriz para controlar a raiva.

– Podemos? – ele exclamou puxando-a pelo braço.

Enquanto Cindi se deixava levar escada acima, a alguns metros de distância, parados ao lado do bar, dois casais mascarados prestavam atenção à cena com as respirações em suspenso.

– Agora só dependemos do talento da Cindi – Massimo exclamou com a voz baixa e nervosa.

– E de as pílulas do Elfo fazerem efeito – Manu respondeu segurando a mão dele com força.

– Vão fazer, vão fazer – o Elfo completou cruzando os braços.

Cherry Paula não disse nada. Apanhou a quinta taça de espumante e bebeu de um gole só. Entre os quatro, era, de longe, a que estava mais tensa e nervosa. Afinal, sabia, literalmente, como era estar nas mãos daquele homem asqueroso.

Capítulo 39

Sean Batista conduziu Cindi Nalba até o topo da imponente escadaria, segurando-a de leve pelo cotovelo. Depois avançou pelo corredor, até a suíte onde, quinze dias antes, Manuela Carmona havia sido flagrada tentando copiar os segredos do bilionário. Ele abriu as duas folhas da porta alta e as luzes lá dentro se acenderam automaticamente, banhando o ambiente numa luminosidade suave, parecida com a que Manu e Massimo tinham visto na biblioteca lá embaixo.

– Uau, luzes programadas – Cindi exclamou fingindo surpresa.

– Não é genial? Não preciso mais encostar em interruptores – Sean exclamou orgulhoso. – O próximo passo é me livrar das trancas e maçanetas. Tudo informatizado, sabe como é?

Cindi sabia. Alguns meses antes, havia sido convencida por seu secretário particular a colocar um sistema integrado na casa de Malibu. Tudo conectado por internet e controlado à distância, por tablete ou celular. Era possível até saber se o leite estava acabando, porque a geladeira avisava. Dava pra comprar mais com um toque apenas. No começo, Cindi achou divertido. Mas, depois, começou a enlouquecer com todos os avisos e programações e mandou arrancar tudo para voltar ao que era antes.

– Nossa, que moderno – disse sorrindo com seus dentes cintilantes.

– Sim, sim – Sean exclamou pegando as duas taças de líquido rosa que o garçom trouxera correndo, depois fechando a porta na cara do pobre.

– Um brinde! – exclamou erguendo a própria taça e entregando a outra à atriz. – Às boas surpresas da vida!

Eles brindaram, Cindi deu golinho curto e sorriu, fingindo timidez.

Sean chegou perto, aproximou as duas mãos do rosto de Cindi e, muito lentamente, tirou a máscara branca, revelando o rosto perfeito da atriz. Colocou a máscara ao lado da sua, sobre a mesa de trabalho, e voltou a admirar o que acreditava ser a presa da noite. Cindi sorriu, e olhou fundo nos olhos dele, exalando ondas poderosas de erotismo. Depois deu um suspiro rápido e pôs o plano em movimento:

– Será que... Será que eu posso usar o seu?...

– Ah, sim claro – Sean respondeu indicando a porta do banheiro.

Ela caminhou com seu andar rebolante, perfeitamente embalado no vestido branco. Ele a devorou com os olhos até o momento em que ela fechou a porta, trancou e deu um longo suspiro. Sentia como se estivesse com a respiração presa desde que descera da Lamborghini. Que homem mais asqueroso, Deus do céu. Ela era capaz de vomitar só de pensar em ter de... afff, melhor não.

Mesmo porque não havia tempo. Tinha de agir rápido. No intervalo equivalente a um xixi. Cindi olhou ao redor, estudando o terreno. Havia uma porção de frascos sobre a pia de mármore, mas ela sabia que homem nenhum ia deixar seu estoque de Viagra ali à vista. Devia estar mais escondido. Talvez escondido demais. Talvez nem estivesse no banheiro. Mas, enfim, ela tinha de começar por algum lugar.

Gavetas. Não na primeira. A última. Hum, talvez não. Segunda, de cima pra baixo. Cindi abriu e deu de cara com uma infinidade de potinhos laranja. Um estoque de químicos pra hipocondríaco nenhum botar defeito. Hum, bom sinal. Pegou o primeiro e leu o rótulo. Princípio ativo: Zolpidem, 12,5 mg. Paciente: Susie Batista. Ok, gaveta errada.

Cindi abriu a seguinte, terceira de cima pra baixo. Havia um estojo grande, de madeira, ocupando toda a primeira metade. Tá esquentando. Ela abriu a caixa. Um equipamento completo de barbear: máquina, tesoura e pente, tudo com detalhes dourados. Hum, mais quente.

Ela tirou a caixa e, cuidando para não fazer barulho, colocou-a em cima da pia. Voltou a olhar dentro da gaveta e, lá no fundo, havia outra caixa, mas menor e de prata. Quente, quente, pelando! Ela tirou essa também abriu e, bingo! Oito ou dez comprimidos azuis em forma de losango.

Cindi olhou para trás, por instinto, mas estava tudo bem, porta fechada. Mais um passo. Quer dizer, um ou dois passinhos, e o plano estaria concluído, ela pensou.

Depois virou todo conteúdo da caixinha na privada e deu a descarga. Tirou o potinho da bolsa, abriu e despejou as pílulas de sonífero no lugar do Viagra. Não conseguiu segurar um sorriso ao imaginar que, durante algum tempo, até descobrir o golpe, toda a vez que fosse transar, o grande Sean Batista acabaria desmaiado em algum canto, sem saber o motivo.

Depois guardou tudo de volta no lugar, fechou a gaveta, se ergueu voltando a se colocar séria e se olhou no espelho. Arrumou um pouco o cabelo, levantou os peitos no sutiã deixando-os ainda mais empinados, respirou fundo, e encarou sua própria imagem.

Estava linda, gostosa e poderosa. Pronta pra subir no palco da academia e receber um Oscar. Ou, no caso, pronta pra seduzir um canalha e derrubá-lo com uma dose do sonífero mais potente do mundo. Respirou fundo outra vez pra tomar coragem, deu meia volta e saiu.

Sean estava parado ao lado da escrivadinha, com um copo na mão, voltado para a porta do banheiro. Voltado para ela, encarando-a, exalando ondas de tesão e cafajestice.

– Está tudo bem, Cindi Nalba? – ele perguntou estendendo o drinque.

– Tudo. Tudo ótimo, Sean Batista – ela respondeu apanhando o copo e dando um gole no líquido doce e gelado.

– Agora... Me diz uma coisa... – ele perguntou se aproximando devagar, como um leão que cerca uma gazela.

– Que coisa? – ela retrucou sorrindo.

Sean segurou o pulso dela com uma força um pouco maior do que nas vezes anteriores.

– Massimo Pastore – sussurrou como se o nome fosse a senha para iniciarem uma conversa tensa.

– Affff – Cindi bufou. – O que tem ele? – perguntou com ar de desprezo.

– Ele não... Não foi ele que te mandou aqui, não, minha cara? – Sean perguntou aproximando a boca do ouvido dela.

– O quê? – ela gritou fingindo indignação e arrancando o braço da garra de Sean. – Como assim me mandou aqui? – continuou, fingindo-se de furiosa.

– Bem... – Sean exclamou recuando um pouco. – O seu amiguinho tem mandado algumas mulheres pra bisbilhotar na minha vida. Sabe como é esse tipo de homem que não tem colhões para resolver os próprios problemas...

– Você está louco? – Cindi gritou mais alto ainda, caminhando para a porta. Depois parou a meio caminho e se voltou para ele. – Você sabe com quem está falando? – continuou berrando, tomada de fúria falsa, numa atuação digna de Oscar.

– Eu... bem... calma... eu não quis...

– Calma o caralho! Eu sou a atriz mais bem paga da porra de Hollywood! Você acha o quê? Que eu ia ficar fazendo papel de garota de recados de um cozinheiro?! Você perdeu a cabeça?!

– Eu... Eu não quis ofender – Sean exclamou voltando a se aproximar.

– E tem mais! – Cindi foi adiante baixando um pouco o tom. – Ele abriu mão de ficar comigo para ficar com uma brasileira dona de restaurante... Você realmente acha que eu ia ficar fazendo favorezinhos praquele homem? Que eu ia vir aqui, no seu quarto, me expor desse jeito? Você acha que eu... Você acha – ela exclamou agora fingindo-se de magoada, como se fosse cair no choro.

– Calma. Eu... me desculpa – Sean disse se aproximando e passando os dedos curtos e grossos pelos cabelos loiros. – Você está bem melhor agora, está bem melhor sem aquele imbecil.

– Pode ter certeza disso – ela respondeu voltando a ficar séria e furiosa.

– Aliás... – Sean exclamou indo até a mesa para dar um gole no drinque.

– O que foi agora? – Cindi fuzilou-o com um olhar que misturava raiva e sensualidade.

– Bem, não é nada. Não tem importância...

– Não. Agora fala. Fala que eu quero saber – Cindi insistiu prevendo o que viria.

– É que me veio outra pergunta aqui. Mas você tem de prometer não ficar furiosa outra vez.

– Bom, é uma pergunta tão idiota quanto a anterior?

– Eu, sinceramente, espero que não.

– Então me diga – Cindi exclamou suspirando, pensando que estava tudo indo perfeitamente

bem.

Na noite anterior, junto com John, Massimo, Manu, Cherry Paula e o Elfo, eles tinham ensaiado todas as possibilidades de conversa naquela exata situação. Haviam pensando em tudo o que Sean poderia dizer.

Em todas as suspeitas que ele teria e em como ela deveria reagir para sair de cada uma delas. Havia vários scripts possíveis. Dentre eles, um era o mais provável e, por isso, eles tinham ensaiado várias vezes. Era esse que Sean estava seguindo. Exatamente, como se também tivesse participado do ensaio.

– A pergunta que me veio é a seguinte – Sean exclamou tateando o terreno.

– Sim?

– Bem... É normal o seu namoradinho te deixar solta assim, durante a festa inteira?

Cindi sorriu, jogando o cabelo para o lado, charmosa e provocativa.

– Antes me diga você. É normal sua mulher te deixar assim solto a festa inteira?

Sean soltou uma gargalhada alta e exagerada.

– Bem... Susie e eu temos um pacto.

– Um pacto?

– Exato.

– E que pacto seria esse?

– Basicamente que faço o que bem quiser da porra da minha vida...

– Uau... E ela?

– Bem... ela também.

– E o casamento? Fica como diante disso?

– É simples, minha cara. Nosso casamento é um negócio. Circulamos juntos, vamos a inaugurações, festas, eventos públicos. Sorrimos e tiramos fotos. Assinamos documentos juntos. Dormimos na mesa cama. Às vezes... Às vezes até transamos.

Cindi não conseguiu segurar um riso que saiu um pouco nervoso, quase como um soluço.

– É verdade! – Sean replicou como se tivesse dito algo corriqueiro.

– Eu... eu acredito.

– No fim – ele continuou – o mais importante é que tentamos não nos encher o saco.

– E ela... ela concorda com isso tudo?

– Digamos que ela não tenha de concordar.

– Ah, não?

– Deixa eu colocar de outra forma, minha cara. Susie é uma mulher de meia-idade. Já foi uma moça linda. Mas agora, bem, agora é uma mulher de meia-idade, entende?

Cindi continuou e encará-lo atônita, esforçando-se ao máximo para não socar aquele nariz vermelho e macilento. Sean foi adiante:

– Se escolher se separar de mim, ela não terá muito o que fazer. Vai o quê, casar de novo?

– Não vejo motivos para não – Cindi exclamou deixando escapar um lapso de raiva.

Sean deu uma risadinha irônica.

– Não, não. O futuro de Susie é aqui, nesta casa. Na verdade, a coisa é bastante simples.

Aqui ela tem todas as comodidades que o homem mais rico do país pode oferecer. Não é pouca coisa. E ela não vai abrir mão disso só porque eu tenho uma justa necessidade de ocasionalmente me encontrar com outras mulheres.

– Hum. – Cindi fez deslizando a mão de leve pela manga do paletó de Sean. – Achei que era o segundo.

– Segundo?

– Achei que você era o segundo homem mais rico do país – disse disfarçando o nojo.

– Bem, há controvérsias – ele retrucou puxando a para si pela cintura. – Mas você não me respondeu. E o seu namoradinho?

Cindi deu um jeito de escapulir dos braços de Sean, caminhou até a cama e se sentou na borda do colchão, cruzando as pernas compridas, brilhantes e torneadas.

– Ah, meu caro Sean... – exclamou cheia de ironia.

– O quê? – ele perguntou sem entender.

– Bem, John e eu também temos um pacto.

– Hum – Sean exclamou erguendo as sobrancelhas e caminhando na direção dela. Que pacto?

– Eu faço o que quiser da porra da minha vida – ela disse cheia de ironia. – Nós circulamos juntos, vamos a festas, inaugurações... E, além disso, posamos juntos como o casal perfeito de Hollywood, o que aumenta consideravelmente nossos cachês.

– Sei. E ele está bem com isso? Quer dizer... Uma mulher como você deixa qualquer homem louco de ciúme – Sean retrucou caminhando na direção dela e parando muito perto.

Foi a vez de Cindi dar uma gargalhada. Ela riu, se largou de costas na cama, depois voltou a se sentar, numa cena perfeitamente convincente. Sean ergueu os braços, desorientado.

– Você ainda não entendeu, não é mesmo, meu caro Sean?

– Não. Creio que não! – ele exclamou abanando a cabeça.

– Pois o que acontece, meu caro, é que John Frazen não gosta desse tipo de... digamos... fruta – ela disse finalmente, apontando as mãos para o próprio corpo.

– O quêêêê? – Sean perguntou estupefato.

– Acontece, meu caro. Mesmo com os homens mais gatos e másculos do planeta.

– Espera! Você está me dizendo que o John Franzen é bicha?

– Louco por um pau – Cindi mentiu, sentindo uma ligeira excitação em imaginar a cena improvável de John Franzen se atracando com outro homem. Hum, Massimo Pastore talvez...

– Nossa. Essa é nova pra mim – ele exclamou voltando até a escrivaninha para deixar o copo.

Era o momento de agir. Melhor em pé do que na cama. Cindi se levantou e se aproximou devagar, preparando-se para o que viria. Foi rápido. Sean deixou o copo, se virou, caminhou na direção dela e agarrou-a pela cintura. Era forte e sólido. Quis beijá-la na boca mas Cindi desviou. Ele não se fez de rogado.

Puxou-a para si, passou a língua nojenta pelo pescoço esguio da atriz e desceu pelo decote com uns beijos molhados e gelados. Cindi quis fugir, mas ele a puxou outra vez, colocou a cintura e ela sentiu algo ali. “Não é possível!”, pensou. E congelou de asco e pavor.

Capítulo 40

Sean Batista meteu a cara vermelha bem no meio dos peitos duros, fartos e empinado de Cindi Nalba. Ela tentou se livrar, mas ele a puxou de volta para si. A puxou e avançou com a cintura. E, nessa hora, ela percebeu que estava tudo perdido. Puta que pariu. Não havia dúvida.

Desde os onze anos de idade, desde os bailinhos nos subúrbios de Londres, ela havia aprendido a identificar exatamente o que acontecia da cintura pra baixo dos meninos. E aquilo ali era uma porra de uma maldita ereção. Podia não ser das mais duras, certamente não era das maiores, mas, sem dúvida, era uma ereção. O nojento do Sean Batista estava de pau duro. E pior, estava pressionando esse pau ameaçadoramente contra virilha dela.

Ele não tinha ido ao banheiro, isso era certo. Mas podia ter um outro estoque, andar com uma pílula no bolso para ocasiões de emergência. Ou não, claro, nada disso. Afinal, uma coisa é ter e manter uma ereção diante da mulher com a qual se é casado há quarenta anos.

Diante de uma pessoa a quem ele se refere como “mulher de meia idade”. Outra coisa é ter uma ereção diante da atriz mais sexy do mundo. Puta que pariu! Como eles não tinham pensado nisso?

Agora tudo tinha ido por água abaixo. E ela estava ali, à mercê daquele homem abominável. E não havia como escapar. Ele não ia deixar. Ela sabia que não. Já havia estado nesse lugar antes. Como uma boa parte das atrizes, já havia sido vítima de homens como aquele. Já havia sido possuída por homens poderosos, homens que estavam acima da lei. Sabia que não era nada bom. Sabia que não ia ser gostoso, não ia ser bonito. Nada bonito.

Sabia também que não ia adiantar resistir. Porque, se resistisse, se resistisse ele ia forçar. Ela ia voltar lá para baixo com o olho roxo, com o nariz sangrando ou coisa pior. E Massimo e Jonh não iam aceitar aquilo. Não iam aceitar de jeito nenhum. Iam matar Sean Batista ou morrer tentando.

Então talvez fosse melhor... Talvez fosse melhor ceder. Talvez fosse melhor ceder do jeito que ela já tinha sido obrigada a ceder antes. Deixar seu corpo ser mais uma vez violentado. Tirar a alma dali e entregar a carne para aquele nojo de homem, para aquela ave de rapina humana.

Sean a puxou novamente pela cintura, colocou a virilha na dela e realmente não havia dúvida. Estava pronto para penetrá-la. Não ia tomar porra de Viagra falso nenhum. Não ia capotar desabado.

Ela ia ter de dar praquele homem, ia ter de abrir as pernas para ele, ia ter de se deixar penetrar, ia ter de sentir o suor fétido pingando no seu rosto, na sua boca. E, ainda por cima, sairia sem as informações que tinha ido buscar.

Sean passou novamente a língua pelo pescoço longo e liso da atriz e ela sentiu um arrepio

de nojo. Sentiu um asco que a dominava e a deixava seca e retraída. Imaginou como seria. Como seria ter o pau pequeno dentro dela e o corpo enorme por cima. Imaginou a cara vermelhanojenta do verme gozando em suas entranhas.

Nessa hora, resolveu que não. Não ia ser assim. Ela não era mais uma atriz adolescente do interior da Inglaterra. Não era mais uma menininha assustada. Era Cindi Nalba. A mulher mais poderosa de Hollywood, a mulher mais desejada do mundo. Então ela respirou fundo, colocou as duas mãos sobre o tórax de halterofilista de Sean e o afastou.

– Espera. Espera um pouco, vamos com calma, está bem? – disse, recuperando o ar e o controle.

Sean se afastou limpando a saliva da boca. Estava vermelho feito um pimentão. Não só a pele do rosto e do pescoço mas os olhos também. Vermelhos e injetados de vontade, como se ele fosse um vampiro em busca de sangue.

Sean suspirou.

– Claro, minha querida, vamos com calma. Toda a calma do mundo.

– Eu queria... Eu precisava usar o seu banheiro está bem?

– Mas... Outra vez?

– Então, ai, não sei como dizer isso... – ela respondeu fingindo timidez.

Sean ficou um tempo confuso, depois entendeu. Ah, você, você está?...

– Bem, estrelas de Holywood também têm esses problemas, meu querido. Todos os meses, como qualquer mortal do sexo feminino.

– Ah, bem, claro... – Sean respondeu embaraçado com a situação nova que se apresentava.

– Olha, Sean, se você quiser deixar pra outro dia, eu vou entender – Cindi exclamou torcendo para que aquela última cartada, o bom e velho truque da menstruação, funcionasse.

Torcendo para que o homem mais asqueroso do planeta ficasse com nojinho dela e desistisse. Mas, quando olhou o sorriso de tarado que tomou conta do rosto do bilionário, ela percebeu que não. Não ia ser desse jeito que escaparia.

– Ora, minha cara. Diante de uma mulher dessas, você acha que um pouquinho de sangue vai me fazer desistir?

– Ótimo – Cindi respondeu sorrindo para não chorar. – Então eu vou, rapidinho...

– Claro, claro, tome o tempo que quiser – ele respondeu respirando fundo para se acalmar e limpando o suor que brotava farto de sua testa avermelhada.

Cindi correu até o banheiro e repetiu a cena de dez minutos antes. Trancou a porta e soltou o ar dos pulmões. Com a diferença de que, dessa vez, junto ao suspiro, deixou escapar uma lágrima. Apenas uma, que enxugou rápido com as costas da mão. Depois se concentrou no novo plano. Abriu a

gaveta, tirou a caixa de madeira, a de prata e levantou a tampa.

Tirou um dos falsos Viagra lá de dentro e colocou sobre a pia. Usando a base de um frasco de Chanel Número 5 amassou o comprimido até que ele virasse pó. Observou por um tempo, pensando se seria suficiente. Depois lembrou da cara nojenta de tarado do bilionário e achou melhor se garantir. Pegou mais um comprimido e o triturou completamente.

Colocou o pó branco e fino no potinho onde havia trazido a droga e o escondeu no meio do decote. Por fim, tirou o celular da bolsa, digitou uma mensagem no WhatsApp, enviou e conferiu as horas. Onze e quarenta e dois da noite. Cinco minutos. Ou seja, às onze e quarenta e sete, tudo estaria acabado, de uma forma ou de outra. Respirou fundo, olhou-se no espelho, ajeitou o vestido e abriu a porta.

Assim que pisou com o Louboutin branco de salto alto no assoalho de madeira do quarto, Sean Batista avançou sobre ela feito uma flecha e a envolveu com os braços grossos e fortes. Cindi era bem mais alta que ele, o que ajudava a fugir das tentativas de beijo na boca.

O bilionário não parecia se importar. Passou o rosto pelos seios, lambeu o pescoço, pressionou a virilha na dela e, ai, puta que o pariu, cravou uma mão em cada lado da bunda dura, apertada no vestido justo. Enquanto isso, a maldita ereção continuava lá. Pequenina, porém, ameaçadora.

Ela ficou alguns instantes ali, se deixando pegar, tentando sufocar o embrulho no estômago que aquela situação toda lhe provocava. Ficou ali, resistindo à repulsa, resistindo e resistindo, até que não conseguiu mais:

– Espera! – gritou empurrando-o para longe outra vez. – Me dá... me dá mais um minutinho, está bem?

– O que foi agora? – Sean exclamou irritado, quebrando a máscara de cortesia que havia exibido a noite inteira ao lado dela. Subitamente deixando seu verdadeiro ego, seu lado mesquinho, autoritário e violento, transparecerem.

– Eu não sei, Sean – ela disse passando os dedos entre os cabelos compridos. – Essa coisa toda da Susie, eu não sei.... Esse é o quarto é dela também, não é?

– Ah, para com isso, meu bem! – ele disse se aproximando e tentando agarrá-la novamente.

Cindi escapuliu, virou de costas, se afastou caminhando devagar e parou bem diante dos dois copos de cosmopolitan, que continuavam sobre a escrivaninha. O drinque dela estava quase no final, mas o dele mal havia sido tocado. Era a chance da noite.

A manobra era arriscada. Se fosse pega, não sabia o que poderia acontecer. A reação de Sean era imprevisível. Ela sabia do assassinato do Tornado. Tinha escutado a história do que ele fizera com Cherry Paula e não sentia a menor vontade de passar pelo mesmo apuro. Isso sem falar

que estavam só os dois ali. Ele podia se sentir seguro para ir além. Para fazer Deus sabe que tipo de maldade com ela.

Então não, não podia ser pega. Mas precisava arriscar. De um jeito ou de outro, ele tinha de tomar aquele sonífero. E aquela era a única solução em que Cindi conseguiu pensar.

Então, num gesto rápido e dissimulado, ela tirou o potinho do meio do decote, abriu a tampinha e virou o pó branco no copo dele. Nesse exato momento sentiu que ele chegava por trás. Chegou rápido e sorrateiro e a encochou, pressionando o mini-Sean contra a bunda dela. Pega de surpresa, Cindi levou um baita susto e largou o potinho que rolou sobre a mesa, fez uma meia-lua e parou atrás do telefone retrô, felizmente longe da vista.

– Ui, calma, eu te disse que estou me sentindo meio estranha! – ela exclamou fugindo dele.

– Eu sei muito bem como acabar com essa estranheza – ele respondeu tirando o paletó do smoking.

Cindi ficou firme no papel. Precisava continuar mais um pouco. Precisava resistir e continuar a sedução. Precisava se equilibrar naquele jogo de gato e rato até que ele bebesse o sonífero.

Então se concentrou, lembrou de todas as aulas de atuação, de todas as cenas mais difíceis de sua carreira, e sorriu. Controlou todo o nervosismo, a raiva e o nojo e sorriu, mordendo o lábio inferior como se houvesse se excitado ao vê-lo tirando o paletó.

– Hum, você não tem corpo de empresário... – disse apanhando os dois copos de cima da mesa.

Sean sorriu, orgulhoso.

– Não, não tenho. Duas horas de academia por dia, minha cara. Não importa onde eu esteja. E quando viajo pra fora, levo minha *personal* comigo.

– Parece que está fazendo efeito...

– Está. Está, sim. Mas nada que se compare com essa escultura que você carrega embaixo do vestido.

Cindi sorriu, como se estivesse lisonjeada com o elogio fajuto. Depois estendeu o braço e entregou a ele o drinque. A mistura de vodca e suco de cranberry que continha o sonífero triturado. Sua última chance de escapar dali.

– Um brinde. Aos corpos esculturais! – exclamou erguendo o drinque.

Sean brindou com ela e deu um gole. Seria o bastante?, ela pensou enquanto ele voltava a agarrá-la.

– Espera, deixa eu acabar meu drinque que está uma delícia – Cindi exclamou esperando que o que aprendera atuando em uma centena de propagandas servisse para alguma coisa. Serviu.

Sean a observou bebendo. Depois, suggestionado pela cena, também deu mais um ou dois goles. Quando terminou, colocou o copo sobre a mesa e avançou sobre ela.

– Não, espera – ela disse tentando fugir, enquanto ele se metia no que parecia ter se tornado seu lugar preferido: bem no meio do decote de Cindi.

Agora, contudo, as coisas tinham mudado um pouco. Ela achava que ele tinha tomado uma quantidade razoável da droga. Havia sido dois comprimidos, afinal. A qualquer momento, portanto, o desgraçado deveria apagar. A fase da sedução, portanto, tinha terminado. E o único objetivo era resistir. Manter o mini-Sean à distância, guardadinho dentro das calças, até que o remédio fizesse efeito.

O problema é que isso não parecia tarefa das mais simples. Ele continuava a agarrá-la, apalpando-a de cima abaixo, tentando beijá-la, tentando levantar o vestido, espalhando suor e saliva no pescoço dela, nos braços, entre os seios...

– Não, Sean – ela disse novamente tentando em vão afastá-lo. – Sean, eu não sei. Eu acho que... Eu acho que perdi o clima.

– Para com isso. Você já vai achar de novo, deixa o papai aqui te levar – ele exclamou puxando-a mais para si, descendo as mãos pelas costas, outra vez cravando os dedos com força na bunda dela.

– Não. Sean, presta atenção – ela exclamou com mais certeza na voz. – Eu estou falando que não. Me respeita. Eu não estou mais a fim.

Sean não deu ouvidos. Continuou a apertá-la, continuou a passar a língua por qualquer pedaço de pele à mostra que pudesse encontrar. E, enquanto isso, ia caminhando perigosamente na direção da cama. Quando ele tentou enfiar a mão entre as pernas dela por baixo do vestido, Cindi achou que estava na hora de ser um pouco mais incisiva na negativa.

– Ai! – ela gritou. – Você não me ouviu? Eu não quero! Para com isso!

Ele não obedeceu. Continuou avançando com os dedos pelas coxas, até chegar à pequena calcinha de renda.

– Não! Para! – ela gritou mais alto. – Para agora, seu canalha! Tira essa mão nojenta de mim, seu filho da puta!

– O quê? – ele perguntou afastando a cara vermelha por um instante, surpreso com a explosão da atriz.

– Eu não quero, caralho! Eu te falei que eu não quero! Me respeita, porra! – ela disse com seu inglês britânico, gritando a plenos pulmões, reunindo toda a sua energia de mulher poderosa.

Ele a observou por um tempo, depois sorriu. Sorriu um sorriso de desdém, segurou os dois braços dela e a puxou para perto:

– É claro que você quer, sua putinha – exclamou sussurrando com a cara avermelhada e suada transformada no retrato de um psicopata. – Só porque você é famosa acha que pode dar uma de difícil? Acha que pode se fazer de apertadinha? Eu sei o que você quer, sua vadia. E eu vou te dar. Vou te comer inteira. Vou te comer até você não aguentar mais. Vou te comer até você esquecer o seu nome. Aí... Aí você vai me dizer se tem saudade daquele italiano de merda!

Nessa hora, o restinho de autocontrole ao qual Cindi Nalba tentava se agarrar, esfumou-se. Ela queria matar aquele homem. Queria arrancar o coração dele com as mãos e comer enquanto ainda estivesse batendo. Mas, infelizmente, o canalha era mesmo forte, e ela só conseguiu se mover o bastante para afastar o rosto do dele e acertar uma cusparada bem no meio daquela cara vermelha.

Sean ficou um tempo em silêncio. Depois a encarou com o rosto ainda mais transtornado de raiva:

– Sua vadia! – exclamou erguendo o braço para deferir um tapa. – Eu vou acabar com a sua raça!

– Não, não vai – Massimo Pastore exclamou, surgindo do nada e, no momento exato, segurando o braço do bilionário.

Capítulo 41

– Isso está demorando demais – Massimo Pastore exclamou menos de cinco minutos depois de assistir a Cindi Nalba subindo as escadas de mármore ao lado de Sean Batista.

– Calma, bonitão, não se passaram nem cinco minutos – Manuela Carmona respondeu conferindo a tela do celular.

Massimo suspirou, impaciente.

– Esses cinco minutos demoraram um bocado – disse, apanhando outra taça de espumante da bandeja de um garçom com jeito de modelo, metido num impecável smoking branco.

– Isso sem falar no que aquele canalha pode fazer em cinco minutos – Cherry Paula exclamou cruzando os braços torneados e tatuados.

– Ai, Paulinha, não fala isso! – Manu retrucou sentindo uma mistura desagradável de culpa e ansiedade. Afinal, se não fosse por ela, ninguém estaria naquela situação.

– Desculpem, mas é verdade – a *bartender* insistiu colocando a taça vazia e pegando outra, mas sendo prontamente interceptada pelo Elfo.

– Essa é minha – ele disse pegando o champanhe da mão de Paula e tomando tudo de um gole só.

– Elfo! – ela exclamou ligeiramente irritada.

– Você já teve sua cota, babe. Precisa estar com a mente aguçada – ele respondeu sério.

Depois olhou para a varanda além do janelão, onde o pobre do John Franzen, já com a máscara de volta ao rosto, tratava de entreter Susie Batista. A dona da casa continuava dependurada no braço do ator, matraqueando num inglês carregado de sotaque, como se tivesse algo de interessante a dizer.

– É verdade, Paulinha – Manu se aproximou segurando carinhosamente a mão da amiga – Melhor ir devagar nos drinques.

Paula suspirou fazendo cara de menina emburrada. Era verdade mesmo. Encher a cara de champanhe não parecia a melhor das ideias naquela situação. Mas era a forma que ela tinha encontrado de aguentar aquilo tudo. De aguentar estar de novo naquela casa, de aguentar encarar de novo o homem que a havia agredido...

– Vocês têm razão. Eu vou... Vou me comportar, está bem?

Manu segurou um pouco mais a mão de Paula até que o Elfo se aproximou sem dizer nada. Passou a mão pelas costas nuas da *bartender*, subiu até a nuca e a puxou-a para si. Paula se deixou levar. O elfo deu um beijo de leve na bochecha, depois colocou dois dedos embaixo do queixo dela e

delicadamente virou o rosto mascarado na direção do seu. Paula não disse nada. Apenas se deixou levar.

Manu soltou a mão da amiga enquanto o Elfo a puxava mais para si e colava o corpo e os lábios nos dela, num beijo cheio de paixão e carinho. *Acho que isso deve substituir o champanhe fácil, fácil, a chef* pensou enquanto observava a cena. Enquanto observava e sentia o braço forte de Massimo envolvendo sua cintura, o corpo quente e grande encostando no dela por trás. Enquanto sentia... epa, algo vibrando?

Massimo se afastou e tirou o celular do bolso interno do paletó preto. Pressionou o dedo sobre o sensor de impressão digital para desbloquear a tela e leu a mensagem do WhatsApp. Enquanto ele lia, mesmo por trás da máscara branca era possível notar a seriedade que tomava conta de seu semblante.

“Problemas. SB não tomou. Tentando uma última vez. Se não der certo, vou precisar de ajuda. Me dê cinco minutos e venha aqui. Não sei como, mas venha. Cinco minutos. Não antes. Cindi.”

– O que foi? – Manu perguntou voltando-se para o rosto preocupado de Massimo.

– Não deu certo.

– O quê?! – Manu, Paula e o Elfo perguntaram em uníssono.

– Não deu certo – Massimo repetiu como se praguejasse.

– Mas... Como? Por quê? – Manu perguntou aflita.

– Não sei. Ela não... Ela não disse. Só disse que Sean não tomou. Não tomou a porra do sonífero.

– Puta que pariu, precisamos subir lá! – Paula exclamou e já saiu andando para ser gentilmente impedida pelo Elfo.

– Espera – ele disse segurando-a de leve pelo braço.

– Isso. Vamos com calma – Massimo concordou. – Ela pediu mais cinco minutos. E eu... Eu não quero, de forma alguma, levar outra mulher para o covil daquele canalha.

– Massimo, a gente não... – Manu começou a falar, mas foi impedida por ele.

– Não tem discussão. Agora chega. Vou resolver isso de uma vez por todas. E sem colocar em risco mais nenhuma mulher.

– Bem, eu não sou exatamente uma mulher – o Elfo exclamou sem conseguir conter um sorriso de adrenalina sob a máscara branca.

– Não, não é – Massimo concordou. – Vamos. Vamos acabar com aquele puto de uma vez – disse respirando fundo.

O Elfo sorriu mais.

– Vocês duas fiquem aqui embaixo – Massimo ordenou num tom de voz que não deixava margem para discussões. – Encontrem o John. Expliquem o que houve e fiquem prontas para irmos embora daqui. Para irmos embora com pressa.

Manu sentiu um aperto no peito. Um aperto físico, como se uma camada plástica revestisse seu coração e transformasse cada batimento num esforço.

Ela não queria deixá-lo ir. Não queria que ele se afastasse. Não queria pensar no que, de pior, poderia acontecer. E quando ele fez menção de partir, Manu puxou-o pela mão. Massimo se aproximou dela, segurou o rosto mascarado com as duas mãos e olhou bem no fundo dos olhos azuis, transbordando ansiedade.

– Não se preocupe, meu amor.

– Como, Massimo? Como eu não vou me preocupar?

– Vai dar tudo certo – ele respondeu ainda olhando-a fundo nos olhos.

– Mas, e se... – ela tentou buscar algum argumento que o impedisse, que o fizesse desistir daquela loucura. Que lhes permitisse continuar ali, mascarados e incógnitos no meio dos demais convidados, bebericando champanhe como se estivessem num baile como outro qualquer.

Mas não havia como. Ela também não via saída. Porque, por mais que Cindi Nalba houvesse sido uma rival, Manu não conseguia nem pensar na possibilidade de abandoná-la. Ela havia arriscado tudo para se meter naquilo. Para resolver um problema que não tinha nada a ver com sua vida estrelada de cachês bilionários e locações paradisíacas.

Tudo bem que não havia sido um favor a Manu especificamente. Nem a Massimo somente. Manu sabia disso. Sabia que os motivos da atriz tinham mais a ver com uma busca pessoal por emoção, por fugir da rotina controlada de estrela, do que com qualquer vontade de ajudar.

Ainda assim, ela estava arriscando a própria pele. E Manu não podia sequer pensar na possibilidade de viver com a culpa de abandonar Cindi ali, à mercê do Sean “Canalha Avermelhado” Batista.

– Vai dar tudo certo – Massimo repetiu.

– Está bem – Manu assentiu com a voz chorosa.

Massimo se virou para se afastar, mas ela segurou-o novamente:

– Toma cuidado, meu amor. Por favor, eu... eu não sei mais viver sem você.

Massimo sorriu com ternura, mas não disse nada. Apenas tocou os lábios nos dela por longos instantes, depois se afastou, caminhando rápido ao lado do Elfo.

Capítulo 42

Massimo Pastore e o Elfo subiram as escadas com passos rápidos e discretos. Ninguém fez qualquer movimento para impedi-los de deixarem o piso térreo, onde a festa se desenrolava. Não havia qualquer tipo de anteparo, uma faixa, uma placa ou uma fita de seda. Nada que dissesse que convidados não podiam subir aquelas amplas escadarias de mármore. A festa se limitava ao andar térreo por uma espécie de protocolo não dito, automaticamente obedecido pelos convidados.

Mas, mesmo se houvesse algum sinal, é pouco provável que, naquele primeiro momento, os seguranças, estrategicamente posicionados por toda a mansão, fizessem algo para impedi-los.

Primeiro, porque os movimentos e a postura corporal dos dois passavam um ar de certeza e segurança. Segundo, porque estavam impecavelmente vestidos. Seus smokings se ajustavam aos seus corpos bem proporcionados melhor do que na maioria dos demais convidados.

Por fim, eram ambos extremamente másculos, viris e bonitos. Barrar um baixinho, barrigudo e careca é fácil. Barrar Massimo Pastore e o Elfo era outra história. Eles passavam uma ideia, ou melhor, passavam uma certeza de pertencerem àquele lugar. E quem olhasse a cena de fora, quem assistisse aos dois machos-alfa subindo degrau a degrau, lado a lado, teria certeza de que aquela escada era parte do território deles.

Quando chegaram lá no alto, Massimo e o Elfo diminuíram um pouco o passo. Havia dois seguranças parados no fim do corredor largo. Um de cada lado da porta que eles sabiam pertencer à suíte do Sean “Canalha Avermelhado” Batista. Diante da ameaça, eles pararam um pouco alguns metros antes, avaliando como ir adiante.

Massimo era um boxeador de nível profissional, apesar de um pouco enferrujado. O Elfo tinha jeito de quem sabia se defender. Mas Sean Batista era um homem poderoso e seus seguranças não deviam ser pouca porcaria. Provavelmente ex-militares com treinamento em combate corpo-a-corpo. Encarar os dois no mano a mano era uma aposta arriscada. Bastante arriscada.

Eles estavam assim, avaliando a tática, silenciosamente pensando nas possibilidades, quando duas mulheres, lindas e bem-vestidas, os corpos esculturais moldados em vestidos curtos e provocantes, pediram licença e passaram entre eles. Massimo e o Elfo se entreolharam, completamente atônitos diante da sensualidade que Cherry Paula e Manuela Carmona exalavam enquanto reboavam rumo aos capangas no fim do corredor.

Elas passaram assim, lindas, poderosas e vaporosas. E Massimo, ainda tentando entender o que estava acontecendo, percebeu quando Manu gesticulou para eles. Foi muito discreto, por trás do decote escavado nas costas do vestido azulado. Um movimento com os dedos da mão esquerda que

dizia algo como “segue a gente”.

Eles foram, alguns passos atrás, um pouco mais devagar do que as duas. As duas andavam rápido, em ritmo de passarela, e Manu mal podia acreditar. Mal podia acreditar que, mesmo com todo o nervosismo, mesmo com os joelhos moles e o coração querendo saltar pela boca, suas pernas davam conta de acompanhar Cherry Paula. E elas avançaram. Feito duas modelos internacionais, pararam bem na frente de um dos dois homenzarrões de dois por quatro que montavam guarda.

– Moço, por favor, ajuda a gente? – Manu perguntou com a voz fina, fingindo um nervosismo maior ainda do que sentia.

– Senhoritas, vocês não deviam.. – ele começou com o vozeirão grave, mas foi interrompido por Manu.

Ela segurou os ombros enormes do homem com as duas mãos, olhou bem nos olhos dele se fazendo de amedrontada e foi adiante:

– Moço, você não está entendendo! A gente precisa... A gente precisa de ajuda!

– O que houve? – o outro segurança perguntou se aproximando por trás de Manu, e dando as costas para Cherry Paula.

– Aqueles... Aqueles homens estão nos seguindo! – Manu continuou fingindo-se de histérica. – Eu... Eu não sei por quê, mas eles começaram a tentar... a tentar... E a gente ficou muito assustada e subiu as escadas e... – Manu simulou uma queda de pressão, deu um giro de corpo e, pela segunda vez na noite, se deixou cair nos braços de um homem. Dessa vez, infelizmente, não era Massimo Pastore, mas o capanga que a havia barrado.

Enquanto Manu dava o máximo de si para ser uma boa desmaiada, o outro segurança assistia à cena, hesitando por um instante sobre o que deveria fazer. Quando finalmente tomou uma decisão e avançou para ajudar, Cherry Paula se aproximou por trás, pegou a arma de choque que todos eles carregavam na cintura e, num movimento rápido e preciso, descarregou 50 mil volts nas costas do homenzarrão. Ele ficou um tempo em pé, estrebuchando, depois desabou desmaiado sobre o tapete vermelho, feito um saco de batatas de terno.

Enquanto o seu colega observava o ataque sem saber o que fazer, Manu mais que depressa se levantava e saía do caminho para permitir que os dois homens agissem. Massimo avançou primeiro, agarrando o braço do capanga, torcendo e o imobilizando por trás. O Elfo veio em seguida. Imitando os movimentos de Cherry Paula, tirou a arma de choques do cinto do sujeito e disparou dois fios que grudaram estalando e chiando no peito do pobre coitado.

Assim que o segundo segurança se desmontou sobre o tapete vermelho, Massimo se virou para a porta e, muito lentamente, girou a maçaneta. Não sabia o que estava acontecendo do outro lado e, conhecendo os métodos de Sean Batista, todo o cuidado era pouco. Principalmente por conta da

segurança de Cindi. O desgraçado podia muito bem ter a atriz na mira de uma arma, por exemplo.

Por isso Massimo abriu muito devagar, apenas o bastante para que visse o que estava acontecendo lá dentro. Foi um belo de um alívio quando percebeu que Cindi não apenas estava bem, acordada e ilesa, como acabara de aplicar uma bela cusparada na cara do filho da puta.

Mas não havia tempo para comemorações. Ele anteviu o que aconteceria. Previu a agressão. Só que, antes que ela acontecesse, precipitou-se pra dentro do quarto feito um felino que dá um bote na presa e agarrou o braço de Sean na hora exata.

Pego de surpresa, o bilionário se voltou para ele. Se voltou para trás com aquela cara avermelhada de palerma e o melhor, com a guarda completamente aberta. Massimo sequer pensou. O soco cruzado de esquerda saiu por instinto. Saiu violento e preciso. Cinematográfico. Atingiu em cheio o queixo do desgraçado, que caiu de costas, a dois metros de distância.

Cindi se afastou andando para trás, olhando Sean Batista, sentindo o corpo inteiro tremer de medo e de raiva. Enquanto isso, os dois seguranças eram arrastados pra dentro do quarto. Um puxado pelo Elfo, outro por Paula e Manu, que tinham um bocado de dificuldade para lidar com o peso morto (desmaiado, no caso).

Sean Batista não foi nocauteado com o soco. Permaneceu um tempo deitado, olhando ao redor, tentando entender o que estava acontecendo, mas não chegou a perder a consciência. Quando finalmente percebeu o que se passava, levantou aos poucos, controlando a tontura e a dor da pancada.

– Eu sabia! Seu italiano de merda! Mandou outra das suas putas pra me foder, né? Eu desconfiei... Só que essa puta é da boas, profissional!... – murmurou limpando o sangue do queixo. Depois foi adiante:

– Mas não é assim. Não, senhor. No meu mundo não é assim... No meu mudo eu não sou fodido. Na porra do meu mundo eu nunca sou fodido, entendeu? No meu mundo *eu* sou o fodedor! – exclamou já gritando e partindo para o ataque.

Massimo podia muito bem ter feito o mesmo que fizera na casa de Ilhabela. Sean era forte como um touro, mas absurdamente lento. Para um boxeador profissional, era como se ele estivesse se movendo em câmera lenta. Portanto, Massimo poderia muito bem ter apenas desviado.

Poderia muito bem ficar a noite inteira desviando até que o segundo homem mais rico do país cuidasse de se nocautear por conta própria, topando com alguma quina da mobília. Massimo poderia. Com facilidade. Mas não tinha a menor vontade.

Não, nada disso. Queria sentir. Queria vivenciar cada detalhe dos punhos amassando a carne daquele filho da puta. E foi o que fez. Enquanto se esquivava do ataque, aplicou um gancho de direita bem na boca do estômago do desgraçado. Sean soltou um murmuro de dor, se curvou sobre si mesmo, mas não caiu.

Apoiou uma mão no chão e foi se erguendo devagar, o rosto congelado numa careta de aflição. Massimo esperou. Esperou pelo próximo ataque, ansiando por mais. Saboreando o momento em que quebraria aquele nariz de um bilhão de dólares com um soco certo.

Mas algo estava errado. Quando acabou de se erguer, Sean ficou parado, sem esboçar qualquer reação. Todos o observaram tentando antecipar o que viria, mas ele continuou ali por um tempo, oscilando de leve o peso de uma perna para a outra, até que finalmente desabou.

– Funcionou! – Cindi exclamou em inglês, se aproximando de Massimo e, sem lembrar que Manu estava ali do lado, sapecando um beijo na bochecha dele.

– Ele... Ele tinha tomado? – Massimo perguntou tentando entender.

– Tinha! – Cindi respondeu radiante e ofegante. – Eu... Eu tive de mudar um pouco o plano porque bem... a impotência dele....

– O quê? O puto não é brocha?! – Paula perguntou observando o terceiro homem desmaiado da noite.

– Bem – Cindi disse sem conseguir esconder uma pontinha de orgulho – acho que a impotência dele não funcionou comigo.

Enquanto ela contava os detalhes (e Manu se controlava para não se arrepender de ter salvado a piriguete mais linda do planeta) o Elfo tratava de plugar o *pendrive* no *laptop* de Sean Batista. E, em exatos seis minutos e vinte e sete minutos, eles estavam em posse dos segredos que levariam o segundo homem mais rico do Brasil à ruína completa.

Capítulo 43

Os pensamentos de Manuela Carmona giravam, mergulhados num turbilhão. Era madrugada, mas ela não sabia exatamente que horas, nem queria saber. Havia chovido lá fora e as luzes da cidade adormecida se tornavam mais brilhantes. Ao seu lado, no banco de trás do Mercedes alugado, ainda vestindo seu smoking impecável, estava o amor de sua vida. Massimo Pastore olhando pela janela, admirando as luzes que desfilavam do outro lado do vidro molhado.

Estava pensativo e feliz. Manu sabia que sim. Sabia e sentia, no carinho suave que a mão dele fazia sobre o seu vestido. Um carinho que tinha aquele jeito de tocar só dele. Um jeito tão delicado que tornava o contato dos dois corpos quase imperceptível. Mas ele estava lá. Os dedos fortes passeando do vestido para a pele lisa das coxas, depois de volta para o vestido, num vaivém que dizia apenas isso: estou aqui, estou feliz.

Manu respirou fundo, tentando controlar o turbilhão. Tentando organizar os pensamentos perdidos em meio à emoção e ao champanhe. Champanhe e depois uma rodada de martini, e outra daquele uísque mais raro do mundo que o Elfo só bebia em ocasiões especiais. Certo, ela estava bêbada. Não de cair e dar vexame. Mas bem... quase isso.

Era justo. Havia sido uma vitória e tanto. Havia sido *a vitória*. Ela tentou se lembrar do que havia acontecido desde que o Elfo disse “feito” e ergueu o *pendrive* como símbolo de missão cumprida.

Os cinco descendo a escadaria de Sean tentando não correr. Depois encontrando um John Frazen indignado pelo abandono, mas com os carros a postos para a fuga. Eles cruzaram o salão lotado caminhando daquele jeito rápido e assertivo com o qual os espões caminham nos filmes. Entraram em seus respectivos carros com seus respectivos motoristas e partiram noite afora.

Ainda no trajeto, Massimo ligou para a sua amiga editora da Folha de S.Paulo. Disse que em cinco minutos passaria na redação para deixar um material “sensível”. Não, não sabia o que era. Mas, se fosse o que esperava, abalaria as estruturas do empresariado nacional. Enquanto isso, no carro da frente, muito bem acomodado entre Cherry Paula e Cindi Nalba, o Elfo tomava providências de segurança.

Pegou o MacBook Air que havia deixado embaixo do banco, plugou o *pendrive* e copiou todas as informações para o computador. Enquanto copiava, ia lendo documentos, recibos, fotografias, extratos bancários. Quando terminou, ligou para Massimo que acabava de desligar com a jornalista.

– É quente – disse sem conseguir conter um sorriso nos lábios finos.

– Eu tinha certeza disso – Massimo disse no carro de trás. – Obrigado, amigo.

O Elfo não respondeu. Ampliou um pouco o sorriso e desligou. Eles seguiram noite adentro. Pararam no jornal e a amiga de Massimo esperava na calçada. Quando estacionaram, ela entrou no carro e eles trocaram algumas palavras. Depois, desceram, pegaram o *pendrive* com o Elfo e a jornalista voltou a entrar no prédio quase inteiro apagado. Massimo voltou a se sentar ao lado de Manu e eles seguiram adiante. Pararam alguns minutos depois, no apartamento do Elfo.

Subiram as escadas rindo e comemorando. Todos haviam tirado as máscaras. Menos Cindi, que... bem... que gostava de representar papéis. Assim que entraram, o Elfo abriu o notebook e começou a enumerar os segredos que haviam desencavado do computador de Sean. Todos riram e comemoraram mais. Cherry Paula foi até a cozinha e fez uma rodada de dry martinis para celebrar.

Todos beberam, riram e se beijaram. Narraram uns aos outros cada detalhe de sua respectiva parte da noite. O pobre do John Franzen arrancou gargalhadas gerais quando contou de como passou exatos vinte e três minutos sendo acariciado por Susie Batista.

Paula preparou outra rodada de martinis. Gelados, perfumados e perigosamente alcoólicos. Eles beberam mais e riram mais, ainda vestindo as roupas elegantes da festa, ainda lindos e deslumbrantes, jogados no grande sofá de veludo.

Quando a segunda rodada de drinques terminou, o Elfo subiu num banquinho para alcançar o lugar mais alto do armário da cozinha. Era ali que ele guardava o uísque das comemorações. Eles brindaram e beberam mais ainda. E se beijaram. Os três casais mais lindos do mundo, bêbados e cheios de vontade, pernas brilhantes roçando calças de lã fria costuradas sob medida... Então alguém resolveu que era hora de partir. Massimo ou Manu.

Agora ela estava ali, viajando no banco de trás rumo à suíte familiar do hotel Fasano. E não conseguia se lembrar de quem havia decidido que era hora de partir. O turbilhão a deixava confusa. Não era apenas o álcool. Era aquilo tudo. Aquela cena de antes... Ela, a cozinheira Manuela Carmona, trajando seu vestido azul brilhante, nos braços de Massimo Pastore, ao lado dos dois atores mais famosos do mundo... E Cherry Paula ali, tão amada e tão familiar, como uma prova de que aquilo era real. Era real. Mas não parecia. Nada parecia real... Tudo... Tudo parecia demais!

Não apenas aquela cena, claro que não. Aquilo era só... era apenas um símbolo. Aquele momento em que ela, vitoriosa, recostara no peito largo de Massimo Pastore com um copo de uísque na mão, gargalhando junto com Paula, com o Elfo, com John Franzen e com Cindi Nalba... Aquele momento agora figurava na mente de Manu como um símbolo. Um símbolo do último ano. De como ela mudara.

De como passara de uma semifrígida, *warkaholic*, caipira urbana, para aquilo. Para uma mulher que tinha força para reunir aquelas pessoas. Que tinha força para deixar de joelhos o segundo

homem mais rico do país. Uma mulher que conquistara o coração de Massimo Pastore. Uma mulher que estava prestes a arrancar aquele smoking sob medida e a usar aquele corpo escultural como se fosse seu brinquedo particular.

No momento exato em que o turbilhão chegava a esse ponto, em que a chama se acendia dentro dela em fogo altíssimo, Massimo se voltou para Manu. Estava lindo, e seu rosto mudava de cor conforme as luzes lá de fora o iluminavam. Ele a observou por alguns instantes, depois interrompeu aquele carinho para apoiar a mão inteira sobre a coxa de Manu.

– Eu não vejo a hora de tirar esse seu vestido – murmurou no ouvido dela, com o hálito deliciosamente perfumado pelo uísque mais raro do mundo do Elfo.

Capítulo 44

– Boa noite, Senhorita Carmona – o recepcionista do hotel Fasano exclamou abrindo a porta de trás do Mercedes Benz preto, impecavelmente limpo e brilhante.

– Boa noite, Paulo – Manu respondeu desembarcando.

Mas, antes de caminhar na direção da entrada, ela segurou o rosto do rapaz com as duas mãos e deu um beijo caprichado nas bochechas imberbes. Paulo permaneceu imóvel, com os olhos arregalados.

– Você é o melhor abridor de portas do mundo, Paulo – Manu disse sorrindo.

– Hum... errr... obrigado – Senhorita Carmona – ele respondeu gaguejando.

– Mas você devia largar esse emprego imediatamente! – ela disse e finalmente se virou para ter a cintura enlaçada por Massimo e caminhar preguiçosamente rumo à grande porta de vidro.

Paulo ficou um tempo parado, observando o casal caminhar na noite. Depois fechou a porta e cruzou as mãos diante do corpo enquanto o sedã luxuoso arrancava suavemente.

– A senhorita está impossível hoje, Senhorita Carmona – Massimo sussurrou no ouvido de Manu enquanto apertava o botão do elevador.

– Você não viu nada, Senhor Pastore – ela respondeu colando o corpo no dele, escorregando a mão por trás das costas e apertando a bunda dura e musculosa.

Plin!, o elevador se abriu.

Manu colou mais o corpo no de Massimo, fazendo-o avançar de costas para dentro da caixa de metal. Ele apertou o andar, a porta se fechou e ela o beijou na boca. O beijou com toda a intensidade possível e continuou avançando, fazendo-o andar para trás até as costas dele se chocarem de leve contra o espelho. Ele retribuiu apertando a bunda dela com força, puxando-a para si, fazendo-a sentir como ele também a desejava, como estava pronto.

Manu também estava. Na verdade, estava pronta desde o sofá no apartamento do Elfo. O tempo inteiro queimando. O tempo inteiro encharcada. O tempo inteiro prestes a transbordar de desejo. O tempo inteiro prestes a deixar de lado todas as regras de convívio social para dar para aquele homem em qualquer lugar, a qualquer momento, na frente de qualquer um.

Ali no elevador, portanto, estava mais do que pronta. Pronta para virar de costas, colar o rosto no espelho, arrebitar bem a bunda, levantar o vestido e ser penetrada com força.

Ser penetrada por trás diante das câmeras de vigilância, diante do olhar eletrônico dos vigias e do *vallet* Paulo. Estava pronta para se abrir e receber o gozo quente de Massimo por todo o corpo. Estava pronta e ávida, tomada por um desejo que chegava a assustar.

Mas ainda assim, ainda que queimasse por dentro, ainda que, somando-se a tudo isso, houvesse todo aquele álcool circulando no sangue, Manu se controlou. Se controlou porque aquela noite seria diferente.

Não havia sido nada planejado. Havia sido algo do momento. Uma ideia, uma epifania que surgiu ali, enquanto ela imprensava o corpo de Massimo contra o espelho do elevador. Ali, naquele instante exato, sendo içada em meio ao hotel adormecido, Manuela Carmona havia resolvido o que faltava. Havia decidido qual seria o capítulo final da saga incrível em que sua vida havia se transformado no último ano.

Era simples: naquela noite, ao contrário de todas as anteriores, ela, Manuela Carmona estaria no comando absoluto durante todo o tempo. Não apenas em alguns momentos, como nas vezes anteriores. Estaria no comando do começo ao fim.

Capítulo 45

Plin!, a porta se abriu. Manu se afastou de Massimo, virou as costas e caminhou na frente sem olhar pra trás. Caminhou daquele jeito seguro e sensual, cruzando um pé diante do outro, qual uma modelo profissional. Massimo saiu do elevador ligeiramente atordoado. Parou um pouco ali, na luz amena do corredor, e apenas admirou o rebolado preciso daquela mulher que a cada dia se tornava mais intensa, mais sexy e mais surpreendente.

Enquanto olhava, ele sentia uma vontade forte e irresistível de fodê-la de todas as formas possíveis e imagináveis. Queria se meter dentro dela. Queria explorar cada pedacinho daquele corpo que parecia cada vez mais apetitoso.

Mas, acima de tudo, queria gozar. Sentia uma necessidade física disso. De explodir dentro dela. De se desmanchar para depois começar tudo outra vez e gozar de novo e de novo, como se aquela noite pudesse ser infinita.

Manu continuou naquele andar sensual, parou na porta da suíte que havia sido o ninho de amor deles desde o distante primeiro orgasmo, e se voltou para Massimo.

Ele seguia parado diante do elevador, admirando-a com um olhar que vinha carregado não apenas de tesão e de desejo mas também de surpresa e admiração. *Ah, quem diria, Manuela Carmona, deixando Massimo Pastore daquele jeito, apaixonado, entregue e abobado...*

Eles ficaram um tempo assim... Um devorando ao outro, separados pelos vinte ou trinta metros de corredor acarpetado que separavam a saída do elevador da suíte. Então Massimo avançou. Com aquele jeito de leão da selva ele avançou, caminhando rápido.

Quando chegou perto de Manu, puxou-a para si, meteu a mão por baixo do vestido, apertou a bunda dela de leve, deslizou a mão por trás e acariciou a calcinha úmida com dois dedos.

Ai, Manu se entregou por um instante. Se deixou pegar, querendo que ele tirasse o tecido de renda de lado e a penetrasse fundo com aqueles dois dedos grossos. *Mas não. Aquela noite não*, ela voltou a pensar, e o afastou gentilmente. Massimo deu dois passos pra trás e a encarou sem entender, o rosto acobreado tomado de dúvida e paixão.

– A porta, Senhor Pastore! – Manu exclamou séria, respirando fundo para conter a excitação.

Massimo sorriu, adivinhando o que viria. Ela entrou na frente, ele fechou a porta e avançou novamente. E ai!, estava ficando difícil! Ele avançou com sede, puxando-a para si, beijando-a na boca, no pescoço, descendo pelo decote de leite. Novamente Manu demorou um tempo para conseguir se desvencilhar. Não porque Massimo a segurasse ou a impedisse fisicamente, mas porque

aquilo era... bem... aquilo era bom demais!

A pele, o cheiro, a textura das mãos, o rosto impecavelmente barbeado, os cabelos macios... O toque escaldante da boca, os lábios grossos e a língua de seda... Era... era pra lá de enlouquecedor...

Mas ela respirou fundo e, mais uma vez, afastou-o gentilmente. Massimo obedeceu. Obedeceu com um sorriso no rosto, um sorriso maroto de quem tinha entendido tudo.

– Está bem, senhorita Carmona, apenas me diga o que fazer – exclamou finalmente abrindo os braços.

– Por enquanto só fica paradinho aí, Senhor Pastore – ela respondeu se aproximando com seu andar de *femme fatale*.

Ele sorriu. Um italiano oito e meio, o canalha...

Ela se aproximou, colocou os lábios nos dele bem de leve. Depois, num movimento lento e preciso, puxou a pontinha da gravata borboleta preta. O nó se desfez e ela seguiu puxando, fazendo a seda deslizar ao redor do pescoço. Ele continuou sorrindo. Continuou lindo e deslumbrante, parado ali, totalmente entregue, do jeitinho que ela queria. O sonho encarnado de qualquer mulher do mundo, embalado pra presente, num smoking sob medida.

Ela acabou de puxar a gravata, deu mais um beijo de leve nos lábios acolchoados dele, depois foi lentamente dando a volta. Massimo quis se virar para acompanhá-la, mas ela o impediu, segurando com força os ombros largos. Ele obedeceu e voltou a ficar imóvel, parado bem em frente à cama king size.

Manu chegou por trás e foi lentamente colando o corpo no dele. Os seios contra as costas musculosas, a virilha pressionando a bunda dura e máscula. Massimo continuou estático e ela pousou a mão de leve ao lado da cintura. Um tremor quase imperceptível percorreu o corpo dele e Manu foi deslizando a mão para frente, pelo abdômen plano. Avançou devagar e parou um pouco abaixo do umbigo.

Ela sabia o que ele queria. O que ele desejava desesperadamente. Que ela baixasse a mão e agarrasse o sexo que, a essa altura, já devia estar duro feito pedra. Mas não. Essa noite seria diferente. Essa noite ela o levaria ao cume do prazer. E, para isso, nada melhor do que uma boa pitada de provocação. Aquecimento máximo.

Então, em vez de descer como ela também desejava, Manu subiu. Acariciou com força o abdômen sob a camisa branca, depois o peitoral duro e saliente. Subiu até o pescoço, passou de leve pelo pomo de adão, pelo queixo, e pousou delicadamente dois dedos sob os lábios entreabertos. Ele quis abocanhá-los, mas ela escapou antes.

Quando desgrudou o corpo do dele, Massimo quis virar novamente, mas novamente Manu

impediu. Voltou a colar o corpo nas costas largas, mas apenas pelo tempo de agarrar a lapela do paletó, tirá-lo lentamente por trás e largá-lo no chão ao lado da gravata.

Ele ficava ainda mais sexy assim. A calça de cintura alta realçando a bunda dura e o porte atlético.... Manu teve de colocar o autocontrole em potência total para não arrancar aquela roupa de uma vez. Então assim, se controlando do jeito que podia, mantendo sua pose de dominadora, ela deu a volta. E uau!, a coisa ficou consideravelmente mais difícil.

Massimo estava com as mãos pra trás, como um prisioneiro que se entrega à carrasca. Nessa posição, os músculos dos ombros e do tórax se tornavam ainda mais salientes sob o tecido fino da camisa branca. Seu rosto queimava de vontade, os lábios entreabertos, os olhos faiscando de desejo.

Mas isso não era o pior. O pior estava ali, um pouco abaixo da cintura: o sexo poderoso completamente duro, como que prestes a rasgar a calça e saltar para fora. Manu se lembrou da biblioteca. De quando baixara o zíper e, num misto de surpresa e fascinação, concluíra que ele estava livre das tradicionais boxers pretas. E, ao lembrar, sentiu a boca encher de água.

Calma, Manuela Carmona, controle-se, mulher, ela disse para si mesma. Depois se aproximou em silêncio, ficou na ponta dos pés e tocou de leve a bochecha na dele. Tocou daquele jeito quase imperceptível, igual ao que ele usava para se aproximar de certas partes dela.

Ela passou suavemente o rosto, depois se aproximou da boca entreaberta dele, que exalava um aroma ligeiramente adocicado de uísque com caramelo. Ficou ali por um tempo, entorpecida pelo perfume, pela proximidade, pela vontade de beijá-lo profundamente.

Depois deu um passo pra trás, e o observou um pouquinho mais. *Certo, Manuela, vamos desembalar este homem,* pensou sorrindo e sentindo o calor úmido aumentar entre as pernas.

Massimo deu um suspiro curto quando ela desabotoou o colarinho da camisa. Mas, conforme ela ia descendo, abrindo os botões um a um, ele pareceu prender a respiração, como se aquilo o ajudasse a controlar a vontade que tinha de agarrá-la e de penetrá-la com força. Os olhos dele deixavam isso claro. Essa fome, essa vontade de estar dentro dela, essa urgência de possuí-la.

Quando chegou ao limite da calça, Manu suavemente puxou a camisa para fora e abriu os dois últimos botões. Nesse movimento, roçou deliciosamente na ereção que a aguardava. *Ai, ai, que dura essa vida de mulher difícil!...*

Ela terminou de desabotoar e abriu os dois lados da camisa para observar. Já conhecia bem aquele corpo. Já havia gastado horas admirando-o. Já havia se esfregado ali, passado a língua, desabado entorpecida após longos e avassaladores orgasmos. Conhecia cada pedacinho dele de cor.

Ainda assim, o abdômen trançado, o tórax definido e potente, a pele bronzeada coberta por poucos pelos escuros... Era um espetáculo de tirar o fôlego.

Ela admirou um pouquinho mais, depois acabou de tirar a camisa. Mais um passinho pra

trás, mais um minutinho para observar. Os braços esculpidos em feixes precisos de músculo, a cintura magra e poderosa, os músculos do baixo ventre formando aquele “V” que apontava para o sexo ainda duro e evidente sob o tecido preto da calça.

Agora, os sapatos, de verniz, limpos e brilhantes. Primeiro ela desamarrou, um a um, depois descalçou, com a ajuda do servo Massimo Pastore que teve a bondade de erguer um pé de cada vez. Quando terminou, Manu estava ajoelhada... estava... bem... estava ajoelhada exatamente em frente ao prêmio máximo da noite, que há horas ela ansiava por ter novamente na boca.

Não havia mais como esperar. Ela gentilmente abriu o botão, e, com todo o cuidado do mundo, baixou o zíper. E uau, era sempre um espetáculo. A calça escorregou de uma vez e lá estava ele. Ereto, lindo e rosado, pulsando de vontade, implorando por uma lambidinha que fosse.

Calminha, calminha, Manuela Carmona, a ideia é enlouquecer este homem, ela pensou, sentindo o fogo alto explodir numa pequena supernova. Sentindo que, se ficasse ali, apertando o próprio sexo com as coxas, olhando aquele corpo, aquele pau lindo, grande e duro, poderia gozar sem que ninguém a tocasse.

Mas, não, ainda não. Ainda não era hora. Agora era a hora... bem... agora era hora do que mesmo?

Capítulo 46

Manu se ergueu, deu dois passos pra trás e olhou Massimo ali, completamente nu, lindo e musculoso, deliciosamente duro, devorando-a com os olhos à espera da próxima ordem. Depois pensou em qual seria a ordem correta a ser dada.

Sua experiência na arte da dominação sexual se resumia a um filme que não conseguira ver até o final. Capotara depois da primeira hora, abatida pelo cansaço de uma longa jornada no Carmona. Mas, bem, de qualquer forma, talvez agora fosse o momento de amarrá-lo.

Mas com o quê? A calça e a camisa seriam suficientes para um braço e uma perna. O fio do telefone? Não, talvez não. Ia acabar parecendo uma cena de sequestro. Nada romântico. Talvez fosse preciso ter uma preparação prévia pra esse tipo de coisa...

Ela olhou ao redor mais um pouco, depois olhou de novo aquele homem parado ali, à meia luz, pronto para ela, e achou que talvez não fosse o caso de perder mais tempo. *Contanto que ele se comporte direitinho e me obedeça*, pensou e colocou as duas mãos no tórax dele, empurrando-o lentamente para trás.

Massimo mergulhou os olhos castanhos no azul dos dela e, assim, encarando-a cheio de vontade, foi recuando até encontrar a cama, tocando a dobra atrás dos joelhos no colchão.

Manu empurrou um pouquinho mais, de leve, e ele se deixou cair de costas sob o acolchoado de penas de ganso. Ela sorriu de prazer e de vontade. E enquanto ele se ajeitava subindo o corpo delicioso rumo à cabeceira, ela baixou o zíper na lateral do espartilho e deixou o vestido escorregar até o chão.

Usava um sutiã de renda azul, meia-taça, que realçava seus peitos pequenos e firmes, e uma calcinha combinando. Uma calcinha minúscula que deixava sua bundinha redonda, lisa e definida, completamente à mostra. E ainda mais arrebitada por conta dos saltos altos. Massimo sorriu de prazer quando a viu daquele jeito, a pele branca e perfeita, as pernas torneadas, a barriga plana, a boca vermelha esculpida num sorriso safado com o qual ele já começava a se acostumar.

Ela viu como ele gostava e tratou de se exhibir um pouco. Alternou o peso de uma perna para a outra, jogando os quadris qual uma modelo de passarela. Ele se sentou com as costas contra a cabeceira e a devorou com o olhar. Um olhar que a deixava ainda mais excitada e que parecia atraí-la. Que parecia uma arma secreta capaz de fazer com que ela desistisse de seu plano de dominação para se entregar e deixar ele fazer o que quisesse com ela.

Manu fugiu desviando o rosto para o chão. Quando fez isso, sem querer pousou os olhos no objeto que era a solução perfeita para as duas questões: a pequena tira de seda que há poucos

instantes estava dobrada no formato de gravata borboleta. A forma ideal de derrotar o olhar magnético de Massimo e, ao mesmo tempo, um passo perfeito rumo ao mundo da dominação!

Ela aumentou o sorriso sapeca, girou o corpo dando as costas para ele e se abaixou arrebitando bem a bunda. Pegou a pequena faixa de seda, voltou a se erguer e caminhou na direção dele.

– Manu... Manuela – ele sussurrou percebendo o que ela tinha em mente. – Você não....

– Shhhhhh – ela fez colando o rosto no ouvido dele.

Depois, tirou os dois sapatos, subiu na cama e se colocou de pé, as costas contra a parede da cabeceira, uma perna de cada lado de Massimo, que permanecia sentado. Ele olhou pra cima, para o sexo protegido pela calcinha minúscula e molhada de tesão e não resistiu. Agarrou a perna esquerda e passou os lábios e a língua. Manu afastou-o com uma delicadeza firme.

– Não senhor! Não me obrigue a tomar medidas drásticas! – disse com a alguma braveza falsa na voz.

Massimo suspirou e sorriu. Ela se abaixou e vendou os olhos dele, dando um nó apertado na nuca. Ele suspirou novamente e largou o corpo contra a cabeceira acolchoada. Mas não parou por ali. Continuou deslizando o corpo para baixo, até ficar completamente deitado, de costas, a boca entreaberta pedindo, implorando por ela. Manu entendeu o que aconteceria.

Então, ainda em pé sobre a cama, ela deu um passo para o lado e baixou a calcinha. Depois voltou a colocar uma perna de cada lado da cabeça de Massimo que seguia vendado, ofegante de desejo, e foi lentamente baixando o corpo. Foi baixando e baixando, agachando devagar, sentindo o próprio sexo se abrir, sentindo o frescor do ar-condicionado acariciar a pele úmida e depois sentindo mais.

O toque suave do nariz, a boca de Massimo e, ai!, a língua, molhada e escaldante. Primeiro de leve, por fora, na pele lisa, rosada e livre de pelos. Depois com mais força, abrindo-a e penetrando-a e ai!, ela deixou o corpo escorregar mais. E nossa, estava mesmo fazendo isso. Estava mesmo esfregando a buceta na boca dele sem dar nenhum aviso prévio. Ai, estava. E, nossa, era bom! E Massimo não parecia estar achando nada ruim.

Continuou passando a língua por fora depois por dentro, num ritmo que foi crescendo e crescendo. Manu se desequilibrou e teve de apoiar os dois braços no tórax dele. Massimo aumentou o ritmo um pouco mais e Manu foi sentindo seu corpo entrar numa espécie de ressonância.

De repente, sem que pensasse nisso, sem que nenhuma parte racional de seu cérebro desse a ordem, seus quadris estavam se mexendo de leve. E era isso. A dominatrix Manuela Carmona estava rebolando com a buceta na boca de um homem vendado.

E, nossa, como era bom! Ele aumentou o ritmo um pouco mais e, ao mesmo tempo, pousou

uma mão em cada um dos pés de Manu. Ela continuou, acompanhando cada lambidinha dele com um movimento de quadril, e Massimo foi subindo as mãos. As mãos grandes e bronzeadas sobre a pele alva e delicada das pernas de Manu.

Será que isso é permitido no código da dominação?, ela se perguntou por um instante, mas logo voltou a se entregar. Massimo continuou o movimento preciso da língua e dos lábios, e foi em frente, subindo com as mãos até que, ai!, um dedo dentro dela. Mas apenas um pouco, apenas para recolher a calda de excitação que ela produzia em abundância. Manu percebeu o que ele queria e não achou má ideia. E se arrebitou mais e se abriu. Não, não estava se entregando. Afinal, esse era o desejo da dominadora.

– Mete esse dedo no meu cuzinho, senhor Pastore? – ela ordenou com a voz mais manhosa do que gostaria.

Ele obedeceu. Primeiro fez um carinho suave ao redor, deixando-a bem molhada e preparada. Depois, ainda com a língua grudada no clitóris, pressionou um pouco lá atrás e entrou.

– Ai, que delícia! – Manu sussurrou e jogou o corpo pra frente para facilitar o acesso dele.

Quando fez isso, chegou ainda mais perto daquele pau lindo, grande e duro, que continuava ali, à espera. Mas agora não tinha mais jeito. Não havia mais como resistir. E ela apenas avançou. Num movimento único e preciso abocanhou de uma vez, até sentir a glândula no fundo da garganta depois um pouco mais, até quase sufocar. Ele estava duro feito pedra, como se a última vez que tivesse gozado houvesse sido há semanas, não há apenas algumas horas.

Ela o tirou um pouco da boca para admirar, o sexo pulsante, cravejado de veias, coberto pela saliva dela, o pau delicioso de Massimo Pastore. Depois envolveu a base com a mão e apertou para deixá-lo ainda mais duro. Como resposta, ele enfiou mais o dedo lá atrás, passou os braços pelas costas dela fazendo-a colocar o corpo no dele, e aumentou o movimento da língua.

Manu voltou a abocanhá-lo. Voltou a metê-lo fundo até a garganta e depois recuou um pouco. Recuou porque precisava sentir. Deixou os lábios o envolvendo de leve, a glândula roçando a língua, e se concentrou em sentir.

Em sentir a onda que vinha crescendo. Irradiando daquele ponto exato em que a boca de Massimo tocava seu clitóris, para o restante do corpo. Dessa vez, começou devagar. Um orgasmo leve que a fez se abrir mais, deitar mais o corpo alvo sobre os músculos dourados dele, pressionar mais a buceta contra os lábios e a língua que continuaram naquele ritmo intenso e preciso.

Enquanto a onda de gozo se espalhava suavemente, ela tirou um pouco o pau dele da boca. Passou os lábios por todo o comprimento, sentindo o tamanho, o peso, antevendo o momento em que teria aquilo tudo dentro de si, em todos os lugares possíveis. Massimo continuou.

A onda foi crescendo e ele continuou. Ainda com os olhos vendados, sentindo apenas,

servindo-a com todo o amor e carinho. Continuou alternando a língua e os lábios sobre o clitóris, metendo o dedo de leve no cuzinho rosado, aberto e molhado de excitação.

Aquela primeira onda, depois de chegar em cada pedacinho, em cada extremidade do corpo de Manu, começou a voltar. Foi convergindo para o mesmo ponto e Massimo continuou. A língua, os lábios, o dedo, tudo num ritmo preciso. E a energia foi crescendo e crescendo e logo explodiu numa orgasmo intenso que a fez tremer inteira.

Ela quis fugir, mas ele a segurou pelas coxas e continuou e – aaaaaaiiiii! – ela gritou se desmanchando, perdendo o controle, querendo ao mesmo tempo que ele parasse e que continuasse para sempre.

Ele não parou. E ela gozou e gozou. Quando essa segunda onda terminou, veio uma terceira, mais fraca. E quando essa terminou, ela teve de parar. Tinha de respirar um pouco. Tinha de sentir que seu corpo ainda funcionava, que ainda podia existir além dos espasmos deliciosos de ondas luminosas.

Ela respirou fundo, se ergueu, saiu de cima dele, e Massimo, ainda vendado, apenas esperou, ofegante. Os dois permaneceram alguns instantes assim, depois Manu se aproximou do ouvido dele e sussurrou com a voz trêmula de tesão:

– Agora eu vou meter esse seu pau delicioso fundo dentro de mim, Senhor Pastore.

Massimo suspirou.

– Eu quero ver. Quero ver seu corpo. Quero ver sua buceta – ele implorou com a voz rouca, voltando a se sentar com as costas contra a cabeceira.

– Você vai ver. Mas só quando eu mandar, – ela respondeu, depois montou sobre ele do mesmo jeito de antes, dando as costas para o rosto vendado de Massimo.

Dessa vez, contudo, ela não agachou sobre a boca. Desceu um pouco mais, segurou o pau com a mão direita e, num movimento único e preciso, baixou os quadris fazendo-o entrar dentro dela.

– Aiiii – gritou quando sentiu que ele chegava lá no fundo, preenchendo-a com toda aquela dureza, todo aquele calor.

Ela jogou mais os quadris para frente e uau!, ele entrou mais fundo ainda. Entrou de um jeito diferente, tocando lugares que normalmente não alcançava. Ela se abriu bem para sentir mais e começou a se mover.

Primeiro de leve. Um movimento suave das ancas, apenas para sentir que ele tocava aqueles novos lugares lá dentro. Ela ficou assim um tempo. Tirou o sutiã e sentiu um arrepio de prazer diante dessa nova liberdade. Depois continuou. Para frente e pra trás, em movimento curtos e circulares, experimentando a delícia que era ter aquele pau enorme inteiro dentro dela, abrindo-a, preenchendo-a, recheando-a de um prazer quente e úmido.

Ela foi assim, movendo-se devagarinho sobre o sexo de Massimo, então foi sentindo que precisava de mais. E o movimento foi aumentando. Foi crescendo em ritmo e intensidade. Ela estava molhada, encharcada, escorrendo sobre ele. Apesar do tamanho, ela deslizava em torno dele com facilidade. E continuou.

Rebolando cada vez mais, jogou o corpo um pouco para frente, apoiou as mãos sobre as pernas dele para ganhar estabilidade e continuou fazendo-o quase sair, depois baixando o quadril para senti-lo lá no fundo. Subindo e descendo, subindo e descendo.

De tempos em tempos, mudava o movimento. Em vez de sentar totalmente, parava na metade e balançava o quadril com mais rapidez, chacoalhando a bunda dura, fazendo-o entrar e sair, mas só pela metade. Cada vez que fazia isso, ela sentia Massimo sob ela. Sentia o prazer fluindo maravilhosamente pelo corpo de seu amor...

Manu ficou assim por longos instantes, sentindo o suor escorrer pelas costas, sentindo o corpo quente completamente molhado. Quando percebeu que estava na hora, que outra onda estava chegando, deu a ordem pela qual Massimo tanto ansiava.

– Agora, meu amor. Tira essa venda e me olha! Olha pra sua mulher!

Massimo obedeceu no ato. E, por mais que ele estivesse o tempo inteiro imaginando o que aconteceria, a beleza e a sensualidade do que viu o atingiram em cheio.

Manu estava de costas para ele, olhando-o por cima do ombro. Seu pau penetrava-a, mas não até o fim. E era possível ver metade dele para fora, da base à metade, as veias saltando, recobertas pelo brilho úmido da excitação dos dois. Dava pra ver uma parte da bucinha inchada o envolvendo e, acima, o botão rosado, relaxando e contraindo de vontade.

Havia também a bunda redonda e perfeita, as costas magras, esculpidas em músculos esguios e delicados. E a pele, branca, mas ligeiramente rosada do esforço e brilhando, completamente coberta de suor.

Manu ficou um tempo se exibindo, olhando o efeito avassalador que aquela imagem surtia no rosto de Massimo. Depois se voltou para frente e continuou. Subindo e descendo, fazendo-o entrar fundo, depois quase sair, depois fundo de novo. Então uma paradinha na metade, e algumas reboadinhas mais rápidas, entrando e saindo, depois fundo de novo, e nossa, como era bom, e nossa, ia acontecer de novo e ela já não tinha mais controle.

O ritmo já não era mais dela. Era do corpo apenas. Um corpo que parecia ter aprendido o caminho para o prazer. Que, na hora certa, desligava o cérebro e assumia o controle. E, ai!, ela sentou com força, depois saiu e sentou de novo, e de novo, o pau grande e rosado, cada vez mais encharcado, a buceta cada vez mais inchada, cada vez mais rosada de tesão e – aaaiiiiiii! – ela gritou gozando daquele jeito que fazia todo o resto desaparecer.

Enquanto sentia o orgasmo intenso percorrê-la por inteiro, Manu ficou parada, sentada com ele fundo dentro dela. Era intenso demais e ela precisava de alguns segundos para se recuperar. Poucos segundo. E logo ela recomeçou.

Recomeçou como antes, em movimentos suaves, apenas para senti-lo lá no fundo. Quando Manu se debruçou de novo para frente para aumentar o ritmo, Massimo não resistiu ao papel de submisso. Esticou a mão direita e segurou a bunda de Manu com força.

– Isso – ela disse com a voz rouca de tesão.

Ele encarou a exclamação como uma sinal de aprovação e foi adiante. Usando o dedão da mão direita, fez o mesmo movimento de antes, espalhando excitação lá atrás. Quando percebeu o que viria, Manu parou um pouco de rebolar para deixá-lo trabalhar com calma.

Massimo sorriu, controlando-se para não gozar e, lentamente, meteu só a ponta do dedo dentro dela, por trás, enquanto seu pau continuava penetrando a bucetinha quente e molhada.

– Ai – ela fez, de um jeito manhoso.

Ele avançou um pouco com o dedo.

– Você gosta? – ela perguntou voltando-se para ele por sobre o ombro.

– Adoro.

– Gosta de sentir meu cuzinho?

– Adoro – ele repetiu, encarando com os olhos faiscando de vontade.

– Gosta de sentir como sou apertadinha?

– E quente...

– Quer meter esse seu pau grande e grosso aí dentro, Senhor Pastore? – ela perguntou com a voz recheada de tesão.

Massimo já não respondeu. Estava sem fala, e só o que conseguiu foi fazer que sim com a cabeça. Manu sentiu um resquício da onda de orgasmo crescer e teve de parar um pouquinho. Depois se voltou para frente e tirou-o de dentro dela. Estava enorme, quente e molhado.

Ela segurou a base com a mão e colocou-o ali, no ponto exato. Não foi fácil no começo. A posição invertida dificultava um pouco a coisa. Mas, ainda segurando-o firme com a mão, ela moveu o quadril para frente e foi baixando muito devagar.

Ele estava maior do que nunca. E, conforme ela se sentava, metendo-o dentro de sua bunda, uma dor aguda se somava ao prazer e ao desejo. E mesmo assim era bom. Ou era bom justamente por isso. Era bom se sentir daquele jeito. Como se prestes a ser partida ao meio pelo pau delicioso de seu homem. E ela seguiu deslizando, sentando sobre ele, sentindo-se penetrada, prestes a desfalecer naquele misto de dor e tesão.

Quando terminou, quando sentiu que ele estava inteiro dentro dela, Manu parou por um

tempo para respirar fundo e retomar o controle. Era intenso demais aquilo. Era intenso e bom. Era extremo.

Quando sentiu as mãos de Massimo acariciando sua bunda e suas costas de leve, Manu recomeçou. Recomeçou o mesmo rebolado de antes, mas agora com mais cuidado.

Era preciso um tempo para que o corpo se acostumasse. Para que relaxasse e se abrisse, para que os movimentos bruscos não causassem pequenas pontadas de dor. Então ela rebolou de leve. Rebolou com aquele pau maravilhoso metido no cu.

Rebolou como uma puta. Como uma devassa dominadora. Rebolou como a mulher feliz que havia se tornado. E foi num crescendo, se movendo com cada vez mais intensidade, gemendo baixinho de tesão.

Era bom. Mas podia ser ainda melhor. Ela passou a própria mão pela barriga e foi descendo pela virilha. E, quando deu por si, estava com dois dedos metidos na própria buceta. Estava quente e muito molhada. Estava deliciosa.

E ficou assim um tempo, rebolando e rebolando, de olhos fechados, sendo comida e se acariciando. Então, subitamente, sentiu saudade. Queria mais. Queria ver. Queria ser comida, ser possuída, mas também queria ver. Ou, mais do que isso, queria trocar. Queria mergulhar naquela conversa de olhares recheados de desejo que tornavam tudo ainda mais intenso. Então tirou-o de dentro dela, rolou sobre ele e deitou ao seu lado.

– Agora eu quero te ver – exclamou beijando-o profundamente.

Massimo deu um suspiro e se levantou. Como ela, estava coberto de suor, os músculos brilhando sob a luz indireta das várias luminárias. Ele caminhou devagar, como se quisesse ganhar tempo, recuperar um pouco de fôlego. Manu esperou, deitada de barriga pra cima. Com as pernas abertas. Ofegante, corada e descabelada, ela esperou, acompanhando-o com os olhos azuis úmidos daquela mistura de prazer, dor e felicidade.

Massimo deu a volta e parou bem aos pés da cama. Admirou-a por algum tempo, depois se abaixou e lambeu a bucinha aberta e encharcada. Manu deu um gritinho de prazer e passou as mãos pelos cabelos encharcados de suor. Ele ficou ali por um tempo, sentindo gosto salgado dela.

Depois colocou as pernas delas sobre os ombros e se pôs em pé, aos pés da cama. Ela se ergueu para admirá-lo. O corpo perfeito, os músculos mais definidos por conta do esforço, o pau grande, ainda inacreditavelmente duro. Ele a observou por um tempo, como se perguntasse o que ela queria. Ela respondeu com um sorriso mais sapeca do mundo no rosto, passando dois dedos sobre o próprio sexo.

– Continua onde você estava – ela ordenou com a voz um pouco manhosa.

Ele respirou fundo e levantou as pernas de Manu com os ombros. O quadril também subiu,

colocando-a na posição certa. Ele apoiou a glande de leve e foi pressionando o quadril. Ela sentiu quando ele entrava aos poucos. Era realmente intenso. E bom. Mas o melhor era olhar o rosto dele.

O rosto insuportavelmente lindo do homem que a fodia. Os lábios entreabertos, os olhos trasbordando de luxúria. E ela também estava assim. Também trasbordava tesão pelas bochechas rosadas, pela boca cheia d'água, pelos olhos azuis que imploravam por mais.

– Mais! – ela ordenou abrindo a boca como se quisesse recebê-lo ali também.

Ele obedeceu. Jogou o quadril pra frente e foi entrando de leve. Foi entrando e entrando e logo estava outra vez inteiro dentro dela. Nessa hora, Manu não sentia mais dor. Estava completamente relaxada, aberta, entregue. Ele entrou e saiu de leve, uma vez, depois outra, e outra, num vaivém suave e cadenciado.

– Isso-está-bom-demaaaaais – ela exclamou no ritmo das estocadas.

Massimo sorriu um italiano doze e meio e colocou o dedão na boca entreaberta de Manu. Deixou ela chupar um pouco, depois tirou e o usou para começar um carinho circular sobre o clitóris. E, nossa, era demais aquilo.

Era a primeira vez que ela era penetrada daquele jeito, e uau!, era bom. E uau!, ela estava gozando. De novo. Pela milésima vez na noite. Gozando e gozando, sentindo o pau duro lá atrás, o carinho perfeitamente suave pela frente e aquele corpo, aquele homem magnífico pingando gotas escaldantes de suor sobre ela...

– Aiiiii – ela gritou e se ergueu e arranhando os músculos do tórax dele.

Ele respondeu metendo com mais força e ela sentiu que ia desmaiar. Que não era possível, que não podia ir além. Mas antes precisava ver. Precisava ver e sentir o que ele tinha pra ela.

– Massimo!

– Oi, minha linda – ele respondeu sorrindo e suspirando de prazer.

– Goza pra mim – ela ordenou encarando-o com os olhos azuis que misturavam tesão e fúria.

– Me cobre de você!

Massimo não respondeu. Mas seu corpo, sim. Como se houvesse sido programado para receber ordens diretas dela. Ele deu uma última estocada, entrando fundo, depois parou e se entregou. Manu adorava aquilo. Aquela primeira onda de gozo que o fazia retesar os músculos, que o deixava ainda mais lindo e deslumbrante. Ela primeiro olhou o prazer dominando Massimo, depois sentiu a primeira golfada fervente se derramar dentro dela.

– Deixa eu ver? – pediu sentindo aquela onda crescer, sentindo que ia gozar uma última vez.

Massimo obedeceu. Saiu de dentro dela e segurou a base do próprio pau. O segundo jato jorrou no ar, acertando a buceta de Manu. O terceiro veio mais forte, lançando gotas de gozo sobre a barriga plana e suada dela. Massimo soltou um suspiro involuntário e foi chacoalhado por outra onda

ainda mais forte. E gozou e gozou, acertando os mamilos duros e finalmente os lábios rosados entreabertos. Ela ficou ali, apenas sentindo, e, quando a última gota quente e cremosa se derramou sobre sua pele, também estava mergulhada num gozo intenso e abundante.

Capítulo 47

Cherry Paula chacoalhou a coqueteleira de prata e verteu o líquido gelado nas grandes taças de cristal sobre o balcão de mogno. Manu sorriu, com alguma tristeza no olhar, mas a *bartender* não deu espaço para que a melancolia da amiga se instalasse.

– Porque estaremos sempre juntas! – exclamou erguendo o copo num brinde.

– Sempre juntas – Manu repetiu mais baixo, tocando de leve a taça na da amiga e dando um gole no líquido gelado e perfumado.

– Você... Você promete que isso não vai acabar, Paulinha? – ela disse com os olhos azuis cheios de lágrima.

Cherry Paula não respondeu. Colocou a taça sobre o balcão, deu a volta e envolveu a amiga num abraço longo e afetuoso. Depois se sentou no banco alto ao lado de Manu e observou o movimento ao redor.

Garçons, garçonetes e ajudantes zanzavam de um lado para o outro, cuidando dos últimos detalhes. Um copo que não estava perfeitamente limpo, uma vela que se apagara, uma mesa que precisava de calço, um quadro ligeiramente torto na parede... Tudo parecia estar bem para a inauguração.

Haviam sido dois meses corridos para chegarem até aquele ponto. No dia seguinte ao baile de máscaras, a Folha de S.Paulo detonara o botão que implodiria o império Sean Batista: “Mega-empresário comanda rede criminoso”, estampava a manchete.

Depois os detalhes: “Documentos revelam que negócios do segundo homem mais rico do país incluem uma vasta gama de crimes e delitos. Propinas a políticos, tráfico de drogas e até uma rede de pedofilia estariam entre os empreendimentos do empresário Sean Batista”...

Dois dias depois, Sean e Susie foram presos no aeroporto Foz do Iguaçu. Os dois estavam fugindo para o Uruguai a bordo de um jatinho, quando a aeronave teve uma pane. Testemunhas dizem que o empresário chegou a oferecer um milhão de dólares para que o piloto continuasse e tentasse um pouso fora do Brasil.

Mas, diante da possibilidade de se esborrachar em meio aos pampas, um milhão não era grande coisa. O comandante optou pela segurança, e o empresário, que tinha um mandado de prisão decretado em solo nacional, foi algemado assim que pôs os sapatos italianos em terra firme.

A vitória de Manu e Massimo havia sido avassaladora e o Carmona estava salvo. O restaurante que Manu e Paula haviam construído com todo o amor do mundo poderia continuar de portas abertas. Mas isso não era suficiente. Não para Manu. Não depois de tudo.

Manu sabia disso e Paula também sabia. Nenhuma das duas precisou falar nada. Tudo já havia sido dito. E mesmo o que não havia sido estava claro para as duas. Em certas amizades, palavras são desnecessárias e, às vezes, podem machucar mais do que o silêncio. Então elas não disseram muito. Mas o combinado estava claro.

Paula continuaria a tocar o Carmona ao lado de Marco, que assumiria o posto de *chef*. Manu poderia assinar alguns pratos, poderia fazer participações em ocasiões especiais, mas não estaria mais no dia a dia da cozinha.

Assim ficaria livre para ir em frente. Para concretizar o sonho que Massimo Pastore havia semeado numa tarde que agora soava distante como se tivesse sido em outra vida. Mas era isso. Estava acontecendo. Em meia hora, o Carmona & Pastore seria oficialmente inaugurado, com toda a pompa necessária.

Manu olhou ao redor. Ao longo dos dois meses de reformas, o salão principal havia mudado bastante. Mas ela podia jurar que era igualzinho ao que havia imaginado quando Massimo o descreveu pela primeira vez, ainda como uma ideia a ser perseguida.

As mesas luxuosamente decoradas, com toalhas de linho, talheres de prata, copos de cristal, pequenos buquês de flores do campo e velinhas em cúpulas de vidro colorido. Uma decoração fina e elegante, que contrastava com o piso rústico de tábuas corridas e as paredes de tijolo aparente. Para completar esse ar sofisticado, mistura de clássico e informal, a cozinha ficava à vista. Era separada do salão apenas por um vidro que isolava o barulho das belas panelas de cobre, batendo sobre os fogões industriais.

O bar, num balcão lateral de madeira que acompanhava todo salão, era inspirado no Carmona. Clássico. Mogno entalhado, espelhos antigos e luzinhas espalhadas entre as centenas de garrafas. Aliás, havia muitas luzinhas. Espalhadas pelo teto, em pequenos nichos das paredes e no pergolado do jardim da entrada, que contava com quatro mesas pequenas, para drinques e espera.

Enfim, estava tudo lindo. Tudo perfeito. E a felicidade que Manu sentia por ver o sonho se concretizar era bem maior do que a tristeza por não poder mais estar todas as noites ao lado da amiga.

– Vai ser um sucesso – Paula exclamou tomando mais um gole do dry martini.

Manu suspirou, um pouco nervosa, e deu um gole mais caprichado para ver se a mistura de gin e vermute davam um jeito de acalmá-la. Não deu. Ainda mais quando avistou a silhueta de Massimo Pastore caminhando lentamente por entre as mesas. Ela sentiu os batimentos subirem um pouco e um calor que lhe corou o rosto.

Ainda era assim. Mais de um ano depois do primeiro encontro, ela ainda se sentia como uma adolescente. Ainda tinha aquela vertigem, aquela deliciosa falta de ar. Ainda era percorrida por

aquele frisson e se sentia surpreendida pelo impacto da beleza dele.

Massimo se aproximou devagar, olhando o entorno com um italiano sete e meio estampado no rosto. Vestia jeans preto justo, camisa branca e um blazer cor de chumbo de caimento impecável. Simples e deslumbrante.

Manu também estava deslumbrante. Usava um vestido creme acinturado, cuja saia, um pouco abaixo dos joelhos, se abria em forma de sino. O tom claro, parecido com o de sua pele, dava um ar de delicadeza que era quebrado pelos sapatos altos bordô e pelo batom vermelho vivo. Os olhos azuis, discretamente pintados, também saltavam como duas safiras dotadas de luz própria.

– Você está estonteantemente linda, senhorita Carmona – Massimo sussurrou no ouvido dela, depois deu um beijo singelo no lado do rosto.

Manu sorriu, sem palavras. Percorreu o braço musculoso com os dedinhos e foi descendo até entrelaçá-los com os dele. Seria possível? Daria tudo certo? Aquela felicidade toda era dela mesmo, ou o destino ia dar um jeito de aprontar alguma de suas peças?

Capítulo 48

– Eu sei que a maioria de vocês veio aqui para a inauguração de um restaurante – Massimo exclamou em pé diante do bar. – E nós teremos isso. Mas antes... Antes eu queria aproveitar que vocês vieram aqui em busca da nossa comida e da nossa bebida para roubar um pouco da atenção de vocês.

Manu olhou ao redor, sem entender. Os cerca de cem convidados estavam todos vidrados em Massimo, como costumava acontecer quando ele falava. As mulheres com olhar de cachorro em frente à máquina de assar frango, os homens observando cada detalhe, num misto de inveja e admiração. Estava tudo dentro dos conformes... Mas que história era aquela de aproveitar pra roubar atenção? O que o Senhor Massimo “Surpresa” Pastore ia aprontar dessa vez?

Ela continuou examinando o rosto dos convidados. Havia muitos conhecidos. Anita, a secretária pessoal de Massimo tinha viajando de Módena a São Paulo apenas para organizar a recepção. E, apesar de não falar mais do que três palavras em português, havia feito um belo trabalho.

Estavam todos ali. Os fornecedores mais importantes, os críticos mais renomados, os principais *chefs* da cidade. Mas, além deles, havia também um número considerável de amigos.

Colegas de faculdade que Manu não encontrava havia anos, dois primos que moravam no Rio de Janeiro e até Aura Carmona, que embarcara num voo de Nova York para comparecer em carne, osso e laquê.

Cindi Nalba e John Franzen haviam sido chamados para uma refilmagem de *Bonnie and Clyde* e eram a maior ausência entre os convidados. Mas, de qualquer forma, era um público consideravelmente maior do que Manu poderia esperar. E boa parte deles tinha no rosto um sorriso discretamente maior do que o adequado à inauguração de um restaurante.

Ela continuou mais algum tempo, percorrendo um a um, até que finalmente chegou em Cherry Paula. A *bartender* estava bem ao seu lado e não conseguia segurar um sorriso. Um sorriso de felicidade, mas que tinha também alguma safadeza por trás. O que, afinal, eles estavam tramando?, Manu pensou sentindo o rosto ruborizar.

– Eu queria... – Massimo continuou, agora sério – eu queria pedir licença para roubar esse momento e ser um pouco egoísta e um pouco vaidoso. Egoísta porque eu chamei todos vocês aqui com a velha promessa da boa comida, mas, na verdade, há um outro motivo por trás. Vaidoso porque eu queria que vocês todos presenciassem a maior conquista da minha vida. Uma conquista infinitamente superior a qualquer restaurante, a que qualquer prêmio... Uma conquista que também me

conquistou. Que, com o encanto dos olhos azuis mais lindos do universo, fez meu mundo vir abaixo. Que me tirou o chão e me deixou em suspenso, nessa eterna espera de que ela volte a me puxar para a Terra.

Manu sentiu todos os olhares se voltando para ela. Sentiu o coração bater mais forte e sentiu o rosto esquentar mais ainda. Meu Deus, o que estava acontecendo? Ele ia... Ele estava mesmo fazendo um pedido de casamento? Era isso?

– Não – Massimo continuou respirando fundo. – Eu não estou fazendo um pedido de casamento – exclamou espalhando murmúrios pelo salão.

Manu sentiu um misto de decepção e alívio, mas continuou sem entender. Olhou novamente para Cherry Paula e a safada continuava com o sorriso vermelho no seu rosto de capa de revista.

– Eu, por mais que quisesse, não poderia pedir Manuela Carmona em casamento. E por um motivo muito simples. Nós já somos casados.

O zum-zum-zum aumentou ao redor. Manu arregalou os olhos encarando Massimo, que a puxava pela mão para o centro das atenções.

– Não, nós não nos casamos em segredo, com um padre Elvis em Las Vegas. Na verdade, foi mais simples do que isso. Na verdade... – ele ficou um tempo em silêncio e encarou Manu nos olhos.

– Na verdade, o que estou tentando dizer aqui é que o nosso amor é mais forte do que qualquer coisa. Nós já somos inseparáveis. Nós já estamos unidos por algo tão forte que só a morte irá separar...

Manu sentiu uma lágrima de felicidade escorrer e não se preocupou em limpá-la.

– Eu... Eu não vou pedir Manuela em casamento porque eu já sei a resposta. Eu sinto a resposta em cada pedacinho do meu corpo. Eu... – Massimo fez uma pausa dramática – Eu estou sentindo certo, né, Manu?

Ela não disse nada. Estava sem voz, sem ar, sem chão, as lágrimas rolando, agora completamente descontroladas, então não disse nada. Apenas fez que sim várias vezes com a cabeça.

– Paula, acho que agora é a sua deixa – Massimo exclamou erguendo a mão na direção da *bartender*.

Cherry Paula se aproximou cheia de mistério, colocou a mão fechada sobre a de Massimo, esperou um pouco e a abriu, deixando cair duas alianças de ouro.

– Então – ele continuou – eu queria aproveitar esse momento não para pedir Manuela Carmona em casamento. Mas para concretizar, diante de todos vocês, essa união que é tão forte quanto o amor em si.

Manu quis dizer algo, mas as palavras simplesmente não saíam da sua boca. Então, sorrindo em meio às lágrimas, ela simplesmente aceitou a aliança que o homem mais incrível do mundo

delicadamente lhe colocava no dedo esquerdo, selando um amor que um dia ela acreditara impossível.

Ao aceitá-la, ela aceitou também que aquilo era mesmo real. E, mais do que isso, aceitou que ela, Manuela Carmona, merecia cada segundinho daquela realidade toda.

FIM

Ficha técnica:

1ª Edição, Paula Merkel, São Paulo, 2015

Autor:

Paula Merkel*

Revisão:

Priscila Pastre

Preparação:

Tomás Fernandes

Capa:

Claudia Furnari

Índice para catálogo sistemático:

1: Romances: literatura brasileira.

2: título

Direitos reservados ao autor

* Paula Merkel é pseudônimo.